UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA HUMANA

LABOPLAN – Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental

TESE

MARKELLY FONSECA DE ARAÚJO

A REVOLUÇÃO DO LUGAR

Contextos da guerra da informação na megalópole

(Versão Revisada)

São Paulo,
Maio, 2020.

Markelly Fonseca de Araújo

Tese de doutorado

Apresentada para a defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof. Dra. Rosa Ester Rossini

(Versão Revisada)

São Paulo, 29 de outubro, 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA HUMANA

LABOPLAN – Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental

A REVOLUÇÃO DO LUGAR
Contextos da guerra da informação na megalópole
(Versão Revisada)

Doutoranda: Markelly Fonseca de Araújo

Tese de doutorado apresentada para a defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora em Geografia Humana. Submetida à **Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Rosa Ester Rossini (Orientadora)

Examinadora Profa. Dra. Titular Maria Adélia de Sousa (USP)

Examinador Prof. Dr. Márcio Cataia (Unicamp)

Examinador Prof. Dr. Fábio Tozi (UFMG)

Data da Defesa da Tese: 16 / 03 / 2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A663r Araújo, Markelly Fonseca de
 A Revolução do Lugar: contextos da guerra da
 informação na megalópole / Markelly Fonseca de Araújo
 ; orientadora Rosa Ester Rossini. - São Paulo, 2020.
 477 f.

 Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de Geografia. Área de concentração:
 Geografia Humana.

 1. Lugares como resistência. 2. Guerra da
 informação. 3. Mídias sociais. I. Rossini, Rosa Ester
 , orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Markelly Fomeca de Araújo

Data da defesa: 16 / 03 / 20

Nome do Prof. (a) orientador (a): Rosa Ester Rossini

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 01 / 05 / 2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

À Maria Adélia de Souza,

A Minha Revolução!

À eterna Paulicéia desvairada,
metrópole dos contrastes,

Cidade da criação, razão e
emoção, do moderno belo, da dor
e opressão,

Terra de Povo forte e guerreiro,
Chão do pensamento em ação...

Pioneira e faceira, terreno
turvo que desperta para o
futuro,

Minha metrópole estimulante
implacável, liberdade é um brado
dos seus lugares!

À São Paulo!

Markelly Fonseca de Araújo.

Fotografia 1: São Paulo: Favela e Condomínio na Margem do Rio Pinheiros em frente à Estação Berrini-CPTM.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 02 de jul. de 2019.

**Como é que posso com este
mundo? A vida é ingrata no macio
de si; mas transtraz a esperança
mesmo do meio do fel do desespero.
Ao que, este mundo é muito
misturado...**

João Guimarães Rosa, Grande Sertão:
Veredas, 2001 [1956]: p. 286.

Sumário

Sumário	vii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
RÉSUMÉ	xi
RESUMEN	xii
LISTAS	xiii
Lista de fotografias	xiii
Lista de imagens	xv
Lista de quadros e esquemas	xvi
Lista de tabelas	xvi
Lista de gráficos	xvi
Lista de siglas	xix
LISTA DE MAPAS	xx
AGRADECIMENTOS	22
APRESENTAÇÃO	28
INTRODUÇÃO	34
PRIMEIRA PARTE:	51
LUGAR-MUNDO: A Dinâmica dos Lugares	54
CAPÍTULO 1 – Lugar, o que é? Conceito ou categoria de análise?	56
O cadinho geográfico	63
O lugar como alteridade do espaço geográfico	70
O estado da arte sobre o lugar	79
CAPÍTULO 2 – Da Geografia Urbana ao Paradigma do Lugar: O Mundo em Movimento	85
Do meio geográfico ao meio técnico-científico-informacional	87
O urbano, a urbanização e os lugares como resistência	94
CAPÍTULO 3 – Os agentes da dinâmica dos lugares	106
Conhecendo a dinâmica dos lugares: A pesquisa de campo	115
Observação e registro das paisagens	117
Trabalho de campo: questionários	118
Trabalho de campo: entrevistas	120
Perfil dos entrevistados e a dinâmica dos lugares: prolegômenos	121
CAPÍTULO 4 – As desigualdades socioespaciais e os elementos da constituição dos lugares	133
A constituição dos lugares	135

CAPÍTULO 5 – Densidades e Rarefações na megalópole Paulistana: As Desigualdades no Uso do Território	162
SEGUNDA PARTE:	187
O LUGAR E A POLÍTICA: As Resistências	189
CAPÍTULO 6 – A fluidez territorial na Megalópole	192
Não se trata de mobilidade, mas o deslocamento	192
CAPÍTULO 7 – A Tecnoesfera e Psicoesfera, os lugares e a batalha pelo poder	213
Manifestações de rua	213
A guerra da informação ou guerra híbrida	222
CAPÍTULO 8 – Do Território Usado aos Pactos Territoriais: A guerra dos Lugares	246
CAPÍTULO 9 – Esboço para uma periodização da fluidez territorial na Megalópole paulistana	263
TERCEIRA PARTE:	280
O LUGAR E O FUTURO: O Uso do Novo Meio	283
CAPÍTULO 10 – O Meio Técnico-Científico-Informacional, a pobreza e os lugares	287
A política e as desigualdades socioespaciais	288
A difusão do meio técnico-científico-informacional: densidades e rarefações	292
A dinâmica dos lugares e as desigualdades socioespaciais	298
CAPÍTULO 11 – As Metamorfoses do Lugar, razão e emoção em ação	311
Psicoesfera e tecnoesfera: As mídias sociais	326
CAPÍTULO 12 – A anarquia dos Lugares	347
Os lugares como resistência pura ou bruta	352
Os lugares como resistência orgânica	365
<i>O projeto do Grupo de Posse Poder e Revolução</i>	369
<i>A localidade e seu entorno: os gritos do território</i>	374
CAPÍTULO 13 – O Período Popular e seu novo meio	400
Considerações finais.	417
REFERÊNCIAS	435
Bibliografia consultada:	447
Teses e dissertações:	451
Sites consultados:	454
APÊNDICE 1	457
APÊNDICE 2	464
APÊNDICE 3	472
APÊNDICE 4	473

RESUMO

ARAÚJO, Markelly Fonseca de. **A revolução do lugar**: contextos da guerra da informação na megalópole. 2019. 477f. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta tese se propõe a estudar a evolução do lugar no limiar do Período Popular da história. O lugar é assumido como um conceito e uma categoria de análise da Geografia, entendido como o espaço do acontecer solidário e dimensão espacial na qual se vivencia o cotidiano. Por se constituir apenas no presente o lugar é fugaz, efêmero, dinâmico, e pode ser considerado a alteridade do espaço geográfico. Assim, para compreender o presente é preciso acompanhar a dinâmica dos lugares. O lugar tem um conteúdo ou um sentido ético, consciente, com repertório e anárquico. A tese aqui defendida discorre sobre o lugar como a dimensão da política: porque lugar é ação. A constituição de lugares como resistência às desigualdades socioespaciais revela que tanto se constituíram como manifestações de rua, protestos, moradores de rua, ou na própria vivência em localidades como as favelas de São Paulo. Do processo limiar do Período Popular da história surge a constituição de lugares como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais, por exemplo, os lugares constituídos pelo grupo Posse Poder e Revolução, situado na Zona Sul da megalópole paulista. Atualmente, o mundo vivencia um contexto de guerra da informação, que na conjuntura brasileira, veio se acentuar nas manifestações de junho de 2013, levando ao golpe midiático-jurídico-institucional de 2016 e se refletindo nas eleições de 2018. O celular multifuncional é o objeto que empiriciza a difusão do meio técnico-científico-informacional, ampliando sua propagação: porque tornou-se uma prótese dos corpos humanos. A partir da redutibilidade entre a psicoesfera e tecnoesfera, e por meio delas as mídias sociais exercem um papel determinante e trazem o futuro como âncora. Mas há o risco da constituição dos lugares autômatos, pois ainda que o uso das mídias sociais seja um dado do presente com vistas à construção de um futuro, a política é vivida e praticada apenas através dos lugares. Os lugares virtuais, constituídos pelo uso das plataformas digitais se dão pela informação, por copresença e coexistência. Então, a política é exercida (firmada) tanto pela presença e praticada pelos lugares, uma vez que a política é corpo a corpo, é contato, mas também pela constituição dos lugares virtuais. Pois, os lugares são as ações que se constituem entre os sujeitos e objetos, presencial e virtualmente, na vivência do cotidiano, vividos e exercidos no presente, experimentados.

Palavras-chaves: lugares como resistência, a guerra da informação e as mídias sociais.

ABSTRACT

ARAÚJO, Markelly Fonseca de. The Revolution of the place: contexts of the information warfare in a megalopolis. 2019, 477f. Doctoral Thesis. Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2019.

This thesis proposes to study the evolution of the place in the history Popular Period threshold. In Geography, the place is undertaken as a concept and a category of analysis. It is understood as the space where solidarity happens, as well as the spatial dimension in which one experiences daily life. Once it is constituted only in the present, the place is fleeting, ephemeral, dynamic, and it can be considered the otherness of the geographical space. Thus, in order to understand the present, one must pay attention to the dynamics of the places. The place has an ethical and conscious content, it is anarchic and has a repertoire. Therefore, the present thesis discusses on the place as subject of politics: once place implies action. The constitution of places as resistance to social and spatial inequalities reveals that they were constituted through street manifestations, protests, homeless people, as well as through the experience itself, in localities like the slums in São Paulo. From the boundary process of the Popular Period of history, the constitution of places emerges as organic resistance to social and spatial inequalities, for example, the places constituted by the group “Possession Power and Revolution”, in the South Zone of São Paulo. Currently, the world goes through an information warfare. In Brazil conjuncture, it was enhanced by street demonstrations in June 2013, leading to a media-legal-institutional coup, and being reflected on the elections in 2018. The cell phone multifunctional is an object that empiricizes the diffusion of the technical-scientific-informational medium, increasing its propagation: it has become a prosthesis of the human bodies. From the reducibility between the psychosphere and technosphere, and through them, the social media play a determining role and bring the future as an anchor. But there is a risk: the constitution of automaton places, because even though the use of social media is a current event, aiming at building a future, politics is experienced and practiced only through the places. Virtual places, constituted by the use of digital platforms, have its existence given by information, by co-presence and coexistence. Thus, politics is exerted (established) both by the presence _ practiced by the places, since politics is personal contact _ and by the constitution of virtual places. Because the places are the actions that are constituted between the subjects and objects, in person and virtually, in daily experience, lived and exerted in the present, experienced.

Keywords: places as resistance, the information war and the social media.

RÉSUMÉ

ARAÚJO, Markelly Fonseca de. La révolution des lieux: contextes de la guerre de l'information dans la mégapole. 2019, 477f. Thèse de doctorat. Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines, Université de São Paulo, São Paulo, 2019.

Cette thèse propose d'étudier l'évolution de la place au seuil de la période populaire de l'histoire. Le lieu est assumé avec un concept et une catégorie d'analyse de la géographie, entendue comme l'espace de solidarité et dimension spatiale dans laquelle on vit la vie quotidienne. Parce que ce n'existe que dans le présent, le lieu est fugace, éphémère, dynamique, et l'altérité de l'espace géographique peut être envisagée. Ainsi, pour comprendre le présent, il faut suivre la dynamique des lieux. Le lieu a un contenu éthique, conscient, avec répertoire et anarchique. En ce sens, la thèse défendue ici traite de la place en tant que sujet de la politique: parce que le lieu est action. La constitution des lieux en tant que résistance aux inégalités sociales et spatiales révèle qu'ils ont été constitués en manifestations de rue, manifestations, sans-abri, ou dans l'expérience elle-même, dans des endroits comme des taudis à São Paulo. Du processus limite de la Période Populaire de l'histoire, émerge la constitution des lieux en tant que résistance organique aux inégalités sociales et spatiales, par exemple les lieux constitués par le groupe Possession Pouvoir Révolution, situé dans la zone sud de la mégapole São Paulo. Actuellement, le monde connaît un contexte de guerre de l'information qui, dans la conjoncture brésilienne, s'est accentué lors des manifestations de juin 2013, menant au coup d'État médiatique-legal-institutionnel de 2016, et se reflétant aux élections de 2018. Le téléphone mobile multifonctionnel est l'objet qui empirise la diffusion du médium technique, scientifique et informationnel, élargissant sa propagation: car il est devenu une prothèse du corps humain. De la réductibilité entre la psychosphère et la technosphère, et à travers eux, les médias sociaux jouent un rôle déterminant et apportent l'avenir comme une ancre. Mais il existe un risque de constitution des lieux automates, car même si l'utilisation des médias sociaux est une donnée du présent, visant à construire un avenir, la politique est vécue et pratiquée uniquement juste à travers les lieux. Les lieux virtuels, constitués par l'utilisation des plateformes numériques, sont donnés par l'information, pour la co-présence et la coexistence. Alors la politique est exercée (ferme) par la présence et pratiquée par les lieux, puisque la politique est contact, mais aussi par la constitution des lieux virtuels. Car les lieux sont les actions qui se constituent entre les sujets et les objets, en personne et virtuellement, dans l'expérience quotidienne, vécue et exercée dans le présent, expérimentée.

Mots-clés: lieux comme résistance, la guerre de l'information et les médias sociaux.

RESUMEN

ARAÚJO, Markelly Fonseca de. La revolución del lugar: contextos de la guerra de la información en la megalópolis. 2019, 477f. Tesis doctoral. Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta tesis propone estudiar la evolución del lugar en el umbral del Período Popular de la historia. El lugar se asume como un concepto y una categoría de análisis de geografía, entendido como un espacio de solidaridad y una dimensión espacial en la que se experimenta la vida cotidiana. Debido a que es solo en el presente, el lugar es fugaz, efímero, dinámico y puede considerarse la alteridad del espacio geográfico. Por lo tanto, para comprender el presente, es necesario seguir la dinámica de los lugares. El lugar tiene un contenido ético, consciente, anárquico y de repertorio. En este sentido, la presente tesis discute el lugar como sujeto de política – porque el lugar es acción. La constitución de lugares como resistencia a las desigualdades sociales y espaciales revela que ambos constituyeron manifestaciones callejeras, protestas, habitantes de la calle, así como también en la experiencia misma en lugares como las chabolas de São Paulo. Del proceso umbral del Período Popular de la historia emerge la constitución de lugares como resistencia orgánica a las desigualdades sociales y espaciales; por ejemplo, los locales constituidos por el grupo “Posesión, Poder y Revolución”, ubicado en la zona sur de la megalópolis de São Paulo. Actualmente, el mundo experimenta un contexto de guerra de información, que, en la coyuntura brasileña, se acentuó en las manifestaciones de junio de 2013, lo que condujo al golpe de estado mediático-legal-institucional de 2016 y se reflejó en las elecciones de 2018. El móvil multifuncional es el objeto que empiriza la difusión del medio técnico-científico-informativo, ampliando su propagación, porque se ha convertido en una prótesis de los cuerpos humanos. Desde la reducibilidad entre la psicosfera y la tecnosfera, y a través de ellas, las redes sociales juegan un papel determinante y traen el futuro como un ancla. Sin embargo, existe el riesgo de la constitución de lugares autómatas. Aunque el uso de las redes sociales es un hecho del presente con miras a construir un futuro, la política se vive y se practica solamente a través de los lugares. La constitución de lugares virtuales, mediante el uso de plataformas digitales, se produce a través de la información, la copresencia y la coexistencia. Por lo tanto, la política se ejerce (se establece) tanto por la presencia y practicada por los lugares, una vez que la política es cuerpo a cuerpo, es contacto, pero también por la constitución de lugares virtuales. Los lugares son las acciones que se constituyen entre los sujetos y los objetos, en persona y virtualmente, en la experiencia cotidiana, vividos y ejercidos en el presente, experimentados.

Palabras clave: Lugares como resistencia. Guerra de la información. Redes sociales.

LISTAS

Lista de fotografias

	Pág.
Fotografia 01: São Paulo: Favela e Condomínio na Margem do Rio Pinheiros em frente à Estação Berrini-CPTM-SP	v
Fotografia 02: São Paulo: Av. Paulista: A divisão do trabalho e a dinâmica dos lugares	115
Fotografia 03: Avenida Paulista com a Rua da Consolação na Cidade de São Paulo-SP	139
Fotografia 04: Avenida Paulista com a Rua Augusta, conjunto Nacional na Cidade de São Paulo-SP	140
Fotografia 05: Avenida Paulista na Cidade de São Paulo-SP	140
Fotografia 06: Avenida Paulista proximidade vão do MASP – São Paulo –SP.	141
Fotografia 07: Vão do MASP na Cidade de São Paulo-SP	142
Fotografia 08: Avenida Paulista vão do MASP (à esquerda) e TRIANON (à direita).	145
Fotografia 09: Avenida Paulista vão do MASP concentração da manifestação pela educação.	146
Fotografia 10: Avenida Paulista vão do MASP e a notícia do lugar de protesto.	147
Fotografia 11: Avenida Paulista Via do vão do MASP tomada pelo lugar de protesto dos estudantes.	148
Fotografia 12: Avenida Paulista Via do TRIANON com concentração dos estudantes e presença da PM.	148
Fotografia 13: Avenida Paulista Via do MASP tomada e interditada.	151
Fotografia 14: Movimento e trajetória do lugar de coerção e estratégia da PM.	151
Fotografia 15: Movimento da concentração dos estudantes das Universidades em encontro ao MASP.	154
Fotografia 16: Marcha dos estudantes das Universidades fechando a segunda via a Av. Paulista.	154
Fotografia 17: As duas vias da Av. Paulista fechada na altura do MASP.	155
Fotografia 18: Encontro das concentrações dos estudantes no vão do MASP.	156
Fotografia 19: Lugar constituído em sua plenitude na concentração no vão do	156

MASP.

Fotografia 20: Metade da Av. Paulista tomada e fechada.	157
Fotografia 21: Av. Paulista com a R. Augusta, ao fundo o conjunto Nacional, manifestação das mulheres.	158
Fotografia 22: Manifestação das mulheres contra o governo Bolsonaro no dia internacional da Mulher.	159
Fotografia 23: Outros lugares dentro dos lugares de protesto.	159
Fotografia 24: São Paulo: Revoltas de Junho de 2013	184
Fotografia 25: Reunião com Eduardo Cunha como evento decisivo para o impedimento da Presidenta Dilma	225
Fotografia 26: Reunião no dia 06 de 2016 para título de brasileiro do ano ao juiz Sérgio Moro pela revista IstoÉ.	226
Fotografia 27: Manifestação das mulheres contra o Bolsonaro em Largo da Batata, São Paulo, 30 de Setembro de 2018	240
Fotografia 28: Manifestação a favor de Bolsonaro no Rio de Janeiro.	243
Fotografia 29: Manifestação pró Haddad no Capão Redondo em São Paulo.	244
Fotografia 30: Manifestação pró governo Bolsonaro na Av. Paulista.	261
Fotografia 31: Av. Paulista fechada aos domingos e manifestação pró-governo federal.	261
Fotografia 32: Plenário da Câmara Municipal de São Paulo em votação.	288
Fotografia 33: Av. Paulista fechada aos domingos e os novos veículos: a bicicleta o patinete da Yellow.	306
Fotografia 34: Av. Paulista fechada e usada por ciclistas.	320
Fotografia 35: Av. Paulista fechada e circulação de pessoas.	321
Fotografia 36: Av. Paulista fechada para o lazer.	321
Fotografia 37: Av. Paulista fechada.	322
Fotografia 38: Av. Paulista fechada e os consumidores.	324
Fotografia 39: Praça Ramos de Azevedo novos signos do trabalho.	325
Fotografia 40: Praça República com secretária da educação e uma forma de uso do território como abrigo.	356
Fotografia 41: Vale do Anhangabaú as formas de uso do território como abrigo.	356
Fotografia 42: Vale do Anhangabaú as formas de uso do território como abrigo.	357
Fotografia 43: Escola Estadual Dr. Álvaro da Souza Lima na Rua Memorial de Aires, distrito do Sacomã, Zona Sul de São Paulo.	366

Fotografia 44: Favela próxima à Moradia Popular, Zona Sul de São Paulo.	368
Fotografia 45: Vista da proximidade em frente à Escola Dr. Álvaro da Souza Lima, Zona Sul de São Paulo.	369
Fotografia 46: Cotidiano em Bairro popular, Zona Sul de São Paulo.	376
Fotografia 47: Ocupação de terreno para moradia, Zona Sul de São Paulo.	378
Fotografia 48: Detalhes de ocupação de terreno para moradia, Zona Sul de São Paulo.	379
Fotografia 49: Ocupação sedimentada ao fundo e intermediária ao lado direito da fotografia, Zona Sul de São Paulo.	380
Prancha de Fotos: Favela: área ocupada: As paisagens como formas e expressões de resistência às desigualdades: A precariedade nos usos do território. (Fotografias 50 a 58)	381
Fotografia 60: Rua em favela da Zona Sul de São Paulo.	386
Fotografia 61: Condomínio Popular à esquerda e Favela à direita, Zona Sul de São Paulo.	387
Fotografia 62: Ocupação recente.	388
Fotografia 63: Ocupação.	389
Fotografia 64: Ocupação às margens do córrego.	394
Fotografia 65: Ocupação e esgotamento sanitário.	395
Fotografia 66: Ocupação e consumo.	396

Lista de imagens

	Pág.
Imagem 01: Cartaz do Movimento Hip Hop.	181
Imagem 02: Percurso do trabalho de campo realizado no dia 24 de agosto de 2019.	375
Imagem 03: Área em estudo no trabalho de campo realizado no dia 24 de agosto de 2019.	375
Imagem 04: Favela consolidada e o eucalipto.	385
Imagem 05: Terreno vazio.	390
Imagem 06: Terreno ocupado	390
Imagem 07: Ocupação em córrego. Foto antiga.	396
Imagem 08: Ocupação em córrego. Foto atual.	397

Lista de quadros e esquemas

	Pág.
Quadro 01: Gráficos do experimento virtual. 2019	313
Esquema 01: A sintaxe do lugar	111
Esquema 02: O lugar como protesto	136
Esquema 03: Esboço de Periodização da Fluidez	270

Lista de tabelas

	Pág.
Tabela 01 – Motivações para constituição dos lugares como protesto	152
Tabela 02 – Compras pela internet realizadas pelo entrevistado	178
Tabela 03 – RMSP: Índice de Mobilidade. Pesquisa Origem Destino Metro. 2012	201
Tabela 04 – Locomoção e Deslocamento do entrevistado	210
Tabela 05 – Repertório do entrevistado e a constituição dos lugares	253
Tabela 06 – Acesso aos conteúdos da internet pelo entrevistado	254
Tabela 07 – Uso da mídia tradicional e a internet pelo entrevistado	255

Lista de gráficos

	Pág.
Gráfico 01: Consulta diária à internet feita pelo entrevistado	74
Gráfico 02: Número de horas diária de conexão à internet pelo entrevistado	75
Gráfico 03: Temas ou assuntos mais consultados na internet pelo entrevistado	76
Gráfico 04: Grau de Escolaridade do Entrevistado	121
Gráfico 05: Profissão do Entrevistado	122
Gráfico 06: Sexo do Entrevistado	123
Gráfico 07: Faixa etária do entrevistado por experimento de questionário	124
Gráfico 08: Motivos que fazem o entrevistado se solidarizar	125
Gráfico 09: Motivos que provocam mudança de ideia no entrevistado	126

Gráfico 10: Reações do entrevistado às críticas recebidas nas redes ou mídias sociais	127
Gráfico 11: Motivos que provocam tristeza ao entrevistado	128
Gráfico 12: Emoções que provocam reflexões sobre a vida do entrevistado	129
Gráfico 13: Ação de mobilização nas mídias sociais decorrente de motivos pessoais solicitados pelos entrevistados	129
Gráfico 14: Motivos que provocam alegria ao entrevistado	130
Gráfico 15: Canal de acesso à agenda de manifestação pelo entrevistado	138
Gráfico 16: Faixa etária do entrevistado no experimento do lugar se constituindo como protesto. 2019.	150
Gráfico 17: Prioridades consideradas para a adesão a essa manifestação pelo entrevistado	153
Gráfico 16: Faixa etária do público entrevistado. 2019.	170
Gráfico 19: Realização de compras pela internet pelo entrevistado	171
Gráfico 20: Faixa de Rendimento Mensal do Entrevistado	175
Gráfico 21: Percentual do rendimento utilizado para consumo com a internet por mês	176
Gráfico 22: Tipos de compras realizadas na internet pelo entrevistado	177
Gráfico 23: Frequência de compras na internet pelo entrevistado	178
Gráfico 24: Tipos de lazer consumidos na internet pelo entrevistado	180
Gráfico 25 – RMSP: Flutuação Horária das viagens por motivo. 2012	205
Gráfico 26: Meio de transporte mais utilizado pelo entrevistado	208
Gráfico 27: Intervalo de tempo despendido no deslocamento do trabalho ou escola até a casa do entrevistado	209
Gráfico 28: Acionamento de reclamações formais sobre o meio de transporte público utilizado pelo entrevistado	211
Gráfico 29: Mídia social mais utilizada pelo entrevistado	238
Gráfico 30: Número de livros lidos por ano pelo entrevistado	252
Gráfico 31: Gêneros ou tipo de literatura mais lido pelo entrevistado	252
Gráfico 32: Intervalo de horas assistidas pelo entrevistado no aparelho de televisão por dia	256
Gráfico 33: Temas mais assistidos pelo entrevistado nos programas de televisão	256
Gráfico 34: Reação do entrevistado diante de uma grave informação recebida pelas mídias sociais	257
Gráfico 35: Percentual de entrevistados que conferem fontes antes de repassar	258

para seus contatos

Gráfico 36: Reação do entrevistado ao saber que uma informação que compartilhou era falsa	258
Gráfico 37: Mundo: Uso da internet pelo celular.	328
Gráfico 38: Mundo: Mídia social ou plataforma digital mais popular.	329
Gráfico 39: Mundo: Plataforma digital para assistir vídeos.	330
Gráfico 40: Veículo mais utilizado pelo entrevistado para acessar à internet	335
Gráfico 41: Mídias utilizadas para acesso de informações pelo entrevistado	336
Gráfico 42: Percentual de entrevistados que possuem conta netflix ou de TV/canal fechado	336
Gráfico 43: Assuntos mais acessados nas mídias sociais pelo entrevistado	337
Gráfico 44: Participação em algum grupo ou movimento nas mídias sociais pelo entrevistado	338
Gráfico 45: Temas dos grupos ou movimentos nas mídias sociais do entrevistado	338
Gráfico 46: Percentual de entrevistados que tomam decisões considerando os debates nos grupos ou movimentos nas mídias sociais	339
Gráfico 47: Reação do entrevistado diante de uma convocação dos grupos ou movimentos nas mídias sociais	339
Gráfico 48: Percentual de entrevistados que recorrem ao navegador para pesquisas sobre acontecimentos cotidianos	340
Gráfico 49: Checagem das fontes de informações no navegador pelo entrevistado	340
Gráfico 50: Confiabilidade do entrevistado sobre as fontes de informações recebidas pelas suas mídias sociais	341
Gráfico 51: Percentual de entrevistados que acreditam na veracidade das informações que consulta nos navegadores ou mídias sociais	342
Gráfico 52: Motivos que fazem o entrevistado acreditar na veracidade da informação que consulta	343
Gráfico 53: Temas assistidos em vídeos nas mídias sociais que sensibilizam o entrevistado	344
Gráfico 54: A esperança dos sonhos mencionados pelo entrevistado	345

Lista de siglas

Aplicativo – **App**

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – **BRINCS**

Companhia de Engenharia de Tráfego – **CET**

Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – **CPTM**

Departamento de Operação do Sistema Viário – **DSV**

Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A – **Emplasa**

Estados Unidos da América – **EUA**

Exame Nacional do Ensino Médio – **Enem**

Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos – **Encceja**

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**

Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – **Ibope**

Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial – **Laboplan**

Movimento Brasil Livre – **MBL**

Movimento do Passe Livre – **MPL**

O Censo Demográfico pela Pesquisa Nacional de Amostra dos Domicílios – **PNAD**

Organização Não Governamental – **ONG**

Organização Social – **OS**

Partido da Social Democracia Brasileira – **PSDB**

Partido dos Trabalhadores – **PT**

Partido Social Liberal – **PSL**

Partido Trabalhista – **PDT**

Primeiro Comando da Capital – **PCC**

Universidade de São Paulo – **USP**

Vírus da Imunodeficiência Humana – **HIV**.

LISTA DE MAPAS

	Pág.
Mapa 01 – MAPA MUNDI: Percentual por País da População de usuários da Internet. 2019.	71
Mapa 02 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO por distritos. Base cartográfica. 2019.	163
Mapa 03 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO por distritos. Vias coletoras. 2018.	164
Mapa 04 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Total da População por Distritos. 2010.	165
Mapa 05 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Percentual da População Municipal por Distrito. 2010.	167
Mapa 06 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População menor do que 1 ano por Distrito. 2010.	167
Mapa 07 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População de 1 a 3 anos por Distrito. 2010.	167
Mapa 08 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População de 4 a 9 anos por Distrito. 2010.	167
Mapa 09 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População de 10 a 14 anos por Distrito. 2010.	168
Mapa 10 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População de 15 a 29 anos por Distrito. 2010.	168
Mapa 11 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População de 30 a 59 anos por Distrito. 2010.	168
Mapa 12 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População com mais de 60 anos por Distrito. 2010.	168
Mapa 13 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População com rendimento até 2 Salários Mínimos por Distrito. 2010.	173
Mapa 14 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População com rendimento de 2 até 5 Salários Mínimos por Distrito. 2010.	173
Mapa 15 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População com rendimento de 5 até 10 Salários Mínimos por Distrito. 2010.	173
Mapa 16 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: População com rendimento mais de 20 Salários Mínimos por Distrito. 2010.	173
MAPA 17 – RMSP: População por Renda Familiar Mensal de até R\$ 1.244 por zona de Origem Destino. 2012.	203
MAPA 18 – RMSP: População que Trabalha com Vínculo Empregatício Assalariado Sem Carteira Assinada por zona de Origem Destino. 2012.	204
MAPA 19 – RMSP: População por Condição de Atividade Estudante por zona de Origem. 2012.	206
MAPA 20 – RMSP: Viagens Diárias Produzidas por Modo Principal Ônibus por zona de Origem. 2012.	207
MAPA 21 – BRASIL: O Meio Técnico-científico-informacional e as Regiões do Brasil.	235
Mapa 22 – BRASIL: Votação à Presidência no Primeiro Turno por Município. 2018.	245
Mapa 23 – BRASIL: Partido vencedor nas Eleições Presidenciais por Município. 2018	250
Mapa 24 – O ESTADO DE SÃO PAULO: Sistemas de Engenharia e Limites das Regiões	266

Metropolitanas. 2006.

Mapa 25 – BRASIL: Percentual de Pessoas com Acesso à Internet por Estado. 2015.	277
Mapa 26 – Locais do trabalho de campo e paisagens das desigualdades. Município de São Paulo. Vias coletoras. 2018.	278
Mapa 27 – BRASIL: Acesso à internet e uso de dispositivos: smartphones e computadores por estado. 2016.	294
Mapa 28 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Distritos abrangidos pela Pesquisa e Trabalho de Campo. 2019	316
Mapa 29 – BRASIL: Anamorfose dos usuários de smartphone. 2016.	349
Mapa 30 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Total da População Moradora de Rua por Distrito. 2015.	362
Mapa 31 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Percentual da População Moradora de Rua por Distrito. 2015.	363
Mapa 32 – Trajetos do trabalho de campo (entrevistas) no Centro da cidade.	364

AGRADECIMENTOS

Agradecer. Imagina-se que seja a parte mais fácil de redigir, enganam-se os açodados. Num mundo em que a força do egoísmo pelo sistema capitalista esmaga o reconhecimento do outro, agradecer pode expressar um frio e formal cumprimento de normas ou falso e cínico utilizar-se das palavras ocas que nada expressam sobre as vivências dos lugares. Mas, poderá realmente ser a sinceridade no reconhecimento dos processos.

Gratidão!

São tantos processos e circunstâncias percorridas até essa defesa de tese, que poderá ser a concretização desse sonho, desejo, dessa vontade.

A idealização desses agradecimentos se incorpora à tese em si. Em dois momentos anteriores, e igualmente fundamentais, quais sejam a monografia e a dissertação de mestrado, se mencionou as pessoas importantes e as suas circunstâncias.

Esta tese é densa e totaliza todo o processo, mas não poderei fazer a síntese de juntar todos os já homenageados nas etapas anteriores. Minha escolha é por desvelar o novo. As pessoas aqui mencionadas representam e honram quem já se foi ou quem teve seu reconhecimento explícito anteriormente, nos momentos oportunos.

Há permanências, pois nem tudo é ruptura.

Os nomes são importantes. Representam não apenas pessoas, mas lugares constituídos pelo amor, generosidade e amizade. Contudo, eles representam acima de tudo o atrito, a vida e a dialética se processando.

Há quase 10 anos deixei para trás minha terra, Natal-RN, meus familiares, meus pais, mas o laço que nos une me fez chegar até aqui. É minha origem, e por mais que tenha me transformado ao decidir me aprimorar a essência dela, da vida surgida em 1986, prossegue. Cuido para que a hostilidade não apenas da vida, mas também da perversa desigualdade socioespacial e do uso pleno do meio técnico-científico-informacional jamais a sufoque e a destrua. O cultivo do ser é um caminho de paz.

Aos meus pais honro com um caminho de glória. Sair do conjunto Pajuçara I, na periferia paupérrima de Natal, e poder vislumbrar me tornar doutora em Geografia pela USP uma das melhores universidades do país é realmente mais que uma revolução para mim. Sem dúvida, Marcos Antonio Soares de Araújo e Francisca das Chagas Fonseca de Araújo, me fizeram chegar aqui. Minha mãe sempre me encorajou mesmo a contragosto quando decidi vir para São Paulo, me apoiou. Meu pai me legou sua inteligência e criatividade, até a força em enfrentar qualquer oposição.

É preciso também saudar a quatro nomes em especial: meus avós. Meu avô Francisco Raimundo Filho (*in memoriam*), professor que me inspirou a amar essa profissão, a amar os livros e o conhecimento. Não o conheci, mas minha mãe me deu como bela herança esse legado, que sigo perseguindo arduamente. E minha vida será dedicada ao ensino, à pesquisa, mas, sobretudo, ao conhecimento. Minha avó materna, Vitalina Barbosa da Fonseca (*in memoriam*), pelo seu caráter, mulher forte e correta também me inspira. Meus avós paternos, Sebastiana Soares de Araújo e Francisco Soares de Araujo (*in memoriam*). Esse rude pescador mostrou-me como a vida e as desigualdades podem ser perversas. Minha avó paterna, companheira de aventuras, com quem dividi uma infância bem vivida, me ensinou a sonhar perante a escassez e ao estado de natureza; com ela trilhei caminhos nas matas dos sítios, catando mangas e cajus caídos no chão, me estimulando a ser livre!

Com eles represento a todos meus familiares, meus irmãos (Marcelle Fonseca de Araújo e Mark Frank Fonseca de Araújo) e minhas sobrinhas, (Maria Clara e Marianne Fernanda).

Entre os amigos, preciso mencionar àqueles que se envolveram nos debates e me estimularam a pensar e a criar. Eles são parte desse trabalho!

O querido Sr. Ailton, sempre acolhedor com os moradores do Bloco G do CRUSP (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo), além de seu ofício como recepcionista decidiu apoiar e motivar os alunos, muitos realmente necessitados de tudo. Nossa caminhada iniciou-se em 2012, muito embora tenha chegado em 2010. São sete anos de amizade sempre franca e honesta! Nos encontramos na metafísica e nela a vida fica muito mais suave e bela. Sem seu apoio em um dos experimentos do trabalho de campo, com sua valiosa ajuda e auxílio, não poderia ter realizado. Sua presença foi um presente, um tesouro, como assim são os amigos.

Por meio do Sr. Ailton, ávido leitor, sempre se instruindo, encontrei-me com o bravo e culto Sr. Jailton. Dupla inseparável e guerreira que me deu um impulso necessário para caminhar veloz pela minha trajetória. Foi Sr. Jailton quem fez acelerar meu processo de erudição. Leitor voraz me ofereceu obras desconhecidas e a partir de então um mundo novo me foi revelado. Troca de conhecimento que estimulado pelos autores revolucionários chegamos à *Geografia da Ruptura*. Que seria um brado de indignação transformadora diante da estupidez reinante.

Um apoio sem igual me foi dado por minha amiga-irmã Waldirene do Carmo, ela me permitiu ter bases mais que materiais para poder desenvolver não apenas meu trabalho, mas a vida! Parceria inestimável e amiga generosa que me ajudou com informações e a disposição da sua experiência. Com ela constituímos um lugar feliz, partilhando dos pequenos e grandes sofrimentos da vida, do cotidiano, mas também dos sonhos. Com ela fui crescendo a olhos vistos. Amparo eterno!

Outro feliz encontro aconteceu com Jean Herson que me fez descobrir caminhos novos na reta final desta tese, foi a vivência de diversas constituições de

lugares que me estimulou em momentos de *insight*. Um delas foi sobre o uso das mídias sociais e a influência dos filmes na atitude ou ação (lugares) das pessoas articulei a *pedagogia cidadã*, criada pela Professora Maria Adélia, e assim pude imaginar um instrumental que nos permitiu chegar a uma reflexão nova na tese.

Sensibilidade e afeto se dão nos lugares como resistência e na luta pelo Brasil, lugares esses que constitui com o casal Renata e Nilo. Viver o lugar naquele encontro esperançoso e ativo no dia 13 de agosto de 2019, foi sentir o passado, o presente, o futuro, assim como a mentalidade e a força da juventude e dos lugares. Esses novos amigos me abraçaram com o calor da vida.

A solidariedade da humanidade a parti da experiência e sensibilidade do Rapper Pirata me fez acolher a mina de diamantes, rubis, safiras, esmeraldas... para o avanço da pesquisa de campo! Os lugares vividos pelo Pirata e tão generosamente oferecidos como material para nossas reflexões e trabalho permitiram comprovar a teoria do professor Milton Santos. Surpresas de uma caminhada séria!

Igualmente agradecemos ao Eduardo que tão prontamente aceitou participar da pesquisa. Constituímos um lugar pactuado pela confiança e solidariedade. A sensibilidade e generosidade do Eduardo nos permitiu demonstrar as perversidades e observar os lugares sendo constituídos na realidade dura e cruel da experiência da escassez. Ao Eduardo, à Dinha (sua esposa e companheira) e ao Thiago, membros do Posse Poder e Revolução, que tão bem me acolheram, agradeço com o compromisso de seguir em frente na demonstração da realidade de muitos brasileiros desamparados por todo o poder público, mas que contam com os lugares como resistência.

Não podia deixar de mencionar minha querida amiga-irmã Maria de Fátima, a minha doce Fatimita. Ela representa todos àqueles envolvidos no processo do mestrado. Com este doutorado eu a homenageio. Fez-me falta sua presença sempre tão enriquecedora. Foi um casamento de almas, casamento fraternal irreversível. Com ela aprendi a ser melhor. Sei que em sua caminhada continua austera, doce, íntegra e gentil.

Essas pessoas nominadas representam todas aquelas que em momentos diversos me estimularam em meu LUGAR-MUNDO. Com eles partilhei minhas leituras, minhas angústias, meus dilemas, assim como minhas descobertas, e, sobremaneira, minhas esperanças.

Agradeço ao Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial - Laboplan - na pessoa da Ana Pereira, a estimada Aninha por todo apoio durante esse meu período de estudos na USP! Ela representa a todos com os quais lá convivi.

Não poderia deixar de mencionar a minha assistente social Lucimara Troiano, sempre séria, rigorosa, justa e atenciosa na lida com as demandas da bolsa moradia no CRUSP.

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação em Geografia, de modo especial à Rosângela e Aparecida, que me acudiram em momentos de delicado estresse. Também aos funcionários da câmara municipal de São Paulo, Márcia Hosi e Mário Horta pela atenção, ao disponibilizarem informações públicas, me instruindo em todo o percurso de consulta aos portais públicos da câmara.

Sou imensamente grata à Professora Rosa Ester Rossini por seu acolhimento num dos momentos graves dessa minha etapa do doutorado, quando a Professora Maria Adélia não pode mais prosseguir na Pós-Graduação da Geografia diante de tantos retrocessos e agressões. Sua generosidade me deu total liberdade para o término da minha formação na Escola de Geografia Nova e Renovada. Meu agradecimento à Professora Rosa Ester é eterno! Sua acolhida, desde o primeiro dia, foi de parceria junto à Professora Maria Adélia para a finalização da minha formação. Deixou-me muito a vontade para avançar na teoria e prática dessa escola que escolhi praticar desde 2009! São esses lugares que me deram força para chegar até aqui. A qualidade desse trabalho dignifica e honra a confiança que a Professora Rosa nos dedicou, a sua amiga e parceira a Professora Maria Adélia e a mim.

Aos meus primeiros professores dessa jornada que se iniciou em 20 de fevereiro de 2006 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A todos eles faço a homenagem nomeando Rita de Cássia da Conceição Gomes, que pela primeira aula assistida, naquela data sublime, desejei conquistar o lugar como professora universitária; Anieres Barbosa da Silva, um professor ético que me ensinou os primeiros passos da pesquisa e me estendeu a mão com as primeiras oportunidades. Ao professor Aldo Dantas, sem o qual jamais teria conhecido a professora Maria Adélia. E de maneira especial à professora Tasia Hortência (*in memoriam*) por suas aulas brilhantes. Com eles homenageio todos os professores os quais tive contato e que me cativaram para essa profissão, esse modo de ser e existir.

Gratidão é uma palavra muito pequena e que não esgota o quanto sinto e reconheço tudo que a Professora Maria Adélia fez por mim. Nossa relação está para além da docência e alunato. Está para além da vida! Um encontro espontâneo, mas cunhado pela metafísica, pelo Cosmos, se preferirem alguns, no entanto por energias que vão além da matéria viva. A Professora Maria Adélia me ensinou a pensar, a viver e a ser, um modo de ser maravilhoso que é ser professora e pesquisadora.

Cada palavra desse trabalho revela nossa relação profícua e fecunda. Sem a Professora Maria Adélia eu jamais estaria defendendo essa tese. Ela voltou para o Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia Humana para terminar minha formação. Já havia sido muito difícil sua volta, pois a ruptura no ano de 2013 foi muito traumática. São tantos agravos e maus tratos proferidos a uma Professora magistral, aluna de todos os grandes geógrafos do século XX, e exímia planejadora urbana e geógrafa, sempre defendendo, criando ferramentas e intervindo por melhorias a este país. Aluna de Pierre George, Pierre Monbeig, Michel Rochefort, Yves Lacost, só para

ficar entre os geógrafos. Jamais deu aula de teoria geográfica na graduação aqui no departamento de Geografia da USP. Autora da primeira política urbana nacional, mulher pioneira no planejamento urbano e regional desse país, criadora da regionalização do Estado de São Paulo nunca foi chamada ou convocada pelo departamento de Geografia da USP para expor suas metodologias de planejamento ou sua atuação como geógrafa, atuação essa, sempre fecunda e atual. O plano que desenvolveu para a cidade e o município de São Paulo em 2012 quando coordenou a campanha de um dos candidatos, é atual e dinâmico, e foi considerado em parte pela gestão do governo vencedor daquela época.

Profissional sempre incansável na luta contra as desigualdades socioespaciais e na manutenção de seu, sempre, lugar como resistência, me deu a oportunidade de prosseguir e poder conquistar meu sonho. Sem ela, jamais estaria aqui defendendo essa tese. Foi por seu projeto pessoal de acolhimento aos alunos do nordeste brasileiro que estou aqui tentando prosseguir nesse caminho de pensar, estudar e mudar o meu país.

A Professora Maria Adélia e eu nos encontramos em 19 de janeiro de 2009 e jamais nos largamos...

Foi num calor escaldante como se diz nas terras Potiguaras, verão sempre muito úmido e quente na arretada Natal, capital do Rio Grande do Norte, que conheci e ingressei nessa escola da Geografia Renovada.

Quero homenagear a Professora e mestre de sempre, Maria Adélia Aparecida de Souza! Passamos muitas coisas juntas, alguns trabalhos, sempre me ensinando sobre tudo, a vida, a geografia, o conhecimento, a práxis acadêmica, o modo de ser e existir do intelectual, os ritos da Universidade, o rigor...

Sou imensamente grata ao meu revisor do português, Luiz Fernando de Souza, que me auxiliou tremendamente na correção da tese. A qualidade do texto deste trabalho também lhe é devida.

Formas e normas não são rígidas e este trabalho mais que demonstra isso. Não são palavras ocas. O leitor julgue a qualidade do trabalho e avalie a docência de todos os meus Professores, e de modo especial dessa Professora a qual homenageio com este trabalho!

É preciso, ainda, uma palavra de gratidão ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento de quase três anos desta pesquisa de tese de doutorado. Lutas de pesquisadores nesse país. Mas nem por isso devemos esmorecer. Meu mestrado não foi financiado por nenhuma fonte institucional de pesquisa, mas foi financiado pela generosidade do povo paulistano e paulista e pelo meu esforço pessoal e profissional, dadas às circunstâncias daquela etapa é um trabalho de boa qualidade; e visionário, como todo trabalho científico deve ser.

As batalhas não são fáceis e nada é dado sem que haja luta. Tudo para os lugares como resistências deve ser conquistado, pois as hegemonias jamais doarão dignidade, teremos, pois, que conquistá-las, e cada um do seu lugar poderá juntar-se a luta!

Markelly Fonseca de Araújo
Primavera cálida, São Paulo, 29 de outubro de 2019.

APRESENTAÇÃO

O problema da pesquisa de tese surgiu do gigantesco desafio de estudar as desigualdades socioespaciais¹. E para estudá-la julgou-se que o conceito de lugar seria o método mais adequado.

Pois o lugar, o *espaço do acontecer solidário*, na perspectiva da escola Geografia Nova e da Geografia Renovada², é uma dimensão do espaço geográfico como assim defendeu Santos (2009 [1996]). Por ser uma dimensão espacial, é impossível congelá-lo e materializá-lo como nas paisagens ou nos usos do território. É através da dinâmica e constituição dos lugares que se vive a vida.

Então, o conceito de lugar, como se pretende nesta tese, é também uma categoria, trata-se de uma proposição nova. Além de revisitá-lo, numa abordagem pioneira, dedicou-se operacionalizá-lo. Este trabalho de tese enfrentou esse imenso desafio!

Partindo de provocações das obras do Professor Milton Santos e da Professora Maria Adélia em seus textos, projetos e conferências o problema do lugar se constituindo como resistências às desigualdades socioespaciais passou a despontar, sendo este o tema da tese defendida. Até porque o caminho

¹ Ainda na dissertação de mestrado, intitulada *O planejamento territorial do Rio Grande do Norte: as desigualdades socioespaciais em ação*, a influência e relevância do lugar se constituindo como resistência às desigualdades socioespaciais tomava a cena da pesquisa e do texto dissertativo. Foi, então, que o projeto de tese passou a ser elaborado para investigar e aprofundar esse problema. A história do processo de pesquisa e investigação que resulta na defesa desta tese tem um percurso vinculado a um projeto generoso da Professora Maria Adélia, qual seja de acolher durante longo período na pós-graduação em geografia humana da USP alunos oriundos do Nordeste brasileiro. Projeto ousado e corajoso, diante das precárias condições do ensino nos rincões e localidades desse país, justamente pela desigualdade na concentração e dispersão do meio técnico-científico-informacional.

² A Geografia Nova é a proposta de edifício metodológico para a Geografia elaborada por Milton Santos a qual possui um livro com o título *Por uma Geografia Nova inaugurando essa teoria*. Mas as obras decorrentes de 1979 compõem esse instrumental metodológico. A Geografia Renovada é a denominação dada por Maria Adélia de Souza para sua leitura e prática da geografia nova. Embora Milton Santos em um livro *Metamorfoses do espaço habitado* trate de um processo sobre a renovação da geografia no qual intitula geografia renovada a prática de Maria Adélia na leitura e crítica à geografia nova desenvolveu a escola de Geografia Renovada a qual esse trabalho é produto.

sugerido pelos autores citados acima indica que apenas pela dimensão do lugar é possível acompanhar, também, o limiar do novo período histórico.

Foi por meio da constituição de lugares como resistência, que sonhei em ser professora universitária, no ano de 2006, aos idos de 20 de fevereiro. Ali mesmo, desenvolvia, intuitivamente, o método do Professor Milton Santos sobre o *futuro como âncora*! Intuição e emoção que, sim, fazem parte da ciência, como sugeridas e demonstradas na obra desse Professor!

Então, o tema desta pesquisa de tese é sobre os lugares se constituindo como resistências às desigualdades socioespaciais. Intuição sim, que faz parte da ciência; as emoções sugeridas na obra do Professor Milton Santos também demonstram isso!

A partir da graduação as desigualdades socioespaciais passaram a me angustiar, mas àquela época ainda as estudava como pobreza. Desde então, sinto-me motivada a investigá-la para compreendê-las, sonhando e imaginando com sua extinção.

Em disciplina cursada no Curso de Ciência Política sobre as desigualdades sociais³, aprendi junto a Thomas Piketty, que a intuição pode indicar o caminho. Em suas palavras:

Por certo, incorreríamos em grave erro se subestimássemos a importância dos conhecimentos intuitivos que cada um desenvolve sobre a distribuição da renda e do patrimônio de sua época, mesmo na ausência de uma estrutura teórica e de análises estatísticas. O cinema e a literatura, em particular os romances do século XIX, trazem informações extremamente precisas sobre os padrões de vida e níveis de fortuna dos diferentes grupos sociais e revelam a estrutura profunda da desigualdade, [...]. Os romances de Jane Austen e Honoré de Balzac nos oferecem um retrato impressionante da distribuição da riqueza no Reino Unido e na França nos anos 1790-1830 (PIKETTY, 2014: p. 11).

³ A disciplina trazia teorias e métodos das ciências políticas na lida com as desigualdades sociais, mas sem abordá-las geograficamente. Faremos a crítica no trabalho ou o diálogo com alguns autores a cerca das desigualdades socioespaciais. Pois, a negligência com o espaço geográfico é nossa maior crítica. É preciso nem que seja mencioná-lo como fator ou instância importante para a compreensão desse problema.

Para a escolha dos temas de pesquisa a Professora Maria Adélia sempre nos motivava a estudar o que gostássemos, o que nos incomodava na realidade, e que, dessa forma, desejaríamos resolver. A pobreza sempre foi algo que me incomodou conforme mencionado acima. Na graduação descobri a perversidade de como ela é produzida, porém somente no mestrado soube como abordá-la geograficamente, ou seja, iniciar sua compreensão a partir do conceito de desigualdades socioespaciais.

A Professora Rosa Ester Rossini, colega da Professora Maria Adélia nas lidas acadêmicas no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial - Laboplan - me acolheu generosa e rigorosamente após a saída da sua colega e amiga de anos de trabalho, possibilitando plena liberdade para a formação e finalização desse processo iniciado em 2009 na escola da Geografia Renovada.

No mestrado estudamos como as desigualdades socioespaciais eram enfrentadas pelo Planejamento Territorial Potiguar; em verdade, não há planejamento territorial no Rio Grande do Norte. De fato, houve um formato dele, mas com as mudanças do mundo e do país a estrutura desse planejamento foi abortada e deformada⁴.

Para enfrentar um doutorado o planejamento saiu do meu foco, porque o Período Popular me fascina. O Período Popular da História já estava presente como referência na dissertação de mestrado, pois sua força e sua presença vêm se intensificando como dado imperioso do tempo presente.

As diretrizes teóricas do Professor Milton Santos a respeito da força do lugar, da força dos pobres, dos de baixo, sobre a nação passiva ou do homem lento, foram às fundamentações que precisava para seguir lidando com meu incômodo de sempre.

O que é a revanche dos lugares, o território esquizofrênico, e o Período Popular que aí está? Esses termos já constam na minha dissertação de mestrado,

⁴ As alterações ocorridas na prática do planejamento governamental potiguar o deixaram amorfo, não existe planejamento territorial; faz-se menção ao território como referência ou plataforma para ação, mas não o trabalham como categoria nem com o formato do método e estratégias dos planos ou programas de ação. Desenvolveram uma estrutura apenas de aspecto formal na elaboração dos planos, estrutura essa repetida em forma pelos planos a partir de 1997 com o abandono dos estudos territoriais outrora desenvolvidos. Para maiores informações consultar o original.

porém como elementos teóricos para discussão que lá se fazia. Existe mesmo uma revanche dos lugares, como se fez menção na dissertação de mestrado?

Esta tese mostrará os lugares se constituindo como resistência às desigualdades socioespaciais, bem como se há, de fato, uma revanche dos lugares como preconiza Milton Santos.

Finalizando essa apresentação trago um dos grandes geógrafos do século XX, Maximilien Sorre, também chamado de Max. Sorre. Na obra desse genial mestre da Geografia pude encontrar a base e as ideias, a partir das quais o Professor Milton desenvolveu e aprimorou sua teoria para o mundo do presente. Julgo, audaciosamente, que o Professor Milton Santos revisa e atualiza, sofisticando com filosofia não só Sorre, mas todos os grandes geógrafos que se preocupavam com a epistemologia da Geografia no século XX.

Mas a geografia do século XXI é outra, e por esse motivo também o Professor Milton Santos propôs que a geografia seja considerada uma filosofia das técnicas, introduzindo uma nova epistemologia, ainda no século XX, para compreendermos o mundo desde então.

Trago as palavras de Max. Sorre para homenagear a Professora Maria Adélia nesse trabalho que, apesar de tudo, foi para mim a constituição permanente de um lugar como resistência às forças opressivas. Ao ler essa passagem parecia estar em um de suas aulas...

Não estamos tão certos de que o conhecimento das coisas tenha avançado sempre por meio de demonstrações de escolástica. Diante da realidade terrestre em seu tríplice aspecto, físico, biológico e humano, o geógrafo adota uma atitude mental que consiste em considerar essa realidade sob seu aspecto espacial e em abranger todas as relações, desde a simples conexão até a mais intrincada causalidade existentes entre os elementos do complexo. Geografia é descrição – corografia, dizia Michotte –, mas descrição explicativa. O dado é comum a todas as ciências da natureza e do homem: o ponto de vista é original. O encontro entre geógrafo e etnógrafo ou sociólogo não é motivo para eternizar discussões de parede-meia; ao contrário, é uma excelente condição para se captar a realidade integral, ainda que ao preço de uma certa sobreposição de ideais. O que importa, na verdade, é a unidade do conhecimento (SORRE, 1984: p. 87).

O mundo do presente e a realidade exigem outra definição e consideração sobre a abordagem geográfica para esse diálogo multidisciplinar, conforme exortava Sorre (1984). A pesquisa desta tese percorreu um método novo, pela leitura e teorização da Geografia Renovada, enfrentando assim, os desafios da propositura de Milton Santos. Então, se operacionalizou o conceito e categoria de lugar, sob uma compreensão nova e ousada. Contudo, o legado da vanguarda do conhecimento deve enfrentar a realidade que é uma só, interdisciplinar, mas única, uma totalidade.

Dada a essas características da realidade, o funcionamento e engrenagens do mundo do presente carece de leituras e proposições atuais. E, por esse motivo, esse trabalho se reverte numa tentativa de método sobre a abordagem totalizante desse mundo.

Por isso o título atrevido: A Revolução do Lugar. O leitor julgue se foi provado que houve uma ruptura do mundo urbano para o paradigma do lugar. Meus pares, ou colegas e profissionais que se dedicam à pesquisa científica, nas diversas áreas do conhecimento das ciências humanas, que critiquem, discutam e contribuam com o debate. Estejam certos de que enriquecerão nossa tarefa e nos alegrarão na caminhada.

Que vós, leitor, não vos assusteis com o proposital e polêmico título. Uma vez que a palavra revolução sempre é tida, banalmente, como ameaça às hegemonias, e, por isso mesmo, distorcida para que a maioria não saiba seu significado, é preciso esclarecê-la. Revolução é uma transformação ou mudança drástica, que pode ser pacífica ou violenta (FERNANDES, 1984). Evolução e revolução andam juntas. Em outros dizeres: são atos sucessivos do mesmo processo, pois nem sempre a revolução é violenta, podendo ser pacífica, bem como a evolução nem sempre é lenta, podendo ser violenta; por isso Reclus (2015 [1897]) alerta para o valor da evolução como uma dinâmica⁵. Nesse

⁵ “Se a palavra evolução é de bom grado aceita por esses mesmos que veem os revolucionários com horror, é que não se dão conta do seu valor, pois não a desejam de forma alguma. Falam bem do progresso em termos gerais, mas rejeitam o progresso em particular. Acham a sociedade atual, ruim como ela é, e como eles próprios comprovam, deve ser conservada; basta-lhes que ela realize o ideal deles: riqueza, poder, consideração, bem-estar. [...] Procuram persuadir-se de que todo mundo está tão satisfeito quanto eles próprios estão: para o homem saciado, todo mundo jantou muito bem.” (RECLUS, 2015 [1897]: 346-347)

movimento e processo entre as constituições dos lugares, se dá a guerra da informação.

Por isso, sugiro que experimente as lentes de leitura do mundo que esta tese se propôs a construir, sem rejeitar ou julgá-las por possíveis desconfortos em relação ao título. Isso poderá ser evitado se a coragem em experimentar novas lentes falar mais alto. Experimente essa leitura, vamos! Mesmo o contexto estudado por esse trabalho sendo gravíssimo, o mínimo será o desconforto com essa nova perspectiva. Porque o lugar, aqui estudado, é sempre revolucionário, e nessa contemporaneidade, por essência, é LUGAR-MUNDO⁶!

⁶ LUGAR-MUNDO expressão e teoria originalmente criada por Maria Adélia A. de Souza em seus textos Razão Global/Razão Local/Razão Clandestina: reflexões sobre a cidadania e o migrante, inicialmente publicado no Seminário CONTEXTO GERAL DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS, coordenadas pelo NESUR – IE e NEP da UNICAMP, em março de 1995, posteriormente no XV ENCONTRO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA intitulado EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E CIDADANIA, realizado em Porto Alegre em maio de 1995, as alterações e aperfeiçoamentos resentes foram debatidas com o grupo de pesquisa sobre a DIASPORA HAITIANA organizado na UNILA sob a coordenação do Prof. Dr. José Renato Vieira Martins. Cujo texto em utilização nesse trabalho é inédito, vide referências. Outro texto o qual Maria Adélia de Souza inicia essa discussão dos lugares mundiais é intitulado TERRITÓRIO E LUGAR NA METRÓPOLE: fundamentando o Período Popular publicado no *IV Encontro com o Pensamento de Milton Santos*, organizado pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia em Salvador, junho de 2006. Maria Adélia de Souza tem um livro, base primeira para o desenvolvimento dessa ideia de LUGAR-MUNDO, intitulado de *SÃO PAULO: ville mondiale et urbanisme français sous les tropiques* 1998, uma versão para o Frances da sua tese de livre-docência. Mas a expressão da forma com se pratica nesta tese foi título do VIII Encontro Nacional e I Encontro Internacional com o Pensamento de Milton Santos realizado em Natal em maio de 2009. Os idealizadores desse encontro foram Aldo Dantas e Maria Adélia de Souza ainda no encontro nacional da geografia em 2008. Essa expressão também pode ser considerada uma evolução do encontro internacional LUGAR, Formação Socioespacial, MUNDO em 1992. Entretanto, essa ideia de LUGAR-MUNDO é inédita e fundamental na forma como se está utilizando no texto da tese.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que fundamentou esta tese partiu do conhecimento e aprofundamento sobre o conceito e categoria denominado **lugar**, sugerido por Milton Santos em sua Geografia Nova. Para tanto, o trabalho debruçou-se num esforço de demonstrar o que é o lugar e como ele se constitui, pois, o lugar é o *espaço do acontecer solidário*⁷.

Para entender a sua constituição o lugar é abordado no singular, de modo a compreendê-lo enquanto dimensão da realidade ou dimensão do espaço geográfico num processo de relação indissociável entre o sistema de objetos e o sistema de ações realizadas pelos sujeitos. Mas, na realidade, o lugar sempre se constitui e acontece no plural, são sempre lugares. Porque os lugares se constituem segundo o uso que as pessoas fazem do território diariamente.

Assim, além do esforço de compreensão e exibição da constituição da dinâmica dos lugares⁸, buscou-se evidenciar sua constituição como resistência às desigualdades socioespaciais, sendo esse o problema da pesquisa que sustenta a defesa da tese. Qual seja, por que ou como a constituição da dinâmica dos lugares se constituem em resistências às desigualdades socioespaciais?

Ver-se-á que não é possível definir os lugares assim como se faz com as regiões⁹ na escola de Geografia Renovada. Na tese será desenvolvida a distinção entre a definição de lugar e região, uma vez que Milton Santos não o fez em sua obra.

Destarte, não é o mesmo processo de nomeação dos pares dialéticos como se faz com as características do meio técnico-científico-informacional¹⁰

⁷ Souza (2005) aprimorando Santos (2009 [1996]) que diz que o lugar e a região são subespaços do acontecer solidário, mas no capítulo 1 discorre-se sobre essa diferenciação e ajuste necessário.

⁸ Criação de Souza (2008) e será trabalhada e exibida no capítulo 3.

⁹ Santos (2009 [1996]) definiu que lugar e região são subespaços do acontecer solidários. Mas, discorda-se dessa definição. E se critica o autor no capítulo 1 da tese. Pois, a tese preocupa-se com a operacionalização do conceito e categoria do lugar, e, desse modo a região também carece de uma definição e operacionalização segundo a teoria da Geografia Renovada.

¹⁰ “Quanto ao meio técnico-científico-informacional é o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica

pelos seus pilares de difusão a tecnoesfera e psicoesfera¹¹. Nesse caso, o território usado enquanto método e categoria de análise da geografia pode ser traduzido por séries cartográficas, sendo os mapas uma linguagem geográfica por excelência é possível identificar processos e perfis para compreensão e demonstração da dinâmica dos lugares por meio dessas séries, o que não é verdadeiro para a constituição dos lugares em si.

Contudo, esse foi o grande desafio da pesquisa, qual seja qualificar os processos que constituem os lugares. Uma vez que eles são sempre presentes, fugazes e efêmeros, não havendo, pois, durabilidade. Mas é possível acompanhar a trajetória da constituição de lugares, pois há processos que permitem uma permanência ou manutenção em suas constituições.

Esse desafio se dá por serem uma dimensão espacial (espaço do acontecer solidário). Pretende-se nesta tese que pela constituição dos lugares se possam conhecer como ou por que se constituem, como ocorrem.

A partir do enfrentamento da grande complexidade do período histórico atual, como será visto no desenvolvimento da tese, através de suas partes e capítulos.

Entretanto, novas metodologias podem ser criadas para contemplar não apenas as características e processos que ocorrem no presente, mas também para compreender as dinâmicas dos lugares e se possível antever o futuro. Pois a constituição dos lugares, espaços do acontecer solidário, revela o futuro como âncora¹².

Para o estudo dos lugares, ou melhor, para compreender a constituição dos lugares faz-se necessário enfrentar o tema das desigualdades socioespaciais.

Por ser uma compreensão da Geografia Renovada o megaprocesso das desigualdades socioespaciais ainda carece de estudos mais rigorosos e

informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que se vem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção. (SANTOS, 2009 [1996]: p. 234-235 [grifos no original]).

¹¹ “Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnoesfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se paralelamente, e com as mesma bases, uma psicoesfera. [...] Tecnoesfera e psicoesfera são redutíveis uma à outra. (SANTOS, 2009 [1996]: p. 255-256)”.

¹² O futuro como âncora um método e expressão geográfica inventada por Milton Santos. “O futuro, e não o passado, torna-se a nossa âncora (SANTOS, 2008: p. 163)”.

abordagens metodológicas geográficas, uma vez que a segregação social¹³ não é o correspondente a esse mega processo das desigualdades socioespaciais.

O indivíduo que constitui lugares como resistência às desigualdades socioespaciais não é apenas separado, excluído ou expulso, mas carrega consigo expressões das desigualdades a partir da constituição dos lugares impostas pela divisão social e territorial do trabalho capitalista, a partir da constituição desses lugares vividos por essas pessoas. Como o lugar é uma dimensão espacial, as pessoas constituem e vivenciam esses lugares, levando consigo a estampa de suas condições objetivas para reprodução da sua vida.

Evidentemente, é um processo que surgiu com o sistema capitalista de reprodução social, mas em cada formação socioespacial as desigualdades socioespaciais são particulares.

Vale ressaltar que a pobreza sempre existiu, os miseráveis também, mas com o capitalismo ela ganha outra profundidade, outro significado: as desigualdades socioespaciais! A pobreza beira a escravidão.

Apesar do processo de intensificação das desigualdades socioespaciais, das perversidades e hegemonia do capitalismo, pode-se contar com a dialética da vida e da história, sendo possível sonhar com outras possibilidades de existência.

Neste texto de tese aplica-se a teoria geográfica que concebe o mundo como “[...] *um conjunto de possibilidades*” (SANTOS, 2009 [1996]: p. 337), e com isso aliada à obra de Jean-Paul Sartre¹⁴, o filósofo da liberdade, é plausível propor caminhos de ruptura e esperança.

O mundo do norte foi transplantado para o mundo do sul numa violência de vários processos, não apenas o processo civilizatório em si, mas da expansão do capitalismo a partir da urbanização e modernização. Porém, esse mesmo processo violento de opressão e obrigação no uso dos sistemas econômicos e dos objetos são inversamente utilizados. Essa imposição do mundo

¹³ Vários estudos se dedicam ao tema das desigualdades. Pela abordagem da Geografia Renovada, liderada pela geógrafa Maria Adélia, faz-se necessário essa distinção, que foi iniciada por ela. É preciso mencionar os estudos de Kowarick (1993), Smtih (1996) e Atkinson (2015).

¹⁴ Sartre (2009 [1939]).

hipermoderno¹⁵, do meio técnico-científico-informacional forçosamente gera contrarracionalidades. Com a violência das invasões coloniais o Brasil nasceu plural e diverso, nascendo pela mistura de vários grupos com sementes de vários níveis dos processos civilizatórios (RIBEIRO, 1981).

Na fotografia 01 (pág. v da capa de abertura desta tese) a paisagem da vida concreta de um mundo desigual revela o luxo de um condomínio no qual se vivenciam as densidades e plenitude do meio técnico-científico-informacional, colado a uma favela que certamente deve ter surgido para atender à demanda de mão de obra servil do referido condomínio. Sem entrar no mérito da razão dessa solidariedade entre dois tipos de ocupação e uso de terreno e solo tão contraditórios na sua radicalidade, constata-se que uns possuem pleno acesso e uso aos objetos modernos para sua existência, enquanto outros, ao lado, possuem precários arremedos de objetos para a manutenção da vida.

A paisagem da fotografia 01 é emblemática e revela a acentuação das desigualdades socioespaciais. O período técnico-científico-informacional e seu meio também técnico-científico-informacional instauram a sensação de que “*Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido* (SANTOS, 2011 [2000]: p. 17).”

O *globalitarismo*¹⁶ no faz enxergar o mundo como fábula para mascarar tal como ele é, mas se vivencia um mundo como perversidade constituído pelo que se designou chamar de globalização. A própria globalização é uma metáfora do capitalismo.

Como explicar a coexistência dessas duas formas de habitar, assim coladas, exibidas nessa foto? Impossível à explicação e descrição dessa paisagem na cidade de São Paulo de frente a estação de trem Berrini, da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos).

¹⁵ Lipovetsky (2004).

¹⁶ O período da globalização como crise se dá por causa da tirania do dinheiro e da informação (SANTOS, 2011 [2001]: p. 35). Se acrescenta a tirania do consumo. A expressão *globalitarismo* pode ser entendida como o totalitarismo da globalização quando “*Na esfera da sociabilidade, levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo do abandono da solidariedade com a implantação, galopante, de uma ética pragmática individualista* (SANTOS, 2011 [2001]: p. 54).”

O período e meio técnico-científico-informacional, que possibilitam geograficamente as dinâmicas da globalização possui a intencionalidade regida pelas hegemonias capitalistas. Contudo, os seus avanços instauram uma sensação de confusão e complexidade uma vez que as instituições sociais, sobretudo, na realidade a qual se estuda não avançaram no sentido progressivo do termo.

Primeiramente, o conceito de meio criado por Sorre (1984 [1954]) dizia respeito a um complexo geográfico formado por condições externas de vida do indivíduo ou do grupo que se constituía sob três aspectos: *complexo climático*, *complexo vivo* e *complexo social*. Esse meio era o natural, dominado pelo império da natureza. Depois esse autor também cria o conceito de meio técnico, a partir do qual Santos (2009 [1996]) atualiza e desenvolve o conceito de meio técnico-científico-informacional, dadas as características do século XX.

O método para compreender essa realidade do mundo complexo e mutante, essa totalidade em movimento¹⁷, se baseia numa postura filosófica diante do mundo¹⁸. Essa postura é o método de compreensão dos processos diante desse mundo. Compreender em si é modificar-se (SARTRE, 1967).

Nesta etapa histórica denominada de capitalismo financeiro, o sistema econômico, em sua hegemonia rege o meio técnico-científico-informacional. Nem o período histórico marcado pelo domínio da técnica, da ciência e da informação que constituem e animam o meio técnico-científico-informacional, nem o próprio meio são sinônimos do capitalismo ou da globalização. Em outras palavras, a tese distingue o sistema capitalista, em seu molde atual, suas metáforas e falácias, do período histórico e seu meio de reprodução. Propõe-se nesta tese que o meio técnico-científico-informacional seja a categoria de análise e investigação da realidade aqui estudada.

¹⁷ Souza (1995a).

¹⁸ “A convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível pode levar-nos a interpretar a história por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuem o impacto da realidade e o choque da experiência. **Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.**” (ARENDT, 2012 [1973]: p. 12: [grifos da autora]).

Essa distinção entre o capitalismo financeiro, sistema econômico, globalização e meio técnico-científico-informacional é basilar, uma vez que as características do mundo do presente e suas metamorfoses aparentemente confundem os observadores mais açados ao acharem que são sinônimos. Por isso a crença do senso comum da irreversibilidade do capitalismo.

Outra confusão feita banalmente é tratar o capitalismo como técnica, modernização ou conhecimento científico. Pois, no senso comum há uma crença de que a modernização é o mesmo que o capitalismo, e esse equívoco é um trunfo na guerra política, contribuindo para o dogma da irreversibilidade do capitalismo. Mesmo que o capitalismo invista em modernizações, e seja delas pivô, o sistema socioeconômico tem um motor histórico e por isso se transformará.

Além do mais todo e qualquer processo histórico possui o contraditório em si mesmo, sendo essa dialética que leva à permanências e rupturas. A pesquisa de tese traz argumentos teóricos, técnicos e empíricos que demonstram as metamorfoses do período histórico e o enfrentamento da constituição dos lugares como resistência às desigualdades socioespaciais. Então, o antagônico do processo histórico das transformações do capitalismo, em sua etapa financeira traz rupturas que revelam transições.

Essa crise que o sistema capitalista enfrenta desde 2008, da qual ainda não se recuperou, pode ser observada pela ampliação e intensificação das desigualdades socioespaciais, como contradição básica do sistema e repercute em transformações na realidade de cada país. Essas mudanças alteram drasticamente a constituição do mundo, e com elas o espaço geográfico, a dinâmica de constituição dos lugares, as paisagens, e também os usos do território que podem redefinir, destruir ou criar novas regiões.

É preciso, ainda, evidenciar que os processos de modernização e de civilização também não são sinônimos de capitalismo. Toma-se por referência Ribeiro (1981) em seu estudo sobre o processo civilizatório. Modernização para Ribeiro (1981) é o que corresponde à sua definição de revoluções tecnológicas. Essas revoluções tecnológicas (revolução urbana, revolução industrial, revolução do rádio são alguns exemplos citados na sua obra) são transformações da

ação humana sobre a natureza e podem corresponder à evolução sociocultural. Essas modernizações podem repercutir em um processo civilizatório geral. O processo civilizatório depende da evolução sociocultural, isto significa que depende das modernizações.

Com as *revoluções tecnológicas* (RIBEIRO, 1981) o meio se transforma. A eclosão do período histórico também dá nova constituição e denominação ao meio.

Equiparar o sistema econômico, ou socioeconômico, como sendo o mesmo que meio técnico-científico-informacional não contribui para o conhecimento da realidade. O capitalismo na sua forma financeira é um motor, é um agente que precisa do meio técnico-científico-informacional para se reproduzir. Pode-se até afirmar que o capitalismo depende do meio técnico-científico-informacional, por isso também o intensifica.

Desse modo, é preciso distinguir a desigualdade da diversidade, da desigualdade socioespacial. Esse é um mote do conhecimento geográfico.

Por ser dependente do meio técnico-científico-informacional, o capitalismo para se reproduzir tenta dominar sua regulação, porém quanto mais se regula, quanto mais se radicaliza o controle do uso do meio técnico-científico-informacional, mais as contrarrazões se forjam¹⁹. Esse é o dado contraditório do período histórico e do meio técnico-científico-informacional, e do qual o sistema econômico, ainda que seja opressor e hegemônico, é refém.

Considera-se que o capitalismo é, sim, sinônimo de globalização, em sua etapa atual. Por isso sua estratégia em se confundir com o meio técnico-científico-informacional e assim agir como metáfora para enganar e seduzir alienando ou tentando alienar o uso do território. Ademais, o fundamental é essa sua intencionalidade, qual seja, de iludir, confundir.

¹⁹ Montaigne (1996 [1580]: p. 11) adverte para a ostentação ou para o encantamento com o desejo. Proibir incita o desejo. Segundo ele a preocupação com a defesa sugere o ataque, sendo essa preocupação a dos ricos. “*É principalmente a idéia [sic] de invasão que preocupa os espíritos e interessa o mundo; a idéia [sic] de defesa só interessa aos ricos*”. As contrarrazões vão além do que a criação desses desejos sobre as proibições, mas, partem deles, porque elas são outras formas de racionalidades que alguns podem considerar como irracionais, mas são outras lógicas de racionalidades (SANTOS, 2009 [1996]).

Por isso é um motor imperioso, até mesmo totalitário, denominado por Santos (2011 [2000]) de *globalitarismo*. A lógica do capitalismo atual ou do *globalitarismo* é a hegemonia do dinheiro. Muito mais do que a informação, a disputa pelo dinheiro é o que rege a vida humana nesse século. É pelo acúmulo de dinheiro que se verifica um domínio também da informação. Dinheiro e informação estimulam a racionalidade da competitividade. É essa racionalidade do período e meio técnico-científico-informacional, sobretudo, uma racionalidade do capital.

A dinâmica do capitalismo acima relacionada com a constituição do meio técnico-científico-informacional elabora as desigualdades para o seu acesso e funcionamento. O meio denso de técnica, ciência e informação foi denominado por Santos (2009 [1996]; 2008 [1994]) como espaço luminoso ou espaço do mandar. Enquanto, o meio rarefeito da técnica da ciência e da informação é o espaço opaco ou espaço do fazer, e interessa para a reprodução do capitalismo como força de trabalho e como consumidores.

Distinguidas, introdutoriamente, o perverso e injusto estão no sistema de relações econômicas. O drama das desigualdades socioespaciais está relacionado à como o processo civilizatório e o motor da história transformam a elaboração de um mundo novo. Esse mundo novo já se encontra germinando atualmente. Novas relações sociais se forjam e se constituem com os lugares, mas qual será a nova racionalidade do novo período?

O mote do sistema econômico é se apropriar e constituir o que de melhor e mais moderno se pode ter e usar através do meio técnico-científico-informacional. Por isso que a dispersão do meio técnico-científico-informacional é regulada pelo sistema capitalista que domina a política governamental de diversos países, incluindo o contexto estudado, do Brasil. Essa disputa e regência das políticas de criação e constituição de meio técnico-científico-informacional faz surgir a dinâmica da fluidez e viscosidade territoriais, ou densidades e rarefações (SOUZA, 2003b).

A difusão do meio técnico-científico-informacional é política. Porque, as localidades ou locais nos quais se investem para a concentração do meio técnico-científico são selecionados politicamente.

Por isso a pesquisa de tese se dedicou ao estudo da dinâmica dos lugares. **A dinâmica dos lugares** (SOUZA, 2008) é o método demonstrado na tese. Neste trabalho se exibiu os principais agentes da dinâmica dos lugares segundo o problema investigado: a **fluidez territorial**, a **difusão do meio técnico-científico-informacional**, as **mídias**²⁰, os **objetos técnicos**, e a redutibilidade da **psicoesfera e tecnoesfera**.

Mensurar a qualificação da constituição e dinâmica dos lugares no tocante ao problema investigado foi operacionalizada da seguinte forma: a pesquisa indireta (dados secundários) e a pesquisa direta (dados primários).

A *pesquisa indireta* buscou dados sobre o sistema de fluidez territorial, responsável pela circulação dos fluxos, sejam eles materiais ou não. Mas como será visto essa fluidez é seletiva, devido à **difusão do meio técnico-científico-informacional** que suscita uma discussão política no intuito de desvendar os lugares se constituindo como resistências. A pesquisa indireta auxiliou à produção das cartografias temáticas e das análises territoriais.

Pela difusão do meio técnico-científico-informacional é possível o uso dos **objetos técnicos** que são os agentes das conexões geográficas²¹, como a internet por meio do uso das mídias sociais através dos celulares multifuncionais, por exemplo, chegou-se a outra etapa da pesquisa e a novas descobertas.

O refinamento e sofisticação dos objetos técnicos permitiu o controle dos corpos. É um sistema de regulação manipulado também pelo capitalismo, mas igualmente uma contrarreação da própria história. Acelerando o limiar do Período Popular.

²⁰ Optou-se por Mídias ao englobar todos os meios de comunicação, sejam virtuais ou os tradicionais, a partir do sentido que Chomsky (2018 [2002]) utiliza em seus estudos. Uma metodologia de estudos sobre as redes sociais pode ser encontrada em Marteleto (2001). Mas nesta tese faz-se menção como sinônimas, redes sociais e mídias sociais, optando pela designação de mídias sociais. Também fundamentada em Flusser (2017: p. 114; p. 116) em que as mídias são imagens técnicas ou tecnoimagens “[...] o pensamento imagético está se tornando capaz de pensar conceitos” ou “[...] a síntese da mídia linear com a de superfície pode resultar numa nova civilização”.

²¹ Instantaneidade da conexão do mundo-lugar Souza (1993). Essa característica da conexão geográfica liquidou com as redes urbanas e suas hierarquias.

As redes ou as **mídias** sociais são o novo ambiente para o debate público. Contudo, o mundo virtual²² depende *sine qua non* do mundo real. Esse é um dado que pode passar despercebido, pois mundo virtual e mundo real são uma simbiose fundamental para a interpretação e intervenção política.

Então, qualificar os lugares se constituindo como resistência às desigualdades não foi tarefa fácil. Por esse motivo, a pesquisa direta foi montada por uma metodologia nova. Aplicou-se a proposta da constituição dos lugares a partir das densidades técnicas, informacionais e comunicacionais (SANTOS, 2008), e produziu-se um instrumento de pesquisa exibido nos apêndices 1, 2, 3 e 4 (páginas: 457 a 473).

A desigualdade socioespacial é a base fundamental para se entender a constituição dos lugares como resistência, e a partir desses lugares um mundo novo está se forjando.

O estudo se iniciou com as manifestações de 2013 no país, entusiasmadas pela primavera árabe. Mas o âmago do debate suscitado naquela fase era equivocado. Tanto foi que o movimento foi sufocado e se metamorfoseou na derrubada de um governo federal eleito desde 2002. Ainda que seu agente principal, o Movimento do Passe Livre – MPL, não tenha se dado conta dos processos que massificaram as manifestações contra o aumento da tarifa dos transportes públicos.

Argumenta-se na tese que os lugares constituídos pelo MPL nas manifestações de junho de 2013 contribuíram para o golpe de 2016. Golpe esse denominando por Souza (2016) de midiático-jurídico-institucional. Após o golpe que teve seu nome adulterado para impeachment, afastando a Presidente Dilma em 2016, o MPL se fechou²³.

Mas a empiria da pesquisa de tese já havia mudado a partir da qualificação do doutorado, quando os estudos teóricos e empíricos secundários

²² Ou aquilo que Flusser (2017) entende por *cyberespaço* ou espaço virtual.

²³ Não se conseguiu uma resposta para uma entrevista ou reação a um contato o qual fizemos via grupo que participávamos no canal do *Facebook*. As críticas ao MPL fizeram o movimento se fechar. Não seria o momento de repensar a ação? De elaborar um novo projeto político? Ver-se-á no decorrer do trabalho que a pseudoideologia do antipartidarismo é forte e separa os lugares.

apontavam a reverse das manifestações de 2013 lideradas pelo MPL. Mantivemos a discussão sobre a pauta da livre circulação, que é a bandeira do MPL, porque se descobriu que essa pauta da tarifa-zero é um equívoco. Ver-se-á que não é pelo direito ao uso da cidade ou por mais fluidez territorial que a bandeira de movimentos que se dizem defensores dos trabalhadores deve lutar, ao contrário.

Depois das manifestações de 2013 observa-se no Brasil uma verdadeira *guerra dos lugares*²⁴, que prossegue após golpe de 2016, no pleito presidencial cuja disputa já constituía a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera da intolerância. Essa não é uma particularidade brasileira, é uma das engrenagens do mundo contemporâneo ou hipermoderno²⁵.

A *guerra dos lugares*, que é mundial, levou também ao esfacelamento do MPL. A disputa entre os lugares em que um pode sufocar o outro ou por vezes destruir, não é possível dizer se o MPL se extinguiu. Mas no debate atual sua expressão ficou reduzida.

Essa guerra dos lugares diz respeito à interpretação da **psicoesfera e tecnoesfera** das mídias, revelando os sentidos e a consciência dos sujeitos que a disputam.

Representantes da extrema-direita chegaram ao poder executivo federal nas eleições de 2018 em disputa marcada pelo uso da psicoesfera e tecnoesfera através das mídias sociais, sobretudo, do aplicativo do *Whatsapp*. Bertollo (2019) faz referência ao uso do aplicativo e do celular multifuncional em seu trabalho, mas com abordagem totalmente divergente daquela defendida nesta tese. Seu trabalho faz menção ao fato do uso do *Whatsapp* na propagação de notícias

²⁴ O termo guerra dos lugares primeiramente foi elaborado por Souza (1994b) quando tratava da guerra fiscal na discussão de uma mesa redonda em um evento da geografia. Mais detalhes sobre o surgimento desse termo na nota de rodapé 210 da página 317. Depois Santos (2009 [1996]) utilizou o termo. Recentemente Rolnik (2015) intitulou seu livro a guerra dos lugares. Mas trata de outro tipo de noção do que seja o lugar. Lugar para Rolnik (2015) é localização das moradias.

²⁵ Noção de Lipovetsky (2004) sobre hipermodernidade ao invés de pós-modernidade o qual critica e que é identificada pela complexidade do presente. A noção de hipermodernidade condiz mais com a realidade a qual estudamos, pois não se vive a pós-história, se estar sempre preso ao presente buscando um futuro. A nomenclatura, as palavras são fundamentais.

falsas, mas não aborda a guerra dos lugares que se intensifica nesta disputa eleitoral.

A corrida presidencial de 2018 teve como palanque não mais as mídias tradicionais. A disputa se deu pelo uso das mídias sociais numa campanha que além da mentira pela divulgação massiva de notícias falsas, também usou em demasia a ilusão. O marco decisivo foi o uso do lugar como fundamento a partir da psicoesfera e tecnoesfera, na constituição dos lugares para a vitória presidencial ao governo executivo. Porque um dos elementos da guerra da informação é a divulgação das notícias falsas.

Os lugares vivenciados pelos privilegiados de sempre se levantaram e perpetraram o golpe de 2016, pois enxergaram a força das mudanças que estão surgindo e não querem deixar de serem hegemônicos. A mudança do mundo novo (revolução dos pobres) só virá a partir de uma nova consciência e ética na constituição dos lugares.

Esse foi o contexto da guerra da informação ou guerra híbrida que se sobressai como motor do novo período, discutido no decorrer desta tese.

O trabalho de campo (pesquisa direta) foi realizado a partir do princípio de se estudar as desigualdades socioespaciais, e para tanto se organizou segundo quatro etapas ou experimentos: a investigação dos miseráveis moradores de rua (ver Apêndice 3: pág. 472) as entrevistas com os mendigos; a segunda etapa foi a análise e registro das paisagens; seguida do experimento na constituição dos lugares como protesto (Apêndice 4: pág. 473); e do estudo da constituição dos lugares (Apêndices 1 e 2: pág. 457 a 471).

A pesquisa secundária que focou na **fluidez territorial** permitiu confrontar as pautas do MPL. Dessa pesquisa esboça-se um esquema para uma periodização da cara do meio técnico-científico-informacional na megalópole²⁶ paulistana.

²⁶ Expressão ou conceito inventado por Jean Gottmann para designar uma região nos EUA formada pelas cidades de Boston, Washington D. C. e Nova York. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-megalopole.htm>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

Por que não deu certo a estratégia das manifestações de junho de 2013? Por que foram engolidos por outro movimento, ou outros movimentos, ou melhor: por que foram devorados por outros lugares? Além do mais, preocupados com a mudança ou o motor histórico por que o lugar torna-se central? Por que houve uma metamorfose dos lugares a partir das manifestações de 2013?

Através de um evento aparentemente isolado e peculiar, como as manifestações que pararam o país em 2013, levaram ao impedimento da Presidente eleita Dilma Rousseff em 2016, foi o problema inicial considerado para se investigar o lugar. Na verdade, a inquietação com o lugar surgiu teoricamente, a partir da questão formulada por Milton Santos em 1994 em seu livro *A Natureza do Espaço*: o que é essa força do lugar proposta? O que é o lugar se constituindo como resistência às desigualdades socioespaciais (SOUZA, 2005)? Alguns levaram a chamar esses eventos de cidades rebeldes, mas são mesmo as cidades? As cidades como formas e materialidades são as agentes dessas rebeliões? Não seriam os lugares que foram rebeldes ou que se rebelaram?

Na verdade a compreensão do lugar, da dinâmica dos lugares é o trunfo político.

A partir da compreensão dos lugares se constituindo como resistência é possível identificar aqueles que são constituídos pelos coletivos da periferia da cidade de São Paulo, bem como aqueles que se constituem pela conexão virtual, formando sistema de informação e comunicação, praticando um sistema contra-hegemônico, ou contrarracional à racionalidade vigente. Nesta tese traz-se a *Posse de Hip-hop Poder e Revolução*²⁷, situada no distrito de Sacomã na zona sul da periferia de São Paulo, que é um grupo que pratica a constituição de lugares a partir de contrarracionalidades.

A tese aqui defendida é que o **lugar é a dimensão da ação política**, constituída pelos aconteceres solidários que a define. Assim, a política somente surge quando se constitui um lugar. Porque **o lugar é ação**.

²⁷ Embora coincida com o título desse trabalho o conhecimento da existência dessa Posse de Hip-Hop só foi tomado ao final da pesquisa de campo uma vez que já se havia intitulado o trabalho como revolução do lugar, sobretudo por causa do paradigma do lugar na obra de Milton Santos. Mas não tendo sido uma mera coincidência. A leitura do capítulo 12 trará os esclarecimentos que o leitor desejar.

Esta tese foi constituída em três partes. A primeira trata do termo **LUGAR-MUNDO e as dinâmicas dos lugares**, seus agentes e suas manifestações. Nessa parte se discorre sobre o que é o lugar, como se constituem os lugares, como se constituem em resistências às desigualdades socioespaciais e mostram-se na realidade os usos do território pelas desigualdades socioespaciais na megalópole.

A segunda parte discute o **Lugar e a política: as resistências**. Porque sem a constituição dos lugares não há política! A política é ação, o lugar é ação. Para a montagem de políticas de intervenção mais precisas é fundamental compreender o lugar, ou melhor, os lugares.

Na terceira e última parte desvela-se a essência do lugar, **O lugar e o futuro** no limiar do novo meio e período Popular. O caráter fugaz e anárquico, a sua consciência e ética dos lugares foi o cerne discutido e exposto nesta parte. O drama das desigualdades socioespaciais na localidade da favela e um lugar se constituindo como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais.

A primeira parte (LUGAR-MUNDO: a dinâmica dos lugares) é composta por cinco capítulos. O primeiro faz a revisitação do conceito e categoria de lugar. O segundo desenvolve a crítica à Geografia Urbana. O terceiro desvela os agentes da dinâmica dos lugares. Seguido do quarto capítulo que demonstra a operacionalização da constituição dos lugares a partir do exemplo da constituição pelo protesto ou manifestação contra os cortes na Educação pelo governo federal. Fechando a primeira parte com o quinto capítulo sobre a discussão das desigualdades socioespaciais a partir dos pares dialéticos de densidade e rarefações na megalópole paulistana.

Esse quinto capítulo dá sequência a segunda parte que exhibirá a constituição dos lugares como resistência a partir da guerra da informação e a discussão da fluidez territorial.

Quatro capítulos integram a segunda parte da tese (LUGAR E POLÍTICA: as resistências). O sexto capítulo exhibe a fluidez territorial em discussão sobre as pautas do MPL. Dando sequência pela guerra da informação e à guerra dos lugares debatidas no sétimo capítulo, que elucida também a interpretação da

psicoesfera e tecnoesfera pelo uso das mídias sociais na disputa presidencial de 2018. Seguido do oitavo capítulo que aprofunda a guerra dos lugares pelo uso do território e a constituição dos pactos territoriais a partir do golpe de 2016 e das eleições federais de 2018. O último capítulo que fecha a segunda parte é o nono, trazendo o debate da fluidez territorial para a megalópole a partir de um esboço de periodização. Esse capítulo traz uma das descobertas da tese sobre o celular multifuncional como objeto símbolo do Período Popular da História.

O nono capítulo introduz a discussão da dinâmica dos lugares pelas desigualdades socioespaciais, revelando a descoberta de novas constituições dos lugares a partir do uso do meio técnico-científico-informacional e o limiar do Período Popular da História.

Quatro capítulos compõe a última parte da tese (O LUGAR E O FUTURO: o uso do novo meio), sendo eles o décimo capítulo que exhibe uma definição sobre as desigualdades socioespaciais abordando o que seria a riqueza e a pobreza na contemporaneidade. Seguido do décimo primeiro capítulo que aprofunda a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera por meio do uso das mídias sociais e a constituição dos lugares virtuais e dos lugares autômatos, além de iniciar uma crítica sobre a cidade do futuro.

Durante o processo de pesquisa de campo descobriu-se uma distinção entre os lugares se constituindo como resistência, há a constituição de lugares como resistência pura ou bruta, e os lugares se constituindo como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais. Essa discussão e descoberta faz parte do décimo segundo capítulo, e faz dele o mais extenso da tese porque exhibe o drama das desigualdades em sua complexidade. O último capítulo da tese, o décimo terceiro e último da terceira parte e desta tese, é um ensaio sobre o novo meio geográfico do Período Popular da História.

Ao ler *A Condição Humana* de Hannah Arendt constatou-se o valor profundo do lugar quando ela nos fala sobre a **ação** que é a “[...] *única atividade que ocorrer diretamente entre os homens*” (ARENDT, 2018 [1958]: p. 9); ainda que “*Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens*” (ARENDT, 2018 [1958]: p. 27 [grifo da autora]).

Daí a tese defendida de que o lugar é a dimensão da ação política, torna-se processo de resistência. Sem o lugar não há política. Compreender o lugar, ou melhor dizendo os lugares, é fundamental para acompanhar as dinâmicas do mundo.

Milton Santos na quarta parte de sua obra *A Natureza do Espaço* lança um desafio sobre a força do lugar. Deixa como provocação no capítulo 14 uma ruptura metodológica. Esta tese enfrentou essa empreitada desde a inquietação com o problema da pobreza e miséria humanas até o estímulo da constituição dos lugares como resistências às desigualdades.

Portanto, a herança deixada por Milton Santos tornou-se uma ordem. Ainda que o desenrolar da tese seja um exercício inicial, mas fecundo, os bens do legado teórico e prático, ou seja, operacional, da teoria da Geografia Nova e Renovada são vastos e vigorosos, porque não foram encarados em exaustão e o mundo já se encontra em transformação para o novo período.

Esse é o legado e missão dos geógrafos que fazem do conhecimento um fundamento da ação, um lugar de vida e prática política expressa pelos aconteceres solidários. O drama nauseante da realidade como bem revela Sartre (2015 [1938]: p. 145 [grifos no original]) quando diz que

Compreendi que não havia meio-termo entre a inexistência e aquela abundância extática. Existindo, era necessário *existir até aquele ponto*, até o bolor, a tumidez, a obscenidade. Num outro mundo os círculos, as melodias conservam suas linhas puras e rígidas. Mas a existência é uma vergadura.

Esse fundamento da filosofia existencialista pode nos ensinar outras racionalidades, outros caminhos, outras invenções para que se possa resolver as contradições humanas mais agudas, ao menos, na intenção de melhor enfrentá-las.

Traz-se uma perspectiva, uma propositura dos lugares que se constituem com base no futuro como âncora. Convida-se o leitor interessado por uma

proposta atrevida e, sobremaneira, corajosa de enfrentar o novo, a observar, desfrutar e revolucionar os lugares.

A dinâmica dos lugares é o processo que deu vida a essa tese. O esforço aqui empenhado se deparou com uma realidade mutante, complexa e repleta de contradições, mas preta de esperanças. São essas esperanças que pululam nos lugares, pelos lugares, com os lugares. A esperança na vida! Na vida humana comungada coletivamente como bem maior para salvaguardar!

PRIMEIRA PARTE:

Lugar – Mundo:

A dinâmica dos lugares.

Roda viva

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a roseira pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

A roda da saia, a mulata
Não quer mais rodar, não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou
A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

O samba, a viola, a roseira
Um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar

Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a saudade pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

Composição: Chico Buarque

LUGAR-MUNDO: A Dinâmica dos Lugares

Devido às transformações do mundo contemporâneo traz-se para o debate a ideia de LUGAR-MUNDO.

O mundo²⁸ é uma totalidade, sinônimo de espaço geográfico, “[...] *não é constituído de uma justaposição de partes, o mundo é uma complexidade, uma coisa se mistura com a outra [...]*” (SOUZA, 2007: p. 14)”, portanto o mundo e o espaço geográfico constituem a totalidade complexa e mutante²⁹.

Como abstração o mundo é sinônimo de espaço geográfico porque “*O espaço é uma totalidade e todos nós somos responsáveis por esse movimento da totalidade*” (SOUZA, 2007: p. 13)”.

O Mundo está em movimento e não se encerra na formação socioespacial. Ele chega aos locais como evento, como uma modernização e sai deles mudado, isto é, se transforma em relação a como é recebido pela constituição dos lugares, que são influenciados pelas modernizações, mas também a influenciam. “*Criticamos e devolvemos, e, é esse movimento permanente da totalidade que é reciclado a cada vez pelas sociedades locais, nacionais, que Milton vai chamar de formação sócio-espacial*” (SOUZA, 2007: p. 4)”. A formação socioespacial de cada país auxilia o entendimento desse constante movimento do mundo, pois, é como o mundo é recebido pelas características culturais e sociais de cada realidade nacional, ele repercute na constituição dos lugares.

A partir da transformação do mundo e sua metamorfose, a dimensão do lugar ganhou evidência como agente do processo de transformações na sociedade do presente, possibilitadas pela aceleração do tempo, a cognoscibilidade do planeta e a simultaneidade tempo-espaço, que forjaram a realidade das conexões geográficas (SOUZA, 1993).

O conceito de **lugar** se descola e se diferencia do local devido à aceleração do tempo. Com efeito, esse paradigma do lugar traz novos métodos para sua abordagem,

²⁸ Mundo e planeta não são sinônimos. O primeiro é uma abstração e o segundo é o planeta físico, o geóide, a Terra, a base material e física, a natureza original ou primeira.

²⁹ “*O mundo mutante de hoje exige dos acadêmicos um trabalho infinito e uma reflexão vigilante que impeça a produção do discurso fácil apresentando-se como sendo o texto rigoroso, acadêmico*” (SOUZA, 2003a: p. 180)”.

sendo imperioso para a Geografia, na contemporaneidade, estudar a **dinâmica dos lugares** (SOUZA, 2008).

Com as metodologias desenvolvidas na tese pode-se além de confrontar o sentido, a consciência e a ética na constituição dos lugares em tempos de globalitarismo, também aquele de trazer o debate do limiar de uma nova consciência, de outros sentidos e de uma nova ética com os lugares se constituindo como resistências às desigualdades socioespaciais.

A partir do aprofundamento das desigualdades socioespaciais diante da difusão desigual e seletiva do meio técnico-científico-informacional abordou-se como os lugares se constituiriam em resistência trazendo o embrião da mudança do período histórico.

O mundo do Sul, o mundo pobre, por mais novo que seja é também altamente moderno e contemporâneo. O processo de evolução civilizatória foi mais acelerado, mas permitiu a sincronia dos tempos, pela igualdade tecnológica. Ainda que as desigualdades internas sejam imensas e aprofundadas.

Por esse motivo que não se estuda mais geografia urbana, geografia rural ou agrária, geografia industrial, geografia de qual tema for. Evidentemente as dificuldades são enormes. O mundo mudou. E o lugar se constitui no método, na categoria de análise e no conceito para se acompanhar o movimento do mundo. Sobejamente ainda há uma dominação hegemônica que impede e tenta impedir o progresso no mundo do Sul, no mundo pobre (SOUZA, 2009).

Fala-se a partir do mundo pobre, do mundo do sul, e demonstrar-se-á que o mundo também é aqui, ainda que psicoesfera e tecnoesfera praticadas atualmente disseminem a ideologia da dominação ou submissão aos países do norte. Assim o futuro também aqui está. Sobretudo, se a prática do futuro como âncora for traçada conscientemente. De qualquer maneira, o futuro como âncora sempre é praticado. Esta tese dedicou-se a acompanhar essa filosofia e encontrar ideias que sejam melhores caminhos a percorrer.

CAPÍTULO 1 – Lugar, o que é? Conceito ou categoria de análise?

Método é o caminho que as ideias têm de seguir, a marcha das ideias como soldados em parada. Mas as minhas ideias não marcham, elas dançam...

Rubem Alves. Pimentas. 2012.

É o lugar, a dimensão cotidiana do espaço geográfico, que exhibe o desvelamento da ação humana.

Qual é o seu lugar? Essa pergunta ou questão sempre foi uma preocupação geográfica. A Geografia como ciência moderna³⁰ surgiu dos relatos dos viajantes e expedicionários, que se dedicaram em explicar os processos de diferenciação das localidades sistematizando métodos e técnicas culminando com a investigação científica geográfica³¹. Seus esforços buscavam a compreensão da dispersão dos homens sobre o planeta. Não apenas dos homens e seus grupos, mas das paisagens, da intrigante diferenciação entre as localidades, ou seja, uma mudança de local ou como diria Humboldt uma mudança de latitude ou longitude gerava uma admiração e espanto quanto mais diferente se apresentavam as paisagens³².

Mas, o que é um lugar?

³⁰ Heródoto e Estrabão foram filósofos da Grécia antiga que refletiram sobre o conhecimento das descrições da geografia. Na idade moderna Varenus, Kant e Montesquieu também demonstraram preocupações de cunho geográfico (ANDRADE, 1987).

³¹ Humboldt e Ritter são considerados os primeiros geógrafos, mas Kant e Descartes também estão entre os pioneiros que dão sustentação ao método científico e analítico da era moderna, ou como diz Andrade (1987) foram precursores do conhecimento geográfico científico.

³² Humboldt ao desenvolver seu conceito e método da *Naturgemälde* deixa o legado da visão holística do planeta e suas transformações bem como de uma visão humana em conjunto (WULF, 2016).

Desde os estudos dos primeiros geógrafos modernos o mundo mudou, e as expedições geográficas também contribuíram como parte dessas engrenagens que eclodiram em uma revolução mundial. O encontrar-se e o confrontar-se com o outro está no germinar do processo civilizatório. Essa presença de uma *civilização humana* comum³³ é resultado do processo civilizatório.

Este processo pode ser vislumbrado por duas perspectivas. Primeiro de uma maneira global, a qual se confunde com a própria *evolução sócio-cultural*³⁴, ou melhor, uma visão totalizante da história humana nos seus últimos dez milênios. Isso tem a ver com uma perspectiva tomada a partir do presente sobre o passado. A segunda perspectiva divide-se em os processos civilizatórios gerais, onde o desencadeamento de uma revolução tecnológica difunde surtos de inovações culturais e “[...] os *processos civilizatórios específicos como as seqüências históricas concretas em que se desdobram os processos civilizatórios gerais*” (RIBEIRO, 1981: p. 52).

Portanto, vive-se um mundo cada vez mais universal. O mundo esse conjunto de possibilidades (SANTOS, 2009 [1996]) ou como dizem os filósofos: o “*mundo como circunstância*” Ortega Y Gasset (2017 [1983]: p. 85); ou o “*mundo como lugar contingente*” em Sartre (2015 [1943]: p. 609); ou “*ser-no-mundo*”, o mundo como fenômeno ou “*mundanidade*” em Heidegger (2015 [1986]: p. 110).

As semelhanças entre as cidades que não espantaram Braudel (2014 [1969]: p. 281) quando assegura que o *mundo* de ontem já possuía suas uniformidades por causa da técnica que dá feição e é a sua marca. Esse processo leva o grande historiador a exclamar que a Terra não para de encolher. Mas a técnica não é tudo, pois “*O triunfo da civilização no singular, não é o desastre dos plurais. Plurais e singular dialogam, se juntam e também se distinguem [...]*” (BRAUDEL, 2014 [1969]: p. 283).

Para a geografia o mundo se realiza pela constituição dos lugares através do uso dos objetos. Por isso o estudo da técnica como categoria externa ao

³³ Ribeiro (1981: p. 52).

³⁴ “*A evolução sócio-cultural, concebida como uma sucessão de processos civilizatórios gerais, tem caráter progressivo que se evidencia no movimento que conduziu o homem da condição tribal às macro-sociedade nacionais modernas.*” (RIBEIRO, 1981: p. 53)

conhecimento geográfico, do espaço geográfico foi defendido por Santos (2009 [1996]).

No Brasil, a palavra lugar possui variados usos no cotidiano das pessoas. Nos *espaços públicos*³⁵, transeuntes ao entrar no ônibus ou metrô (transporte público e coletivo) costumam dizer: “*Oi, olha ali há um lugar livre para sentar-se! Ou, veja, há um espaço disponível acolá!*”. Lugar e espaço nesse exemplo estão sendo utilizados como ocupação, a ocupação de um acento no ônibus ou no metrô.

O termo lugar também pode ser usado como posição. Nesse sentido é muito utilizado nas redações como referência à alguma coisa, no sentido de posição e relevância, por exemplo: em primeiro lugar este documento trata-se de uma tese em Geografia.

A depender do país em que se vive a palavra lugar poderá variar em seu uso e seus significados ou sinônimos. No entanto, é muito banal o uso do lugar como localização, quando se refere a determinando ponto da cidade, mas o correto em termos de conceito seria se referir como local.

O lugar, dimensão do real, possuiu uma compreensão, desde seus primeiros estudos pelos geógrafos, como uso e como ocupação, demonstrada no exemplo do acento no ônibus ou metrô. Ver-se-á no decorrer deste capítulo o motivo pelo qual ele foi confundido como local, pois, como se defende nessa tese o lugar é uma dimensão do espaço geográfico constituída a partir do uso que os sujeitos fazem dos objetos; trata-se, portanto, de uma relação. Por isso Santos (2009 [1996]) sugeriu o lugar como uma alteridade. É a dimensão do espaço geográfico que é vivenciada pelas pessoas.

O espaço geográfico como instância social, assim como, a sociedade, a cultura, a economia, é um conceito abstrato, vivenciado por mediações. No caso da sociedade pode-se referir à luta de classes sociais no capitalismo, na cultura às etnias ou grupos, na economia às classes trabalhadoras assalariadas e os empresários para citar algumas dessas mediações. Na geografia, o espaço

³⁵ Todo e qualquer espaço constituído para uso do território coletivamente, que seja amplo para todos os grupos e pessoas da sociedade.

geográfico é vivenciado pelos lugares através do uso do território, sendo eles constituídos diariamente por todos, forçosamente!

Contudo, segundo a evolução do conceito de lugar na Geografia essa dimensão da realidade passa a desenvolver um papel fundamental no mundo do presente. Um papel mais claro e ativo.

Foi Aristóteles na Grécia antiga quem o descobriu. O lugar para o grande filósofo além de ser um conceito era uma categoria sobre a realidade. A sua definição encontra-se no dicionário de filosofia trazida por Abbagnano (2018: p. 729) que o aborda como sendo uma “*Situação de um corpo no espaço*”. Enquanto a outra abordagem, como o “*primeiro limite imóvel que encerra um corpo*”, ambas de Aristóteles. A segunda reflexão da filosofia moderna na qual o lugar é uma relação de um corpo com outro ou outros corpos, tendo influência da teoria da relatividade³⁶.

A palavra lugar no inglês é *place*, em francês *lieux*, em alemão *ort* e em italiano *luogo*. Mas sua etimologia está ligada ao latim, *locus*, portanto, local, situação. Na gramática brasileira a palavra lugar é um substantivo masculino, mas pode ser também um advérbio de lugar como localização. No dicionário de Português Aurélio (FERREIRA, 1975) o lugar possui 19 significados. Dentre as variedades dos significados a relação com sítio e com tempo são elucidadas³⁷.

Não é à toa que as definições de *sítio* e *situação*³⁸ são baluartes da antiga geografia urbana. De fato, a constituição dos lugares, eclode com a reunião de

³⁶ Essa questão do corpo atualmente é muito relevante. O uso do corpo, a corporeidade foi estudada por Michel Foucault e por Gilles Deleuze e Félix Guattari, por Sartre para citar alguns dos filósofos que inspiram e fundamentam este trabalho. Milton Santos também toca nesse tema do corpo na geografia. Pode-se estudar geograficamente o corpo a partir da constituição dos lugares. Uma vez que a etapa do sistema capitalista contemporâneo faz da exploração e controle corporal um de seus princípios básicos. A guerra da informação, o uso das redes sociais, é um controle do sistema na manipulação dos desejos. Voltar-se-á a discuti-la no decorrer da tese.

³⁷ “[Do ant. *Logar*] < lat. *Locale* (adj.), ‘local’ J.S. m. 1. Espaço ocupado; sítio [...] 2. Espaço [...] 3. Sítio ou ponto referido a um fato [...] 4. Espaço próprio para determinado fim [...] 5. Ponto de observação, posição, posto [...] 6. Esfera, roda, ambiente [...] 7. Povoação, localidade [...] 8. Região, país [...] 9. Posição, situação [...] 10. Classe, categoria, ordem [...] 11. Ocupação, emprego, função, cargo [...] 12. Acento marcado e determinado [...] 13. Posição determinada num conjunto, numa escala, numa série, numa colocação [...] 14. Oportunidade, ensejo, vez, ocasião [...] 15. Tempo, folga, vaga [...] 16. Direção, rumo, destino [...] 17. Trecho ou passagem de um livro, de uma obra [...] 18. Geom. Lugar geométrico [...]” p. 855

³⁸ George (1983).

fatos, objetos, intenções e todo um complexo numa dada localidade. A distinção é fundamental no mundo do presente por causa da complexidade da transformação do mundo e da conexão mundo-lugar (SOUZA, 1993). Essa condição da metamorfose do mundo, da urbanização, como se verá no capítulo seguinte, é o dado geográfico da separação entre local e lugar.

O conceito é *“todo o processo que possibilite a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis.”* (ABBAGNANO, 2018: p. 194). Ele tem caráter geral e se refere a qualquer aspecto da realidade seja abstrato ou concreto. Mas, o conceito é um signo dada a sua comunicabilidade de uma expressão do real, ou seja, sua função é a comunicação. O conceito tem uma natureza e uma função, sua natureza é a essência das coisas, sua função comunicar, ser um signo.

Na filosofia Kant dividiu os conceitos em puros ou categorias, portanto, filosoficamente conceitos também podem ser categorias, e os conceitos empíricos (compreendidos por sensações). *“A doutrina fundamental do kantismo é, precisamente, o caráter constitutivo dos conceitos puro, caráter no qual se funda o próprio caráter representativo dos conceitos empíricos.”* Quanto à natureza do conceito, na concepção do conceito como essência *“[...] para Hegel, assim como para Aristóteles, o conceito é a essência necessária da realidade, o que faz que ela não possa ser diferente do que é.”* Ainda quanto sua natureza o conceito é um signo que está em relação com o seu significado. E, segundo sua função, o conceito possui uma finalidade, se torna um instrumental (ABBAGNANO, 2018: p. 194).

Como mencionado, a primeira função do conceito é descrever os objetos e permitir seu reconhecimento, já a segunda tem caráter classificatório. Uma terceira função do conceito seria a de organizador, de maneira que se estabeleçam nexos lógicos, e é nessa função que as leis científicas criam os axiomas. A quarta função do conceito é a previsão. Os conceitos também podem ser constructos e assim entidades (ABBAGNANO, 2018).

Enquanto a categoria é *“qualquer noção que sirva como regra para a investigação ou para a sua expressão linguística em qualquer campo”* (ABBAGNANO, 2018: p. 139). Historicamente, um resumo da abordagem

filosófica das categorias são consideradas determinações da realidade. Platão as chamou de gêneros supremos e enumerou cinco delas: o ser, o movimento, o repouso, a identidade e a alteridade. Para Aristóteles as categorias são os predicados fundamentais das coisas, elencando dez: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e passividade. Para Kant correspondem e constituem a relação sujeito e objeto, e seriam a determinação do ser. Hegel segue a mesma compreensão kantiana, mas considera as determinações do ser como momentos, chamando de categoria apenas a consciência, o eu ou a razão. Enquanto Husserl aborda as categorias de modo objetivo, considerando-as regiões ontológicas. Para Aristóteles o lugar também é uma categoria. Mas como local ou localização. Contudo, geograficamente o lugar é um conceito e uma categoria.

Um dado que as categorias permitem é checar a veracidade dos discursos pela sondagem do ser (ABBAGNANO, 2018), por isso a defesa de que lugar além de conceito é uma categoria de análise simultaneamente.

O lugar como categoria tem a ver com a consciência do indivíduo. Porque como consciência é a própria realidade e sua experiência de mundo. Mas o indivíduo não existe sozinho, existe e vive sempre em relação ao outro. Como se discute nesta tese, a geografia estuda e se preocupa com os lugares.

Esses são os argumentos geográficos, isto é espaço-tempo, filosóficos e teóricos. No capítulo 3, será visto o fundamento da constituição dos lugares a partir dos seus elementos constituintes teóricos e empíricos.

O lugar como quinta dimensão do espaço é conceito e categoria. Mas, seu estudo é no plural, porque ele não se constitui no singular.

Na filosofia, em sua tradição, o lugar foi tratado como situacionista. Sua origem latina como *locus* determina essa compreensão. Mas conforme se discute neste trabalho isso se justifica segundo o processo histórico e civilizacional.

Já quando o lugar se dá no plural, os lugares, Aristóteles aborda como *“objetos dos raciocínios dialéticos e retóricos, argumentos comuns à ética, à política, à física e muitas outras disciplinas”*. São os chamados *lugares-comuns*. A distinção entre estes e os lugares-próprios ainda é importante. Porque os lugares-

comuns entraram na discussão da lógica e da ética, já os lugares próprios não podiam receber reflexões sobre ética dado seu caráter de próprios, sobretudo quando Kant generaliza o estudo da lógica pelos lugares (ABBAGNANO, 2018: 730). Mas os lugares próprios são localidades!

O Lugar na Geografia não teve uma reflexão e definição desde o princípio da ciência geográfica. Adotou-se sua proximidade com o local, e seu significado ficou sempre muito ligado à localização, à toponímia. Em George ([1970?³⁹]) aponta-se a origem do termo lugar ligado ao *habitat rural*, estudado por Demangeon. Destarte que lugar para esses geógrafos não era sinônimo de habitat, o desenvolvimento da noção de lugar é que está ligada ao habitat rural⁴⁰.

O avanço deste estudo sobre o lugar sugere que a confusão entre local e lugar se dava por causa do tempo. Literalmente eles se confundiam, por isso não era possível a identificação dessa distinção. Ainda que Aristóteles tenha chamado à atenção ou percebido uma dimensão do lugar como *limite que circunda o corpo*, sendo uma *realidade autônoma*, sua teoria do lugar o tratava como fixo ou imóvel (ABBAGNANO, 2018). A teoria da filosofia moderna traz o lugar como uma relação de um corpo com os outros.

A teoria de Descartes reduz o lugar e o espaço apenas à forma e ao tamanho (ABBAGNANO, 2018). Contudo, o lugar para a geografia vai além da relação objectual de Descartes ou relativa de Galileu embora a referência ao caráter relacional seja importante para o entendimento do lugar.

Voltando ao período em que o lugar era tratado pelos geógrafos como sendo o mesmo que local ou localidade, o tempo vivenciado pelos homens permitia uma pluralidade de cotidianos lentos, demorados e isolados, fazendo os geógrafos identificarem gêneros de vidas segundo cada técnica de transformação

³⁹ Sem definição de data da publicação no exemplar. Ainda segundo George ([1970?]) o problema que se colocava em sua preocupação era sobre a organização do espaço, surgindo o interesse pelo uso da ocupação do solo e a distribuição dos lugares habitados e suas diferenciações, ou mesmo o que o autor chamou de “forças de inércia” o fato de alguns habitat rurais não se alterarem e persistirem com suas heranças impondo freios ao desenvolvimento de novas formas de organização do espaço agrícola.

⁴⁰ É mister ressaltar que o termo *habitat* surgiu com o desenvolvimento da ecologia. Haeckel, professor de Ratzel e Élisée Reclus, é considerado o fundador da ciência ecológica (ANDRADE, 1987).

das paisagens pelos grupos. Entretanto, o lugar aparecia nos trabalhos geográficos como referência a localização, como nome, toponímia, ou topologia.

O cadinho geográfico

Na ciência geográfica a palavra lugar em seus primeiros compêndios e estudos segue ligada diretamente ao local. Para citar alguns estudiosos, o lugar se confunde com local ou localidade em Derruau (1977) e Demangeon (1952).

Para Sorre (1952: p. 5), o *habitat* dizia respeito aos estabelecimentos humanos, estudado a partir dos significados e traços da paisagem

O significado das características da paisagem humana foi progressivamente sendo aperfeiçoado. Chegou a hora de ter uma visão mais sintética partindo do estudo dos assentamentos humanos ou, como se diz hoje na França, do habitat⁴¹.

A organização do espaço era o método dos geógrafos da escola francesa para trabalhar com o conceito de *habitat rural*. Quando falavam em organização do espaço agrícola o método consistia em identificar a ocupação e distribuição dos *lugares habitados*. A diversidade das formas de ocupação das populações rurais em regiões próximas fez com que os geógrafos franceses subdividissem o habitat rural em duas formas distintas: o habitat agrupado e o habitat disperso. A diferenciação entre as duas formas de ocupação, inicialmente, estava ligada ao nível natural, ou seja, o primeiro ligado às terras com aptidões agrícolas diversificadas e o segundo voltado para as porções isoladas que estavam em vizinhança ou ao redor dos edifícios explorados (GEORGE, [1970?]).

A definição de habitat rural quer dizer porção do espaço agrícola habitado. Era o estudo do ordenamento do espaço habitado. Não é a mesma noção trabalhada pelos arquitetos ou urbanistas, pois não significa a parte

⁴¹ “La signification des traits du paysage humain s’est progressivement dégagée. L’heure est venue d’en prendre une vue plus synthétique en partant de l’étude des établissements humains ou, comme on dit aujourd’hui en France, de l’habitat” [Tradução da autora].

habitada do mundo, mas o modo de distribuição da habitação. Contudo, para os geógrafos franceses essa metodologia excluía a noção de habitação em si, pois sua preocupação era com a análise das aglomerações ou dispersão das casas rurais e a forma desses aglomerados, pela análise da estrutura das casas rurais (DERRUAU, 1977).

Assim, os geógrafos estavam preocupados com esse processo de constituição e complexidade que o meio técnico apresentava na época em que os grupos humanos que ocupavam e usavam as áreas agrícolas produziam paisagens próprias chamadas de *habitat rural*.

Essa ideia de habitat pode ser considerada o gérmen, o embrião do conceito de lugar. Não havia ainda condições para a diferenciação entre local e lugar. Mas os geógrafos clássicos não deixaram escapar a complexidade dos valiosos conceitos geográficos. Em ecologia, de onde o termo habitat se origina, não tem relação com localidade ou localização, mas seu uso diz respeito ao ambiente “natural” de vida de uma determinada espécie.

Derruau (1977) traz ainda a configuração do lugar ou a forma do lugar. A configuração do lugar se constituía a partir da forma: tipo de uso do terreno ou terra; terreno comunal, pastagem; tipo de economia; tipo de casa; tipo de disposição das casas; tipo de comunidade.

Para explicar as diferenças entre a dispersão dos diversos tipos de habitat rurais Demangeon (1952: p. 153) descreve as suas variadas causas, entre elas, de fatores do meio geográfico (da época) como a abundância ou escassez de água, as necessidades de defesa do grupo, o destino das terras exploradas e a influência das tradições étnicas. O apelo da força e da banalidade do lugar pode ser encontrado quando o referido geógrafo nos exorta com a poética da natureza “*Do mesmo modo nos países de rocha impermeáveis, onde a água aflora por toda parte, a ubiquidade da água traz consigo a ubiquidade do habitat*”⁴².

Souza (2006: p. 175) em sua revisitação sobre o conceito de lugar também o identifica como originário da concepção de habitat, mas aquela época

⁴² “*De même dans les pays de roches imperméables ou l'eau suint partout, l'ubiquité de l'eau entraîne l'ubiquité de l'habitat*” [tradução da autora].

ainda o colocava em ligeira confusão com o local quando o define: “*Um lugar é um espaço habitado ou habitável.*” Contudo, ela sabe que o lugar é um espaço que acontece solidariamente, uma vivência, uma prática e uma ação, pois na mesma reflexão adverte: “*Retomemos a proposição de que a presença e a coexistência são os fundamentos do acontecer solidário, isto é, dos lugares* (SOUZA, 2006: p. 175).”

Essas primeiras noções e métodos são a base da evolução do lugar. Estudar Geografia é demonstrar a história dos objetos, não os objetos em si, mas o sistema de objetos indissociavelmente vinculados ao sistema de ações. Essa relação que os homens possuem com os objetos só existe a partir dessas mediações. A constituição do meio e a produção das suas paisagens é a sua linguagem, uma de suas ferramentas de trabalho científico. Lembre-se que objetos para a geografia não são passivos, ao contrário, são ativos em sua essência.

A técnica como categoria externa ao espaço geográfico é fundamental para a produção das paisagens. Ortega y Gasset (1961 [1939]) ensina que a técnica é a reforma da natureza para satisfazer às necessidades do homem, na busca pela anulação das necessidades. Quando os geógrafos antigos estudavam as paisagens era possível identificar os vários estágios técnicos de cada grupo humano ou social pela produção das paisagens, ou seja, pelas intervenções técnicas de cada grupo. A ação do homem estava cada vez mais ligada à transformação das paisagens e ao enfrentamento do meio natural, pois adaptar-se ao meio era uma submissão à natureza, e quanto menos adaptado ao meio menos submisso era o homem à natureza (GEORGE, 1970?). Por isso Santos (2009 [1996]) afirma que a própria técnica é um meio.

Mas o lugar na ciência geográfica era abordado como um termo, uma palavra e não um conceito ou categoria. Sem aprofundar aqui a epistemologia da ciência geográfica, seu objeto de estudo nunca foi discutido com fôlego ou até a exaustão antes da Geografia Nova de Milton Santos em 1979. Nos tratados de geografia, em suas obras originárias, levantava-se como objeto às paisagens ou

mesmo como sendo uma ciência que estuda os lugares (LA BLACHE, 1982)⁴³. Mas o lugar no sentido lablachiano era uma localidade.

A geografia como ciência, iniciou seu trabalho descrevendo paisagens, explicando a dispersão dos homens no planeta e suas áreas ocupadas, como exibido no início desse capítulo. Essa prática é importante para o que seja a tradição geográfica e sua preocupação com o todo. Ainda não se entrará no mérito da totalidade. A abordagem geográfica deixa de ser generalista para ingressar no tempo presente com o método totalizante na proposta de Milton Santos.

Mesmo em proposição mais ousadas como o caso da proposta de La Blache (1982), referida anteriormente, para ele o lugar era uma referência como local. Pois, ele não define o que seja o estudo dos lugares. Os geógrafos sempre lidaram com o lugar como a localização dos grupos, das paisagens e dos processos; mesmo quando a perspectiva foi do estudo dos complexos, como o meio geográfico na proposta de Sorre, ou dos gêneros de vida no método de Lablache, ou no entendimento do espaço vital de Ratzel.

Verdade que depois de La Blache (1982), com essa proposição da geografia como ciência que estudaria os lugares, eles surgem como preocupação na teoria dos lugares centrais de Christaller (1981), contudo, sem um esforço teórico e prático em demonstrar o que é o lugar, e ainda tratando-o como local.

Milton Santos em 1979 propõe uma *Geografia Nova*, começando a se dedicar na elaboração de uma teoria e um método geográficos, nesse livro, que faz uma crítica sobre a evolução do pensamento geográfico, o grande geógrafo do século XXI ainda não enxerga o lugar de modo diferenciado.

Em suas obras o *Espaço e Método*, e *Metamorfoses do Espaço Habitado* o lugar ainda permanece como local. Embora, a preocupação do autor definisse o lugar como sinônimo da região. Milton Santos trata o lugar sempre próximo à região, como se fossem sinônimos. A definição do lugar e da região é a mesma,

⁴³ “A geografia é a ciência dos lugares e não dos homens;[...] (LA BLACHE, 1982: p. 47)”. Embora Dollfus (1975) tenha estudado os aspectos do espaço geográfico, sua reflexão não trouxe um estatuto teórico-epistemológico como as obras de Santos (2008 [1978]; 2009 [1994]). Dollfus (1975) não reflete o espaço geográfico como objeto da geografia, mas prossegue no método geográfico da geografia francesa.

segundo o autor como sendo subespaços do acontecer solidário, podendo ser acontecer homólogos, complementares, ou hierárquicos.

Milton Santos ensina em *A Natureza do Espaço* (2009 [1996]) o exercício da evolução do pensamento científico quando o mesmo se inspira em Jean Brunhes no esforço de definição da geografia. Santos (2009 [1996]) segue o mestre e explicita seus equívocos e esforços primeiros tratando de aprimorá-los nessa obra. Igualmente, seguindo os mestres tenta-se avançar nessa definição do que é o lugar.

É Souza (2005; 2006; 2010b) quem vai ajustar a definição de lugar como o espaço do acontecer solidário e defendê-lo em sua obra. A região merece o mesmo enfrentamento, que por sua vez não podem ser a mesma coisa⁴⁴. Lugar e região não são os mesmos aspectos, dimensões, manifestações ou expressões do espaço geográfico, não podendo ter a mesma definição, pois são realidades diferentes.

Lugar não é o mesmo que região e tão pouco são sinônimos, pois a região não é dimensão. O próprio Milton Santos (2009 [1996]: p. 59) deixa um legado de inspirações e indicações da força do lugar quando diz que o lugar é um **tempo espacial do cotidiano**, é o “*outro do espaço*”. Por isso se defende que o lugar é a alteridade do espaço geográfico, se expressando como ação, ação do homem como desejava Pierre George, o lugar é a comunicação, porque ação, tempo espacial do cotidiano.

Além disso, estudar o lugar pelo método totalizante é compreender sobre o sistema-mundo proposto por Braudel (*apud* SANTOS 2009 [1996]), que caminha próximo à ideia de totalidade-mundo.

⁴⁴ O termo Coisa em filosofia diz respeito à proximidade, a coisificação que reúne, comunga numa unidade as diferenças. A coisificação faz perdurar a quadratura (céu, terra, mortais e imortais). “*A coisa leva a quadratura a perdurar. A coisa coisifica o mundo, no sentido de concentrar, numa simplicidade dinâmica, as diferenças*” (HEIDEGGER, 2008 [1954]: p. 158). A coisa chega pela passagem de pensamento na busca pelo sentido. Mas, não é uma simples troca. A coisa chega quando “[...] *mundo se mundaniza, como mundo, é que se aparta o nó de luta, onde o nó terra e céu, mortais e imortais se conquista pela luta de sua simplicidade.*” (HEIDEGGER, 2008 [1954]: p. 159).

A grande preocupação da geografia do presente é com a totalidade-mundo. Esse é o mote. A geografia não abandona sua tradição generalista, apenas se sofisticada com a complexidade que se tornou o mundo.

Adota-se a precisão que Souza (2005: p. 190) faz na definição do lugar como o “*espaço do acontecer solidário*”, porque como já foi mencionando Santos (2009 [1996]) define o lugar e a região como subespaços do acontecer solidário. A região deve possuir outra definição. A região poderá ser identificada ou até definida pelos acontecimentos homólogos ou complementares. Um exemplo é a rua 25 de março na cidade de São Paulo. Os processos e eventos que se desenvolvem como atividades coesas definiram uma região, as atividades que caracterizam a rua 25 de março extrapolam a rua em si. São acontecimentos homólogos entre outras ruas, mas é comum falar de uma rua perpendicular, por exemplo como 25 de março.

Mas o que é o espaço do acontecer solidário? O que é o lugar nessa contemporaneidade? Santos (2009 [1996]) afirma ainda que o lugar é a quinta dimensão do espaço geográfico, o que isso significa?

Como quinta dimensão do espaço geográfico, o lugar, se realiza em sua constituição instantaneamente, sempre presente e sua duração dependerá do processo que o constitui. A manutenção da constituição dos lugares pode se dar segundo os processos ligados ao seu conteúdo, à sua qualidade e aos seus atributos que podem repercutir em repetições. Como espaço do acontecer solidário, se origina, se realiza e se consome sempre no tempo presente. Ver-se-á que as repetições são passíveis de serem registradas ou mensuradas devido ao caráter das relações e dos atributos da constituição dos lugares.

Antes de se mencionar por que o Lugar se constitui, é mister esclarecer que ele nunca se realiza sozinho, isolado ou no singular. Na realidade, ao se realizar, ao acontecer, o Lugar é sempre “lugares”. Dentre outras coisas, essa é mais uma genialidade da obra proposta por Milton Santos.

Na filosofia a discussão entre ser e aparecer no mundo nos remete à expressão dos lugares sempre no plural. Isso porque nada que exista o faz isolado, o fato de existir supõe um expectador que note sua existência. Assim

atesta Arendt (2018 [1978]: p. 35) “*A pluralidade é a lei da Terra*”⁴⁵. Em suas palavras, “[...] *nada do que é, à medida que aparece, existe no singular; tudo que é, é próprio para ser percebido por alguém. Não o Homem, mas os homens é que habitam este planeta.*”

Esse princípio filosófico do estar entre outros devendo nossa existência ao observar dos outros, ou melhor, de *ser e aparecer*⁴⁶ coincidirem, isso é fundamental para se chegar à ideia do Lugar e da constituição dos lugares. Quando se estuda o conceito e categoria refere-se no singular, o Lugar, mas a sua mensuração ou abordagem na observação de sua constituição somente na pluralidade, assim **os lugares**.

A Geografia surge como uma ciência generalizadora, e essa sua tradição legou um instrumental sobre o estudo das coletividades humanas. Essa herança não pode ser eliminada sob pena de se perder a identidade científica, e com isso, o dado da realidade que se estuda na chamada divisão do trabalho científico. É uma ciência que se preocupa com o coletivo, nasceu por observar os homens em grupos e tentar compreender as diferenciações das paisagens. Essa sua tradição é seu espírito.

A filósofa Arendt (2018 [1958]) ao demonstrar o aprisionamento do homem à Terra como uma quintessência da condição humana oferece uma lei filosófica e poética como fundamento para a compreensão do meio. O espaço geográfico é essa transformação da Terra em mundo pelos humanos. A discussão do meio técnico-científico-informacional é imprescindível para a constituição dos lugares, e, será visto no decorrer desta tese o porquê.

Para se exibir o estudo do lugar, este capítulo se fundamenta em seus princípios filosóficos e espaciais. Os princípios econômicos, sociais e políticos serão vistos nos capítulos 3, 4, 6, 10 e 12.

⁴⁵ Toda e qualquer matéria, seja viva ou morta, artificial ou natural, mutável ou imutável dependem em seu ser da existência de seres vivos que as notem.

⁴⁶ “*Aparecer significa sempre parecer para outros, e esse parecer varia de acordo com o ponto de vista e com a perspectiva dos espectadores.*” (ARENDT, 2018 [1978], p. 37). “[...] *a comum compreensão filosófica do Ser como fundamento da Aparência é verdadeira para o fenômeno da Vida; mas o mesmo não pode ser dito sobre a comparação valorativa Ser versus Aparência que está no fundo de todas as teorias dos dois mundos.*” (ARENDT, 2018 [1978], p. 59 [grifo no original]).

*****O lugar como alteridade do espaço geográfico*****

Santos (2008 [1979]), em um estudo de fôlego e envergadura legou à Geografia uma estrutura epistemologia pioneira. Os geógrafos do mundo em seus trabalhos enunciam um objeto geográfico isolado e por vezes com métodos e metodologias mais arquitetadas, elaboradas, refinadas, mas sem um edifício de conceitos e categorias amplamente definidos. O esforço de Milton Santos é pioneiro.

O lugar é um agente fundamental no estudo e diálogo da geografia com outras disciplinas do saber e com a realidade. Considera-se o lugar como a alteridade do espaço geográfico dado o seu caráter de dimensão do espaço geográfico, pelo qual permite os indivíduos vivenciarem o cotidiano. Pela origem do lugar como habitat também repercute em considerá-lo como *ethos* do espaço, ou seja, um hábito e o entendimento de que seja uma alteridade do espaço geográfico, e por causa disso uma prática a partir da sua constituição os seus sujeitos poderão conceber uma consciência e uma ética, é o que Milton Santos falava no sentido do lugar, seria uma nova constituição de lugares.

O Mapa 01, a seguir, traz a empiricização de um dos dados que possibilitam a conexão global-local e, assim, a possibilidade da realização mundo-lugar, ou LUGAR-MUNDO como se defende nesta tese.

Mapa 01 – MAPA MUNDI: Percentual por País da População de usuários da Internet. 2019.

Por causa da conexão global-local, as conexões geográficas (SOUZA, 1993) se anuncia a operacionalização da dimensão do lugar que permite as pessoas usarem o território a partir do meio técnico-científico-informacional. E, por esse motivo, mostra-se como o dado do acesso à internet se apresenta atualmente, conforme o Mapa acima. A internet é uma ferramenta que permite a produção e circulação de informações, se configurando num dado importante sobre a sofisticação das densidades do meio técnico-científico-informacional.

A transformação do mundo impede que tratemos o lugar reduzindo-o a local, ou a toponímia ou a forma ou palco. Trata-se de uma nuance fundamental. A Geografia, assim como a Filosofia ou a História, possui uma preocupação com o mundo, e o têm em sua análise. Mas, para a Geografia, o mundo deve ser estudado a partir das técnicas. Daí por que a proposta de Milton Santos (1985: p. 13) sobre a Geografia ser uma *filosofia das técnicas*⁴⁷. “Dizer que a partir das técnicas e seu uso o geógrafo deve filosofar não equivale, porém, a dizer que tudo depende da tecnologia [...].”

O processo de urbanização foi em demasia estudado a partir da expressão do número de habitantes residentes em cidades ou nas áreas agrícolas. Era um dado que tornava evidente que a densidade dos objetos concentrava população nas cidades, mas também tinha a ver com o modo de vida operante do capitalismo. Na contemporaneidade o dado que se apresenta imperativo é o acesso à internet, a posse do celular ou computadores para a conexão virtual do mundo.

A imagem formada pelo Mapa 01 não diz respeito ao mundo luminoso ou ao mundo opaco. Superficialmente, pode-se ter essa compreensão. Mas o acesso à internet está muito ligado às grandes empresas ou corporações. Um novo mapa do mundo se constitui.

É possível observar uma primeira obviedade em países que tiveram regime socialista fechado, como a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a China e Cuba é o controle do acesso à internet. Esses países

⁴⁷ A reflexão sobre a questão do lugar fez com que Santos (1985: p. 13) defendesse a Geografia como uma *filosofia das técnicas*.

possuem políticas definidas nesse sentido. Trata-se de uma questão de estratégia de defesa e ataque.

A Antártica possui 100% de usuários de internet devido a sua ocupação e exploração pela ciência e pelos países que lá estão desenvolvendo pesquisa.

O império norte-americano tem uma ligação direta com a expansão das ferramentas de internet. Mas, um dado severo é sobre o continente africano, tão brutalmente explorado em partilhas arbitrárias imperialistas, mas pouco inserido nessa disputa global.

Algo muito interessante e que precisa ser discutido é como o avanço dessas tecnologias pode contribuir para o processo civilizatório?

A técnica como categoria externa é um dos pilares para a compreensão da constituição do espaço geográfico. São elas, que permitem constituir um meio, sem o qual não se existe. Ser humano é negar a natureza primeira⁴⁸, é transformar o planeta e constituir um mundo.

A sequência de mapas exposta por Castells (2000), que em seu livro consultado corresponde às pág. 370 a 374, mostra o início da internet que em 1994 sua restrição correspondia aos países do império da globalização, aos seus inventores. Depois em sua sequência de mapas o número de computadores e o acesso à internet mesmo com o decorrer dos anos o continente africano quase não apareceu.

O Gráfico 01, abaixo, resultado da pesquisa e trabalho de campo, agrega elementos a essa reflexão, mostrando o acesso à internet pelos entrevistados. É um gráfico geral, com todos os instrumentos e experimentos que trataram do LUGAR-MUNDO⁴⁹.

⁴⁸ É a natureza original, sem ter sido transformada ou modificada pela ação do homem.

⁴⁹ Realiza-se um experimento e dada à complexidade do estudo sobre os lugares é apenas indicado como ferramenta técnica para o início das elaborações instrumentais sobre a mensuração e qualificação da constituição dos lugares. Foram 34 entrevistados dentre os dois tipos de questionários (Vide apêndices 1,2 e 4).

Fonte⁵⁰: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Realizou-se também um experimento virtual que será exposto no capítulo 11. Mas tanto o experimento virtual como os trabalhos de campo constata a total imersão dos sujeitos na conexão com a internet. Quando o entrevistado mencionava não saber mensurar é por estar completamente imerso na relação com a internet em seu cotidiano, e com isso na constituição dos lugares.

Para correlacionar eventuais erros de interpretação do entrevistado, o Gráfico 02 mostra quantas horas por dia à pessoa entrevistada consome de internet.

A montagem dos questionários elaborou questões confrontantes para verificação ou da falta de cognição e entendimento das questões ou mentiras em informações. É notório em alguns questionários mentiras sobre informações, sobretudo no tocante ao rendimento⁵¹. São as estratégias de defesas dos lugares diante sua concepção de mundo, do seu LUGAR-MUNDO.

⁵⁰ Para maiores informações consultar Apêndices (a partir da pág. 457) e verificar os questionários. Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 01: Quantas vezes ao dia consulta à internet?

⁵¹ Pessoas entrevistadas que alegavam não ter rendimento algum ou ganho restrito falavam abertamente sobre consumo com a internet ou até mesmo possuir e trafegar de posse de automóvel.

Fonte⁵²: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

A internet virou um dado da contemporaneidade, e mesmo em países que controlam o seu uso ela se insere no cotidiano, influenciando a constituição dos lugares. Por isso indaga-se quais temas são os assuntos mais inqueridos na consulta à internet pelas pessoas pesquisadas, como demonstrará o Gráfico 03 a seguir.

Tanto as notícias, as informações instrutivas, como lazer, ou mesmo dados do cotidiano, como locomoção, pesquisar endereços e localizações, fazem parte do cotidiano das pessoas, que cada vez mais usam o meio virtual da internet para constituir lugares diariamente.

É imperioso o hábito de consultar a internet para qualquer assunto ou necessidade, para aqueles sujeitos que possuem meios e recursos ou que conseguem usar esse meio virtual. Ver-se-á mais sobre essa discussão no decorrer da tese. Por se tratar de um hábito atual, o uso da internet se configura na constituição de lugares virtuais⁵³, diariamente, pelos indivíduos.

⁵² Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 03: Quantas horas por dia passa conectado à internet?

⁵³ Os lugares virtuais são aqueles espaços do acontecer solidário constituídos na realidade virtual ou no espaço virtual. Estudar os lugares ou sua constituição refere-se à informação ou como Flusser (2017) entende por informar como impor forma à matéria, contudo ele ainda ressalta que as informações novas da realidade virtual são imateriais. Lembrar que esse termo apareceu em Mocellin

Fonte⁵⁴: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O avanço do capitalismo, o avanço da técnica e das tecnologias, permitiram não apenas à chamada *globalização*⁵⁵ e o período e meio técnico-científico-informacional em que se vive, mas à complexidade da urbanização e do mundo. A realidade mudou e, assim, as ciências devem acompanhar sua dinâmica. A Geografia exhibe sua leitura do mundo do presente.

Embora as palavras possuam sentido devido ao signo correspondente à realidade de seus objetos ou existências, a palavra lugar poderá ser empregada de diversas maneiras e sentidos. No senso comum, como já foi visto, é banal seu

(2009), mas com outra noção e entendimento. Nesta tese lugar virtual é um conceito novo. Vide nota de rodapé 57.

⁵⁴ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 02: Dentre as vezes que consulta à internet sobre quais temas ou assuntos mais acessa?

⁵⁵ “A *globalização* é [...] o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (SANTOS, 2011 [2000]: p. 23).”

emprego como localidade, como posse ou uso de um objeto, tanto o lugar como o espaço são termos utilizados de maneira simplificada.

O lugar enquanto conceito e categoria da Geografia se define como uma dimensão da realidade fundamental para a compreensão não apenas do mundo do presente, mas o acompanhamento do futuro, é pelos lugares que se pode vislumbrar o novo período histórico que se inicia.

O estudo da realidade pela semiótica⁵⁶ também contribui para a compreensão do lugar. Sua contribuição esclarecerá os conteúdos da percepção que os sujeitos, por meio da constituição de seus lugares, vão percebendo através da leitura das paisagens.

Foi trazido no início (no item sobre o cadinho geográfico a partir da página 63) a instância do tempo como o motor para a diferenciação do lugar e local, na contemporaneidade espaço-tempo. Outrora, era o tempo quem permitia a simbiose do lugar com o local. Com as revoluções técnicas o tempo se funde ao espaço e o lugar se liberta e se descola do local. A técnica como uma categoria externa do espaço geográfico tem um papel também central para a compreensão dos lugares. É por meio dela que o mundo tornou-se possível de simultaneidade. Por isso a denominação LUGAR-MUNDO.

Há a categoria do Mundo-Lugar, e foi invertida a ordem porque não é mais o mundo que chega aos lugares apenas, mas, os lugares acessam o mundo; e quem sabe transformam o mundo. Essa paridade permite a produção de uma nova racionalidade, um novo mundo.

O mundo é uma abstração, assim como o espaço geográfico, e são sinônimos, são uma totalidade em movimento, se metamorfoseando. Na realidade de cada país o mundo se dá por meio de suas formações socioespaciais constituindo o território usado pela sociedade. É esse o contexto que conecta o mundo e os lugares (SOUZA, 1993).

⁵⁶ Não se considera a semiótica como semiosfera. Porque a assertiva deriva da ideia que Pierce (2017 [1931]) de que em sentido geral a semiótica é uma lógica. Ou como diz Santaella (2004) a semiótica é o estudo dos signos, da linguagem. Sendo no campo dos signos ela compõe a psicosfera e não se caracteriza como uma esfera a parte. Pois, a compreensão semiótica das coisas está na leitura instantânea da paisagem. Por isso diverge-se de Ferrara (2007) no tocante à semiosfera.

Contudo, os lugares vivenciados ou constituídos no Brasil são de um jeito, e os lugares vividos e constituídos em outros países são de outro, ainda que sejam brasileiros vivendo ou visitando outros países. Mas não se entrará no mérito da discussão dos migrantes ou imigrantes. Talvez no início de sua vivência em outras localidades e suas formações socioespaciais os migrantes ou imigrantes guardem a memória de seus costumes, mas por estarem noutra realidade constituem lugares novos.

Entrar-se numa dificuldade epistemológica para a geografia e sua evolução. O lugar é uma dimensão do espaço. Sendo assim, é sempre presente, é sempre um espaço do acontecer solidário. Por isso que por mais que um migrante traga consigo a acumulação dos tempos (lembranças e signos das paisagens) e sua tradição da sua formação socioespacial (ainda que dentro do próprio país, e por isso regionais) ele vivenciará lugares novos e outros⁵⁷. Por isso não há desterritorialização na geografia. É impossível um geógrafo negar os lugares! A desterritorialização poderá ser real para outras ciências em outros níveis de análise, contudo, com muito cuidado. Mas para a geografia jamais, é um equívoco epistemológico. Ainda que seus métodos, metodologias e teorias sejam distintos os geógrafos não podem negar sua realidade, pois assim fazendo estão a negar a Geografia!

Os lugares trazem esse novo repertório e fôlego para os geógrafos. Antes de se entrar na dinâmica dos lugares, um método para compreensão desse conceito tão vigoroso para o enfrentamento dos dramas e tramas do mundo aprofundar-se-á a evolução da urbanização e do meio técnico-científico-informacional. É fundamental para o estudo dos lugares demonstrar sua ligação com a categoria mundo.

⁵⁷ Por isso esta tese diverge da interpretação do não-lugar. Negar o lugar é negar a geografia. Nesse sentido, a reflexão de Yi-Fu Tuan sobre o não-lugar (Topofilia) não entre na revisão do estado da arte. Uma análise sobre os lugares virtuais foi encontrada na sociologia política. Mas segue a linha do não-lugar, o que diverge da proposição desta tese. Mesmo trabalhando com a virtualidade e os lugares virtuais a perspectiva do autor é diferente da abordada ineditamente nesta tese, pois o lugar na abordagem aqui defendida é uma dimensão espacial do cotidiano, um tempo espacial, uma ação, ou seja, não é perceptiva. A ideia de lugar tradicional, não-lugar e lugar virtual encontrada nesse texto (MOCELLIN, Alan Delazeri. Lugares, não-lugares, lugares virtuais, **Em Tese**, v.6, n.3, jan./jul. de 2009. p. 77-111) é diferente pois foi utilizada como termo o que aqui é defendido como conceito novo e categoria de análise, embora a noção de virtualidade ou realidade virtual sejam a mesma. Esse autor deixa escapar a noção de lugar em geografia, ficando apenas na ciência política e social.

*****O estado da arte sobre o lugar*****

Até mesmo trabalhos que se dedicaram em abordar ou enfrentar o desafio teórico-metodológico da Geografia Nova e se depararam com o termo do lugar, não conseguiram exibir a sua constituição e sua definição como o conceito de *espaço do acontecer solidário*. E quando exercitaram não conseguiram diferenciá-lo de região, ou mesmo de local.

Portanto, o estudo do lugar encarando a proposição de Milton Santos é pioneiro. Esforços foram produzidos mais conscientes, como Alves (2017), Dias (2017), Carloto (2014) e Novaes (2012). Mas nenhum enfrentou o desafio do lugar tal qual a definição do professor.

Carloto (2014) discutiu a federação brasileira problematizando os pactos territoriais do federalismo e as desigualdades socioespaciais, trazendo com isso uma rica contribuição e abordagem sobre a federação dos lugares. Uma ideia promissora!

Outra perspectiva que estudou uma abordagem sobre o lugar na teoria da Geografia Renovada foi Novaes (2012), mas sua tese discorria sobre a participação no planejamento, ainda timidamente não avança com a ideia do lugar.

Dentre todos os trabalhos citados acima, Dias (2017) se dedica de maneira mais sistemática sobre o lugar. Porém, apesar de seus esforços não consegue desenvolvê-lo de maneira orgânica ou operacional. Causa estranheza, por exemplo, que o lugar não apareça com destaque no título do seu trabalho. O instrumental utilizado parece transitar entre a Geografia Clássica e a Geografia Nova, em uma simbiose nociva.

Ainda que Dias (2017) tenha se esforçado no estudo sobre o lugar a partir da definição de Santos (2009 [1996]) e Souza (2005) seu método foi construído usando o local e lugar como sinônimos. Exemplificando, é equivocado falar em um bairro fora do lugar e se referir ao bairro como lugar. Pois como dimensão o

lugar está relacionado às pessoas e suas vivências, é o *espaço do acontecer solidário*.

No trabalho de Alves (2017) o lugar não é a dimensão a qual se ocupa em investigar. Mas o avanço com a discussão do patrimônio pelas rugosidades é digno de nota. É um estudo mais sobre as paisagens e a formação socioespacial brasileira. A paisagem possui um valor inestimável para a geografia, seu grande laboratório.

Tozi (2012) estudou a pirataria, geograficamente, trazendo a abordagem da característica do mundo pobre denominada por Milton Santos como a flexibilidade tropical. Essa contradição do sistema capitalista também contribui para o limiar do Período Popular da História. São os usos do território pelos lugares como resistência que tornam a disseminação da informação um elemento de solidariedade orgânica: a generosidade humana.

Um trabalho pioneiro sobre o estudo das resistências foi desenvolvido por Gomes (2008). Não se tratava do estudo do lugar, especificamente, seu método se deu segundo o uso do território.

Mais recentemente, na Geografia, o debate das resistências, não a partir do conceito de lugar, foi desenvolvido por Raimundo (2017). Contudo, o método de seu trabalho concebeu o território como palco, o território foi referenciado em seu título, mas o território em si. Segundo sua leitura, as resistências repercutem nos coletivos urbanos da periferia, o que revela em sua interpretação um descolamento entre o território como palco e os grupos ou movimentos sociais da cidade. Em seu trabalho de campo houve o esforço de acompanhar o coletivo⁵⁸ Alma na zona leste de São Paulo, mas em sua abordagem, na prática dos coletivos o território foi apenas mencionado como referência de localização, seu texto discursa também sobre o direito a cidade. Diverge-se da interpretação da referida autora e o porquê é demonstrado no decorrer desta tese. Os coletivos não estão disputando o direito à cidade tal como defende Raimundo (2017).

⁵⁸ Coletivo são as expressões de movimentos sociais orgânicos da periferia de São Paulo. Essa ideia de coletivo é a expressão que uma organização de grupos, uma visão do espaço público pode ser praticada numa visão coletiva.

Com a evolução do conceito de território para o território usado proposto por Santos (2000) no que diz respeito aos estudos geográfico, uma vez que a discussão e a noção de território não são originárias na geografia e sim na geopolítica se reforça a abordagem geográfica sobre o meio técnico-científico-informacional.

Raimundo (2017) se interessa pela lei de fomento à cultura elaborada pela prefeitura de São Paulo, mas se atém ao debate do que chama de políticas públicas. As políticas têm sujeitos e nascem do espaço público. O debate atual é sobre a definição de espaço público e privado, na era da *hiperespetacularização*. (LIPOVETSKY; SERROY, 2015).

Dassoler (2011) avança um pouco mais do que Raimundo (2017) ao mencionar a dimensão territorial como abordagem para os coletivos de arte na periferia de São Paulo. Ainda que Raimundo (2017) nomeie o território, a geografia não trabalha com o território em si, mas com o uso do território, o território usado. Dassoler (2011) traz uma tímida sofisticação ao citar a dimensão. Mas não consegue enxergar os lugares a partir das ações dos coletivos de arte. São constituição de lugares como resistência.

Contudo, Dassoler (2011) discute a constituição dos coletivos de arte na periferia de São Paulo como uma contrarracionalidade aos usos do território na era da globalização.

O trabalho de tese de Kahil (1997), sobre a urbanidade no município de Holambra-SP, é um exemplo desse processo da escola científica, pois naquele contexto se enxergava como o mundo se incorporara aos lugares, embora na tese defendida a ideia de lugar estava ainda ligada ao local.

Queiroga (2002) abordou a megalópole e a praça sobre os espaços públicos chamando a atenção para a teoria do agir comunicativo de Habermas. Mesmo tratando lugar como local corrobora para reflexões sobre a comunicação que auxiliará o aprofundamento da discussão do lugar.

Em Silva (2001) as evidências das transformações aceleradas do mundo e as metamorfoses da metrópole paulistana. Fica claro na pesquisa que a informação é o agente desse processo.

Já em Gomes (2001) apesar do termo remodelação do território ser equivocado, o estudo da informação e telecomunicações foi o foco da pesquisa de tese.

Esses trabalhos sobre a informação são importantes porque são dados valiosos e agentes da dinâmica dos lugares. O que é a dinâmica dos lugares será visto no capítulo 3.

David (2016) utiliza a não distinção de Santos (2009 [1966]) entre a região e o lugar, confundindo com isso os acontecimentos que constituem regiões e a dimensão do lugar. Os acontecimentos que permitem identificar regiões não são efêmeros como o acontecer que constitui lugares. O acontecer solidário constitui lugares, os acontecimentos homólogos, complementares podem constituir regiões. O acontecer hierárquico em verdade é a conexão geográfica (SOUZA, 1993), ele liquida com as antigas regiões ou redes.

Ainda que David (2016) traga um esforço na demonstração do cotidiano compartilhado, a não distinção entre lugar e região compromete a operacionalização e entendimento da realidade. A relação entre os circuitos da economia urbana pode constituir regiões, mas são os sujeitos a partir da constituição dos lugares que vivenciam essas regiões. Outrossim, não fica claro se os lugares são considerados como localidades ou como dimensão. A dinâmica dos lugares exibiria com precisão. Contudo se o foco é a regionalização nos usos dos equipamentos de saúde pelo que se entende sobre os circuitos espaciais⁵⁹ a região é o conceito e categoria mais adequada para expressar os usos do território.

Castillo; Toledo Jr. e Andrade (1997) exibiram a discussão das solidariedades na geografia, refletindo sobre a questão da solidariedade orgânica, organizacional e institucional. Defenderam, ainda que, a região seria fundada a partir da solidariedade organizacional, isto é, da lógica das empresas ou organizações. Quanto ao acontecer institucional a discussão desse ensaio acima referido se dedicou ao estudo da guerra fiscal, bem em evidência naquela época.

⁵⁹ Têm-se objeções a teoria dos circuitos de economia urbana. Para se abordar a totalidade atualmente se prefere a abordagem dos circuitos espaciais de produção.

Entretanto, esta tese a qual se defende não explorará essa discussão sobre as distinções entre a região e o lugar e por quais acontecimentos se diferenciam. Em verdade, se defende que não é pelas solidariedades que se regionalizará na práxis da Geografia Renovada. O que se registra aqui é a discordância quanto tratar a região e o lugar com a mesma definição. Faz-se necessário mencionar que o método para a identificação ou delimitação das regiões deve ser outro diferente do método para o estudo dos lugares. Adotando a definição de lugar como espaço do acontecer solidário abordar as solidariedades, mesmo mecânicas, organizacionais ou institucionais é tangenciar a dinâmica dos lugares. Conforme já anunciando, neste capítulo, a região carece do mesmo enfrentamento que esta tese se dedica.

Por tudo isso, impossível nominar ou adjetivar os lugares. Eles são, se dão, se constituem e se realizam sempre no presente. As qualificações dos lugares podem ser feitas como complemento ou intencionalidades, tal como a dinâmica dos lugares se constituindo como resistência às desigualdades socioespaciais. Mas há aqueles também que se constituem em resistência às mudanças sociais, como por exemplo, as manifestações em favor do conservadorismo ou até mesmo de ideologias retrógradas defendidas pelo governo federal na gestão atual. Esses são os lugares contrarresistentes.

Falar de LUGAR-MUNDO é colocar o lugar recebendo o mundo instantaneamente. Ainda há filtros, ainda há manipulação e domínio das mídias e das informações. Mas, a realidade do presente grita sobre a dispersão e difusão da informação, sendo essa uma contradição do próprio domínio do meio técnico-científico-informacional pelo sistema capitalista, como será visto posteriormente.

Não se menciona estudos estrangeiros, primeiro porque a geografia estrangeira ainda nem absorveu à teoria do Professor Milton Santos, segundo porque em decorrência disso os trabalhos de estrangeiros, não de brasileiros que citam o prof. Milton no estrangeiro, não enfrentam o conceito e categoria de lugar, ou seja, lidam com o lugar como local.

Depois de Smith (1979) quando menciona o trabalho de Milton Santos entre um dos pioneiros ao falar sobre as cidades do terceiro mundo, nenhum

geógrafo da tida visibilidade internacional cita ou menciona as teorias do mundo do sul⁶⁰.

Para estuda o LUGAR-MUNDO traz-se duas variáveis – a modernização e a urbanização – para dialogar com o meio técnico-científico-informacional.

A tese aqui defendida é: o lugar é ação. O lugar é o tempo espacial do cotidiano. Por isso se afirma que sem o lugar não há política, porque **o lugar é a dimensão da política**. Sem a compreensão do lugar, da dinâmica dos lugares é muito difícil traçar estratégias e elaborar políticas para o presente do mundo.

O lugar é ainda mais avassalador como conceito, pois dimensão que se expressa e constitui na realidade e categoria de análise que prever e auxilia e se torna lentes para o seu estudo. Acompanhar a dinâmica dos lugares é possível saber sobre o presente, exibir processos que estão sendo praticados e antevê-los. Têm-se ainda o poderoso método, pois somente a partir do estudo da dinâmica dos lugares projeta-se o *futuro como âncora* (como será estudado na terceira parte).

O próximo capítulo traz a passagem da geografia urbana ou da geografia do século XX para a teoria do lugar, isto é, para a teoria da geografia do século XXI, qual seja, o paradigma do lugar proposto por Santos (2009 [1996]).

⁶⁰ A autora Massey (2005) ao abordar temas como a globalização não faz nenhuma menção aos trabalhos dos brasileiros, quer sejam Milton Santos, quer seja Octavio Ianni. Trata-se de uma questão de elegância acadêmica.

CAPÍTULO 2 – Da Geografia Urbana ao Paradigma do Lugar: O Mundo em Movimento

Tu sabes como é grande o mundo. Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão. Viste as diferentes cores dos homens, as diferentes dores dos homens, sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso num só peito de homem... sem que ele estale.

Carlos Drummond de Andrade. Mundo Grande. 1940.

Por que trata-se de demonstrar a dissolução da geografia urbana? Porque a metamorfose do mundo assim determina. O mundo mudou e as ferramentas para compreendê-lo também devem se transformar sob pena de não o entender mais.

O século XXI é marcado pelo reino da técnica, da ciência e da informação. Esses imperativos que regem e se impõem como condições do presente foram denominados por Santos (2009 [1996]) como período histórico técnico-científico-informacional. Esse período institui um meio, é uma simbiose meio e período, como já foi mencionado anteriormente. O meio técnico-científico-informacional é a realidade do mundo em que se vive na contemporaneidade, funcionando como território usado da e pela globalização.

Essas características do período e do meio técnico-científico-informacional alteram e condicionam a dinâmica do cotidiano⁶¹. O homem é um

⁶¹ Sorre (1984 [1957]) já alertava para o estudo da vida cotidiana na crítica que fazia à definição de *espaço subjetivo* ao estudo da vida cotidiana das famílias operárias do meio urbano por *P. Chombart de Lauwe*. Ainda segundo Sorre (1984 [1957]) o cotidiano não dizia respeito à geografia diretamente, mas sua discussão era realizada por meio de uma distinção entre *espaço social* e *espaço geográfico*. Sua

ser condicionado (ARENDT, 2018 [1958]). O meio ao qual se tem contato ao nascer torna-se natural, todo o objeto com o qual se tem contato quando se estar no mundo, instantaneamente, é natureza recebida (SANTOS, 2009 [1996]).

Por isso a geografia é um dado imprescindível da realidade, pois a relação entre os homens e o sistema de objetos e o sistema de ações é a base de toda e qualquer discussão das sociedades. Evidentemente, existem muitas disciplinas e ciências que se dedicam ao estudo dos objetos, mas a Geografia Nova e Renovada defende e investiga a indissociabilidade entre objetos e ações sociais.

No capítulo 1 revisitou-se sobre o conceito e categoria do lugar, neste capítulo faz-se a discussão sobre a passagem da abordagem da urbanização para a teoria do lugar.

A pesquisa inicial no acervo geográfico de teses da Universidade de São Paulo – USP encontrou um vasto banco de dados e interpretações sobre a cidade de São Paulo referentes à geografia urbana e suas abordagens, às resistências e ao uso da internet e mídias sociais.

Desde 2001 a base digital de teses e dissertações da USP disponibiliza seus documentos em formato digital, que totalizam 571 arquivos na área de Geografia Humana, entre teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia Humana – PPGH. Sobre a metrópole são quase 200 trabalhos produzidos! As temáticas e variedades metodológicas também estão presentes ora com estudos de caso sobre um município específico da região metropolitana, sobretudo aqueles circunvizinhos (como Osasco, Guarulhos, São Bernardo do Campo ou São Caetano do Sul), ora aprofundando processos complexos e intrigantes da identidade e conteúdos da, literariamente conhecida, Paulicéia Desvairada.

Sobre os temas da geografia urbana a pesquisa, inicialmente identificou abordagens referentes à pobreza e periferia, “consumo do lugar” ou da metrópole, circuitos da economia urbana, flexibilidade tropical, Hip Hop, qualificação urbana

crítica ao espaço social e ao estudo de *P. Chombart de Lauwe* referia-se à leitura que este autor tinha sobre o espaço, qual seja o espaço social não era apenas uma percepção do indivíduo ou mesmo de um grupo.

(valorização e revitalização), centralidades. Há inúmeras reflexões sobre a metrópole sua periferia e a pobreza. Acerca do tema das redes sociais também consta estudos que na época faziam referência às relações sociais, ao comércio, a centralidade e mobilidade. Quanto ao papel da internet nas transformações do espaço geográfico as reflexões existentes analisam o nível nacional, ou a tangencia em relação ao conteúdo ao qual se aborda.

*****Do meio geográfico ao meio técnico-científico-informacional*****

O meio é um conceito de origem geográfico. “*Desviado de seu significado geométrico original, o termo meio refere-se ao conjunto das condições exteriores da vida do indivíduo ou do grupo* (SORRE, 1984: p. 31 [grifo no original])”. É um complexo composto por três aspectos, o biológico, o climático e o social (SORRE, 1984). A força da natureza não artificializada era o imperativo que se empunhava sobre os grupos humanos. Santos (2009 [1996]: p. 234) resgata uma periodização dos meios geográficos “*Podemos admitir que a história do meio geográfico pode ser grosseiramente dividida em três etapas: o meio natural, o meio técnico, o meio técnico-científico-informacional.*”

A partir da agregação de técnica e tecnologias ao meio técnico-científico-informacional é possível distinguir variados usos do território: o território fluído (que serve às empresas), o território viscoso e rarefeito (usado por muitos dos brasileiros), o território como recurso (do interesse hegemônico), o território como abrigo (SOUZA, 2010). O território como abrigo é o uso de todos os brasileiros, mas, sobretudo, daqueles que o usam a partir da constituição dos lugares como resistência, os quais se investiga nesta tese. Esses são os principais usos do território decorrentes do estudo da categoria de análise social do território usado.

Sendo o meio técnico-científico-informacional acessado pelo uso do território. Então para se trabalhar com o território na geografia refere-se à categoria de território usado. Souza (2010: p. 55) a aprofunda e operacionaliza. “*É o direito ao uso do território e seu conhecimento e as solidariedades forjadas nos*

lugares, que dão à pessoa o sentimento de pertencimento, da existência e de liberdade.”

Hartshorne (1978) já advertia para a importância da filosofia e da teoria no acompanhamento das mudanças do antigo ecúmeno e sobre o “mundo” do homem no tocante à possibilidade da exploração do espaço sideral. Quando segundo ele a discussão estava sendo projetada sobre a extensão dos limites do mundo do homem para além da atmosfera o termo terra seria possível à expansão do limite até a lua questiona o referido autor. *“O problema não será resolvido apenas pela Etimologia ou pela Lógica, mas sim pelo uso (HARTSHORNE, 1978: p. 26).”*

Mas antes de se aprofundar essa questão sobre os usos do território pelos lugares se constituindo como resistência às desigualdades, que possui um capítulo à parte (capítulo 12) é preciso entender a transição da geografia urbana para paradigma do lugar. Essa transição se dá devido às transformações do meio geográfico até o meio técnico-científico-informacional. E, como será visto, somente devido à chegada ao meio técnico-científico-informacional foi possível à descoberta do lugar e a semente do Período Popular da história trazida por ele.

O meio técnico-científico-informacional é a mediação entre a vida humana e a natureza cada vez mais artificializada para a realização da vida. É a transformação da natureza em natureza humana, pois é impossível o homem viver sem o meio.

Ainda sobre a ideia de meio como um conceito abstrato de mediação entre o espaço geográfico, os lugares e o uso do território vale-se da revisão de Hartshorne (1978: p. 46 [grifo no original]) sobre o meio (*environment*) envolve o homem. *“Para ilustrar a ‘ilusão de pensar-se em meio à parte daquilo que ele envolve, ao invés de ‘meio para envolver o que’”.*

Mas há um desafio, a diversidade entre os grupos humanos quando a geografia se tornou um saber imperioso por excelência forçosamente exibiu um mundo distribuído desigualmente no então meio geográfico⁶². Com a marca do

⁶² A distribuição desigual dos homens sobre o planeta, as formas diferenciadas de ocupação dos grupos, os variados sistemas econômicos podem ser encontradas em George (1976). Neste exemplar extraí-se essa inspiração.

mercantilismo e a sua acumulação o meio técnico passou a vigorar. Era possível enxergar o mundo (chamado de ecúmeno) e distingui-lo do planeta, do denominado meio natural. Mas atualmente dada à complexidade do meio técnico-científico-informacional a distinção entre ecúmeno e planeta fica cada vez mais difícil.

O desafio é exatamente como trabalhar e distinguir a diversidade entre os homens⁶³, entre as sociedades e culturas, e as desigualdades socioespaciais para combatê-las e extingui-las. Uma vez que o capitalismo usa as diversidades como sinônimo de desigualdades e assim registra-se e reproduz sua falácia de que pobres podem se tornar ricos.

Essas falácias são disseminadas pela psicoesfera e tecnoesfera. Max. Sorre (1984: p. 43) já chamava a atenção para o efeito do elemento psicológico na análise do geógrafo sobre as dinâmicas do urbano e seus gêneros de vida à época *“Nosso objetivo é mais modesto: limita-se a investigar em que medida o meio social se reflete na psicologia diferencial dos grupos humanos”*. Em outras palavras do mesmo autor: *“Encontramos, em todos os compartimentos da sociologia, a necessidade de introduzir dados da psicologia, imagens geradoras da ação (SORRE, 1984: p. 152)”*. Segundo esse autor não se tratava apenas de simples percepção, uma vez que, além disso, eram introduzidos juízos de valores, desejos, vontades. Por isso ele afirma que *“Devemos guardar disto tudo algo mais que a terminologia, ou seja, a necessidade de nunca perder de vista o elemento psicológico (SORRE, 1984: p. 153).”*

Esse caráter psicológico, no contexto do presente, é incluído nas dinâmicas da redutibilidade da tecnoesfera e psicoesfera, pois não existe mais gêneros de vida, eles se transformaram.

La Blache (*apud* SORRE 1984: p. 103) define gênero de vida como *“Conjunto de técnicas, os gêneros de vida são formas ativas de adaptação do grupo humano ao meio geográfico”*. Como o progresso das primeiras civilizações estava mais ligado ao progresso dos instrumentos houve uma evolução na produção dos gêneros de vida. Os grupos humanos passaram a se diversificar, e

⁶³ Rousset (2017 [1755]).

por sua vez, se fragmentar. Pois os gêneros de vida diziam respeito à lida dos grupos humanos com o meio geográfico da época, e esse enfrentamento da natureza provocava uma homogeneidade na paisagem produzida pelo uso e na aparência dos grupos. Então, os gêneros de vida era o termo geográfico para lidar com os grupos humanos e sua exploração, ocupação e uso do território, quando a força da natureza era imperiosa e os grupos humanos despendiam de técnicas para a adaptação ao meio, transformando com isso as paisagens que repercutiam expressando os elementos constituídos dos grupos que as produziam.

Mas “*Esse gênero de vida sofreria mudanças profundas com a supressão da escravidão, com a expansão do capitalismo e desenvolvimento das culturas industriais [...]*” (SORRE, 1984: p. 113)”. Sorre (1984) falava de um gênero de vida específico, qual seja os grupos brancos que exploravam as colônias sob o regime de *plantations*. O autor ainda insiste na permanência dos antigos gêneros de vida e na criação de novos gêneros de vida pelos agentes da circulação do mundo novo, o mundo industrial. O crescimento urbano traria o advento dos gêneros de vida urbano. Então, para Sorre (1984) os gêneros de vida urbano dizem respeito à atividade coletiva dos grupos humanos que moram nas cidades, ainda que tenham milhões de “almas” disputando o seu uso.

O entendimento e visão de mundo defendida neste trabalho de tese afirmam que os gêneros de vida foram extintos. A complexização do mundo pela difusão do meio técnico-científico-informacional provocou a constituição de lugares, ou seja, o descolamento do lugar com o local devido à aceleração do tempo, conforme já argumentado no primeiro capítulo. A aceleração do tempo, metamorfose do capitalismo não mais industrial, e sim financeiro, provocou uma transformação na constituição do espaço geográfico e, com isso, nas formações socioespaciais (particularizações do espaço geográfico se repercutindo em cada país) e, conseqüentemente, na constituição dos lugares vivenciados pelos indivíduos.

Outro processo que ocorreu com as transformações do capitalismo foi a individualização. A psicoesfera e tecnoesfera do egoísmo, da corrida pela posse dos objetos modernos e do destaque ou sucesso na ascensão social. Não se entrará no aprofundamento dessa questão porque a tese é sobre a constituição

dos lugares como resistências, defendendo que o lugar é uma dimensão da política. Faz-se menção para exibir a divergência sobre a permanência dos gêneros de vida que inexistem. Uma descoberta que liquida com a noção de gênero de vida é a de LUGAR-MUNDO. A partir do momento em que essa possibilidade de experiência ocorre no mundo, devido às conexões geográficas (SOUZA, 1993), os gêneros de vida se pulverizaram. Mas pode-se considerar que o lugar tem uma origem ligada aos gêneros de vida. Seria, pois, uma evolução dos gêneros de vida.

Como o meio técnico-científico-informacional é um conceito prático, uma condição geográfica sem a qual é impossível a vida humana na Terra. É o intermediário do espaço geográfico (sistema de objetos e sistema de ações, sinônimo de mundo em movimento) com a constituição dos lugares através dos usos do território. Isso quer dizer que os lugares se constituem através do meio técnico-científico-informacional, como Santos (2008) ensinou, segundo os níveis de densidades técnicas, densidades informacionais e densidades comunicacionais. Os lugares usam o território pela sua constituição a partir das densidades do meio técnico-científico-informacional (SOUZA, 2003b)⁶⁴.

Por isso que esta abordagem não considera mais os gêneros de vida. E nesse sentido sugere-se a transição dos gêneros de vida para o estudo dos lugares. Assim, a discussão a seguir é sobre a evolução do conceito de espaço geográfico como fator social, levando aos estudos do fato urbano, e, em sequência, à nova teoria de estudo da cidade, e outros temas, conforme será visto.

Ainda segundo Sorre (1984: p. 153): *“O espaço geográfico, entretanto, definido em seu sentido mais amplo, corresponde àquilo que Durkheim denominou de substrato dos fatos sociais”*.

⁶⁴ Souza (2003b) é a primeira quem afirma que são os lugares que usam o território. Dá-se sequência ao estudo da teoria do lugar e assim se compreende que são os lugares como dimensão que usam o território, ao entrarem em contato com o meio técnico-científico-informacional constituem um LUGAR-MUNDO. Sendo o meio técnico-científico-informacional o intermediário entre espaço geográfico e lugar. Mas é o lugar quem usa o território. Somente pela constituição dos lugares que as pessoas usam o território.

Evocar a compreensão de Sorre, acima, refere-se ao que Santos (2008 [1979]) inicialmente chamou de força do espaço, ou o espaço como fator social. Prossegue-se com o raciocínio de Sorre (1984) que na época defendia o estudo dos geógrafos a partir dos gêneros de vidas em seus respectivos meios geográficos tão bem defendeu, em seu contexto, o atributo e especificidade geográficos. No caso do meio urbano a vida cotidiana estaria contemplada na investigação dos conteúdos dos gêneros de vida urbanos.

Quando Souza (2003b) expõe o método para estudo do território usado, sobre os pares dialéticos densidade e rarefação e fluidez e viscosidade, está falando sobre o método para estudo também do meio técnico-científico-informação através dos usos do território. Souza (2003b) sofisticava a tradição geográfica exibida também por Dollfus (1975) que falava sobre as densidades. A compreensão da densidade e rarefação ou a fluidez e viscosidade sempre esteve ligada ao estudo geográfico.

Assim, o meio técnico-científico-informacional possui a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera e é por elas que se lê a semiótica das paisagens. Psicoesfera, tecnoesfera são conteúdos da constituição dos lugares. O período técnico-científico-informacional cria uma psicoesfera e tecnoesfera que são dois pilares de introdução e difusão do meio. Os objetos geográficos que se implantam nos locais são imbricados de técnica, ciência e informação, ou seja, em si os objetos são intencionalidades.

Então, a psicoesfera é o “[...] *reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido* [...]” (SANTOS, 2009 [1996]: p. 256)”. A tecnoesfera se adere ao território como uma prótese, isto é, ela “[...] *é o mundo dos objetos, a psicoesfera é da ação*” (SANTOS, 2008: p. 159). “*Tecnoesfera e psicoesfera são dois pilares com os quais o meio científico-técnico⁶⁵ introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade, no próprio conteúdo do território*” (SANTOS, 2009 [1996]: p. 256)”.

⁶⁵ Embora se trate do meio técnico-científico-informacional no texto original encontra-se com essa troca. Bem verdade que na obra *Natureza do Espaço* o autor menciona três meios: natural, técnico e técnico-científico-informacional. O que revela um erro de digitação nesse trecho.

A constituição dos lugares é tema central para a contemporaneidade. O lugar como dimensão do espaço geográfico, alteridade do espaço é a dimensão diária da vida humana, sendo por isso mesmo imprescindível para qualquer ciência social o seu conhecimento e seu estudo. São os lugares que realmente importam, porque os homens não vivem isolados. Nem mesmo os animais, a vida em si é coletividade, mas os homens em si podem se isolar. Por isso o estudo das emoções⁶⁶ é fundamental para compreender a constituição da psicoesfera e tecnoesfera.

São as emoções um tipo de consciência humana que dão sentido às coisas e por elas os indivíduos podem constituir uma consciência dos lugares que vivenciam. Então o sentido dos lugares passa por uma compreensão de como as emoções interferem na constituição dos mesmos, ou seja, de como a relação lugar e mundo se estabelece.

Por que se faz a crítica da geografia urbana? O Lugar há muito tempo foi confundido como localização ou ocupação. Entretanto, em seu germe sempre foi uma dimensão espacial. Assim como Marx e Engels escreveram no *Manifesto do Partido Comunista* que “A história de toda a sociedade até nossos dias é a história da luta de classes.” (MARX; ENGELS, 2010 [1848]: p. 23), ela, a luta de classes sempre existiu como tal, sendo que o elemento decisivo para a deflagração da luta de classes no sistema capitalista foi o domínio da burguesia e a simplificação da oposição entre duas classes basicamente opostas, a burguesia e o proletariado.

Com o lugar ocorre similarmente o mesmo do que Marx e Engels (2010 [1848]) elucidam no *Manifesto* sobre a luta de classes. Usa-se essa aproximação teórica, porque o lugar como o espaço do acontecer solidário sempre foi uma dimensão espacial do cotidiano, uma alteridade, um tempo espacial. Contudo essa realidade ficava escondida junto ao local ou as localidades, devido não apenas à dinâmica do tempo, mas também à constituição do mundo e seus processos civilizatórios, modernizadores e urbanizador.

⁶⁶ Que não é apenas em caráter psicológico. Ver Sartre (2009 [1939]) onde emoção é diferente de sentimento. Abordar-se-á um pouco mais sobre as emoções nos capítulos 11 e 12 da última parte.

A possibilidade da conexão entre as localidades e a simultaneidade tempo-espaço, ou seja, a convergência dos momentos nos dizeres de Santos (2011 [2000]) implicam num dado da contemporaneidade que carece de esforço científico para acompanhar e compreender as suas mutações.

Estudar geografia é compreender a dispersão dos objetos, ou melhor a difusão do meio técnico-científico-informacional a partir dos seus pilares difusores, a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera.

No mundo do presente não há mais gêneros de vida de qualquer espécie. O mundo se transformou. Mundo aqui como sinônimo de espaço geográfico. Vale lembrar que a relação dos lugares com o mundo é sempre subjetiva, mas a constituição do espaço geográfico é objetiva. A relação entre o espaço geográfico, através da constituição do meio técnico-científico-informacional pelo uso do território, a partir da dinâmica dos lugares demanda da Geografia atualização de conceitos e categorias.

*****O urbano, a urbanização e os lugares como resistência*****

A partir da constituição e difusão do meio técnico-científico-informacional as características da fluidez territorial beneficiam o aprofundamento das desigualdades socioespaciais. Assim, a constituição e dinâmica dos lugares como resistência se dá pelo acesso ao meio técnico-científico-informacional.

A fluidez territorial está ligada à difusão dos transportes, às autopistas e estradas vicinais, fazendo com que a circulação seja fácil e fluída. Essa fluidez do território intensifica ou gera uma divisão territorial do trabalho. “*E essa fluidez do território tem como consequência [sic] uma acessibilidade (física e financeira) maior dos indivíduos.* (SANTOS, 2009 [1993]: p. 57)” Os indivíduos que acessam em maior número tendem a ser aqueles que possuem maiores ganhos de salário. A divisão territorial seria maior pela propensão à consumir e produzir, maior tendência ao movimento e à criação de riqueza. Não é que a fluidez cria ou gera a divisão territorial do trabalho, mas pode ser consequência.

O caso é que Santos (2009 [1993]) fala em involução metropolitana. Não há essa involução metropolitana, não é a metrópole quem regride; a dinâmica a se averiguar é outra. É uma contradição, pois o meio técnico-científico-informacional vai se densificando e se transformando em condições para o novo meio ao qual se vislumbrará reflexões no último capítulo da tese, o capítulo 13. Quando Santos (2009 [1993]) fala em onipresença da metrópole se contradiz com involução metropolitana. Em verdade a onipresença não é da metrópole e sim do meio técnico-científico-informacional. É preciso esclarecer o uso desses termos e conceitos. É a difusão do meio técnico-científico-informacional que se reverte onipresente, como se verifica neste capítulo e no capítulo 9 e 10 desta tese.

A cidade⁶⁷ é uma concretude, é matéria, é forma. Mas seu estudo deve partir de como a cidade é produzida pelos comandos dos elementos do espaço geográfico que possui forma, função, estrutura e processo (SANTOS, 1985). A cidade é produzida a partir deles. Esses elementos analíticos se dão na realidade de forma articulada. Portanto, a cidade ao mesmo tempo em que é materialidade, é ativa por ser um grande objeto técnico de existência humana. Isso não significa dizer que a cidade tem vida própria, é apenas uma compreensão da realidade ligada à ideia de prático inerte do Sartre, traduzido para a Geografia como inércia dinâmica⁶⁸ dado o atributo do objeto ou materialidade construída condicionar ações e construções futuras.

Por seu caráter de inércia-dinâmica a cidade tende a direcionar políticas de concentração do meio técnico-científico-informacional em áreas já densas pela difusão dele. Se não houver uma política governamental que cuide de conceber o território usado da cidade, a força das áreas já construídas e densas do meio

⁶⁷ Num estudo acadêmico Lewis Mumford aborda a cidade nos diversos períodos históricos, verificando a partir do mundo ocidental as expressões e características da cidade (A cidade na História). Num estudo de cunho mais geral, para um público não acadêmico Leonardo Benevolo aborda a história da cidade desde suas manifestações na pré-história, passando pela Antiguidade Clássica até as características da cidade moderna.

⁶⁸ O Geógrafo Milton Santos (1988) desenvolveu essa ideia a partir do prático-inerte de Sartre. A inércia-dinâmica é a força da rugosidade. Essa é o “[...] *que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam* [...]” (SANTOS, 2009 [1996]: p. 140)”. Divergi-se de Santos (2009 [1996]) no tocante ao que ele coloca como espaço construído e na sequência como o lugar acumula as rugosidades. Essa força da inércia-dinâmica provocada pelas rugosidades se acumula nas localidades, nas formas e nas paisagens.

técnico-científico-informacional podem induzir à políticas que reforcem a seletividade. Um exemplo disso será visto em alguns capítulos da tese, como a promoção da Avenida Paulista em parque aos domingos quando passa a ser fechada num intervalo do dia.

Sendo assim, a cidade é uma forma concreta⁶⁹, particular e interna de uma dada sociedade. O urbano é o abstrato, o geral e externo que vem do mundo, ou seja, das modernizações. Por isso, existem histórias das cidades e histórias do urbano (SANTOS, 1992). Entretanto, como o sistema mundo hoje é “globalizado”, o urbano e a cidade se confundem, mas não são sinônimos.

Então, a cidade por ser uma forma concreta ainda que ativa não se considera, nesta ótica, que podem ser rebeldes, mas, sim, os lugares são rebeldes. Os lugares são constituídos diariamente pelas pessoas a dimensão que usam o território da cidade. Pelo uso e intencionalidades dos lugares é possível acompanhar processos e antever o movimento dos usos que os lugares fazem da cidade. A geógrafa e professora Maria Adélia de Souza⁷⁰ desenvolveu essa crítica ao Harvey sobre seu título de *Cidades Rebeldes*⁷¹.

Retomando sobre a urbanização, Souza (1983: p. 436) define que a urbanização como o processo de tornar urbano, pode ser vista de maneira global, geral e também em expressão local.

As formas de urbanização são, antes de tudo, formas da divisão social e territorial do trabalho. Então, a urbanização é um elemento que aprofunda a divisão internacional do trabalho, ligada aos estágios da expansão do capitalismo (LOJKINE, 1981).

Müller (1969) relaciona o processo, ou o que denomina de fenômeno de urbanização ao processo civilizatório. Seu estudo sob o que à época se

⁶⁹ Na geografia as formas, sejam tangíveis e intangíveis dizem respeito à redutibilidade entre psicoesfera e tecnoesfera. No caso da cidade é uma forma tangível.

⁷⁰ Em suas aulas, palestras e conferências desenvolveu essa e outras discussões, como a de políticas públicas que segundo a Professora é uma redundância, pois toda política do Estado deve ser pública.

⁷¹ Referenciado nas bibliografias consultadas. Não faz parte das referências desse trabalho, pois divergimos do método e teoria do autor supracitado.

denominava de fato urbano dado o seu caráter de força e influência⁷², foi um marco da epistemologia e fundação das ciências modernas. Essa terminologia é importante, pois além de marcar um período mundial dos estudos trata-se de vocabulário e aplicação de métodos e teorias e suas respectivas escolas científicas⁷³.

Um exercício de aplicação dessa teoria da geografia francesa clássica foi estudado por Müller (1969) – *O Fato Urbano na Bacia do Paraíba no Estado de São Paulo*. Sua preocupação com o processo de urbanização a fez testar várias teorias à época. Estudar o chamado terceiro mundo era um grande desafio, naquela época.

Müller (1969) aplicou os métodos de Christaller (que estabelecia a partir do método de Rochefort sobre a hierarquia urbana, aplicando-o segundo os números de telefones existentes em cada cidade); o método de Chabot (foi abandonado de início por se basear no traçado de isolinhas, a partir dos centros urbanos por meio das rotas de percursos devido à precariedade das estradas); o método de John Alexander (fundado na estatística para o estabelecimento de índices sobre as atividades básicas e não-básicas, mas tinha uma dificuldade à época que era o detalhamento das tabelas brasileiras); a análise qualitativa dos serviços propostos por Smailes que foi retomada por Rochefort só seria possível ser realizada por pesquisas em equipes, o que levou Müller (1969) a adotar o método de Rochefort já adaptado ao Brasil. Somado ao resultante das experiências de Carruther e Green na Inglaterra.

O chamado “método de Rochefort”, por êle [sic] mesmo utilizado no estabelecimento da rede urbana do Estado de São Paulo, foi aplicado por Pedro Pinchas Geiger para os Estados do Rio de Janeiro, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, por Milton Santos para o Recôncavo e a zona cacauzeira da Bahia e pelo Conselho Nacional de Geografia para a região comandada pela cidade do Rio de Janeiro. Partindo do setor terciário de atividades como base de considerações, Rochefort admite o inconveniente de os

⁷² O fato urbano estudado por Müller ou o fato social estudado por Durkheim ou o fato ou fator espacial estudado por Santos.

⁷³ Para se saber sobre a aplicação ou a prática das teorias e dos métodos um princípio basilar é observar a terminologia utilizada pelos autores.

serviços urbanos atenderem tanto à área de influência da cidade quanto à sua própria população. Por isso, propõe um cálculo que, levando à construção de um gráfico, resolveria, indiretamente, o problema; (MÜLLER, 1969: p. 294-295).

Mesmo com as ampliações o método de Rochefort para o Brasil apresentou uma série de inconvenientes, exigindo adaptações feita por Müller (1969). Esses problemas já haviam sido observados e registrados por Pierre Moinberg (1998 [1977]) em seus estudos sobre o Brasil.

Um dos resultados da pesquisa sob o método do fato urbano era a designação das funções da cidade. A título de exemplificação, pois não se trata de listar todos os estudos sobre o urbano, tampouco o estado da arte sobre o tema desta pesquisa de tese, traz-se o estudo de Rossini (1971) sobre o homem e a cidade. Além de demonstrar no município de Serra Azul, no Estado de São Paulo, o dado de interesse populacional em um dos seus capítulos trata do fato urbano com as funções da cidade. É de suma importância que os estudos das localidades fossem intensamente explorados no início da investigação geográfica quando as localizações eram o dado de relevância uma vez que o planeta ainda possuía muitas áreas desconhecidas naquilo que era do interesse da Geografia: o estudo do ecúmeno (área habitada do planeta).

Outro comentário importante é sobre a marca que as teorias e métodos produzem numa determinada época a partir da prática das escolas. Além de registrar sobre as influências do pensamento e epistemologia da geografia, por exemplo, mostram como a ciência acompanha o movimento do mundo.

Pierre Monbeig (1998 [1977]) quando estudou o Estado de São Paulo a partir da expansão da franja pioneira da marcha para oeste da atividade cafeeira, num dos processos que são decisivos para a configuração territorial do Brasil, já destacava uma diacronia entre as teorias do norte com a realidade do sul. Nesse mundo novo os processos são aceleradíssimos, e que levaram um século no velho mundo, nesse país chamado Brasil, na zona pioneira ocorriam em uma década.

Essa característica fez com que Monbeig (1998 [1977]) não aplicasse a teoria dos gêneros de vida nem da regionalização por esse método, pois a

diversidade dos grupos que não se exibiam nas paisagens não conseguia caracterizar uma região. Em sua hipótese, talvez as ferrovias fosse o elementos definidores das regiões, levando-o a abandonar a ideia de fazer monografias regionais, um método geográfico da época na França. A história da zona pioneira não é a mesma da Europa *Mutatis Mutandis*; a história não se repete.

Müller (1969) também expõe essa dificuldade na aplicação das teorias do norte, como a rede urbana de Rochefort, mas se faziam ajustes metodológicos, adaptações, que devido às engrenagens do mundo pelo tempo ainda lento àquela época, não sofriam grandes rupturas e era possível estabelecer essa sincronia. Com a aceleração do tempo e sua sobreposição e justaposição com o espaço, agora espaço-tempo, houve o descolamento do lugar com o local, e assim não é possível mais olhar o presente com as metodologias do passado.

Exemplifica-se com o estudo de Müller (1969) a aplicação da teoria do fato urbano a partir das teorias do norte, que marcaram uma geração de geógrafos e seus trabalhos urbanos.

Como afirmado por Lojikne (1981 [1977]) em sua tese de que a urbanização é uma etapa da divisão internacional e territorial do trabalho, entra-se noutro ponto da crítica à dissolução do urbano na contemporaneidade.

Esse processo da divisão internacional e territorial do trabalho com a expansão do capitalismo traz a urbanização como um motor de difusão do meio técnico-científico-informacional. A depender da intensidade da urbanização ocorriam transformações na definição das cidades e metrópoles. Num dado período, intitulado período técnico (o antecessor e gerador do período atual), algumas cidades nasciam pela implantação de eixos das vias de comunicação, como no caso do Estado de São Paulo, na marcha de expansão e povoamento do oeste com a atividade cafeeira no que foi denominado de movimento pioneiro por Monbeig (1998 [1977]). Eram as cidades tanto ponta de trilhos como boca de sertão. Um processo que levou um tempo lentíssimo no velho mundo foi muito

peculiar no mundo novo, pois o surgimento das cidades se dava de uma forma aceleradíssima⁷⁴.

Esse tempo veloz de produção das cidades no mundo do sul ainda é uma característica do presente. Essa sincronia com o processo de modernização e civilizacional global permite afirmar que o mundo também acontecer aqui. Talvez, alguns processos como foi observado por Santos (2010 [1982]) ocorram de forma incompleta, como sua reflexão sobre as *metrópoles incompletas*.

Ainda que as preocupações de Lefebvre (1968; 1970; 1972)⁷⁵ não tenham sido com a geografia propriamente dita, como filósofo, um filósofo da vida na cidade e sobre o urbano, sua teoria e obra marcaram uma geração de geógrafos.

O clássico de Castells (1983 [1972]) sobre a *Questão Urbana* também influenciou uma geração de geógrafos, ainda que tenha sido duramente criticado por Lojkin (1981). Endossa-se a crítica de Lojkin (1981 [1977]: p. 413) à Castells, que elabora uma teoria incapaz de propor mudanças, porque seu método focou na planificação urbana, mas sugerindo que a intervenção do Estado se daria sob a ótica da planificação. Lojkin (1981 [1977]) atribui ao Estado o papel de regulador da questão urbana, pois segundo sua tese o processo de urbanização faz parte da divisão territorial e internacional do trabalho. Nesse sentido interpreta-se que para esse autor não há, pois, questão urbana.

No século XX, pelo ritmo do tempo e dinâmicas da urbanização em seu processo de dispersão não era mesmo possível enxergar as precisões teóricas que é preciso fazer na atualidade.

Porém, no século XXI não se pode mais misturar os conceitos e precisa-se encarar as mudanças ou mutações do mundo. Da mesma maneira que se revisa Santos (2014 [1987]) no capítulo 11, se está revisando Lefebvre. Ainda que se possa lidar com o espaço e a política, ou espaço da política, essa precisão

⁷⁴ Como explana Monbeig (1998 [1977]) o processo de implantação dos trilhos das ferrovias e o nascimento de cidades que levou séculos na Europa para o Brasil, de modo particular no Estado de São Paulo, levava décadas.

⁷⁵ É interessante observar a evolução do pensamento do autor que teorizou sobre as transformações do mundo do rural ao urbano, depois defendeu, por causa da sua preocupação com as cidades um “direito” à elas para depois falar da trama política. Mas como filósofo suas preocupações não eram em criar um método geográfico. Certamente deveria inspirar os geógrafos, como assim o fez a quem tinha *savoir a faire* geográfico.

dependerá do método e do estudo a se realizar, quando se dedica às reflexões sobre a cidade no século XXI não se estuda mais a partir do método da produção do espaço, como foi desenvolvido pelo referido autor. Maria Adélia de Souza⁷⁶ decidiu iniciar a crítica sobre a produção do espaço ser incompatível com os estudos geográficos, pois o espaço geográfico não se produz, ele é instância social, conforme a autora citada.

Para se estudar a cidade no século XXI esta tese traz uma interpretação ousada na aplicação da teoria do lugar proposta inicialmente por Santos (1985; 2008 [1978]; 2009 [1996]). Esta tese defende que são os lugares da política, porque o lugar é sempre político, e somente através da constituição dos lugares que a política acontece. No capítulo 4 junto com a terceira parte desta tese argumenta-se a sua comprovação, ou seja, o lugar é política pura.

O espaço geográfico é instância tal como a política, econômica, cultural e social. Conforme já citado esta tese se junta à crítica da Escola de Geografia Renovada sobre o que Lefebvre estuda como produção do espaço. Não há produção, o espaço é instância e por sê-la é abstrato, é pela dimensão do lugar que se manifesta o espaço.

Um exemplo se pode trazer com a economia como instância. Não se vive economia, nem se produz economia abstratamente, mas se vive à divisão do trabalho, se produz pela divisão do trabalho; não se vive sociedade mas se vive por meio da relação de classes sociais; não se vive o espaço, mas vive-se lugares, contudo, não se produz lugares, se produz locais, os lugares são constituídos cotidianamente.

Considera-se o espaço geográfico distinto do espaço dos físicos, que estão preocupados com o espaço sideral ou universal, ou multiversos como a teoria das cordas estuda (ver-se-á um pouco mais dessa constatação no capítulo seguinte). Mas o espaço geográfico é muito próximo ao espaço dos filósofos que se ocupam da reflexão sobre o espaço do homem. O espaço geográfico é esse espaço do mundo, da sua constituição e dinâmicas. Entretanto como instância, assim como o tempo, mede-se o espaço geográfico pelos usos do território.

⁷⁶ Conforme já comentado é essa autora e professora quem iniciou essa crítica. Aqui apenas registra-se essa distinção e divergência. É uma marca da sua escola de Geografia Renovada

Assim, como a instância do tempo se mensura pelos fatos históricos (eventos), por exemplo, pelas estações do tempo no ano (tempo cosmológico) para os cientistas sociais, o tempo é medido pelos eventos do mundo chegando aos locais como flechas do tempo (SANTOS, 2006 [1994]).

O mundo se diferencia segundo cada formação socioespacial. Como se vem estudando uma realidade brasileira observa-se a formação socioespacial brasileira. Aqui sim, fala-se em território brasileiro, o território usado brasileiro. São precisões que auxiliam a compreender melhor a realidade. Quando Lefebvre (1970) teorizou sobre a cidade e sobre o urbano não era possível observar essas nuances, porque havia mesmo uma expansão urbana. Até mesmo Santos (2014 [1987]) comete imprecisões quando traz o espaço do cidadão, por exemplo, e voltar-se-á a esse assunto no capítulo 12 ou mesmo ao tratar lugar e região como sinônimos, e isso foi discutido e criticado no capítulo anterior, mas a evolução do pensamento demanda tempo.

Contudo, no presente não se pode mais incorrer nesses equívocos ou não enxergar como a realidade se apresenta. Isso é fundamental para a qualidade das análises e para a previsão e antevisão da realidade.

Por ser um filósofo da cidade e do urbano Lefebvre (1968) tratou das formas urbanas, mostrando os equívocos do pensamento tautológico e confrontando com o pensamento sociológico as teorias e pesquisas. Não se entrará no mérito se o renomado filósofo confunde o urbano e a cidade. Mas por se ater ao estudo do urbanismo e na produção da cidade comete o equívoco em discorrer sobre a produção do espaço. É a cidade que se produz, pois é materialidade. Talvez por isso, Lefebvre tenha se referido à produção da cidade como produção do espaço. Milton Santos em alguns instantes de sua obra se refere à produção do espaço, mas é uma contradição com a teorização sobre o que ele mesmo elaborou.

Os geógrafos precisam ter clareza da teoria e método de sua disciplina para dialogarem com os outros cientistas, ou melhor, ciências. Os geógrafos clássicos, franceses, sabiam bem seu ofício, tinham uma estrutura metodológica. Por isso diferenciavam o habitat estudado pelos urbanistas do habitat estudado pelos geógrafos, conforme se viu no capítulo 1. As noções de habitat que

Lefebvre (1970) referencia é no aspecto urbanista, distinto da herança dos geógrafos franceses como visto em Sorre (1952) e Demangeon (1952).

É pelo estudo dos objetos que se apreende a vivência do cotidiano como mostrou Lefebvre (1970), mas atualmente com a complexidade e a justaposição tempo-espaço, os objetos constituem a tecnoesfera redutível da psicoesfera; sendo assim é preciso um método que vislumbre essa complexidade.

Ou seja, o espaço considerado ao nível de *habitar* (nós não dizemos <<o habitat>> para indicar que esse espaço não se separa do espaço urbano e do espaço social, bem como dos modos de apropriação particulares e específicos em níveis mais vastos mas, não necessariamente mais complexos e mais ricos em qualidades e propriedades). (LEFEBVRE, 1970: p. 241[Grifo no original]; [Tradução da autora])⁷⁷

Mas conforme se viu o espaço como habitat para os estudos dos urbanistas não era o mesmo que o habitat para os geógrafos. Como as reflexões de Lefebvre (1968; 1970; 1972) diziam respeito ao urbanismo já há uma divergência de método no sentido de que habitat para geógrafos era diferente daquele tratados nos estudos de arquitetura ou urbanismo.

Naquele contexto para o aprofundamento do urbano as lições do mestre acima citado foram imprescindíveis para o diálogo com as outras disciplinas, sobretudo a geografia, mas atualmente pelas transformações do mundo não servem mais.

Bailly e Racine (1981) versaram sobre as novas necessidades da geografia urbana desde a tradição do empirismo até as novas etapas de estudo, como a renovação pelo estudo da dinâmica urbana àquela época. Os autores buscavam uma reflexão e um método de análise global para a cidade e os caminhos oferecidos para a ciência regional. Mas não há mais função que

⁷⁷ "Soit donc l'espace considéré au niveau de *l'habiter* (nous ne disons pas <<l'habitat>> pour indiquer que cet espace ne se sépare pas de l'espace urbain et de l'espace social, ainsi que des modes d'appropriation particuliers et spécifiques à ces niveaux plus vastes mais pas nécessairement plus complexes et plus riches de qualités et propriétés)".

especifique regiões em sua rigidez e permanência em determinadas áreas da cidade. A regionalização carece de novas abordagens.

Mas o “[...] *mundo não é mais urbano, nem agrário, nem turístico. O mundo hoje é totalidade, diversidade, complexidade e instantaneidade.*” (SOUZA, 2009: p. 41)

Inspirados pela provocação de Lefebvre (1970) que estudou do ponto de vista filosófico o mundo urbano a expansão do urbanismo e suas teorias de produção da cidade, defende-se que não é mais do rural ao urbano. A expansão do urbano também contribuiu com a origem ao meio técnico-científico-informacional. Por isso se estuda do meio técnico-científico-informacional ao período popular da história. O mapa 01 (na pág. 71) é um dado novo do processo de configuração do meio técnico-científico-informacional. Que gera também novo mapa do mundo com as disputas pela guerra da informação, conforme será discutido na segunda parte da tese.

Assim, o dado importante para se buscar expor e teorizar é sobre o quanto cada país, por exemplo, possui de intensidade do meio técnico-científico-informacional a partir dos usos do território. É a morte das taxas de urbanização para aqueles que adoram decretar o fim das coisas! Mas, realmente, é o fim das taxas ou graus de urbanização. O mundo urbano se intensificou, mas não apenas ele, o rural também, passando a ser agrícola, passando a ser o uso do território a melhor expressão para lidar com a tecnificação do território nas áreas rurais.

O uso do território agrícola é a melhor expressão para os estudos das áreas agrícolas atuais, pois se nomeia através dos usos que qualificam o território. É preciso que os sistemas de governo atualizem seus bancos de dados para demonstrar informações sobre o grau de densidade do meio técnico-científico-informacional, sobre o uso ou acesso à internet e os objetos que viabilizam o uso da internet, como o celular multifuncional, por exemplo.

Entretanto, Braudel (2014 [1969]) é um historiador pioneiro na mudança do mundo, propondo uma ciência social sem essas distinções entre geografia, história, economia, antropologia, sociologia e ciência política. Afinal, com a

complexidade do mundo é difícil distinguir os limites do trabalho científico na hipermodernidade.

A compreensão dessa hipermodernidade vem do culto ao extremo do superlativo da modernidade, pois, a era dos hiper (hipercapitalismo, hipermercado, hiperclasse, hiperpotências, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipertexto) embasada na sensação de fuga para o futuro, de modernização desenfreada, de mercantilização, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico. *“Tudo foi muito rápido: a coruja de Minerva anunciava o nascimento do pós-moderno no momento mesmo em que se esboçava a hipermodernização do mundo”* (LIPOVETSKY, 2004: p. 53).

Por esse motivo o esforço de análises fundadas a partir do movimento do presente e da realidade mutante e complexa. As engrenagens do mundo mudaram e requerem novas abordagens para acompanhá-las.

Devido ao conceito de meio, contemporaneamente, meio técnico-científico-informacional, a geografia dialoga com a psicologia, com a filosofia, sobretudo, por ser uma filosofia das técnicas. O homem cria necessidades (ORTEGA Y GASSET, 1961), o homem em si é uma *máquina desejante* (DELEUZE; GUATTARI, 2011 [1972]).

Ainda que os homens não vivam isolados a relação LUGAR-MUNDO é individual. Quando se estabelece a consciência dos indivíduos que constituem os lugares, uma sentido da constituição dos lugares fica evidente, é possível ações em conjunto. Sendo esse processo de suma importância para a Política.

CAPÍTULO 3 – Os agentes da dinâmica dos lugares

Apreendi com as primaveras a deixar-me cortar e
a voltar sempre inteira.

Cecília Meireles. Poema Desenho, Mar
Absoluto, 1945.

Este capítulo trata da definição dos agentes que constituem a dinâmica dos lugares. A sintaxe do lugar é constituída pelo estudo dos elementos que o compõem ou o constituem, o cotidiano, a redutibilidade entre psicoesfera e tecnoesfera e a intencionalidade são alguns desses elementos. A sintaxe do lugar⁷⁸, no sentido de que é uma leitura e interpretação totalizante foi inspirada na sintaxe do mundo proposta por Foucault (2016 [1966]).

Mas antes de se entender a dinâmica dos lugares é preciso demonstrar a sintaxe da definição do lugar como espaço do acontecer solidário distinguindo lugar de local ou de localidade.

O **espaço geográfico** é uma instância social, é abstrato. Espaço geográfico é o mundo em movimento (SOUZA, 1995a). O espaço como dimensão da realidade também é estudado pela física. Atualmente a física fala em multiverso ou universos paralelos. A teoria das cordas desenvolvida pela física

⁷⁸ Santos (1985: p. 53) não fala o termo sintaxe, mas elencou uma interpretação nesse sentido quando está refletindo sobre o movimento da totalidade. “*Se nos for permitida uma analogia gramatical, podemos pretender que a estrutura seja vista como o sujeito, a função como o verbo (ação através do processo) e a forma como complemento (objeto do verbo)*”. Nesta tese traz-se uma metodologia inédita de sintaxe do lugar.

quântica mostra de 9 a 11 dimensões da realidade e do universo, mas discute também a finitude ou os vários universos paralelos.

Esse debate na teoria da física⁷⁹ é interessante pela discussão sobre a dimensionalidade das coisas. Por dimensão entende-se uma realidade, a expressão de uma realidade ou seu nível. O espaço possui três dimensões, a quarta dimensão é espaço e tempo inextricavelmente (HAWKING, 2016), porque tanto o tempo como o espaço são categorias e instâncias.

Talvez, pela união entre tempo-espaço como quadridimensionalidade Santos (2009 [1996]) proponha que o lugar seja a 5ª dimensão do espaço, em razão do cotidiano. Não se entrará na discussão sobre qual posição é o lugar na dimensionalidade do espaço. O que interessa, nesta reflexão e tese, é demonstrar sua constituição. Precisar sobre essa ordem do lugar na dimensão do espaço poderá ser uma questão importante futuramente. Pois, a ordem das dimensões do espaço possui significados e especialidades, como a três dimensões (exemplo de segunda dimensão são os filmes, a fotografia, mesmo os filmes em 3D são em segunda dimensão porque são apenas dois planos que se envolvem o da tela e sua duração⁸⁰), espaço-tempo uma quarta dimensão e assim por diante.

Em todo caso, a tese consegue comprovar que por ser o lugar, espaço do acontecer solidário, uma dimensão do espaço geográfico, é, assim, uma dimensão vivida cotidianamente pelas pessoas. A característica do lugar se constituir como a alteridade do espaço geográfico, seu *ethos*, seu hábito, foi estudada no capítulo 1 deste trabalho. Ser a alteridade do espaço significa vivenciar o movimento do mundo cotidianamente pela constituição dos lugares.

Como o espaço geográfico é o mundo em movimento entender sua constituição é tangenciar à categorias externas da técnica, da semiótica, e do tempo, por exemplo.

⁷⁹ As teorias da física após os experimentos de Einstein comprovam que o tempo e espaço estão inextricavelmente conectados (HAWKING, 2016).

⁸⁰ “Um filme, como se sabe, é uma sequência linear de imagens. [...] a tela de cinema é uma projeção bidimensional, e nunca poderemos adentrá-la (FLUSSER, 2017: p. 102-103)”. “Em termos visuais, os filmes são superfícies, mas para o ouvido eles são espaciais (idem, 2017: p. 105)”.

Quanto ao termo **acontecer**, para compreendê-lo é preciso examinar o significado do evento entendido como **ação**, uso, objetos, tempo presente e totalidade sempre em movimento. É pelo acontecer que os lugares se realizam diariamente, se constituem, acontecem! Por isso lugares são ações.

A ação social (incluindo tolerância ou omissão) orienta-se pelas ações de outros, que podem ser passadas, presentes ou esperadas como futuras (vingança por ataques anteriores, réplica a ataques presentes, medidas de defesa diante de ataques futuros). Os “outros” podem ser individualizados e conhecidos ou então uma pluralidade de indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos (o “dinheiro”, por exemplo, significa um *bem* – de troca – que o agente admite no comércio porque sua ação está orientada pela expectativa de que outros muitos, embora indeterminados e desconhecidos, estarão dispostos também a aceitá-los, por sua vez, numa troca futura). (WEBER, 2004 [1977]: p. 117 [Grifos no original]).

Mas nem toda ação é social, nem todo o contato entre pessoas é social. A ação social pressupõe uma relação social fundada na reciprocidade com um sentido pactuado (WEBER, 2004 [1977]). Porém, toda ação é humana, logo lugar.

Essa ação em si traz a constituição do espaço, as solidariedades e, as intencionalidades, por isso sempre são políticas; os lugares são sempre políticos.

Quanto à discussão sobre o conceito de **solidário**, passa pela intencionalidade, racionalidade e divisão social do trabalho.

“A noção, aqui, de solidariedade, é aquela encontrada em Durkheim e não tem conotação ética ou emocional. Trata-se de chamar a atenção para a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum (SANTOS, 2008: p. 158).” A solidariedade pode ser orgânica ou mecânica, que está ligada à consciência coletiva. É a sociedade vivendo e agindo em nós, pois anula a personalidade individual pela coletiva. Chama-se mecânica por analogia à coesão que une elementos brutos entre si. É um laço sem vivacidade, uma coisificação. Enquanto a solidariedade orgânica representa a nós mesmos, naquilo que nos distingue, nos torna únicos. Esta é produzida pela divisão do trabalho (DURKHEIM, 2004 [1977]).

A vida social deriva de uma dupla fonte: a semelhança das consciências e a divisão do trabalho social. O indivíduo é socializado no primeiro caso porque, não tendo individualidade própria, confunde-se no seio de um mesmo tipo [sic] coletivo, o mesmo acontecendo com seus semelhantes; no segundo caso, ele é socializado porque, tendo uma fisionomia e uma atividade pessoais que o distinguem dos outros, depende deles na mesma medida em que se distingue e, por conseguinte, depende da sociedade que resulta de sua união (DURKHEIM, 2004 [1977]: p. 31).

Entretanto, o lugar não é ações sociais e a solidariedade orgânica em si. Pois, para se constituir o lugar, espaço do acontecer solidário, o fundamental é sua particularidade geográfica, uma conexão mundo-lugar com um conteúdo social que o anima. Inicialmente, assim, pode-se falar em lugares como resistência. O lugar é um nexo, uma relação geográfica (SOUZA, 2005).

[...] a divisão do trabalho produz a solidariedade, não é apenas porque ela faz de cada indivíduo um “trocador”, como dizem os economistas; é porque ela cria entre os homens todo um sistema de direitos e deveres que os ligam uns aos outros de maneira duradoura. (DURKHEIM, 2015 [1930]: p. 429)

Como uma condição humana da vida ativa (vida política) a ação pode ser política⁸¹. A Política, uma *forma de organização* que surge no *entre-os-homens*, para a manutenção da vida pois ela trata da *convivência entre os diferentes*, ou seja, entre os homens que são diversos entre si (ARENDT, 1981; 1999). O lugar como espaço do acontecer solidário se constituindo como lugares como resistência possui uma solidariedade orgânica com um conteúdo político.

⁸¹ São quatro os elementos da **condição humana**: o pensar, a razão, o labor/tarefa, o trabalho e a ação. Segundo Arendt (2018 [1958]) trata apenas das três últimas. A expressão vida ativa designa três atividades humanas fundamentais: labor/tarefa, trabalho e ação. São fundamentais por que correspondem as condições em que a vida constitui o homem. O labor/tarefa é o processo biológico do corpo humano que tem que haver com as necessidades vitais do próprio labor no processo da vida. “A condição humana do labor é a própria vida” (ARENDT, 2018 [1958]: p. 5). O trabalho é a atividade vinculada ao artificialismo da existência humana, produz um mundo “artificial” de coisas. “A condição humana do trabalho é a mundanidade” (ARENDT, 2018 [1958]: p. 5). Ação é a atividade que se realiza sem mediação das coisas ou matéria, a sua condição humana se dá na pluralidade. Ela também traz um conceito de sociedade onde é uma organização sobre-humana formada pelo conjunto das famílias organizadas economicamente e formam a nação (vida privada necessidades, vida na polis liberdade).

Bom lembrar que Sorre (1984 [1952]) alerta para o que chama de ausência de plasticidade, ou seja, uma resistência à evolução. É preciso definir o que se entende por resistência, lembrando que Gramsci (1972), no plano da política propõe a resistência como sendo sempre libertária.

O lugar, **espaço do acontecer solidário**, é sempre presente, instantâneo e efêmero, é a ação humana se realizando num instante (evento).

Mas quando se lida com a constituição do lugar empiricamente não é possível o fracionamento dos elementos ou termos externos. Assim, a Geografia deve criar instrumentais para exibir a dinâmica dos lugares.

A dinâmica dos lugares, inicialmente estudada e criada por Souza (2008), possui os agentes dinamizadores que constituem os lugares. Por isso Souza (2008) identificou que estudar a constituição dos lugares é compreender suas dinâmicas. Foi o método pioneiro para o estudo das dinâmicas da metropolização. Ainda segundo a referida autora há uma *mundialização dos lugares*; esse processo que resulta nos *lugares mundiais* (SOUZA, 2008: p. 37). Dos lugares mundiais identificou-se o LUGAR-MUNDO, onde a lógica e racionalidade dos de baixo tem se acentuado não apenas dos lugares se constituindo como resistências às desigualdades, mas também novas possibilidades diante da constituição dos lugares virtuais, como descoberta pela pesquisa e reflexões desenvolvidas nesta tese. A força do lugar é imperiosa, sobretudo, por causa da possibilidade da conexão mundo-lugar (SOUZA, 1993).

O termo LUGAR-MUNDO como a prática de cada indivíduo na constituição dos seus lugares cotidianamente pode encontrar respaldo naquilo que Hartshorne (1978: p. 51 [grifo no original]) afirma “[...] *a Geografia é a disciplina que procura descrever e interpretar o caráter variável da terra, de lugar a lugar, como mundo do homem*”. Sem entrar no mérito do debate epistemológico, pois a Geografia Renovada pratica a Geografia como a ciência do espaço geográfico, inspira-se no mestre acima referido ao refletir sobre as mudanças do movimento do mundo. Com esta tese espera-se, também, contribuir com a reflexão sobre a diversidade e desigualdade na constituição dos lugares, bem como sobre a mudança na prática do LUGAR-MUNDO de cada indivíduo.

Lugar e mundo estão intrinsecamente ligados devido à sua origem referente ao habitat. O lugar é um habitat e a partir sua da constituição pelas pessoas o lugar é portador ou expressa uma ética, uma consciência. Discutir-se-á isso mais profundamente na terceira e última parte desta tese.

Como dimensão, o lugar é sempre presente. O lugar é viver o cotidiano. O lugar é diário. **A sintaxe do lugar** como espaço do acontecer solidário, sintetiza-se assim (Esquema 01):

A sintaxe do lugar é um método aqui proposto para identificar os sujeitos da dinâmica dos lugares, pois o lugar é uma dimensão espacial do cotidiano, tempo espacial, ou seja, ação humana. E como a tese em defesa o lugar é uma dimensão da ação política.

Esquema 01: **A sintaxe do lugar**

Fonte: Elaboração de ARAÚJO, M. F. de, 2019.

É por meio do acontecer que o lugar se materializa usando o território. O materializar-se tem uma curta duração, depende do acontecer, do evento e das solidariedades. Os lugares possuem sempre sujeito⁸².

Outro agente da dinâmica dos lugares explicitado por Souza (2008: p. 39), é a **fluidez territorial**. “*Não há acumulação sem circulação! Não há circulação sem território fluído.*” A autora supracitada traz ainda a *especialização dos*

⁸² Essa elucubração tão fundamental para a tese foi desenvolvida por Maria Adélia de Souza em uma conferência realizada na Universidade Federal de São Carlos no campus de Sorocaba em 2018.

lugares, ou os lugares especializados. Posteriormente, sua reflexão falará em lugares livres e lugares como resistência, num avanço teórico o qual essa pesquisa constata pelo trabalho de campo.

A fluidez territorial vem da constituição do **meio técnico-científico-informacional**. Sendo este outro agente da dinâmica dos lugares, como se tem insistido nesta tese.

O **uso corporativo do território** pelos empresários a partir de políticas pactuadas com o Estado também são outros agentes da dinâmica dos lugares. Os movimentos sociais, as corporações, a **divisão territorial do trabalho**, os grandes objetos técnicos são outros agentes da dinâmica dos lugares. Os **usos do território como norma ou como recurso** e os **usos do território como abrigo** são, também, agentes da dinâmica dos lugares. A reflexão sobre o uso do território como abrigo será exibida no capítulo 12.

Esses agentes coincidem com os elementos da dinâmica dos lugares. Como agentes da dinâmica dos lugares se identifica as instituições; as corporações; os movimentos ou grupos sociais; os sujeitos ou indivíduos em seu cotidiano; os grandes objetos técnicos, como por exemplo, entre os objetos técnicos o sistema viário que permite a fluidez territorial; a psicoesfera e tecnoesfera difusores do meio técnico-científico-informacional; o próprio período e meio técnico-científico-informacional, as formações socioespaciais (a sofisticação das formações sociais; a depender da realidade a qual se estuda); o cotidiano exibido ou agindo por meio dos objetos e da tecnoesfera e psicoesfera.

Para exemplificar o uso dessa pequena teoria exposta acima se demonstra o início da atividade de campo realizada, a saída da pesquisadora até o local da realização do experimento 2, qual seja o ponto de encontro na Avenida Paulista para a constituição do lugar como protesto e que será exibida no próximo capítulo.

O trajeto feito pela pesquisadora trouxe a compreensão da dinâmica dos lugares. Assim, se exhibe alguns elementos que a compõe contemporaneamente: o metrô, utilizado como veículo é um dos agentes ou elementos do cotidiano, ou seja, o meio de transporte; os celulares multifuncionais que fazem parte do

cotidiano. Computadores, livros, mídias sociais, metrô, ônibus ou bicicleta como veículos de locomoção são alguns elementos do cotidiano que criam a psicoesfera e tecnoesfera e constituem lugares.

Lembrando que o lugar é a dimensão do cotidiano do espaço geográfico que desvela a ação humana.

Traz-se essa dimensão do espaço geográfico investigada pelos elementos ou agentes que constituem parte do cotidiano das pessoas. E, assim, essa pequena teoria, defendida nesta tese, poderá se reverter numa metodologia para investigar a constituição dos lugares.

Quanto à questão dos celulares multifuncionais que tornados próteses e extensões do corpo humano potencializam a constituição dos lugares, essa questão será retomada na última parte desta tese.

É diferente a constituição dos lugares vividos por um indivíduo que só usa ônibus daquele que usa os dois tipos de transporte, ônibus ou metrô, ou aquele que usa apenas o metrô. No metrô há muito apelo ao consumo, bem como a velocidade e características do trajeto são bem distintas daqueles que usam outros transportes, sobretudo, ônibus. O mesmo se observa para quem só utiliza carro como transporte; implicando na noção que as pessoas têm da cidade e sua relação com ela: os lugares que vivenciam são diferentes. Isto é, a influência dos tentáculos da psicoesfera e tecnoesfera será diferente segundo os lugares constituídos a partir do uso do território pelos seus agentes.

No trabalho de campo, na abordagem sobre a locomoção e o deslocamento, a realidade do uso do território pelos sujeitos ficou evidente. Oportunamente, se retornará esta reflexão. É, por exemplo, o caso de um indivíduo entrevistado, esgotado pelo trabalho, usuário apenas do ônibus em seu deslocamento, afirmou que seu transporte é confortável pelo simples fato de poder descansar no trajeto para casa quando consegue acento disponível (Vide Tabela 04 na página 210).

Conforme será visto no capítulo 9, os objetos são signos. Por isso, os **signos** que o espaço geográfico, em sua dinâmica (indissociabilidade entre o sistema de objetos e o sistema de ações) incorporada pelas formações

socioespaciais fazem chegar até os países e serem recebidos e constituídos pelos lugares em seu cotidiano. Esses signos, mais externos são recebidos e interpretados pelas paisagens. São todos os objetos do meio técnico-científico-informacional que se tem contato ou não se tem contato, mas, sabe-se que existem ou não se tem notícia que eles existam.

Então, o cotidiano gera hábitos, os hábitos são os lugares praticados diariamente que produzem uma consciência, uma ética dos lugares, conforme será visto na última parte dessa tese.

Tudo o que faz parte do cotidiano das pessoas, como livros, leitor de livros digital (*kindle*), objetos com Bluetooth, toda uma gama de objetos do processo civilizatório, são agentes da constituição da dinâmica dos lugares.

Desvendar os lugares e suas dinâmicas é estudar os objetos do cotidiano, mas através de um método totalizante não do estudo do objeto em si.

A **divisão territorial do trabalho** é um dos principais agentes da dinâmica dos lugares. Através dela os indivíduos compõem seus trajets, seus objetos, ou seja, por meio dela o sujeito usa mais ou menos o meio técnico-científico-informacional; ainda por meio dela sua paisagem é produzida: roupas, acessórios, objetos.

Vejam a fotografia a seguir (Fotografia 02), quando a Av. Paulista aos domingos é fechada para se transformar num lugar para o lazer. Essa fotografia mostra a divisão territorial do trabalho, no dia de domingo, quando a avenida citada muda sua função de circulação e fluidez de veículos e pessoas para se tornar um parque destinado às mais diversas atividades. Comentar-se-á mais sobre o fato do fechamento da Av. Paulista aos domingos e a constituição de lugares na terceira parte da tese.

Fotografia 02: São Paulo: Avenida Paulista: A divisão do trabalho e a dinâmica dos lugares.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 15h02min. em 24 de mar. de 2019.

A divisão territorial do trabalho observada na foto acima, como é o caso dos trabalhadores da limpeza urbana da cidade é identificada pelos elementos que o identificam como tal, ou seja, o uniforme de servidor deste tipo de atividade prestada à prefeitura municipal; dos vendedores do antiquário, que ocupam aos domingos o vão do MASP (Museu de Arte Moderna de São Paulo), antes mesmo da política⁸³ de fechamento da Paulista aos domingos, das 10hs até às 18hs; dos vendedores ambulantes que disputam e constituem lugares com aqueles indivíduos que vão para o lazer.

*****Conhecendo a dinâmica dos lugares: A pesquisa de campo*****

As múltiplas modalidades do trabalho de campo revelam a complexidade para se abordar o conceito e categoria de análise lugar. Seguiu-se os percursos

⁸³ Essa ação faz parte do Programa Ruas Abertas promulgado pelo Decreto N. 57.086 de 24 de junho de 2016 pelo prefeito da época Fernando Haddad. Disponível em: <<http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipId=FVDIDT0QEKDEJe169C457GD6FC3>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

metodológicos de Souza (2008) a partir da **dinâmica dos lugares**. Retomando Santos (2008: p. 160) sobre as densidades técnicas, informacionais e comunicacionais para a constituição dos lugares. *“Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja função os caracterizam e distinguem.”*

As **densidades técnicas** dizem respeito aos objetos técnicos e aos graus de artifícios despendidos por elas, e que estimulam a psicoesfera e tecnoesfera. Quando Santos (2008) se remetia aos “espaços inteligentes” previa o advento das mídias sociais e plataformas digitais que dinamizam a psicoesfera e tecnoesfera atuais. As **densidades informacionais** decorrem das densidades técnicas em certa medida. Elas criam o sistema de ações e o sistema de objetos da psicoesfera e tecnoesfera. Informam também “[...] *sobre os graus de exterioridade do lugar, sua propensão a entrar em relação com outros lugares e a efetivação dessa propensão* [...]” (SANTOS, 2008: p. 160). Enquanto as **densidades comunicacionais** correspondem ao tempo da ação. *“Esse tempo plural do cotidiano partilhado é o tempo conflitual da co-presença* (SANTOS, 2008: p. 160).”

Então, segundo essas duas proposições sobre o lugar foi elaborado o instrumental de campo. O experimento de número um que corresponde ao questionário Mundo-Lugar (Apêndice 1 e 2 nas pág. 457 a 471) foi produzido segundo as densidades acima elencadas, acrescentando alguns itens extras para melhor identificar os perfis dos entrevistados como, por exemplo, informações sobre consumo, identificação e deslocamento.

A concepção da pesquisa de campo foi um processo muito longo e complexo, dada a dificuldade e ineditismo do enfrentamento da dinâmica dos lugares e do lugar como espaço do acontecer solidário.

Conforme argumentado e demonstrado no capítulo 1 sobre o estado da arte, nenhum trabalho se dedicou ao enfrentamento do lugar se constituindo como espaço do acontecer solidário e em resistência às desigualdades. Sendo inéditos o método e metodologia, interpretações e descobertas aqui praticadas.

Dado o pioneirismo dessa experiência de pesquisa os referenciais de consulta ou amostras estatísticas não foram considerados. Primeiro, pela falta de

tempo hábil para a elaboração das amostras e da aplicação dos questionários. Então, se descartou a produção de amostragem. Segundo, e o mais importante, pelo grau de complexidade em demonstrar uma metodologia que mensurasse uma dimensão do espaço geográfico que possui curta duração e nem forma, é efêmera e usa o território. Apenas pela constituição dos lugares as pessoas usam o território, ou em grupo ou individualmente na prática do LUGAR-MUNDO.

Como a constituição do lugar versa sobre o cotidiano, ou melhor dizendo, o lugar é a dimensão de prática cotidiana, a dificuldade de montagem e elaboração de instrumentos foi imensa.

Por isso, foi desenvolvido um experimento como ferramenta técnica para o início das elaborações instrumentais sobre a mensuração e qualificação da constituição dos lugares.

Desse modo, a pesquisa de campo possuiu diversos instantes de realização e variados instrumentos. Mas são quatro etapas ou experimentos aplicados e estudados: as entrevistas com os mendigos, o registro das paisagens, a aplicação de questionários para a compreensão da constituição dos lugares que se dividem em dois experimentos.

Observação e registro das paisagens

As paisagens se configuram como o laboratório do trabalho do geógrafo. Elas são o primeiro contato com a abordagem sobre os lugares. É por meio delas que a redutibilidade entre psicoesfera e tecnoesfera se inicia. “[...] *a paisagem consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos pregressos, [...] diversas acumulações ao longo da história* (SANTOS, 1985: p. 55)”. Mas com a convergência dos momentos desses tempos acelerados o movimento de transformações do espaço geográfico se torna veloz repercutindo em cada formação socioespacial a chegada de elementos novos cotidianamente.

Por esse motivo que as mídias sociais se revertem num dado imperioso da constituição dos lugares. Essa opressão dos objetos na relação dos indivíduos e os lugares que constituem diariamente, trazem também uma velocidade na

dinâmica de produção das paisagens. Num primeiro momento dessa observação das paisagens a partir do estudo da dinâmica dos lugares as paisagens se revestem de velocidade na sua produção e percepção. Lembra-se que a paisagem é *“Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança [...] o domínio do visível [...] É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.* (SANTOS, 2014 [1988]: p. 67-68)”.

Inicialmente foram realizados registros de paisagens para diversificar a argumentação sobre a constituição dos lugares. Esses registros foram realizados nos dias:

- 08 de março de 2019 fotografias de uma manifestação organizada pelos movimentos de mulheres na Av. Paulista (Fotos: 21 a 23 nas pág. 158 e 159);
- 26 de junho de 2019 fotografias de uma manifestação a favor do governo federal também na Av. Paulista (Fotos: 30 e 31 na pág. 261);
- Trabalho de campo realizado no dia 21 de agosto na Câmara Municipal de São Paulo (Foto: 32 na pág. 288);
- Observação do almoço comunitário no dia 31 de agosto (sem registro de paisagem);
- Registro de paisagens nos demais campos descritos a seguir.

Trabalho de campo: questionários

O primeiro trabalho de campo foi o piloto do questionário realizado no dia 24 de março de 2019, na Av. Paulista. A escolha dessa avenida se deu pelo fato da realização da política de fechamento aos domingos para a recreação e o lazer. Partiu-se da hipótese que a mudança de função era significativa para o experimento de demonstrar a constituição de lugares. Então, essa ação governamental da prefeitura permitiu a construção do instrumento inicialmente

imaginando que a Av. constituía outros lugares a partir dessa mudança de função aos domingos.

Mas o objetivo dos questionários era captar os elementos da constituição dos lugares. Desde o início, se planejou o contraste da aplicação dos questionários na Av. Paulista com outra localidade da cidade, sobejamente uma localidade das áreas da periferia, no intuito de mostrar as desigualdades socioespaciais da dispersão do meio técnico-científico-informacional.

Pois, conforme se viu no início desse subitem sobre a pesquisa de campo os lugares se constituem através das densidades técnicas, informacionais e comunicacionais, e essas densidades correspondem ao grau de dispersão do meio técnico-científico-informacional. Ou seja, a constituição dos lugares está intrinsecamente ligada ao meio técnico-científico-informacional, isto é, como os lugares se constituem a partir do contato com meio técnico-científico-informacional e, assim, usam o território.

A realização do trabalho de campo na Av. Paulista se deu em dois momentos: um no dia 24 de março e o outro no dia 15 de setembro de 2019, encerrando a aplicação dos questionários e o trabalho de campo.

Mas para demonstrar os contrastes entre as paisagens da constituição de lugares como resistência era preciso outra localidade em contraposição àquela da Av. Paulista. Assim, a outra localidade pesquisada foi o distrito de Sacomã, Zona Sul de São Paulo. Local de residência dos componentes do grupo Posse Poder e Revolução⁸⁴, ao qual será exibida sua reflexão oportuna no capítulo 12. A aplicação dos questionários ocorreu no dia 24 de agosto na Escola Estadual Dr. Álvaro de Souza Lima.

Entretanto, foi ainda preciso a construção de outro instrumento de pesquisa, e a realização de outro experimento de campo, pois a guerra da informação se tornou um contexto mundial imperioso na realidade nacional após o afastamento da Presidente Dilma Rousseff no ano de 2016, conforme se discutirá na segunda parte desta tese. Desse modo, aplicou-se o questionário durante o protesto contra os cortes de verbas da educação promovidos pelo governo

⁸⁴ É uma Posse de *Hip-hop* e um coletivo de cultura da periferia de São Paulo.

federal. Esse trabalho de campo foi realizado no dia 13 de agosto, também na Av. Paulista que foi o ponto de encontro para a constituição de um lugar como protesto, conforme se verá no próximo capítulo⁸⁵.

Essa pesquisa de campo com o instrumento dos questionários atingiu o total de 34 entrevistados (exceto as entrevistas com os moradores de rua).

Trabalho de campo: entrevistas

No dia 22 de agosto, realizou-se a sequência dos trabalhos de campo entrevistando aos mendigos e moradores de rua, que serão exibidas e discutidas no capítulo 12; uma dessas entrevistas foi realizada no dia 24 de março, quando foi aplicado o questionário piloto na Av. Paulistas. As demais entrevistas foram realizadas no centro antigo da cidade, entre os distritos da República e Sé (ver mapa 32 do trajeto do trabalho de campo desse dia na pág. 364).

Essas entrevistas foram concebidas em razão da extrema desigualdade socioespacial vivida pelos indivíduos que moram nas ruas da cidade. Essas pessoas constituem lugares como resistência pura ou bruta (ler capítulo 12).

Foram cinco entrevistas com pessoas que moravam nas ruas.

Todos os instrumentos de pesquisa de campo estão exibidos nos apêndices desta tese.

⁸⁵ Esse questionário foi preparado num intervalo de tempo curto para a sua aplicação no dia do protesto selecionado devido ao objetivo de exibir a constituição dos lugares como resistências às desigualdades socioespaciais. Sendo por esse motivo que a manifestação escolhida foi contra os cortes às verbas de educação no nível de governo federal. Uma vez que a educação é considerada uma instituição e um instrumento de erradicação das desigualdades socioespaciais. A busca ou luta pela igualdades através da educação é também um resgate à dignidade humana, ou seja, a educação é uma propriedade indelével e inalienável de igualdade (SAVIANI, 2015).

Perfil dos entrevistados e a dinâmica dos lugares: prolegômenos

Iniciando a elaboração sobre o perfil dos entrevistados no trabalho de campo, o Gráfico 04 expõe o grau de escolaridade do público atingido pela pesquisa de campo.

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O público pesquisado pelo instrumento dos questionários possui formação majoritariamente superior, completo ou incompleto⁸⁶. Os mendigos ou moradores de rua não entram nesse espectro dos gráficos e tabelas que foram produzidos pelos questionários dos experimentos que correspondem aos apêndices 1, 2 e 4.

⁸⁶ Levanta-se a hipótese de que o grau superior foi banalizado nesta contemporaneidade o que não parece repercutir diretamente em ampliação de repertório ou visão de mundo crítica, mas isso não foi objeto da pesquisa.

No Gráfico 05 sobre as profissões dos entrevistados há uma pluralidade devido às abordagens nas ruas, na Av. Paulista e na Escola Dr. Álvaro da Souza Lima, no distrito de Sacomã. A maioria desses entrevistados foi de estudantes.

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O Gráfico 06 é sobre o sexo⁸⁷ dos entrevistados, sendo o público atingido a maioria expressiva de mulheres. As mulheres são mais receptivas e solidárias no acolhimento da pesquisa. São mais gentis e educadas na recusa também.

Os dados sobre os perfis dos entrevistados são fundamentais para a demonstração da constituição dos lugares abordados na pesquisa, quer sejam os

⁸⁷ Algo a se comentar é o fato de que no questionário foi feito um experimento sobre a sexualidade conforme poderá ser visto nos Apêndices da tese. Quando indagados sobre o sexo sempre responderam entre homens ou mulheres, mesmo quando, aparentemente, se expressavam traços de sexualidade diferentes do sexo. Os entrevistados possuem consciência sobre o que é sexo e o que é sexualidade.

lugares livres, quer sejam os lugares que se constituem em resistências às desigualdades. Essa discussão será iniciada no capítulo 9 da segunda parte e seguida pelos capítulos da última parte da tese.

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

As pessoas que compõem a amostra desta pesquisa de tese são jovens em sua maioria, conforme se pode observar no Gráfico 07, sobre a faixa etária, a maioria possui entre 19 a 24 anos. A idade, o sexo, a profissão e formação dizem respeito aos repertórios ou momentos de relação que são fundamentais para a constituição do LUGAR-MUNDO.

Sobre os moradores de rua entrevistados as informações são exibidas no capítulo 12 no subitem sobre os lugares como resistência pura ou bruta.

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O gráfico 08 aborda uma questão sobre a solidariedade; constatou-se que de maneira geral as pessoas entrevistadas se solidarizam com as injustiças de qualquer ordem.

Essa questão sobre a solidariedade não abrangeria totalmente o que significa o lugar como espaço do acontecer solidário. Porque a constituição dos lugares é complexa e não diz respeito à solidariedade fraternal, religiosa ou ideológica, e sim à solidariedade social, quer seja orgânica ou mecânica como ensinou Durkheim (2015 [1930]). Há também uma solidariedade existencial que surge também das solidariedades sociais, mas principalmente da pedagogia da existência. Contudo, fez-se menção a esse aspecto devido à intenção de captar as racionalidades da constituição dos lugares.

Fonte⁸⁸: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Todavia, há elementos nos instrumentos de pesquisa utilizados que apenas confirmam uma tendência filosófica e existencial do ser humano, tal como suas ideologias em defesa da justiça. Ainda que os indivíduos possam ser injustos em suas práticas cotidianas nos lugares que constituem, ao serem questionados expressam os votos de se solidarizar contra as injustiças.

Essa abordagem também se fez necessária para se exhibir as contradições humanas. São elas quem realmente revelam verdadeiras ações, os lugares. Será visto outros exemplos no decorrer do trabalho esses argumentos sobre o LUGAR-MUNDO.

Desse modo, os gráficos a seguir versam sobre a dinâmica dos lugares pela psicoesfera e tecnoesfera, sobre as mídias sociais, mas, também, sobre a constituição do LUGAR-MUNDO. Pois, a difusão do meio técnico-científico-informacional e a inserção dos sujeitos na divisão territorial do trabalho são o quadro de referência para a constituição dos lugares.

O Gráfico 09 tenta captar elementos para a mudança de racionalidade ou a ampliação dos repertórios dos sujeitos que constituem os lugares. No capítulo 7

⁸⁸ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 56: O que lhe faz ser solidário?

esse debate se faz necessário em virtude da aderência de muitas pessoas aos discursos fascistas e a constituição de lugares que praticam a intolerância.

Fonte⁸⁹: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Então, tentou-se verificar como as pessoas mudam de pensamento, ou melhor, o que as fazem constituir outras mentalidades e assim ampliar suas visões de mundo.

A maioria dos entrevistados diz que muda de ideia devido aos argumentos científicos. Entretanto, mudança na rotina e recomendação do líder religioso entram como fatores também citados por mais de um entrevistado. Essa mudança na rotina ou no cotidiano é muito abrangente, pode ser qualquer interferência, mas, sobretudo, a influência e significado da constituição da psicoesfera e tecnoesfera. As rotinas dizem muito sobre os lugares que se constituem.

Contudo, a recomendação do líder religioso em si não seria um problema se o líder for uma pessoa correta e instruída, se tiver responsabilidade com suas ações, ou seus lugares. Mas o fato é que a decisão sobre as mudanças de cada pessoa é livre, ainda que elas sejam sugestionadas pelas dinâmicas da

⁸⁹ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 57: O que lhe faz mudar de ideia?

redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera. As influências podem enganar, mas os indivíduos sempre refletem e decidem, agindo conforme a escolha que julgam ser o melhor para eles, mesmo que os agridam.

Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. [...] Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.” (GRAMSCI, 1988: p. 7-8 [grifos no original]).

Os Gráficos 10 e 11 sofisticam um pouco a análise dos perfis dos entrevistados e, assim, sobre os seus repertórios que contribuem para a constituição dos lugares.

Fonte⁹⁰: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

⁹⁰ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 59: Como reage às críticas lhe dirigidas nas redes ou mídias sociais?

Fonte⁹¹: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O confronto entre os dois exibe uma contradição, pois o Gráfico 11 sobre o que lhe deixa triste, a referência às críticas sofridas nas redes ou mídias sociais foram bastante citada. O que indica a fragilidade das questões do ser em se sentir triste com críticas. É um dos processos da agudização do capitalismo com o cultivo à aparência. Quanto à resposta sobre ver mendigos nas ruas ou as desigualdades tem a ver com o sugestionamento contido no instrumental e que foi aplicado no experimento do dia 13 de agosto de 2019, sobre o protesto contra os contes na Educação.

Mas em todo caso revela o repertório e conteúdo da psicoesfera e tecnoesfera vivenciado pelos sujeitos entrevistados em três casos, como por exemplo no da senhora que falou sobre o desmatamento da floresta, e isso tem relação com as recentes queimadas na Amazônia. Os instrumentos para a investigação sobre a constituição dos lugares irão sempre captar elementos do cotidiano.

Os Gráficos 12, 13 e 14 prosseguem com as emoções que se tenta captar com o instrumental de pesquisa.

⁹¹ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 58: O que te deixa triste?

Fonte⁹²: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Fonte⁹³: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

⁹² Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 61: O que lhe emociona e lhe faz repensar a vida?

⁹³ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 62: Quando acontece algum problema pessoal pede ajuda por mobilização nas redes sociais?

Fonte⁹⁴: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O Gráfico 14 é aquele de emoção contrária ao Gráfico 11. O que faz as pessoas entrevistadas alegres são a companhia dos amigos. O que emociona mais as pessoas pesquisadas são os aspectos familiares e gestos de generosidade.

No último trabalho de campo a pesquisadora desta tese foi surpreendida com o gesto de solidariedade de uma mulher que havia trabalhado fazendo pesquisas e a abordou. Ela foi trabalhar como pesquisadora porque havia se separado, seu rendimento atual é alto, mas precisou trabalhar na época em que se separara e nos abordou solidária. Sua abordagem se deveu ao fato de saber como são as dificuldades de ser pesquisadora.

Desse modo, a pedagogia da existência, conforme será visto na terceira parte da tese é mesmo verdadeira. Pois, o fato de experiências, da observação vivida pelas pessoas sentido na pele ou apenas observando ou se sensibilizando, pode ensiná-las, educá-las e fazê-las mudar ou ter outra visão da vida e das pessoas.

As mulheres foram mais generosas e acolhedoras nesse trabalho de campo. E por vezes as pessoas são muito influenciadas: um casal abordado, um

⁹⁴ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 60: O que te faz alegre?

deles seria aquele que se almejava entrevistar, mas o seu companheiro colado ao celular disse: “*Não, estamos ocupados!*” Seu parceiro com olhar cúmplice, mas constrangido repetiu a frase do seu companheiro. Recusas educadas do público que aparentava ser mais da classe média foram raras. Muitos foram agressivos e grosseiros. Vestir a roupa dos trabalhadores é ser tratado de forma menosprezada. O estigma de escravos ainda é vivo na psicoesfera e tecnoesfera atuais. Ser considerado pesquisador é ser considerado qualquer um, não querem saber se é uma pesquisa científica. Ainda sim, há que se tratar bem qualquer trabalhador.

A pesquisadora também foi expulsa de uma calçada do Shopping Cidade de São Paulo, no dia 24 de março de 2019 durante a realização do teste piloto do questionário, pelo simples fato de estar pesquisando. É proibida abordagem das pessoas na calçada desse shopping, pois não querem contrariar seu público consumidor com impertinências de pesquisadores. Esse público também, em sua maioria, classe média, na Av. Paulista fechada aos domingos, para a lida com os pesquisadores foi muito egoísta e grosseiro. Pensam em consumir e não serem “importunados” por quem quer que seja. Essa é a racionalidade do dinheiro, a sua violência também.

Esses são traços e elementos da psicoesfera e tecnoesfera e os agentes da dinâmica dos lugares. Como foi visto a divisão do trabalho é um dos agentes principais. De maneira geral os pobres são mais solidários, mais acolhedores. Porém, aquela mulher que teve uma experiência foi ativa em abordar e tomar a iniciativa e se solidarizou. “[...] *quando a maneira como os homens são solidários se modifica, a estrutura das sociedades não pode deixar de mudar.*” (DURKHEIM, 2015 [1930]: p. 157).

Por isso este capítulo trouxe a introdução do trabalho e da pesquisa de campo, mostrando os elementos iniciais do perfil dos entrevistados e assim circunstanciando e circunscrevendo um retrato da dinâmica dos lugares investigada nesta tese.

Entrar-se-á, pois, no próximo capítulo que demonstra o experimento do dia 13 de agosto de 2019 na constituição do lugar como protesto. O próximo capítulo responde ao objetivo geral desta tese, a constituição dos lugares.

Introduzirá, também, as suas constituições em resistência às desigualdades socioespaciais.

CAPÍTULO 4 – As desigualdades socioespaciais e os elementos da constituição dos lugares

A pobreza é andar rente ao chão, receoso não de pisar, mas de ser pisado. Que o espinho maldoso se crava não no pé, mas no coração da pessoa.

Mia Couto. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. 2002.

Pela psicoesfera que a possível dispersão, circulação ou implantação de objetos modernos (constituição de tecnoesfera e psicoesfera) pode incitar conflitos, necessidades e problemas nos locais ou na sociedade como um todo, e constituir lugares. É pela psicoesfera e tecnoesfera sempre redutíveis, que os signos criam cotidianos e constituem lugares. Nesse sentido, o espaço do acontecer solidário, isto é, o lugar, se torna a lente de investigação das transformações do presente pela Geografia.

No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e tempo (SANTOS, 2009 [1996]: p. 322).

Iniciando a reconstituição do conceito de lugar, pelo evento que é o acontecer, é a flecha do tempo que anima os lugares, o novo e a novidade, aquilo que cria o tempo, sempre atuais, e encontra-se superpostos uns aos outros, portador da ação presente, matriz do tempo e do espaço (SANTOS, 1985).

Analiticamente, a totalidade só pode ser examinada a partir da totalização, porque essa é a concretização da totalidade por meio dos eventos (SANTOS, 2009 [1996]). Ou, como diz Braudel (2014 [1969]: p. 45) “[...] o evento é explosivo [...]. Com sua fumaça excessiva, enche a consciência dos contemporâneos, mas não dura, vê-se apenas sua chama.”

Em todo modo, a resistência que se investiga trata-se daquela como ruptura às desigualdades socioespaciais que surge como uma ação consciente, comunicante, isto é, como uma contrarracionalidade nos dizeres de Milton Santos (2009 [1996]). O reino das intencionalidades guia os conteúdos da psicoesfera e tecnoesfera.

A descobridora dos lugares se constituindo como resistência às desigualdades socioespaciais, (SOUZA, 2005), nos diz que as resistências vêm dessas contrarracionalidades, ou melhor, elas nascem das contrarracionalidades, desses usos do território pelos sujeitos pobres e lentos na luta pela vida. A arma dos lugares como resistência é a comunicação, estabelecida pela produção da informação nova, da sua própria informação, da informação produzida por eles, a partir da sua realidade *“Esses homens pobres e lentos abrem um debate novo, revendo o significado da tecnoesfera e psicoesfera, atribuindo novas funcionalidades aos objetos e técnicas e definindo novos sistemas de ações.”* (SOUZA, 2005: p. 197)

Este trabalho mostra justamente essa resignificação da psicoesfera e tecnoesfera pelos lugares se constituindo como resistência na elaboração e prática do novo período histórico, o Período Popular da História.

Este é o lugar da resistência que se funda, finalmente, na cultura popular e na humanidade, na sua maioria habitado por homens pobres e lentos que não se deixaram cooptar voluntária ou involuntariamente pela volúpia do tempo presente. (SOUZA, 2005: p. 197)

Mas os lugares não são habitados, eles se constituem, eles são práticas, ações, hábitos, ética. Aprimorando ou ajustando o pensamento de Souza (2005), contudo, esses lugares, sim, rompem com a volúpia acelerada do tempo

presente. São lugares que se constituem no tempo lento, demorado, pode-se dizer que são *lugares apaixonados*, dada a força das emoções. Que não foram corrompidos pela violência do tempo acelerado, do dinheiro e da informação.

A constituição do lugar se mostra como uma oportunidade para o evento. Esse é a flecha do tempo que vem do mundo, o evento é deformante e deformado. Entretanto, é pela empiricização do mundo que podemos vislumbrar outras formas e construir outras possibilidades de futuro (SANTOS, 2008).

“No lugar, um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, empresas e instituições, cooperação e conflito são a base da vida comum (SOUZA, 2005: p. 196).” Esse é o cerne da dinâmica dos lugares!

*****A constituição dos lugares*****

Neste subitem do capítulo 4, demonstra-se um experimento realizado no dia da constituição de um lugar como manifestação ou protesto. A demonstração desse experimento exibe-se em forma de fotografias e paisagens.

Um dos experimentos desse trabalho de tese foi realizado em dois momentos. Didaticamente, se iniciar com o experimento do dia 13 de agosto de 2019. O lugar era a manifestação, liderada pelos estudantes tanto secundaristas e universitários, contra os cortes do governo federal na educação e pesquisa e reformas propostas para as universidades e ensino em geral. Esse foi o lugar constituído, o lugar como protesto. No Apêndice 3 (pág. 472) exibiu-se o instrumento de pesquisa aplicado nesse dia de experimento e trabalho de campo.

Sintaticamente, o lugar constituído como protesto pode ser resumido assim (Esquema 02):

Esquema 02: O lugar como protesto

Fonte: Elaboração de ARAÚJO, M. F. de, 2019 (trabalho de campo).

Para entender a constituição desse lugar é preciso considerar o contexto nacional. A pauta, manifestações, discursos, programa do governo federal eleito em 2018 já repercutiu em diversas manifestações e protestos dos movimentos e grupos sociais organizados ou não. No capítulo 7 será discutida a guerra da informação, a qual no Brasil teve como consequência à vitória do grupo de extrema direita⁹⁵.

A despeito da chegada ao poder da extrema direita, o clima nacional ainda é da guerra da informação sobretudo pela disputa acirrada entre os grupos opositores ao governo. A guerra da informação é um contexto do período histórico atual, que no caso do Brasil ela eclodiu, de tal maneira, com o uso das mídias sociais pelos grupos de extrema direita e fascistas. Verdade que o presidente da república, eleito em 2018, além de não possuir a maioria do apoio dos brasileiros, também desenvolve um programa exibido em sua campanha, qual seja a perseguição às minorias e a possível sequência da agenda do golpe de 2016.

⁹⁵ O que ocasiona o dualismo entre direita e esquerda vai muito mais além do que o efeito das eleições e o sistema eleitoral, “[...] é o princípio de maioria, pelo qual, com respeito a qualquer tipo de decisão coletiva, se formam necessariamente uma maioria e uma minoria.” (BOBBIO, 1995: p. 75).

Esses temas serão discutidos e exibidos nos próximos capítulos da segunda parte da tese.

Considera-se a educação como uma propriedade indelével e inalienável de igualdade social (SAVIANI, 2015). A luta para levar educação de qualidade à todos e, principalmente para a formação das crianças e dos jovens é um instrumento fundamental e básico de combate às desigualdades socioespaciais.

No esquema 02, quando se lê o mundo, deve-se considerar esse contexto das instituições, do governo federal e dos movimentos sociais nas escolas e universidades, um contexto de conflito mais explícito e acirrado do que qualquer governo em exercício anteriormente, desde o período da “abertura democrática”, vivenciou. Com a vitória do pleito por Jair Bolsonaro e, com as ideias que ele representa, constituiu-se um lugar como resistência à própria plataforma de governo em prática aglutinando diversos setores e movimentos sociais e das minorias.

A palavra mundo e **espaço** do Esquema 02 diz respeito ao movimento da totalidade, do espaço geográfico e como ele influencia na constituição dos lugares. Quando se menciona mundo intrínseco ao espaço geográfico é sobre a relação com a expansão do próprio meio técnico-científico-informacional, com a plenitude da urbanização, ao menos em algumas localidades da cidade, mas sua disseminação pela dispersão do meio técnico-científico-informacional. Mais adiante será discutido sobre as categorias externas que influenciam na constituição do mundo e do espaço geográfico e que se vivencia pelos lugares cotidianamente.

Continuando com a sintaxe do lugar pelo o esquema 02 o **acontecer** está ligado à manifestação em si. O lugar é esse movimento, é a prática do protesto, é o ato da manifestação. O lugar é sempre ação. O experimento que foi realizado no dia 13 de agosto de 2019 (Apêndice 4 na pág. 473) está metodologicamente demonstrando isso neste capítulo. Esse fracionamento se dá para a compreensão da constituição dos lugares, porque são sempre plurais. Na realidade não há a separação entre os termos espaço do acontecer solidário como foi apresentada para sua definição e entendimento e para a compreensão da constituição dos lugares pela sintaxe do lugar.

Vivenciou-se ao mesmo tempo nesse lugar constituído no experimento aqui analisado a adesão de milhares de pessoas pela indignação contra os cortes e reduções nos investimentos a educação. Essa adesão é o pacto que faz as pessoas saírem de suas casas e seus compromissos para viverem esse lugar, são **solidárias** com o acontecer. Esse é o vínculo, o pacto, a união.

Esse lugar foi constituído no dia 13 de agosto de 2019 e se finalizou ao término da manifestação, qual teve um trajeto, que percorreu a Avenida Paulista e a Rua da Consolação terminando na Praça da República. Esse lugar vivenciado e constituído na terça-feira 13, foi idealizado pelos movimentos estudantis e divulgado pelas mídias sociais, sobretudo, pelo *Facebook*. A chamada e divulgação pelas redes e mídias sociais é uma prática da atualidade conforme demonstra o Gráfico 15.

Fonte⁹⁶: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O sujeito desse lugar foi o movimento estudantil. Os lugares sempre possuem sujeitos.

⁹⁶ Questionário Experimento 3: Lugar como Protesto – Pergunta 01: Por qual canal teve acesso a essa agenda de manifestação?

A realização desse lugar estava planejada para às 15hs do dia 13. Na fotografia 02 começa o monitoramento da constituição desse lugar, na Av. Paulista por volta das 12hs 50min registrando, através da paisagem fotografada, a dinâmica dos lugares.

A Avenida Paulista enquanto forma, enquanto local, vivencia seu cotidiano banal como pode ser visto nas fotografias 04, 05 e 06, a seguir.

Fotografia 03: Avenida Paulista com a Rua da Consolação na Cidade de São Paulo-SP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 12hs e 47min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 04: Avenida Paulista com a Rua Augusta, conjunto Nacional na Cidade de São Paulo-SP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 12hs e 51min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 05: Avenida Paulista na Cidade de São Paulo-SP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 13hs e 44min. em 13 de ago. de 2019.

São por volta das 14h e a fotografia 06 mostra a pequena concentração dos sujeitos desse lugar se constituindo em plena Avenida Paulista, no chamado

vão do museu. Curioso notar que o MASP, o Museu de Arte Moderna da cidade de São Paulo é um ponto de encontro de muitas manifestações, sobretudo, de movimentos da chamada esquerda⁹⁷, mas também de celebrações como campeonatos de futebol e resultado de eleições, por exemplo. Registro de uma curiosidade: o movimento de arte moderna foi um movimento, liderado por paulistas e cariocas, de ruptura com a arte e sociedade conservadora tradicionais, no início do século XX, em São Paulo a chamada semana de 1922.

Fotografia 06: Avenida Paulista proximidade vão do MASP – São Paulo-SP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 13hs e 51min. em 13 de ago. de 2019.

Os objetos possuem essa atividade, são ativos e magnetizam ações. Nesse caso citado sobre o MASP pode-se aludir às chamadas rugosidades por Santos (1985).

⁹⁷ Inicialmente, “[...] ‘esquerda’ e ‘direita’ não indicam apenas ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. ‘Esquerda’ e ‘direita’ indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence à ação política. Contrastes não só de idéias [sic] mas também de interesses e de valorações (valutazioni) a respeito da direção a ser seguida pela sociedade”. (BOBBIO, 1995: p. 33). [Aspas no original]

Comentar-se-á mais sobre o caráter ativo dos objetos no decorrer do trabalho. Eles são ativos não apenas pelas intencionalidades, mas pela própria técnica e signos que representam.

Na fotografia 07 aproximamos as lentes do microscópio geográfico (as paisagens e o trabalho de campo) e pode-se verificar o pequeno grupo que começa a tomar conta do vão do MASP, em torno das 15hs.

Fotografia 07: Vão do MASP na Cidade de São Paulo-SP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 14hs e 37min. em 13 de ago. de 2019.

Um dado interessante da constituição desses lugares é justamente a pluralidade e diversidade. O sujeito líder da constituição desse lugar foi o movimento estudantil, mas outros indivíduos constituem outros lugares dentro dos lugares em evidência. Vejam o vendedor ambulante de pipocas ou salgadinhos industrializados na fotografia 07, no canto inferior esquerdo. Ele constitui um lugar na manifestação, a partir de outra intencionalidade; ele não está ali para o protesto, mas com intuito de ganhar dinheiro para sobreviver.

Por isso na realidade concreta, os lugares são sempre plurais. Dentro desses lugares de manifestação, por exemplo, a disputa pelos lugares como

sobrevivência é notória. Sempre há vendedores ambulantes nesses grandes lugares.

Tentou-se abordar um menino muito jovem, que não deve nem ser maior de idade, ou seja, ter 18 anos, para conversar um pouco sobre as vendas, ele desviou e evitou ser entrevistado. Não se estava aplicando o questionário, era uma abordagem consultiva que fora frustrada.

Isso também aconteceu com dois sindicalistas da educação que se recusaram a responder o questionário.

São estratégias de defesa dos sujeitos que constituem seus lugares como sobrevivência. Há uma desconfiança em segmentos de poder, no caso os pesquisadores de universidades ou mesmo de órgãos do governo, que podem ser considerados como inimigos.

Ainda sim, são desconfianças. No caso dos sindicalistas a desconfiança pode ser devido aos ataques aos movimentos sindicais, mas deveria se ter estratégias defensivas sem hostilidade ao trabalho do pesquisador. Porque, um grande estímulo ao crescimento do país vem indiscutivelmente da ciência.

Esse debate sobre desconfianças ou reações de isolamento ainda será retomado, pois a constituição dos lugares revela que pode haver um fechamento, um isolamento às mudanças. A hostilidade dos dois sindicalistas na abordagem, ou o desprezo em ser indiferente, ou relutância às mudanças, ou desconhecimento que pode acarretar erro de estratégia para lutas pelo futuro, ou até mesmo uma clara estratégia em omissão ou isolamento.

Qual o temor em esconder-se das pesquisas uma vez que foram declarados os seus propósitos para uma tese em geografia?

Bem verdade que ninguém é obrigado a participar de pesquisa alguma, mas o modo ou a maneira da recusa revela muito sobre os porquês dela. Não se entrará no debate sobre os sindicatos, pois não é objetivo deste trabalho. Mas pode-se supor que parte de sua militância pode estar relacionada a uma redução do foco de luta, como a questão salarial. A única entrevistada da categoria dos professores deixou escapar essa mentalidade ainda que se referisse à importância do aumento do número de professores.

O que é possível observar é que a intencionalidade que motiva a constituição dos lugares é também motor da grande disputa entre eles. Essa disputa ocasiona uma verdadeira guerra dos lugares, conforme se abordará na segunda parte da tese. O jogo de interesses e intencionalidades é o *front* de batalha. Levanta-se a hipótese de que o Movimento do Passe Livre – MPL foi engolido por outro movimento que usou a pressão exercida pelas manifestações de 2013, sufocando o MPL e sua pauta, ou seja, anulando aquele lugar constituído e fazendo surgir outro lugar que colaborou com a execução do que se considera um golpe em 2016, ou melhor, um novo pacto territorial. Argumentar-se-á sobre esse assunto na próxima parte desta tese. Traz-se esse exemplo para elucidar a guerra dos lugares a partir das suas dinâmicas de constituições.

Destaca-se a solicitude das mulheres em responder os questionários e a coragem e disposição dos jovens estudantes em participar. A categoria dos estudantes é muito solícita, bem como a juventude de maneira geral. Mostrar-se-á, oportunamente, os dados da pesquisa de campo que comprovam isso.

Voltando ao movimento ou trajetória do lugar de protesto a favor da educação, na fotografia 08 constata-se que a Avenida Paulista na sua faixa esquerda começa a se constituir esse lugar de protesto.

Fotografia 08: Avenida Paulista vão do MASP (à esquerda) e TRIANON (à direita).

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 15hs e 53min. em 13 de ago. de 2019.

São quase 16hs da tarde de 13 de agosto de 2019, o lugar ainda não está constituído para a marcha pela Av. Paulista, o que talvez se deveu às condições meteorológicas, pois nesse dia fazia muito frio e garoava, o que pode ter atrapalhado a concentração dos manifestantes no horário agendado (às 15h).

Dando um zoom na lente do microscópio geográfico observa-se a Avenida que começa a ser tomada como mostra a fotografia 09, a seguir.

Fotografia 09: Avenida Paulista vão do MASP concentração da manifestação pela educação.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 15hs e 57min. em 13 de ago. de 2019.

Na fotografia 10, as mídias tradicionais televisivas se posicionam para suas notícias. Em outro momento desse lugar (da manifestação em seu movimento, em sua ação) os helicópteros anunciavam que a grande mídia tradicional estava de olho e reportando sobre esse lugar. Sinal de que a constituição desse lugar como protesto estava conseguindo pressionar.

Fotografia 10: Avenida Paulista vão do MASP e a notícia do lugar de protesto.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 15hs e 57min. em 13 de ago. de 2019.

Novamente, também pela fotografia 10 se demonstra lugares dentro do lugar maior, que era a manifestação e protesto em defesa da educação. O sujeito desse lugar foi o movimento estudantil que chamou e constituiu com outros indivíduos, ou sujeitos, outros lugares, como a reportagem sendo gravada ou transmitida ao vivo por uma empresa da mídia televisiva.

As fotografias 11 e 12 a seguir mostram respectivamente a concentração dos manifestantes, ou seja, e a dimensão do lugar se avolumando e agindo, pois, lugar é ação. Esse experimento, ao qual se está exibindo o monitoramento da dinâmica dos lugares, revela o movimento e trajetória desse **lugar de protesto**. Outro lugar também se constituiu junto a ele como o recado das hegemonias pela intimidação para a “manutenção da ordem”.

Fotografia 11: Avenida Paulista Via do vão do MASP tomada pelo lugar de protesto dos estudantes.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 00min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 12: Avenida Paulista Via do TRIANON com concentração dos estudantes e presença da PM.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 00min. em 13 de ago. de 2019.

Vê-se a composição da ação de intimidação da Polícia Militar – PM e sua tropa de choque na fotografia 12, acima.

A dinâmica dos lugares revela os diversos lugares que se constituem e disputam os usos do território. Neste caso exemplificado pelo monitoramento da constituição de um lugar como protesto de rua, observa-se inicialmente pela ação do seu sujeito principal, ou sujeito líder da ação, ou seja, líder do lugar em questão. Esse outro lugar observado dentro desse lugar maior ao qual se analisa, é a constituição do lugar como coerção.

São vários lugares, sempre, aqui se remonta a explicação sobre a pluralidade e diversidade dos lugares, o que fez Souza (2008) elaborar o método da dinâmica dos lugares. Na realidade concreta sempre acontecem vários lugares que disputam os usos do território.

Os policiais que constituem o lugar da coerção nesse lugar maior, o qual o sujeito é o movimento estudantil, devem ser considerados com muita atenção. Seus movimentos e trajetórias precisam ser acompanhados com perspicácia pelo lugar constituído como protesto, porque aqueles lugares de coerção são lugares direcionados pelas hegemonias e estavam presentes na Avenida Paulista naquele horário, no mínimo, para intimidar.

A sensação de opressão pela presença intimidadora da PM não desanimou e nem inibiu os estudantes sobretudo os secundaristas. A pesquisa de campo, com o experimento exposto no Apêndice 4, conseguiu entrevistar 7 pessoas. Dentre elas uma funcionária diretora de escola aposentada e os demais foram estudantes, quer sejam do ensino secundário e do ensino superior. O Gráfico 16 mostra a faixa etária dos abordados pela pesquisa.

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Apenas um homem aceitou participar dessa etapa da pesquisa de campo, as demais entrevistadas foram mulheres (Rever Gráfico 06 sobre o sexo das pessoas entrevistadas na pág. 123).

A expansão da constituição do lugar como protesto pode ser observada pelas paisagens congeladas nas fotografias 13 e 14.

Fotografia 13: Avenida Paulista Via do MASP tomada e interditada.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 07min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 14: Movimento e trajetória do lugar de coerção e estratégia da PM.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 09 min. em 13 de ago. de 2019.

A Tabela 01 e Gráfico 17 são sobre as solidariedades que levaram os sujeitos a participarem e constituírem esse lugar de protesto no dia 13. Como as emoções são muito ativas pela influência que a política, ação pura, sendo vivenciada provoca, que as pessoas constituem e vivem os lugares apaixonada e calorosamente, nesses contextos. Sendo assim, as respostas são muito induzidas. Estavam num lugar, vivendo um lugar sobre protesto, indignadas e acaloradas.

Tabela 01 – Motivações para constituição dos lugares como protesto

	Pressionar o governo federal	Impedir ou barrar os retrocessos na educação	Assegurar a democracia	Salário
Por que é importante participar desse evento: manifestação	1	5	0	1
	Elogio à tortura	Difamação da ciência	Falta de projetos progressistas	Falta de compromisso
O que mais lhe causa indignação dos discursos de poder nas mídias atualmente	4	1	1	1

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Os estudantes, que foram a maioria na constituição desse lugar como protesto, eram bem politizados, falaram sobre desigualdades sociais e tinham disponibilidade em participar. O problema é quando crescem e podem se alienar pela ação que advém pelo funcionamento do meio técnico-científico-informacional. A Tabela 01 também mostra que o interesse dos membros dos sindicatos ou dos adultos é a questão salarial.

Então, o Gráfico 17 mostra que o bem coletivo foi o foco das ações do lugar se constituindo como protesto contra os cortes de verbas da educação pelo governo federal, naquele momento. A educação é considerada, nesse caso, como um bem coletivo.

Fonte⁹⁸: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Vejam as fotografias 15 e 16, em seguida, que registraram a marcha dos estudantes que se concentraram no início da Av. Paulista com a Rua da Consolação e foram ao encontro dos demais estudantes no vão do MASP. Esse é o movimento do lugar se constituindo como protesto, ou seja, sua trajetória.

⁹⁸ Questionário Experimento 3: Lugar como Protesto – Pergunta 12: Suas ações são praticadas levando em consideração quais prioridades

Fotografia 15: Movimento da concentração dos estudantes das Universidades em encontro ao MASP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 32min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 16: Marcha dos estudantes das Universidades fechando a segunda via a Av. Paulista.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 32min. em 13 de ago. de 2019.

As fotografias 17, 18, 19 e 20 mostram o movimento na Av. Paulista tornada um lugar como protesto. O momento de exposição da faixa “Todos pela Educação” foi caloroso e emocionante. Havia alguns curiosos e transeuntes, mas o objetivo da manifestação foi alcançado. Uma vez tomada a Av. Paulista a trajetória do lugar imaginado pelo seu sujeito principal seguiu seu roteiro.

Fotografia 17: As duas vias da Av. Paulista fechada na altura do MASP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 32min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 18: Encontro das concentrações dos estudantes no vão do MASP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 16hs 39min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 19: Lugar constituído em sua plenitude na concentração no vão do MASP.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 17hs 29min. em 13 de ago. de 2019.

Fotografia 20: Metade da Av. Paulista tomada e fechada.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 17hs 29min. em 13 de ago. de 2019.

Sintaticamente, o lugar é o verbo da geografia. Lugar é ação, é a ação geográfica. É a palavra da geografia para lidar com o movimento da realidade segundo provocava George ([1970?]) sobre a ação humana. As outras ciências possuem suas dimensões do real-concreto, como classes sociais nas ciências sociais e políticas. A palavra que designa o cotidiano, a ação dos grupos, a vivência das pessoas são os lugares.

Inspira-se também em Santos (1985), que exercita uma sintaxe sobre o espaço geográfico e seu movimento faz-se o seguinte exercício: o sujeito desse lugar monitorado, a constituição a partir do protesto de rua, foi o movimento estudantil; o verbo a realização do lugar em si, a ação; e como complemento do verbo, cita-se a educação, e que motivou a ação. A educação, nessa sintaxe, é complemento do verbo, o objeto do verbo.

As fotografias 21, 22 e 23, mostram a observação de outro lugar constituído como protesto na Av. Paulista, pelo horário noturno, no dia 08 de março de 2019.

No Dia internacional das Mulheres essa manifestação levou milhares à Av. Paulista.

Observe-se que na campanha eleitoral à presidência da república brasileira houve uma manifestação maciça das mulheres, mostrada na fotografia 27 na página 238 na segunda parte desta tese. O movimento de resistência às ideologias do governo eleito em 2018 prossegue, seja pela manifestação das mulheres em março, conforme exibem as fotografias que seguem, ou várias outras manifestações de protesto, como o lugar que se exibiu pelas paisagens e que foi constituído no dia 13 de agosto de 2019.

Fotografia 21: Av. Paulista com a R. Augusta, ao fundo o conjunto Nacional, manifestação das mulheres.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 19hs 20min. em 08 de mar. de 2019.

Fotografia 22: Manifestação das mulheres contra o governo Bolsonaro no dia internacional da Mulher.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 19hs 28min. em 08 de mar. de 2019.

Fotografia 23: Outros lugares dentro dos lugares de protesto.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, às 19hs 52min. em 08 de mar. de 2019.

Há também manifestações dos grupos de apoio ou base do governo federal eleito em 2018. Observa-se a manifestação liderada por eles no dia 26 de junho de 2019 (vide as fotografias 30 e 31 na página 261).

Com o movimento e transformação do mundo, pelos dados do período e meio atuais, o lugar se descolou do local. Isso porque o lugar teve sua origem ligada àquilo que na ecologia ou biologia chamam de habitat, consoante se discutiu no capítulo 1. Só que é o habitat dos grupos humanos, do ser humano. Não que a biologia não se preocupe com os problemas de saúde humana, como zoonoses e epidemiologia, mas essas preocupações biológicas dizem respeito a um aspecto dos lugares.

Portanto, lugar é ação, é prática, é hábito. Apenas por essa dimensão a geografia poderá acompanhar o movimento do presente e com esforço antever o futuro, com proposituras criativas, como o futuro como âncora.

O conceito e categoria Lugar por se apresentar como uma alteridade, possui uma dinâmica complexa, a partir dos sujeitos e seus agentes que usam o território. Por isso elabora-se esse método e metodologia de monitoramento da constituição e dinâmica dos lugares.

Essa alteridade do espaço geográfico, que é constituída por elementos e agentes vivenciando e agindo no presente foi aqui apresentado nesse esforço metodológico.

Da constituição dos lugares se produz as paisagens e sua compreensão. Com os lugares se usa os territórios, identifica-se regiões, pela sua constituição é possível à articulação em redes sociais. Mas não se pode confundi-los com localidades. O lugar não é um fixo, não é uma forma, não é material. Essa é a grande sutileza e uma das genialidades de Milton Santos. Ele deixou como legado a provocação para essa distinção tão crucial nos tempos presentes.

Santos (2008) deixou um caminho propondo que se estude a constituição dos lugares por meio da compreensão das densidades técnicas, informacionais e comunicacionais, conforme se elucidou no capítulo anterior, o qual está sendo exibida na metodologia que se está defendendo nesta tese, por exemplo, a

discussão do monitoramento de um dos experimentos sobre a constituição dos lugares exibidos até aqui.

Por causa do caráter LUGAR-MUNDO o caminho proposto por Santos é fundamental, sobretudo, num mundo guiado pelas desigualdades socioespaciais. Mas há um desafio metodológico para enxergar o movimento do novo período histórico que se anuncia e com ele o novo meio geográfico de vivências e existências.

Primeiro pilar da constituição dos lugares são a psicoesfera e tecnoesfera. Segundo pilar os níveis de densidades. As densidades técnicas, informacionais e comunicacionais são usadas pelos lugares ao mesmo tempo em que os constituem, segundo as condições do meio técnico-científico-informacional que lhe são impostas.

Santos (2011 [2000]) propõe que um dado para a compreensão dos lugares que trazem como semente o novo período seja uma nova racionalidade. Uma outra racionalidade! Será que por meio do método das densidades técnicas, informacionais e comunicacionais seja possível extrair alguma das novas racionalidades desse novo mundo?

Entender o funcionamento do meio técnico-científico-informacional e como os lugares se valem daquilo que lhe é oferecido pelo meio atual é a chave para a compreensão das dinâmicas das desigualdades socioespaciais. Será o que se começará a exhibir a partir da análise do território usado em sua difusão do meio técnico-científico-informacional, os pares dialéticos das densidades e rarefações.

O capítulo seguinte tentará mostrar as expressões das desigualdades socioespaciais, a partir da dispersão do meio técnico-científico-informacional, concretizadas por meio do perfil dos usos do território no município de São Paulo. Esse perfil foi composto por dados de distribuição da população do município, de rendimento desses indivíduos, e da revelação de mais um extrato da pesquisa de campo sobre a constituição de lugares.

CAPÍTULO 5 – Densidades e Rarefações na megalópole Paulistana: As Desigualdades no Uso do Território

Garoa do meu São Paulo, - Timbre triste de martírios - Um negro vem vindo, é branco! Só bem perto fica negro, passa e torna a ficar branco. Meu São Paulo da garoa, - Londres das neblinas finas - Um pobre vem vindo, é rico! Só bem perto fica pobre, Passa e torna a ficar rico.

Mário de Andrade. Lira paulistana. 1945.

São Paulo é uma das maiores metrópoles do mundo, exemplo de *modernidade incompleta*, pois ao mesmo tempo se encontra o que há de mais moderno ao lado de uma profunda pobreza (SANTOS, 2009 [1990]). São Paulo, em 2010, chegava aos 11 milhões de habitantes (Censo Demográfico da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) e sua Região Metropolitana aos 19,7 milhões (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A – Emplasa), que corresponde a 10% da população Brasileira (IBGE).

O processo de urbanização da cidade de São Paulo se deu como um exemplo singular e amplificado na realidade brasileira. No contexto analisado por Souza (1994a), na década de 1980 o processo de metropolização brasileiro despontava como avassalador e São Paulo era destaque dentre as metrópoles nacionais expressando sua identidade de metrópole da verticalização (SOUZA, 1994a).

O mapa 02 exhibe a malha dos distritos do Município de São Paulo, seguido pelo mapa 03 que mostra a densidade das vias coletoras e de circulação.

Elaboração cartográfica: Markelly Fonseca de Araujo. Software: MapInfo Professional.

Mapa 03 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO por distritos. Vias coletoras. 2018.

Elaboração cartográfica: Markelly Fonseca de Araujo. Software: MapInfo Professional.

A sequência de mapas de 04 ao 12 diz respeito à aspectos da distribuição da população, como a idade, faixa etária da população do município no ano de 2010.

No **Mapa 04** observa-se o número total da população municipal por distritos. Os distritos acumuladores de população se encontram nas periferias do município, sobretudo, conurbado aos municípios do entorno e que formam a Região Metropolitana de São Paulo.

Mapa 04 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Total da População por Distritos. 2010.

A série de mapas a seguir (do 05 ao 12) mostra a densidade de população. O cálculo do percentual foi feito a parti da divisão da população total do município com a do distrito, sendo o distrito de Grajaú aquele que concentra

3% da população municipal. É importante notar onde a população se localiza densamente na metrópole e a maior concentração populacional se encontra na periferia do município com distritos que acumulam mais de 300 mil habitantes⁹⁹.

É uma questão elementar não apenas para o planejamento da cidade, mas para o perfil da constituição dos lugares vivenciados diariamente.

Os dados de população e rendimento confirmam os processos que se iniciaram no período da Metrópole Vertical (SOUZA, 1994a) e que expõem os problemas das periferias da cidade.

Genericamente, observa-se duas cidades a partir das expressões do perfil dos indivíduos pelos dados da distribuição da população, ou antagonismos amplificados quando qualificados pelo dado do rendimento, retomar-se-á essa interpretação após a série sobre os rendimentos mensais da população por distritos.

Nos dados sobre a população é interessante notar onde a população por faixa etária se expressa de forma diferenciada nas localidades do município, isto é, população jovem na periferia e idosa no centro expandido. Na distribuição da população do município a periferia se destaca.

⁹⁹ O exemplo do distrito de Grajaú com 361 mil habitantes, apresentando 3% da população do município, seguido do Jardim Ângela (295 mil hab. o que corresponde a 2,6%) ambos na Zona Sul e Sapopemba na Zona Leste da cidade (284 mil hab. que significa 2,5%) inquieta sobre o uso desigual da metrópole por seus habitantes.

Mapa 05 –
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:
Percentual da População Municipal por Distrito. 2010.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.
Nota: Em 2010, o município de São Paulo possuía 11.253.503 habitantes.

Mapa 06 –
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:
População menor do que 1 ano de idade por Distrito. 2010.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.
Nota: Em 2010, 1% da população do município de São Paulo eram menores de 1 ano.

Mapa 07 –
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:
População de 1 a 3 anos de idade por Distrito. 2010.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.
Nota: Em 2010, 4% da população do município de São Paulo tinham de 1 a 3 anos.

Mapa 08 –
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:
População de 4 a 9 anos de idade por Distrito. 2010.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.
Nota: Em 2010, 8% da população do município de São Paulo tinham de 4 a 9 anos.

Mapa 09 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População de 10 a 14 anos de idade por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
 Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araujo. Software MapInfo Professional.
 Nota: Em 2010, 8% da população do município de São Paulo tinham de 10 a 14 anos.

Mapa 10 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População de 15 a 29 anos de idade por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
 Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araujo. Software MapInfo Professional.
 Nota: Em 2010, 26% da população do município de São Paulo tinham de 15 a 29 anos.

Mapa 11 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População de 30 a 59 anos de idade por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
 Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araujo. Software MapInfo Professional.
 Nota: Em 2010, 41% da população do município de São Paulo tinham de 30 a 59 anos.

Mapa 12 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População com mais de 60 anos de idade por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.
 Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araujo. Software MapInfo Professional.
 Nota: Em 2010, 12% da população do município de São Paulo tinham mais de 60 anos.

Evidentemente, a forma da cidade ou delimitação municipal limita e enrijece algumas metodologias. Esse é um desafio a ser enfrentado, mas são elementos e caminhos primeiros para o procedimento de pesquisa. Entretanto, os aspectos formais e legais circunscritos pela cidade ou município são os quadros de referência e dos contextos para o sujeito que o vivencia.

Com este trabalho de tese fica evidente que há a necessidade de ajustes nos dados para o planejamento da cidade e do seu governo, ou para a pesquisa e trabalhos científicos. O capítulo 2 apontou que o sistema de governo deve integrar à sua gestão a disponibilização de dados informações sobre acesso à internet e grau de tecnificação do território para consulta pública.

Nos mapas de rendimentos, a seguir, a concentração de renda acima de 10 salários mínimos está no centro e centro expandido, enquanto as periferias apresentam expressivamente uma população com rendimentos inferiores a 5 salários.

Traz-se os dados sobre o perfil do público pesquisado, iniciado no capítulo 3, para correlacionar com os dados secundários da pesquisa indireta exibida pelos mapas de distribuição da população e seu rendimento.

O Gráfico 18 mostra a faixa etária abrangida pelo público pesquisado. A maioria de adultos entre 19 à mais de 65 anos. Os gráficos 06 que aponta o sexo dos entrevistados e 07 sobre a faixa etária (na pág. 123 e 124) complementam essa informação. A maioria de mulheres, 22 entrevistadas contra 12 homens.

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Em 2010 a metrópole de São Paulo registrou o total de 3.573.509 domicílios particulares permanentes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE). Desses domicílios 1.920.312 possuíam microcomputador com acesso à internet, correspondendo a 53,7% dos domicílios. Os domicílios com a existência de telefones celulares representaram 88,5% do total (3.165.651).

O Gráfico 19 exibe que 63% do público pesquisado realiza compras pela internet. É um ambiente cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, e, sendo assim, na constituição dos lugares. Esta tese descobriu a constituição de lugares virtuais, cuja reflexão será mostrada oportunamente.

Fonte¹⁰⁰: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Por isso advoga-se que o dado sobre a internet seja incluído nas questões da gestão e da política administrativa dos governos, quer sejam federais, estaduais ou municipais. O Censo Demográfico pela Pesquisa Nacional de Amostra dos Domicílios – PNAD já realiza consultas de dados desse gênero. O Mapa 24 (página 266) é produto dessas pesquisas. Mas para os níveis municipais há uma dificuldade na disponibilização dessa informação. Imaginou-se produzir uma cartografia com informações sobre o acesso à internet por distrito ou por subprefeitura para São Paulo, mas essa informação não foi encontrada.

Silveira (2004) ao estudar o consumo e trabalho na metrópole exibiu expressões do circuito inferior da economia¹⁰¹, quando apontou alguns exemplos da criatividade promovida pela comunicação e contiguidade entre os sujeitos pobres da metrópole. Um dos exemplos utilizados na reflexão de Silveira (2004) foi a utilização e profusão dos celulares pré-pagos pelos trabalhadores para ampliação das buscas das oportunidades de trabalho. Tanto para o circuito superior marginal na fixação de cartazes em postes de iluminação pública ou

¹⁰⁰ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 35: Realiza compras pela internet?

¹⁰¹ Teoria criada por Milton Santos para estudar o mundo pobre. Seu livro chamado *O Espaço Dividido* expõe a primeira reflexão sobre uma teoria de urbanização do antigo terceiro mundo. No esforço de se compreender as desigualdades e a dinâmica da economia urbana dividiu os setores em dois circuitos, um chamado de circuito superior e outro de circuito inferior.

pontos de ônibus para realização de mudanças pelos carretos, como pelo circuito inferior que mesmo na época sendo altas as tarifas dos celulares já se tornava uma possibilidade e uso desses objetos.

Atualmente, receia-se a cerca do estudo dos circuitos da economia urbana. Pois nesta interpretação o método é sobre os circuitos espaciais de produção, por causa da compreensão do espaço geográfico como totalidade. Faz-se menção ao estudo de Silveira (2004) que levanta esse dado da expansão do meio técnico-científico-informacional apenas como demonstração da evolução e metamorfoses dele. Uma vez que o celular multifuncional se transformou em prótese do corpo humano, ou melhor, a difusão do meio técnico-científico-informacional colocou nas pessoas. Novamente, essa reflexão será melhor desenvolvida no decorrer da tese. É importante mencionar neste momento que o celular não é mais apenas usado para transações comerciais, ele é usado para tudo.

Desse modo, sabe-se que as ações, organizações ou funções na vida cotidiana das pessoas vêm sendo cada vez mais digitalizadas ou virtuais, como o preenchimento de formulários, agendamentos de consultas, dentre outros, nos mais variados segmentos e instituições que fazem uso do ambiente virtual. Nesse sentido, pelos dados gerais observados, confirma-se uma plena expansão do meio técnico-científico-informacional. Mas o que a posse de um telefone móvel com acesso à internet e uso das mídias sociais ou plataformas virtuais por um indivíduo que mora na periferia, por exemplo, pode contribuir com o debate sobre o espaço público da metrópole ou sobre o mundo do presente?¹⁰²

O **Mapa 13** traz o percentual de pessoas que ganham até 2 salários mínimos por distrito em 2010. Os contornos ou limites do município e o centro antigo expressam entre 5 a 8% de sua população ganhando até 2 salários.

¹⁰² [vide fotografia 50 na página 381, um rapaz com o celular e conectado às plataformas digitais numa viela da favela, o que isso implica?]

Mapa 13 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População com rendimento até 2 Salários Mínimos por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.

Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.

Nota: Os dados de rendimento são preliminares. Inclusive as pessoas sem declaração de rendimento nominal e aquelas que recebiam somente benefícios. Valor do salário mínimo considerado: R\$ 510,00.

Mapa 14 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População com rendimento de 2 a 5 Salários Mínimos por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.

Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.

Nota: Os dados de rendimento são preliminares. Inclusive as pessoas sem declaração de rendimento nominal mensal e aquelas que recebiam somente benefícios. Valor do salário mínimo considerado: R\$ 510,00.

Mapa 15 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População com rendimento de 5 a 10 Salários Mínimos por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.

Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.

Nota: Os dados de rendimento são preliminares. Inclusive as pessoas sem declaração de rendimento nominal mensal e aquelas que recebiam somente benefícios. Valor do salário mínimo considerado: R\$ 510,00.

Mapa 16 –**MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:****População com rendimento mais de 20 Salários Mínimos por Distrito. 2010.**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.

Elaboração Cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo. Software MapInfo Professional.

Nota: Os dados de rendimento são preliminares. Inclusive as pessoas sem declaração de rendimento nominal mensal e aquelas que recebiam somente benefícios. Valor do salário mínimo considerado: R\$ 510,00.

No **Mapa 16** verifica-se a contraposição e concentração da população que ganha mais de 20 salários mínimos no centro expandido. Essa localidade da cidade, expressa entre 4 a 17% da população que ganham acima de 20 salários são pessoas que residem em uma localidade com alta densidade de mega objetos técnicos como a expansão da linha 4 Amarela do metrô. Na região com maior concentração de percentual de renda do mapa está incluída a região do Bairro dos Jardins, planejada para a ocupação do Vale do Rio Pinheiros para uso de um segmento social específico. “São eles: o Jardim América, o Jardim Paulistano, o Jardim Europa, o Alto de Pinheiros, o Alto da Lapa. O Pacaembú foi planejado a partir espigão central e o Butantã além do rio Pinheiros (SEABRA, 2004: p. 286)”.

Desses dados sobre o rendimento da população complementa-se, inicialmente, a interpretação sobre as duas cidades a qual foi referida neste capítulo. Uma cidade periférica que concentra a maioria da população jovem com baixo rendimento, ou seja, uma cidade pobre, e a outra cidade que concentra uma população mais idosa e que detém altos rendimentos, uma cidade mais rica.

Lembrando que as desigualdades socioespaciais também serão vivenciadas e identificadas internamente a essas duas realidades, a da cidade pobre e a da cidade rica. Mas o importante são as expressões do uso do território, a partir da constituição dos lugares pelos indivíduos que moram nesses locais da cidade que acumulam condições de pobreza e densidade de população também, podem circular e constituir lugares nas regiões ricas da cidade e vice-versa. Essa interpretação e teorização será melhor desenvolvida no capítulo 10 da terceira parte desta tese.

Traz-se os dados sobre o perfil dos entrevistados a partir, dos rendimentos e do consumo pela internet, para dialogar com as expressões do uso do território pelas densidades e rarefações da dispersão do meio técnico-científico-informacional na metrópole de São Paulo.

Pela pesquisa de campo produziu-se o Gráfico 20 sobre o rendimento mensal das pessoas entrevistadas. A maioria dos entrevistados possui baixos

rendimentos mensais, mas conseguiu-se entrevistar uma pessoa que ganha mais de 10 salários mínimos.

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O Gráfico 21 nos mostra como o consumo é diversificado, mas a maioria diz que gasta em torno de 2% do salário com compras pela internet ou com o valor da internet. Essa questão evidencia que alguns entrevistados omitiram informações quanto ao rendimento ou, não quiseram dizer quanto era o rendimento da família ou, quanto ganhavam por mês. Porque alguns deles que disseram não ter rendimento algum afirmaram, sem hesitar, sobre o consumo pela internet ou com a internet.

Fonte¹⁰³: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Os Gráficos 21 e 22 versam sobre os tipos de compras que os entrevistados fazem pela internet e, sequencialmente, a frequência com que compram.

Atualmente, as redes de *Wi-Fi* estão sendo difundidas amplamente nas residências mesmo em periferias, e os pacotes de uso dessa extensão da internet muito populares, fazendo com que as empresas de telefonia entrem em concorrência e crise. Quase não se faz mais uso do telefonema, mas cada vez mais os aplicativos como o *Whatsapp* substituem as chamadas telefônicas pelas telechamadas ou mesmo chamadas de voz ou áudios que estão decretando o fim dos telefonemas pelas empresas convencionais de telefonia, as chamadas são mais usadas via aplicativos de comunicação.

¹⁰³ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 34: Quanto do seu rendimento é consumido em contas para uso com ou na internet por mês?

Os gráficos 22 e 23 demonstram a realização de compras pela internet pelo público entrevistado no experimento sobre o LUGAR-MUNDO (Apêndice 1 e 2). Enquanto o uso da internet para o lazer também vem crescendo pelos meios digitais, cada vez mais as pessoas vão constituindo lugares virtuais.

Fonte¹⁰⁴: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

¹⁰⁴ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 36: Quais tipos de compra faz pela internet?

Fonte¹⁰⁵: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Observe a Tabela 02, as compras pela internet cada vez mais são realizadas por aplicativos

Tabela 02 – Compras pela internet realizadas pelo entrevistado

	Sites	Aplicativos	Os dois
Essas compras são realizadas por qual meio	2	3	4
	Sim	Não	Às vezes
Consome algum tipo de lazer pela internet	18	7	1

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Os lugares virtuais são constituídos pelo uso do ambiente digital. Eles possuem intermediários, como o próprio meio técnico-científico-informacional, pelo uso do celular multifuncional ou o computador. Mas os intermediários podem ser outras pessoas, na prática das comunicações, pelos aplicativos. São lugares

¹⁰⁵ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 37: Com qual frequência compra pela internet?

virtuais, pela constituição da copresença e coexistência. Essa possibilidade do meio técnico-científico-informacional de unir localidades distintas e distantes na simultaneidade tempo-espço é incrível. É essa realidade cada vez mais vivenciada como cotidiano e, assim praticada pelos lugares, constituindo também lugares virtuais. Não só pelo lazer, mas para toda e qualquer ordem ou racionalidade os lugares virtuais possuem uma possibilidade cada vez maior e com mais potência.

A possibilidade da justaposição e sobreposição do tempo-espço propiciou a constituição dos lugares virtuais. Lembre-se que eles não são percepção, são uma ação praticada na realidade virtual, a partir dos níveis de densidades de informação, técnica e comunicação dos sujeitos que os constituem. Os lugares virtuais são ainda a compressão do tempo-espço, uma verdadeira fusão do tempo-espço, uma teleação como preconizava Milton Santos. A constituição dos lugares virtuais, ação na realidade virtual, dimensão temporal do cotidiano virtual, é a prática do teletransporte, sobretudo na realização das vídeos-chamadas.

Vejam o Gráfico 24 sobre os tipos de lazer consumidos pela internet. Além desses citados, como vídeos e músicas, acontecimentos da vida diária podem ser constituídos ou vividos virtualmente, como as vídeos-chamadas pelos aplicativos. Elas permitem aproximar as pessoas tanto para o lazer e divertimento como para a conscientização ou politização.

A plena e ampla difusão do meio técnico-científico-informacional através do uso crescente do celular multifuncional com acesso à internet, provocou uma revolução do lugar. Essa dimensão do lugar além de ser uma revolução em si é o presente e o futuro coexistindo pela sobreposição e justaposição do espaço-tempo. Por isso é imprescindível estudar a dinâmica dos lugares.

Fonte¹⁰⁶: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O par dialético, densidades e rarefações, exibidos pelos usos do território na megalópole paulista ou metrópole global ou internacional (SOUZA, 2003b) foram expressões em sua difusão pelas cartografias da faixa etária dos sujeitos e dos seus rendimentos. Assim, observa-se, assim, antagonismos amplificados. Em parágrafos anteriores questionou-se como a posse de um telefone celular com acesso à internet e o uso das mídias sociais podem contribuir no debate sobre o espaço público da metrópole.

Um exemplo que leva a pensar os processos de contrarracionalidades surgidas pelas desigualdades na metrópole, foi um movimento iniciado pelos jovens da periferia da cidade que se agruparam para se divertir em alguns *shoppings* da megalópole. Esses eventos ficaram conhecidos com os *rolezinhos*¹⁰⁷ e, então, reacendeu-se o debate sobre o espaço público com o objetivo do lazer. Ficando, então, comprovado que os *shoppings* não são espaços públicos, ao contrário, são muito privados. Foi registrado o tratamento dado aos pesquisadores na calçada do shopping Cidade de São Paulo na Av. Paulista comentado no capítulo 4.

¹⁰⁶ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 40: Quais tipos de lazer consome pela internet?

¹⁰⁷ Um dos organizadores dos rolezinhos foi assassinado em um show na periferia.

O Fórum do Hip Hop possui uma página no *Facebook* e um *blog* nos quais promove convocações aos membros e pessoas interessadas no debate sobre assuntos de sua agenda. Um exemplo é a discussão que o Fórum faz sobre extermínio da juventude preta e pobre nas periferias da cidade (Imagem 01).

Imagem 01: Cartaz do Movimento Hip Hop.

Fonte: <https://www.facebook.com/forumdehiphopmunicipaldesaopaulo/photos/>. Acesso em: 13 de abr. de 2015.

Essa mobilização pela copresença (no ambiente virtual) e coexistência (estar próximo mesmo em localidades longínquas) é um exemplo de solidariedade orgânica¹⁰⁸, a partir de um interesse comum, quer seja aquele de se divertir como no caso dos *rolezinhos*, quer seja no de reivindicar melhorias sobre problemas do cotidiano. E, cabe indagar nesse sentido: como alguns grupos ou movimentos no ambiente virtual se articulam pelas mídias sociais e pressionam o poder público?

¹⁰⁸ Um dos principais elementos definidores do lugar como espaço do acontecer solidário.

Como esses movimentos mudam as paisagens na metrópole? Até que ponto os debates, discussões e mobilizações iniciadas ou promovidas por essas mídias sociais de conexões qualificam os embates públicos na realização de políticas.

A segunda parte da tese mostrará que essa potência dada pelas mídias sociais foi maximizada pelos lugares constituídos pela política da extrema direita brasileira, levando-os a ganhar a eleição de 2018. Eles sentiram o poder desses novos veículos, e sabendo como constituir os lugares e suas fronteiras, se beneficiaram disso. Mas a guerra dos lugares prossegue a todo vapor, as resistências estão aí para provar que nada é homogêneo nem passivo no sentido restrito do termo.

A respeito do cotidiano Carlos (2007) problematiza e circunscreve a relação cotidiana com a da rua. A rua torna-se um elemento de leitura da experiência, da sobrevivência, da rotina. “*Nas ruas o presente nos assedia, traz a marca dos itinerários às vezes dispersos, difusos ou menos concentrados, definidos pela vida cotidiana* (CARLOS, 2007: p. 47)”. A rua simboliza o espaço da liberdade segundo a autora citada (CARLOS, 2007). Mas a rua em si é uma localidade do urbanismo, é uma forma usada de diversas maneiras pelas pessoas. A rua como palco das manifestações é demasiada estudada pela sociologia política e pelos urbanistas. Esta tese defende que o cotidiano seja estudado a partir da dinâmica dos lugares e seus agentes, todos os seus agentes, exibidos no capítulo anterior. Pois o cotidiano é vivenciado pela constituição dos lugares.

O problema enfrentado nesta tese foi como exhibir o estudo da constituição dos lugares. Como eles se constituem diariamente pelas pessoas demandou incluir o cotidiano nas reflexões deste trabalho. Pois, estudar o lugar como espaço do acontecer solidário é dedicar-se a ordem do cotidiano conforme revelou Santos (2009 [1996]). Esta tese demonstra um caminho metodológico, operacionalizando o conceito e categoria do lugar, e, assim, abordando o cotidiano.

A despeito das interpretações demonstradas a partir da reflexão de Carlos (2007) como entender essa expressão de Damiani (2002: p. 168) “*No lugar, a vida cotidiana pesa com todo o seu peso*”. Essa frase da maneira como se apresenta é

tautológica. Essa autora quer enfatizar a imposição da ordem cotidiana na constituição dos lugares.

Carlos (2007) e Damiani (2002) usam lugar e local como sinônimos. Ainda que discurssem sobre a força do cotidiano na vida das pessoas não fica claro a operacionalização das suas abordagens. Referem-se ao cotidiano a partir da relevância que os autores que desenvolveram reflexões sobre esse tema fazem, como Milton Santos na *Natureza do Espaço*, ou Lefebvre (1991 [1968]).

As revoltas que ocorreram pelas cidades brasileiras fazem parte de um contexto mundial. E em 2013, foram cooptadas por um processo mundial e geopolítico, como será explorado na segunda parte da tese, a seguir.

Nesse sentido, a Revolta do Buzu em Salvador (2003), a Revolta da Catraca em Florianópolis (2004), e as Revoltas de junho de 2013 em várias cidades do país, inclusive em São Paulo, fizeram das ruas espaços públicos do debate político¹⁰⁹. Desse modo, a rua é usada pelos lugares na disputa política. Não é nem direito à cidade e nem criação de espaços urbanos comuns (*commons*) como deseja Harvey (2008). No Brasil o *commons* ainda é impossível, e, talvez, seja outro território comum que venha ser constituído.

Essa breve compreensão da configuração territorial inicial enuncia as desigualdades socioespaciais vivenciadas na metrópole de São Paulo. Por isso sua escolha como empiria. Porque há uma massa aglomerada e em pulsante tensão nas periferias pobres da cidade, mas é a presença do moderno que faz de São Paulo um laboratório em potencial!

Segundo Milton Santos (2009 [1996]) a cidade é o local de circulação e encontros, pois as grandes cidades têm seu movimento potencializado graças à trama de situações pessoais, de renda, as racionalidades hegemônicas e o tamanho desmesurado das metrópoles. Ana Clara Torres Ribeiro (2009) traz a cidade como uma forma insurgente e experimental.

¹⁰⁹ HARVEY, David; ZIZEK, S. et. al. **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil – faz referência a *Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*, Verso, 2012.

A Fotografia 24, abaixo, que foi registrada na mobilização do dia 06 de junho de 2013, no centro da cidade (nas redondezas do Vale do Anhangabaú), é um exemplo dessa explosão insurgente. Foi um grande ato de mobilização e convocação pela internet promovida pelo Movimento Passe Livre, dos protestos em diversas cidades do país. Os atos tinham como tema inicial contestar o aumento das passagens de ônibus, mas outras demandas surgiram. Ver-se-á, mais adiante, a contrarrevolução que foi realizada a partir da manipulação dos lugares.

Fotografia 24 – São Paulo: Revoltas de Junho de 2013.

Fonte: Rede Emancipa Educação Popular. Disponível em: <http://redeemancipa.org.br/2013/06/rede-emancipa-participa-de-ato-contra-o-aumento-da-passagem-em-sao-paulo/>. Acesso em: 13 de abr. de 2015.

A mobilização pelas redes ou mídias sociais para realização de protestos ou manifestações tem se constituído numa prática de pressionamento para a discussão pública. Pode-se citar como exemplo o movimento dos rolezinhos, referido anteriormente aqui, o movimento Hip Hop, o movimento dos secundaristas na ocupação das escolas no Estado de São Paulo e, mais recentemente, dos Institutos Federais de ensino médio ou nas Universidades,

bem como as manifestações pró e contra o Impeachment da Presidente Dilma Rousseff.

Esses movimentos parecem expressar o que Souza (1992; 2000a) denominou de a Explosão do território ou o Grito do território. O termo grito do território surge da crítica sobre ao falseamento de índices e medições matemáticas por organismos de governo e outras instituições são desmascarados pelas paisagens em seus significados e essências altamente reveladoras de desigualdades socioespaciais (SOUZA, 2000a: p. 5).

Este quinto capítulo fecha a primeira parte sobre os fundamentos do LUGAR-MUNDO e demonstrando o método de estudo da dinâmica dos lugares. O capítulo exibiu as expressões das desigualdades socioespaciais a partir da distribuição da população e suas características de rendimento no município de São Paulo.

Este capítulo exibiu que a partir das características e perfis do território usado pela sociedade às condições materiais são impostas aos indivíduos. Essas condições impostas pela densidade e rarefação da dispersão do meio técnico-científico-informacional é o processo fundamental para a constituição dos lugares, cerne da constituição dos lugares como resistência às desigualdades socioespaciais.

As expressões das desigualdades socioespaciais a partir da dispersão e funcionamento do meio técnico-científico-informacional provocam a densidade e a rarefação territoriais desse meio. Essa dispersão desigual do meio técnico-científico-informacional gera, igualmente, desiguais usos do território. Acarretando, com isso, a constituição dos lugares como resistências às desigualdades socioespaciais.

Exibiu-se, ainda, um extrato sobre a pesquisa de campo que correlaciona dados sobre o consumo pela internet do público pesquisado.

A segunda parte da tese dedica-se em demonstrar como a constituição do lugar sempre é política. E, também, como a disputa entre os lugares pode se reverter numa verdadeira guerra informacional. O contexto mundial impõe essa guerra informacional inicialmente abordada por Martel (2014) que a trazia como

uma guerra cultural valendo-se do entretenimento como instrumento de invasão dos territórios nacionais.

Essa guerra da informação é o contexto que perpassa pela discussão da segunda parte da tese. A partir dela que a guerra dos lugares se constitui, em que uns destroem ou anulam outros com uma força nova, difusa e camuflada, pois a arena ou *front* de batalha é o ambiente virtual através das mídias sociais e plataformas digitais.

SEGUNDA PARTE:

O Lugar e a Política

As resistências.

Saudosa Maloca

Se o senhor não está lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse edifício alto
Era uma casa velha
Um palacete abandonado

Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mas um dia, nem quero me lembrá
Veio os homis c'as ferramentas
O dono mandô derrubá

Peguemos tudo as nossas coisas
E fumos pro meio da rua
Apreciar a demolição
Que tristeza que eu sentia
Cada táuba que caía
Doía no coração

Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei
Os homis tá cá razão
Nós arranja outro lugar
Só se conformemos quando o Joca falou
Deus dá o frio conforme o cobertor

E hoje nós pega páia nas gramas do jardim
E prá esquecê, nós cantemos assim
Saudosa maloca, maloca querida
Dim-dim donde nós passemos os dias feliz de nossa vida
Saudosa maloca, maloca querida
Dim-dim donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas
Composição: Adoniran Barbosa

O LUGAR E A POLÍTICA: As Resistências

Segundo a extensão, disseminação e dispersão do meio técnico-científico-informacional a relação LUGAR-MUNDO constituirá características específicas. A constituição LUGAR-MUNDO é um momento referente à experiência dos indivíduos que constituem lugares. Então, a experiência do LUGAR-MUNDO é um instante da vivência dos lugares.

Mas há dados singulares que marcam uma lógica global. Há um imperioso controle dos meios de produção e o mundo do presente que produz uma guerra diferente de todas as outras, a guerra da informação. Desse modo, os processos de constituição do espaço geográfico, que implicam em como as formações socioespaciais acolhem e constituem o meio técnico-científico-informacional são outros momentos importantes que influenciam e, por vezes, determinam, como será a constituição do LUGAR-MUNDO pelos indivíduos nos locais que usam do território nacional ao qual pertencem.

Por causa das transformações do espaço geográfico, sinônimo de mundo constituído como maneira de habitar o planeta, é que cada indivíduo elabora a sua constituição do seu LUGAR-MUNDO. Lembrando que essa experiência nova de LUGAR-MUNDO só é possível pela modernidade a qual chegou à realidade concreta com o avanço da técnica e tecnologia e a constituição do meio técnico-científico-informacional.

Desse mundo novo, novas disputas hegemônicas pelo seu poder e controle estimulam à atentar para os novos pactos territoriais¹¹⁰. É pela elaboração dos pactos territoriais que se observa às manifestações políticas no território usado brasileiro.

Ainda sim, o movimento do mundo presente instaurou uma guerra da informação. Fundamenta-se, inicialmente, em Martel (2014 [2010]) quando estudou a guerra dos conteúdos e do entretenimento a partir das mídias e os conflitos culturais entre os países.

Esse contexto que impregna o cotidiano de signos e de disputas é um motor de confusão para a constituição dos lugares. Em outras palavras, estudar as mudanças imediatas no cotidiano e as influências ou repercussões dessa guerra da informação na

¹¹⁰ Santos (2014 [1987]).

constituição dos lugares forçosamente requer a investigação da variável informação. Quais as consequências desse imperativo na dinâmica dos lugares?

A pesquisa de campo elaborou um instrumento técnico que também aborda o dado da informação como um dos principais para a constituição dos lugares. Diluí-se a análise desse instrumental no decorrer desta tese segundo os argumentos que se julga pertinentes para teorização sobre o lugar.

A constituição dos lugares é uma ação política. Esse novo dado da realidade pode legar uma nova racionalidade do mundo!

Sabe-se que a geografia é uma ciência política (SOUZA, 2010a). É, pois, pela dimensão do lugar que investiga-se a política, mas para além das ações políticas, os lugares podem trazer um *novo modelo civilizatório*. Esse modelo se forja pelos lugares – pelas solidariedades (SOUZA, 2010a).

Segundo Lefebvre (1991 [1968]) o cotidiano entrou no pensamento e na consciência pela via literária. O clássico Certeau (2001 [1990]) reforça sobre a linguagem do cotidiano a partir dos variados artefatos utilizados pelos sujeitos sociais.

Certeau (2001 [1991]) desenvolve uma análise envolvendo reflexões sobre os lugares, em sua interpretação ainda como locais. Mas desenvolveu elementos como a questão corpórea na relação social e as práticas urbanas numa crítica sobre a cidade.

Mas há um consenso sobre a abordagem do cotidiano identificado nesses clássicos. É sobre o papel da leitura da literatura, da informação através dos livros. Atualmente, a informação é difundida por meio de variados objetos além do livro.

O cotidiano é uma dimensão da vida que possui um tempo e objetos que o alimenta, que dão sequência e regularidades. Ele pode repercutir em rotinas, em hábitos. Os lugares vivenciam e se constituem cotidianamente. Conforme introduzido no primeiro capítulo os lugares são a dimensão da geografia, do espaço geográfico, que se constitui a partir do cotidiano. Por isso lugar é movimento, é ação, é o verbo da geografia.

Então, o estudo do cotidiano é mais do que um imperativo na contemporaneidade. Os autores que se dedicavam ao estudo do urbano tomaram o pioneirismo sobre a reflexão do cotidiano “*A influência da vida cotidiana sua capacidade produtiva, e sua vida do*

trabalho em geral, é muito decisiva [...] (CASTELLS, 1975: p. 10 [Tradução da autora])”¹¹¹.

Segundo Santos (2009 [1996]: p. 82) existe três ordens, nas quais o cotidiano acontece: “*a ordem da forma técnica, a ordem da forma jurídica e a ordem do simbólico.*”

Pelos objetos que difundem o meio técnico-científico-informacional através da psicoesfera e tecnoesfera o lugar se constitui, diariamente, a partir dos sujeitos que o vivenciam.

Esta segunda parte é constituída por 4 capítulos. O primeiro desta parte, o capítulo 6, trata do mega agente da dinâmica dos lugares mencionado no capítulo três da primeira parte, qual seja a fluidez territorial e como os movimentos sociais poderiam compreender a dinâmica dos lugares numa perspectiva totalizante. Seguido do capítulo sete que inicia a abordagem sobre a influência da psicoesfera e tecnoesfera na constituição dos lugares e a batalha pelo poder. Provocando com isso no uso do lugar como fundamento pela disputa eleitoral em 2018, discussão desenvolvida no capítulo oito.

Finaliza-se a segunda parte com uma das grandes descobertas desta tese, sobre o objeto que transformará a vida das pessoas, como já vem sendo feito, e que marca o início do Período Popular da História. Essa é a reflexão do capítulo nove e que fundamenta o diálogo para a terceira e última parte da tese.

¹¹¹ “*“L’influence de la vie quotidienne sur la capacité productive, et sur la vie travail en général, est de plus en plus décisive [...]”.*

CAPÍTULO 6 – A fluidez territorial na Megalópole

O comércio é antes de tudo uma troca de palavras.

Milton Hatoum. Dois irmãos. 2000.

Neste capítulo tratamos do mega agente da dinâmica dos lugares: a fluidez territorial. Ela foi foco de bandeiras de luta e pauta de grupos ou movimentos sociais como o MPL.

Vimos como o lugar se constitui, o que é um lugar, e que na realidade são sempre lugares, plurais. O lugar se constitui pelas densidades técnicas, informacionais e comunicacionais. Lugar é ação, é a dimensão da ação, é o verbo da geografia, é uma alteridade do espaço geográfico. Pela conexão global-local, constitui-se um LUGAR-MUNDO.

A partir da programação tecnológica a inteligência dos objetos é real em alguns objetos técnicos, e, pois, por causa do meio técnico-científico-informacional é possível afirma que o lugar também se constitui entre um indivíduo e um objeto.

*****Não se trata de mobilidade, mas o deslocamento*****

A mobilidade enquanto pauta política é uma falácia. O deslocamento é um dado e não apenas um atributo do sistema capitalista de reprodução social, que se apropriou e surgiu em virtude da evolução dos sistemas de engenharia ou as antigas via de comunicação.

O processo de expansão do capitalismo vai transformando as vias de comunicação, assim chamadas pela literatura clássica, vulgarmente conhecidas como meios de transporte. Essas vias compõem o que foi denominado de sistemas técnicos em sistemas de engenharia como expansão do então meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2009 [1996]).

Sendo assim, o termo mobilidade é trazido por Sorre (1984 [1952]) como um atributo da dispersão humana pelo planeta, como um movimento de adaptação ou evolução. Segundo Sorre (1984 [1955]: p. 126) as *migrações são a expressão da mobilidade sobre o ecúmeno*. Através da conquista do ecúmeno, os fenômenos de permanência a mobilidade surgem como dualidade. Inicialmente, a mobilidade estaria ligada a definição de habitat. Sorre (1984 [1955]) elabora fórmulas de mensuração da mobilidade. Mas, dois pontos são importantes de nota: a circulação e a comunicação como elementos do ofício do geógrafo, e, por decorrência, o transporte e as técnicas.

A mobilidade na cidade é tratada por George (1983 [1961]) como uma condição do ambiente citadino. Esse ambiente engloba coações das formas de organização ou de improvisação da vida material, condições de trabalho, de circulação e de transporte, além da necessidade de se recorrer aos equipamentos diversos.

Compreendemos melhor os diversos elementos deste ‘ambiente’ citadino através de uma evocação analítica das diversas ‘fases’ da vida da cidade e na cidade: mobilidade cotidiana da população, recurso aos equipamentos comerciais, aos serviços de todos os tipos, busca dos meios de lazer e de descanso (GEORGE, 1983 [1961]: p. 187).

A mobilidade estaria ligada ao processo de funcionamento da cidade pelo modo de produção capitalista e suas relações com a divisão social e territorial do trabalho. No entendimento de George (1983 [1961]) a mobilidade é forma de maior ou menor instabilidade de moradia ou migração diária da população ativa. Esses seriam os dois níveis de manifestação da mobilidade.

Trata-se da mobilidade na cidade, pois o termo em si, mobilidade, pode se confundir com mobilidade social e outros tipos discutidos em outras ciências, como na física, na química, na biologia, na saúde pública ou medicina e na sociologia, dentre outros para citar alguns¹¹².

Um dos primeiros estudo encontrado, sobre mobilidade na geografia¹¹³, é o clássico *Geografia Urbana* em Pierre George e também clássico da Jacqueline Beaujeu-Garnier de tradução do mesmo título, sendo o título original denominado de *Tratado de Geografia Urbana*.

Noutra abordagem metodológica Beaujeu-Garnier (1997 [1963]) traz a mobilidade citadina também ligada ao funcionamento da cidade pelas demandas do capital.

A mobilidade do cidadão pode ser intra-urbana, peri-urbana ou interurbana; pode ser quotidiana, periódica ou à procura de uma nova estabilidade; pode ter ligação com uma evolução social: uma influenciando a outra, para a reforçar, combater ou neutralizar. O cidadão é vítima, agente ou motor destas forças que se traduzem na acção [sic] de *mobilidade*, que desempenha um papel fundamental na transformação do meio urbano, podendo mesmo melhorar ou criar o seu equilíbrio, segundo as circunstâncias (BEAUJEU-GARNIER, 1997 [1963]: p. 356 [grifo no original]).

Entretanto, Beaujeu-Garnier mistura mobilidade social e mobilidade urbana além de falar em equilíbrio, processo que inexistente no modo de produção que anima a cidade, ainda mais, nesse período histórico. Mesmo que possa haver uma proximidade entre ampliação da mobilidade social com a mobilidade urbana no sentido de melhoria de condições de vida a metodologia de Pierre George traz uma geografia mais coerente e propositiva quando fala na mobilidade em sua totalidade do ponto das dinâmicas dos lugares, trazida nesta tese.

¹¹² Trabalhos que vão desde o estudo da mobilidade social na ascensão dos estratos mais pobres da sociedade para outro nível de repertório e qualificação por instrução ou acesso ao consumo como estudos da mobilidade funcional e a queda de idosos, mobilidade da coluna cervical, mobilidade eletroforética.

¹¹³ Talvez, o primeiro estudo sobre a mobilidade humana tenha sido elaborado por Max. Sorre *Migrations et mobilité de l'oekoumène* em 1955 *apud* Sorre (1984). Em todo modo, Sorre e Pierre George foram contemporâneos.

A metodologia de George (1988 [1961]) é analítica, mas pode-se tomar como ponto de partida o esforço de conjunto que ele faz chamando de totalidade, ao lidar com a mobilidade pela discussão da moradia e do acesso aos equipamentos e serviços de interesse coletivo e, a migração diária da população ativa para o trabalho, sua preocupação era investigar do ponto de vista geográfico os processos de reprodução do modo de produção capitalista e suas implicações na cidade, bem como o estudo do modo de vida urbano. Ele trabalha com os aspectos da mobilidade da moradia e as condições de pobreza vivenciada pelos trabalhadores, no primeiro nível de análise aqui citado, sobre seu esquema analítico e o deslocamento diário da população no que ele chama de lugares de atividade e os lugares de residência.

Na revisão bibliográfica sobre mobilidade espacial de Danelli (1978)¹¹⁴ Pierre George e Jacqueline Beaujeu-Garnier estão como pioneiros na lista dos estrangeiros que tratam sobre o tema. Para sua empiria, a mobilidade espacial na Região Metropolitana de São Paulo, Danelli (1978) lista os seguintes trabalhos: A estruturação do Grande São Paulo de Juergen Richard Langenbuch de 1971 publicado pelo IBGE (Estudos de Geografia Urbana); O bairro Industrial do Jaguaré de Rosa Ester Rossini e Lea Goldenstein publicado no Boletim Paulista de Geografia de n. 47 em 1972.

O tema da mobilidade na cidade e a empiria do transporte público e coletivo são tradicionais para a geografia. Há inúmeros trabalhos e reflexões sobre esse assunto. Entretanto, busca-se circunstanciar e reconstituir aqueles fundamentais para subsidiar a trajetória da pesquisa de tese.

Balbim (2003) interpreta a mobilidade urbana como acessibilidade dos lugares às redes de relações. Também ressalta a importância do cotidiano nessa abordagem, num esforço de pensar uma renovação da geografia urbana, embora, seu conceito de lugar ainda esteja ligado à forma ou localização. Quando se coloca o lugar como acessibilidade e veículo para a mobilidade se contradiz a ideia de lugar como espaço do acontecer solidário.

¹¹⁴ Primeiro trabalho no Brasil, mais especificamente em São Paulo tratando da mobilidade urbana da Paulicéia desvairada e sua região metropolitana.

Por exemplo, o trabalho de Gilberti (2012) traz o sistema dos fretados na macrometrópole paulista; a reflexão de Silva (2012) exhibe o funcionamento do circuito inferior sob a ótica da mobilidade espacial em Campinas. Na leitura do método desta tese, o termo mobilidade espacial corresponde ao deslocamento citadino. Contudo, são trabalhos que não exibem o lugar como espaço do acontecer solidário.

Mas segundo o mundo do presente traz-se a hipótese de que a palavra mobilidade ganhou uma conotação neoliberal difundida a partir dos grupos e pactos da Organização das Nações Unidas – ONU¹¹⁵.

Os eventos mundiais demoravam intervalos de tempos variados para ser notícia¹¹⁶ ou difundir seu conhecimento, que por vezes nem chegavam a todas as localidades do globo. No período atual, mundo e lugar são simultâneos fazendo com que os eventos mundiais aconteçam instantaneamente, no local, alterando, então, a definição de cotidiano, e com isso a constituição dos lugares. Dessa maneira, o cotidiano também se faz presente na constituição do lugar, redefinindo com isso, uma das lentes geográficas.

Dito isto, o processo histórico mundial parece demonstrar uma singularidade entre manifestações de movimentos sociais distintos ocorridas pelo mundo (A Primavera Árabe¹¹⁷, por exemplo). Manifestações que também eclodem no Brasil de maneira contundente e expressiva em junho de 2013, midiaticamente denominadas de revoltas dos “R\$0,20 (Vinte centavos)” também podem estar conectadas a esse processo histórico de mudanças mundiais.

A guerra da informação mundial possui sujeitos hegemônicos que estrategicamente agem na disputa pelo mundo. Os Estados Unidos da América –

¹¹⁵ Essa é uma leitura e hipóteses dos estudos da Geografia Renovada liderada pela geógrafa e intelectual brasileira Maria Adélia de Souza. Entendemos que é importante aprofundar esses estudos. Em todo modo, deixamos aqui registrado essa hipótese, pois ela é fundamental para ir aprofundando os estudos sobre as dinâmicas dos lugares.

¹¹⁶ Zilocchi (2007) demonstra a crise do jornal impresso e de todas as mídias do século XX: revistas, rádio e televisão, que possibilitavam o furo de reportagem, característica marcante do jornalismo. Com o advento da internet (anos 90) a notícia passa a ser informação.

¹¹⁷ Lutas nas praças de Tahrir, no Cairo, Puerta del sol em Madri, praça Sintagma em Atenas, em Wall Street, nas escadarias de São Paulo. Mas remotamente os movimentos sociais de base urbana: Paris (1968), (HARVEY, 2014).

EUA ainda é um líder dessas disputas mundiais, embora que pareçam está em processo de enfraquecimento desde a crise internacional do capitalismo em 2008. Alia-se às reflexões¹¹⁸ de Escobar (2019) que apontam para a liderança dos EUA na guerra da informação e às eclosões e desfecho na Primavera Árabe, no golpe de 2016 no Brasil a partir das manifestações de 2013 e nas manifestações em Hon Kong em 2019;

Essas manifestações em si expressam o avanço do Período Popular da História que segundo (SOUZA, 2010a) tem seu marco histórico com a queda das torres gêmeas conforme se verá na introdução da última parte.

Primeiramente, a Geografia enquanto ciência nasce tentando explicar a distribuição e os porquês da localização dos seres humanos e sua atividade transformando o planeta. Esse processo vai constituindo, aos poucos, o mundo, através dos movimentos migratórios e a expansão dos diversos estágios de civilização, e também da produção e etapa do capitalismo¹¹⁹ contemporâneo.

Em seguida os vários momentos da economia capitalista mundial se relacionando com a complexidade das formações sociais, Estado-nações e divisão internacional e territorial do trabalho, com seus movimentos imigratórios, populacionais e demográficos, informacionais e circulatórios, vão implicar em particularidades nacionais.

O processo de expansão do capitalismo vai transformando e diversificando as vias de circulação que eram antigamente vias de comunicação dada à inexistência de meios de comunicação que ligavam as pessoas diretamente. Os caminhos traçados pelos comerciantes eram as vias comunicantes. Com as transformações dos sistemas de comercialização e

¹¹⁸ Essas reflexões são inicialmente desenvolvidas por Pepe Escobar (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fNAeBxeyghw&lc=UgwSWM6Tn7BwVklD0ZR4AaABAg>>. Acesso em 02 de jul. 2019 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-WiS2DjESLY&list=WL&index=73&t=52s>>. Acesso em: 02 de jul. 2019).

¹¹⁹ “Na medida em que **não há mais** novo estágio nem nova fase correspondente a uma desvalorização estrutural do capital que **preserve a produção das relações** capitalistas, a ação do retorno do Estado – que havia desempenhado papel determinante para garantir periodicamente esses diferentes tipos de regulação capitalista – será portanto infinitamente mais limitada; qualquer nova modificação estrutural do sistema capitalista vai ameaçar, desta vez, a própria estrutura capitalista (LOJKINE, 1981: p. 118-119 [Grifo no original]).”

avanço do capitalismo a intensificação da circulação também contribuiu para a revolução dos sistemas de comunicação.

Com isso, esse processo da divisão internacional e territorial do trabalho com a expansão do capitalismo trazia a urbanização como um motor de difusão do meio técnico-científico-informacional. Atualmente, a depender da intensidade da tecnificação do território ocorrem transformações na definição das cidades e metrópoles.

Num dado período, intitulado período técnico (o antecessor e gerador do período atual) algumas cidades nasciam pela implantação de eixos das vias de circulação, como no caso do Estado de São Paulo na marcha de expansão e povoamento do oeste com a atividade cafeeira no que foi denominado de movimento pioneiro por Monbeig (1998 [1977]). Eram as cidades tanto ponta de trilho como boca de sertão. Um processo muito peculiar do mundo novo que levou séculos, um tempo lentíssimo no velho mundo, mas nas cidades do mundo novo se dava de uma forma aceleradíssima¹²⁰.

Os sistemas técnicos se refinaram em sistemas de engenharia, os quais correspondem às próteses territoriais que é denominada de tecnoesfera. Essa que é indissociável e redutível à psicoesfera¹²¹ são constituintes do meio técnico-científico-informacional, ou seja, a expressão geográfica do período histórico atual. É esse o meio que estabelece e constitui os lugares.

Então, as vias de circulação e comunicação estão passando por uma resignificação dado o refinamento das tecnologias, como o ambiente virtual, por exemplo. Altera-se todo o sistema das transações, comercialização, circulação e fluidez das mercadorias e relações entre as pessoas (SANTOS, 2011 [2000]). Ademais, a difusão do meio técnico-científico-informacional gera seletividade espacial. Isso implica em restrições no deslocamento ou locomoção e reprodução e vida de relações dos usuários em uma metrópole, por exemplo.

¹²⁰ Como explana Monbeig (1998 [1977]) o processo de implantação dos trilhos das ferrovias e o nascimento de cidades que levou séculos na Europa no Brasil, de modo particular no Estado de São Paulo, levava décadas.

¹²¹ Conceitos explicitados no item sobre metodologia a partir da apresentação desta tese.

A seletividade espacial é um dos componentes das desigualdades socioespaciais. E as desigualdades entre as localidades podem restringir o uso pleno do território. Nesse sentido, a precariedade ou má distribuição do transporte público e os altos custos das passagens para a maioria dos usuários parecem se reverter em desigualdades territoriais, a depender do local em que vivem.

O estudo das redes também é uma tradição na literatura geográfica e sua origem e debate epistemológico muito mais remota, vindo como herança dos gregos. Esse conceito passou por transformações significativas, desde sua origem comparada ao corpo humano, numa lógica de organismo, até sua redefinição como matriz técnica e reticular, utilizada atualmente. A partir do paradigma tecnológico e o ambiente virtual há uma incitação à comunicação (DIAS, 2005). Embora haja as redes físicas para a conexão entre as pessoas e sujeitos a rede se resignificou na geografia e não são mais possíveis os estudos de redes da maneira como eram realizados.

Essa mudança de significado é o que Dias (2005) parece não perceber em suas reflexões. As redes não são mais o foco no estudo geográfico, elas continuam físicas pela dimensão das fibras óticas e todo o aparato para o funcionamento e expansão da internet e seus dispositivos ou corporações.

Um trabalho que mostra essas redes físicas é o de Bertollo (2019) que também não aborda geograficamente o uso dos celulares como a autora julga fazer, pois isola o objeto do celular multifuncional, embora demonstre as redes físicas de funcionamento deles só menciona a constituição dos lugares pela influencia do *Whatsapp* nas eleições de 2018, sem contudo, fazer referência a constituição dos lugares, ficando sua análise reduzida ao objeto do celular em si¹²².

Mas com os lugares e as conexões geográficas, ou melhor, com o LUGAR-MUNDO, as redes ganham outra significação para o estudo dos lugares. Nem mesmo as regiões funcionam mais como redes (SOUZA, 1993).

É preciso criar novos instrumentos e metodologias para o enfrentamento do presente com vistas ao futuro. A geografia, praticada por muitos geógrafos,

¹²² Abordar-se mais elementos divergentes à abordagem de Bertollo (2019) no capítulo 10.

insiste em se apegar a velhos instrumentos e lentes já desgastadas, embaciado não enxergam o presente e não contribuem com o avanço do conhecimento e tão pouco ajuda no presente à ação e vida das pessoas.

Como uma das características marcantes desse período, a informação incita possibilidades de comunicação. Os sistemas de informação são um dado da atualidade que forçosamente instauram uma racionalidade aos seus usos e acessos.

O transporte é uma invenção humana e social criada para facilitar e auxiliar o trabalho e o deslocamento humanos. Com o advento da roda os meios de transporte passam a se desenvolver e ampliar o alcance e difusão da circulação e comunicação. Com seu desenvolvimento no período de expansão do mercantilismo era designado como vias de comunicação.

Em São Paulo, o primeiro registro de regulação do transporte data de 1865 na regulamentação dos serviços de tálburis¹²³. Em documento sobre a cronologia do transporte coletivo em São Paulo disponibilizado pela SPTrans (1865-2006) é notório a influência dos eventos e processos mundiais na evolução das tecnologias. Contudo, há políticas municipais que atribuem movimento singular ao significado dos transportes na metrópole.

Ao final dos anos 1940 é criada a Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTC pelo Decreto n. 365 de 10 de outubro de 1946. No ano seguinte, a Light destinou a essa companhia o patrimônio do transporte coletivo das 37 empresas particulares com suas 90 linhas municipais de ônibus. Também nesse ano, em virtude do aumento das tarifas ocorre a primeira revolta dos trabalhadores que usavam o transporte na capital.

O Departamento de Operação do Sistema Viário – DSV foi criado em 1972 e a Companhia de Engenharia de Tráfego – CET foi criada em 1975 por Roberto Scaringella¹²⁴ em parceria com o prefeito Olavo Egídio Setúbal. A CET é

¹²³ “[...] veículos de duas rodas puxados por um cavalo, ou carruagem de quatro rodas tracionadas por uma parelha. Nesta época a população de São Paulo beirava 30 mil habitantes (LOPES, 1985: p. 18).”

¹²⁴ Sendo seu primeiro presidente. As reflexões de Requena (2018) pelos detalhes e instrumentais técnicos mostram como as disputas internas em órgãos públicos se amesquinham. Um dos seus entrevistados deixa escapar uma opinião pessoal contra o idealizador e criador da CET. Não se imagina São Paulo sem esse sistema de engenharia.

uma empresa de economia mista vinculada à Prefeitura de São Paulo e contratada pelo DSV, ela é um sistema de inteligência de engenharia de trânsito.

Somente em 1975 o metrô passa a operar na metrópole. Porém, é apenas em 1989 que o Projeto de Municipalização dos transportes coletivos se inicia, sendo em 25 de julho de 1991 a Lei n. 11.037 que oficializa a Municipalização das empresas de transporte coletivo por ônibus. Desse processo surge em 1995 a SPTrans, empresa municipal que assumiu o planejamento e programação das linhas e frota.

A tabela 03 e o Gráfico 24 são extraídos do Relatório Síntese das informações domiciliares da Pesquisa de Mobilidade em 2012 do Metrô de São Paulo e sua Região Metropolitana – RMSP.

Tabela 03 – RMSP: Índice de Mobilidade. Pesquisa Origem Destino Metro. 2012.

2007

Renda Familiar (*)	ÍNDICE DE MOBILIDADE (viagens / habitante)				
	Coletivo	Individual	Motorizado	Não-motorizado	Total
até 1.244	0,59	0,18	0,77	0,82	1,58
1.244 a 2.488	0,75	0,30	1,05	0,75	1,80
2.488 a 4.976	0,81	0,67	1,48	0,59	2,08
4.976 a 9.330	0,66	1,35	2,01	0,42	2,43
9.330 e mais	0,42	1,97	2,39	0,34	2,73
TOTAL	0,71	0,58	1,29	0,66	1,95

2012

Renda Familiar (*)	ÍNDICE DE MOBILIDADE (viagens / habitante)				
	Coletivo	Individual	Motorizado	Não-motorizado	Total
até 1.244	0,65	0,22	0,87	0,86	1,73
1.244 a 2.488	0,88	0,38	1,26	0,78	2,04
2.488 a 4.976	0,88	0,84	1,72	0,62	2,34
4.976 a 9.330	0,72	1,39	2,12	0,52	2,63
9.330 e mais	0,57	1,78	2,35	0,44	2,79
TOTAL	0,81	0,68	1,49	0,70	2,18

Fonte: Metrô-Pesquisas OD 2007 e Mobilidade 2012

(*) Em Reais de outubro de 2012

Fonte: Diretoria de Planejamento e Expansão dos Transportes Metropolitanos. Pesquisa Mobilidade da RMSP. Síntese das Informações domiciliares, dez. 2013: p. 48.

Esse relatório trabalha com índices, tabelas e gráficos, exibindo apenas dois mapas sobre a divisão das zonas de origem e destino elaboradas pela Pesquisa de Mobilidade, também chamada de Pesquisa Origem-Destino. Os

índices generalizam a realidade de tal forma que podem falseá-la, o que será comprovado no capítulo 12.

A tabela 03 exibe dados sobre a locomoção na Região Metropolitana. Demonstrando o óbvio: a população que possui baixo rendimento é igualmente proporcional àquela que possui baixa locomoção pela cidade, bem como aquela que utiliza o transporte coletivo.

Segundo a abordagem teórico-metodológica da Geografia Renovada não se fala em mobilidade, mas, sim locomoção ou deslocamento citadino ou urbano.

A tabela 03 também identifica um perfil do deslocamento paulistano: o uso do automóvel como meio de transporte mais usado pelos usuários com rendimento familiar de mais de R\$ 4.000,00. A pesquisa de campo conseguiu abordar apenas um sujeito que faz parte dessa realidade, vejam Gráfico 20 na página 175).

Aqui entra a dimensão fundamental da política que são os usos do território, o território usado pela sociedade. Quem são os sujeitos que não possuem possibilidade de se deslocar não apenas pela Região metropolitana de São Paulo – RMSP, mas pelo mundo?

O **Mapa 17** exibe a distribuição da população de menor rendimento na RMSP em 2012. Vejam que os municípios que apresentam a densidade de população com baixo rendimento são aqueles que fazem parte do entorno conurbado ao município e metrópole de São Paulo junto aos distritos que apresentaram também a densidade de população de baixo rendimento nos mapas da série 13 a 16 (na pág. 173).

MAPA 17 – RMSP: População por Renda Familiar Mensal de até R\$ 1.244 por zona de Origem Destino. 2012.

O **Mapa 18** traz a população que trabalha com vínculo empregatício, assalariada, mas sem a carteira assinada, o que revela uma precariedade nas relações de trabalho.

MAPA 18 – RMSP: População que Trabalha com Vínculo Empregatício Assalariado Sem Carteira Assinada por zona de Origem Destino. 2012.

Com a globalização e o aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação a variável da informação ganha um valor de mercado e poder antes nunca vistos. Alterando a constituição dos usos do território.

O Gráfico 25, a seguir, dá indicação do deslocamento por horários nos usos do transporte. Trabalho e escola são aqueles de maiores demandas e picos expressivos e clássicos.

Gráfico 25 – RMSP: Flutuação Horária das viagens por motivo. 2012.

Fonte: Diretoria de Planejamento e Expansão dos Transportes Metropolitanos. Pesquisa Mobilidade da RMSP. Síntese das Informações domiciliares, dez. 2013: p. 47.

As transformações nas relações e na divisão territorial do trabalho precisarão ser estudadas com profundidade nesta contemporaneidade. Os usos do território e suas influências sobre a constituição dos lugares pode alterar o sentido da psicoesfera e tecnoesfera do deslocamento das pessoas. O que significa o sujeito trabalhar em Call Center ou na sua própria casa, ou mesmo ser entregador *delivery*, sem deslocamento para realizar seu trabalho, para o debate sobre os lugares como resistência e os novos pactos aos usos do território?

O **Mapa 19** mostra a distribuição da população de estudantes na RMSP no ano de 2012.

MAPA 19 – RMSP: População por Condição de Atividade Estudante por zona de Origem. 2012.

E no **Mapa 20** verifica-se o montante de viagens diárias pelo modal ônibus segundo a “Pesquisa de Mobilidade do Metrô” em 2012.

Quando se correlaciona esses primeiros mapas sobre o deslocamento, com os mapas do município de São Paulo sobre rendimento (Mapas do 13 ao 16, na pág. 173), pode-se começar a identificar locais de pobreza. E, ainda, afirmar que a população da RMSP a depender dos locais de onde vive seu cotidiano é atravessada por diferentes níveis de acesso ao meio técnico-científico-informacional.

Cada escala de análise revela as dimensões e características da difusão do meio técnico-científico-informacional. No município de São Paulo os seus limites apresentam extrema pobreza, principalmente a zona sul. Para a sua

Região Metropolitana outro quadro se desenha, embora, haja uma combinação com as áreas limítrofes do município de São Paulo.

MAPA 20 – RMSP: Viagens Diárias Produzidas por Modo Principal Ônibus por zona de Origem. 2012.

Apenas com esses mapas produzidos a partir do relatório síntese da pesquisa de mobilidade do metrô de SP pode-se confirmar a riqueza das análises geográficas e começar a elaborar críticas sobre os índices que não contribuem para o planejamento e para a elaboração de políticas democráticas e de alcance totalizante.

Mesmo a identidade da metrópole em termos de locomoção seja o automóvel, o ônibus é o transporte da massa, do povo trabalhador (Gráfico 26).

Mas o apelo ao uso da bicicleta vem sendo bem disseminado pela psicoesfera e tecnoesfera¹²⁵.

Traz-se mais um extrato da pesquisa de campo a qual abordou o deslocamento dos indivíduos pesquisados. O Gráfico 26 expõe qual o meio mais utilizado pelo público pesquisado.

Fonte¹²⁶: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Dos 34 entrevistados 16 deles usam mais o ônibus como meio de locomoção pela cidade, sobretudo de casa ao trabalho ou de casa à escola e vice-versa.

As pessoas entrevistadas possuem um trajeto não tão demorado entre a casa e o trabalho (Gráfico 27).

¹²⁵ Tarikian (2017) dissertou sobre o uso da bicicleta como meio de transporte na cidade de São Paulo.

¹²⁶ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 63: Qual meio de transporte que mais utiliza?

Fonte¹²⁷: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

A Tabela 04 mostra a fluidez e a percepção das pessoas entrevistadas sobre sua locomoção. O transporte mais utilizado não é considerado confortável.

¹²⁷ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 64: Quanto tempo utiliza do trabalho ou escola até em casa?

Tabela 04 – Locomoção e Deslocamento do entrevistado

	Considera seu meio de transporte, o mais utilizado, confortável
Sim	11
Não	14
	O que torna seu transporte confortável
Velocidade	2
Não está superlotado	2
Sensação de segurança	2
Consegue descansar	1
Ar condicionado	1
Liberdade, não depender de horário	1
Horários pontuais	1
	O que torna seu transporte desconfortável
Lentidão	1
Superlotação	5
Insegurança	3
Falta de ar condicionado	1
Trânsito-tráfego	1
	Viaja?
Sim	10
Não	6
	Qual motivo das viagens
Lazer ou férias	9
Trabalho	1

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Um dado também observado pela pesquisa de campo foi que muitos dos entrevistados conseguem viajar para lazer e férias¹²⁸.

¹²⁸ Muitas das respostas de algumas questões foram deixadas em branco pelos entrevistados, sobretudo no trabalho de campo realizado no distrito de Sacomã no dia 24 de agosto de 2019. Vale lembrar também que algumas questões do questionário poderiam ser puladas em virtude da sua

O Gráfico 28 traz um conteúdo que pode divergir da bandeira do MPL, pois a maioria dos usuários entrevistados não faz reclamações formais sobre o seu transporte público. O MPL¹²⁹ levantou a bandeira da tarifa zero como uma pauta para levar justiça social ao trabalhador, mas o que se observa é que a psicoesfera e tecnoesfera é outra.

Fonte¹³⁰: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Então, para obter a adesão de massas para a constituição dos lugares como protesto ou pautar se constituir num lugar massivo para atingir um objetivo é preciso saber transitar entre as fronteiras dos lugares pela psicoesfera e tecnoesfera. Foi isso que a ultradireita conseguiu fazer no pleito de 2018. Igualmente, também foi praticado pelos movimentos que usurparam as manifestações de 2013, inicialmente eclodidas pelas reclamações contra o aumento da tarifa de ônibus, as quais se argumentará nos próximos capítulos.

construção e da resposta afirmativa ou negativa da pergunta anterior. Para maiores informações consultar os instrumentais técnicos nos apêndices da tese a parti da página 457.

¹²⁹ Descrição do movimento: “[...] é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada.” Segundo site: <<https://www.mpl.org.br/>>. Acesso em 16 de out. 2019.

¹³⁰ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 68: Faz reclamações formais sobre o meio de transporte público que utiliza caso seja necessário?

Até o momento se discutiu que a análise geográfica não é sobre a mobilidade e sim referente ao deslocamento na cidade a partir da revisão do que se entendia por mobilidade urbana. Como este trabalho critica a geografia urbana, conforme visto no capítulo 2, não se fala em mobilidade urbana e sim em deslocamento citadino, ou locomoção na cidade. Até pela hipótese de que o termo mobilidade está ligado ao neoliberalismo das organizações mundiais.

Entrar-se-á, neste instante, na discussão da constituição dos lugares pelo uso da psicoesfera e psicoesfera.

Uma das conclusões sobre a pesquisa de campo até aqui apresentada leva a entender que o debate público é realizado pela constituição dos lugares virtuais, no uso das mídias digitais, mas, também, a partir de outros lugares constiúdos presencialmente a partir de outras intencionalidades e solidariedade que precisam ser estudadas e reveladas. Os próximos capítulos desta segunda parte aprofundam esse debate.

O fato é que o debate público está cada vez mais virtual, contudo, não é exclusivo ou reduzido à constituição dos lugares virtuais.

CAPÍTULO 7 – A Tecnoesfera e Psicoesfera, os lugares e a batalha pelo poder

É paz a paz da pomba? Faz a guerra o leopardo? Por que ensina o professor a geografia da morte? Que ocorre com as andorinhas que chegam tarde ao colégio? É verdade que distribuem cartas transparentes, por todo o céu?

Pablo Neruda. Livro das perguntas. 1974.

As manifestações de junho de 2013 ao que apontam alguns especialistas ou alguns fatos recentes foram manipuladas pelos agentes hegemônicos da geopolítica, como os EUA na interferência nos bastidores da deposição da Presidenta Dilma em 2016.

Essas parecem ser algumas das consequências da guerra da informação na realidade brasileira, com a eleição de Bolsonaro Presidente em 2018 como o candidato que preencheu o vazio deixado pelo jogo do golpe de 2016 o qual os partidos de direita que se apresentaram como líderes desse movimento de derrubada da ex-presidente Dilma em 2016 naquilo que se entende junto com Souza (2016) como um golpe midiático-jurídico-institucional, mas conforme se verá nesta interpretação lê-se geograficamente golpe como **pacto territorial**.

*****Manifestações de rua*****

Na visão de Sakamoto (2013) nem todos que foram às ruas massivamente tinham ideais de esquerda ou eram progressistas. Grupos conservadores de ultradireita ou fascistas se organizaram também naquela

ocasião e se aproveitaram do momento para lançar ruídos violentos e discursos superficiais camuflados como amigos do país. Em sua reflexão, levanta elementos que culminou no afastamento valendo-se do nome de impeachment, na Presidente Dilma no ano de 2016.

Engana-se, porém, quem afirma que essa era uma massa fascista e uniforme. Havia, sim, um pessoal de ultradireta, que enxerga comunismo em ovo e estava babando de raiva, louco para derrubar um governo. Que tem saudades de 1964 e conta com fotos de velhos generais de cueca na parede do quarto. Essa ultradireta se utiliza da violência física e da intimidação como instrumentos de pressão: por menos numerosa que seja, provoca sustos. Eles estão entre os mais pobres, mas também entre os mais ricos – com acesso a recursos midiáticos e dinheiro. A saída deles do armário e seu ataque a manifestantes ligados a partidos foi bastante consciente (SAKAMOTO, 2013: s.p.).

E, prossegue em sua análise ao calor do evento dizendo que a juventude brasileira precisa voltar a acreditar na força dos partidos políticos.

Houve um movimento dentro dessas manifestações de junho de 2013 que estava querendo o descrédito na função dos partidos políticos no processo democrático. Nos dizeres de Secco (2013: s.p.) “*O movimento que começara apartidário se tornava então antipartidário.*”

Na verdade nenhum movimento é apartidário. Mas não se discute essa concepção política. Toda ação, por si ou em si, é política (ARENDT, 2018 [1958]). Os próprios defensores do fim dos partidos políticos possuem uma ideologia que os levam a formar um partido. E, sempre se filiam entrando no jogo político, como por exemplo, os membros do Movimento Brasil Livre – MBL, Kim Kataguirí, Deputado Federal pelo Partido Democratas – DEM e Fernando Holiday, esse Vereador pelo município de São Paulo também pelo DEM.

Nos lugares aqui estudados pode-se identificar a origem de políticas, pactos, das solidariedades, das resistências. Um movimento antipartidário é um movimento negativo no sentido que Durkheim (2004 [1977]) assinala sobre a solidariedade mecânica quando anula a individualidade, a personalidade. A força do lugar está justamente na diversidade, na Política que dele é constituída. Pois,

a Política é o grande atributo para a convivência no diverso, como ensinou Arendt (1999).

Ainda sobre as manifestações de junho de 2013 Secco (2013) argumenta que a mudança no rumo dos protestos, chamados por ele de jornadas de junho, possuem um objetivo político. Segundo esse autor o ataque aos jornalistas que cobriam as manifestações e a violência despendida ao movimento com aparente composição social de classe média e tão comum contra as manifestações dos trabalhadores foi decisivo para a apropriação da imprensa e direita midiática. Com os pobres a ação policial é bem distinta, a repressão é duríssima. *“Mas trata-se de um problema de matriz mundial: uma forma partidária sem vida interior se mostrou incapaz de galvanizar a oposição social que tomou as ruas desde a Primavera Árabe (SECCO, 2013: s.p.).”*

Um resultado das manifestações de junho de 2013 foi o *Pacto Nacional da Mobilidade Urbana* estabelecido em junho de 2013 e que culminou com a aderência e equivalência do transporte público e a “Mobilidade Urbana” como direitos constitucionais brasileiros, igualmente a outros como a saúde, educação, por exemplo. Mas considera-se como um equívoco da gestão e governo do PT, que pode também ter contribuído para a trama da queda da Presidente na época.

Defende-se que a mobilidade urbana não é um tema ou pauta para ser considerado elemento fundante em uma constituição da sociedade. Nesta perspectiva a pauta deveria ser outra, sobre uma defesa do pleno uso do território para todos, ou seja pensar a totalidade da sociedade brasileira e os usos do território.

A estratégia do MPL sugestiona ser uma defesa de classe. Embora seu discurso no site¹³¹ seja de apelo democrático factualmente sua ideologia se vincula de classe média. Ao menos inicialmente a partir da sua defesa a uma livre circulação das pessoas pela cidade como se vivencia na Europa, por exemplo, que possui um pleno uso fluido do território. Mas no Brasil ainda é preciso a luta

¹³¹ Descrito na nota de rodapé 129 na pág. 211.

para a construção de um território comum, como foi imaginado e defendido por Santos (2014 [1987] e por Ribeiro (2012 [1995])¹³².

Disputar a tarifa livre ao contrário do que imagina o MPL não provocará justiça social e nem maior lazer ao trabalhador. Porque esse custo da tarifa é sempre calculado para que o empregador obtenha lucro. Refletindo a partir do raciocínio de Marx (2017 [1962]) a redução do tempo de trabalho pelo uso do maquinário que potencializa a produção não repercute em menos horas de trabalho despendidas pelo trabalhador, ao contrário, em mais exploração dele. Prosseguindo com as teorizações de Marx (2017 [1962]) a lei do valor que se desenvolve no capitalismo não resulta em igualar o preço do trabalho ao preço do produto feito pelo trabalhador.

Sabemos que o valor diário da força de trabalho é calculado sobre a base de certa duração da vida do trabalhador, a qual corresponde a certa duração da jornada de trabalho. [...] O valor da força de trabalho determina, assim, o valor do trabalho, ou, expresso em dinheiro, o preço necessário do trabalho. [...] que o valor de trabalho tem que ser sempre menor que seu produto de valor, [...] (MARX, 2017 [1962]: p. 609).

Da fórmula do autor acima se pode concluir que se for conseguida a livre tarifa o custo ainda será descontado do salário pago ao trabalhador para que o lucro das empresas não seja prejudicado. Pois, a produção capitalista está fundada no trabalho assalariado. Ainda que o transporte seja de iniciativa pública.

É uma contradição quanto à descrição do movimento que se diz de composição horizontal e em busca de um pacto federativo, tendo como foco principal. Sua estratégia sugere uma pauta que disputa pela fluidez territorial, colaborando para a seletividade e densidade nos usos do território. Toda disputa por mais fluidez na cidade beneficia, no regime capitalista, às empresas e não

¹³² Voltar-se-á à discussão dessa utopia em alguns capítulos seguintes, sobretudo, no último capítulo da tese.

afeta aos trabalhadores, ao contrário, a exploração continuará a mesma, ou os explorarão mais¹³³.

Pretende-se trazer uma interpretação geográfica não apenas sobre as manifestações de junho de 2013, mas sobre as dinâmicas dos lugares se constituindo como resistência. Souza (2016) traz uma tese sobre as manifestações de junho de 2013, do ponto de vista das ciências política e social, na qual as manifestações serviram para a derrubada do governo democraticamente eleito da Presidenta Dilma. O ódio de classes, as instituições brasileiras totalmente escravocratas e os agentes que conspiravam insistentemente para a derrubada e o cessar de alguns mínimos progressos sociais se aproveitaram das jornadas de junho de 2013 que resultou no impedimento da então Presidente. *“Existe uma linha clara de continuidade entre as glorificadas e midiaticamente manipuladas manifestações de junho de 2013, as assim chamadas ‘jornadas de junho’, e o golpe de abril de 2016 (SOUZA, 2016: p. 87).”*

No início as manifestações foram capitaneadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), que tem como bandeira central a tarifa zero para o transporte público. O MPL lutava na ocasião contra o aumento recente das passagens de ônibus, muito especialmente na capital paulista. Os estudantes eram tanto de classe média quanto da periferia da capital e já espelhavam um descontentamento talvez maior que o simples aumento das passagens. Os jovens da periferia estavam tendo acesso às universidades, mas os empregos disponíveis eram precários e de baixa produtividade. Ao menos em parte, a insatisfação podia já antecipar um fenômeno acontecido na Europa do pós-guerra que universalizara o acesso à escola e à universidade, incluindo também as classes populares. É um fenômeno que Pierre Bourdieu chamava de ‘inflação do diploma’, para mostrar que o diploma, do mesmo modo que a moeda, quando produzido em quantidade excessiva e posto em circulação, já não vale o que valia antes para outras gerações (SOUZA, 2016: p. 87-88).

Ainda segundo Souza (2016) o grande produto das manifestações de junho de 2013 foi a direita ter se expressado abertamente, sobretudo parcelas da

¹³³ Mas o MPL poderá desenvolver uma estratégia que contemple a essência da totalidade territorial. Basta pensar a partir do território usado por todos os brasileiros, particularizando segundo o uso do território das cidades.

classe média tendo orgulho de se dizer de direita. Fato nunca vivenciado na realidade brasileira.

Outras análises sobre as manifestações de junho de 2013 estão disponíveis em Gohn (2014) e Ricci (2014). Porém ambos possuem outras interpretações daquela de Souza (2016). Embora os fatos e material analítico trazido por Gohn (2014) coincidam com os de Souza (2016), suas interpretações são opostas.

Gohn (2014) traz as manifestações com crítica forte ao governo federal que na época ainda não tinha sido impedido, e sua análise foi centrada nas manifestações em si o que não é o caso de Souza (2016) pois, sua análise é sobre o golpe em questão.

As manifestações de junho de 2013 começaram lideradas pelo MPL, mas ao decorrer dos momentos de eclosão dos protestos maciços durante aquele ano, a partir daquelas de setembro de 2013, outros sujeitos passaram a comandar, como os Black Blocs, predominando os atos de violência nas manifestações (GOHN, 2014).

Os Black Blocs comandaram o ato convocado como “Badernaço” nacional; na ocasião já estavam articulados em 23 estados do país via discussões em páginas do Facebook. As manifestações do dia 7 foram confusas, com ataques e destruição contra o patrimônio público e privado e violência policial exacerbada. O retorno à criminalização do movimento foi a forma mais fácil que alguns dirigentes encontraram para responder a essa situação. Com isso, progressivamente descaracterizavam-se reivindicações legítimas geradas nas jornadas de junho, gerando dúvidas e apreensão no público receptor das imagens transmitidas especialmente pela TV nos noticiários noturnos (GOHN, 2014: p. 36 [aspas no original]).

O material sobre as manifestações é contundente em mostrar a manipulação da mídia tradicional, fato, aliás, ocorrido em diversas manifestações na história do país. Contudo, essas manifestações de 2013 revelam algo contemporâneo e incontestado pelos autores citados, qual seja, as mídias sociais e sua influência nos processos políticos.

A pesquisa nacional sobre as manifestações feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – Ibope e publicada em 20 de junho de 2013 (*apud* GOHN 2014) mostra o perfil dos manifestantes. Essa pesquisa entrevistou 2.002 pessoas, sendo 483 em São Paulo. O perfil dos manifestantes por essa pesquisa mostrava um espectro jovem, entre 14 à 29 anos sendo 23% com rendimentos mais que 10 salários mínimos. Outra pesquisa divulgada por uma reportagem do dia 29 de outubro de 2013 sobre 92 manifestantes presos por suspeita de participação em atos violentos no protesto a manchete referida por Gohn (2014) aponta um perfil de manifestantes jovens e de camadas sociais mais populares.

Segundo essa autora, acima citada, houve uma mudança nas manifestações desde seu início em junho até outubro de 2013. Ela ainda identifica três momentos sobre as manifestações: o primeiro momento chamado de desqualificação e descaso com as manifestações, data do primeiro protesto em 6 de junho; o segundo momento a força das massas assustaram o país; no terceiro momento o movimento teve uma vitória no atendimento da demanda básica sobre a redução da tarifa.

Na interpretação de Gohn (2014: p. 25-31 [grifos no original]) foram sete atos de manifestações liderados pelo MPL:

1º ato de protesto em São Paulo, **no dia 6 de junho** com cerca de 2.000 pessoas. [...] Em 8 de junho houve o **2º ato de protesto** liderado pelo MPL em São Paulo. A Manifestação reuniu 5.000 pessoas [...] O **3º protesto** em São Paulo aconteceu no dia **11 de junho** [...] O 3º ato teve cerca de 5.000 participantes (segundo a PM) e houve violência. [...] O **4º ato de protesto** foi em 13 de junho e teve 20 mil participantes segundo o MPL, e 5.000 segundo a Polícia Militar. Ele irá marcar a virada do olhar da sociedade, a opinião pública passa a dar apoio aos manifestantes, e ir às ruas para se manifestar também. [...] O **5º grande ato de protesto** em São Paulo, no dia 17 de junho, reuniu 65 mil participantes. [...] Em **18 de junho** houve o **6º protesto** em São Paulo contra as tarifas, reunindo 50 mil pessoas na Praça da Sé. São Paulo teve outra noite de caos. O protesto começou tranquilo e terminou com o retorno da Tropa de Choque e 47 prisões. [...] Em **20 de junho** o **7º protesto** reuniu mais de um milhão de pessoas em 75 cidades do país. [...] No dia 21 de junho o MPL anunciou que não convocaria mais manifestações.

A partir do dia 21 de junho de 2013 o governo federal entrou no debate promovendo o chamado pacto nacional sobre a mobilidade urbana, conforme já mencionando anteriormente. Esse é o contexto que complica a trama do impedimento da Presidente Dilma. Pois, após a saída do MPL da convocação das manifestações, elas deram prosseguimento com outras pautas e outros líderes, como os protestos contra a Copa do Mundo de Futebol que se realizariam em 2014; os aqueles solicitando o impedimento da Presidente Dilma.

Fato curioso apontado por Gohn (2014) é que o MPL¹³⁴ em todos os seus protestos organizados desde 2003 quando foi fundado jamais havia tido uma aglomeração massiva como a ocorrida em junho de 2013. O que pode corroborar com a tese de Souza (2016) sobre a manipulação dos agentes interessados na queda do governo do PT.

Gohn (2014) traz, ainda, a forma como se organizam as manifestações, mas precisamente alguns grupos que se constituíram como proteção em protestos: como *Anonymous*¹³⁵ e *Black Blocs*¹³⁶, que são influências mundiais. Essa autora traz também uma interpretação da Primavera Árabe e as manifestações pelo mundo.

A Primavera Árabe é tratada por Gohn (2014) com o mesmo método que chamou as manifestações de junho de 2013 no Brasil, qual seja a manifestação contemporânea dos indignados. Sua definição sobre a Primavera Árabe “[...] *refere-se à onda de manifestações iniciadas na Tunísia, em 2010, que se espalhou para o Egito, Bahrein, Iêmen, Líbia e Síria, com resultados muito diferentes* (GOHN, 2014: p. 97).”

¹³⁴ Um movimento social existente desde 2003, mas que realiza protestos em São Paulo a partir de 2006 quando houve aumento da tarifa de ônibus na época de R\$ 2,00 para R\$ 2,30 (GOHN, 2014).

¹³⁵ Grupo com influência internacional, criado inicialmente por coletivos sociais nos EUA. “*O Anonymous assumiu causas populares e disseminou suas ações entre os jovens, influenciando movimentos como Occupy Wall Street, Primavera Árabe e o combate internacional à censura na internet* (GOHN, 2014: p. 52 [grifo no original])”.

¹³⁶ Também um grupo de origem estrangeira, de formação mais antiga do que o Anonymous que é desse século, os Black Blocs possui início no século passado, 1980 na Alemanha, ligados ao movimento autônomo dos operários alemães naquela década (GOHN, 2014).

Ricci (2014) coloca as manifestações como uma festa democrática e como uma nova política o oposto de Souza (2016). Mas para a geografia qual seria a interpretação ou uma análise a ser feita de acordo com a constituição dos lugares como resistência?

As manifestações de 2013 marcam uma nova história dos movimentos sociais no país, instauram, também, um marco temporal de um novo tempo. A interpretação geográfica sobre essas manifestações se apoia nos registros e análises sociológicas e políticas para se identificar os sujeitos que constituíram os lugares dessas manifestações.

Observou-se que foram vários sujeitos que tiveram a liderança das massivas manifestações em 2013. Souza (2016) soma aos sujeitos que constituíram os lugares de manifestação outros sujeitos que não estavam visivelmente na disputa entre esses lugares, mas que impulsionavam a pressão nesta guerra dos lugares que teve início em 2013 no país. Entre eles pode-se citar a mídia televisiva, que muda a narrativa quando ocorre à adesão de milhares de pessoas a partir do dia 13 de junho por causa da violência policial contra os manifestantes; e o judiciário que a partir da Operação Lava-Jato compõem um enredo que culmina com a deposição de Dilma Rousseff em 2016.

Sem sombra de dúvidas se entende que esse golpe se configura numa manobra política das hegemonias, das mídias tradicionais, dos donos das redes de televisão e de jornais, as classes ricas e do grande empresariado que constituíram um lugar junto com o judiciário e as massas manipulando um movimento localizado nos municípios, como as revoltas por causa do aumento das tarifas de ônibus nas cidades. Eles constituíram um lugar que aparentemente era rebelde, mas na essência parece ter se tornado uma contrarrevolução ou contrarresistência.

A guerra da informação ou guerra híbrida

A eleição de Luís Inácio Lula da Silva à presidência da república em 2002 foi uma pequena, ligeira e tímida revolução¹³⁷ social brasileira. O fato inédito no país foi a assunção ao poder maior de um indivíduo originário das camadas populares, da classe trabalhadora. Esse evento instaurou um novo tempo no Brasil. Ainda que análises políticas e econômicas não expressem isso, ou tão pouco o próprio programa e quadros de governo do Partido dos Trabalhadores – PT não tenham chegado nem perto do que seja uma revolução social em suas ações e intervenções, esse fato rompeu um domínio secular das classes hegemônicas.

Esse constrangimento público entre as classes aumentou o ódio ao trabalhador que virou o chefe maior da nação por 8 anos¹³⁸. Sua habilidade política fez o Brasil se agigantar internacionalmente, alçar pactos ousados e livres da velha e imposta divisão internacional e territorial do trabalho ao país¹³⁹.

A influência do Lula é expressa no descolamento de sua imagem com a do PT quando o escândalo do *mensalão*¹⁴⁰ eclode ao final do seu primeiro

¹³⁷ Esse evento é contundente. O fato da eleição do Lula um indivíduo de origem popular, trabalhador, migrante Nordeste é uma ruptura substancial na história brasileira. Uma reverse que traduz outra escritura que não as das antigas revoluções. No Brasil, país opressor implacável de insurreições a chegada do poder pelo voto do ex-metalúrgico rompe e inverte a ordem tradicional. É inédito e singular. Não houve um programa de revolução no governo. Mas esse evento marcou e mudou a história do país.

¹³⁸ Fato é a chegada ao poder de alguém sem “berço”, adágio brasileiro para designar alguém que não tem herança de posses familiares, alguém da ralé. A classe social de todos os presidentes sempre esteve diretamente ligada às elites brasileiras. A ascensão do Lula foi sem dúvida uma ação popular nas classes abastadas que tiveram que tolerá-lo por muitos anos. A política e influência do Lula só foi enfraquecida com o golpe em 2016. Ainda que o PT não tenha conseguido mandar no país (domínio da opinião pública) foi apenas com a estratégia do Lula que soube esperar a circunstância favorável para sua eleição tornando-se um grande estadista.

¹³⁹ Na antiga divisão internacional e territorial do trabalho o Brasil sempre foi agroexportador. Na gestão e governo do PT o país ousou exportar tecnologias. A Empresa envolvida no escândalo da operação lava-jato que levou a prisão do Ex-Presidente Lula “A Odebrecht S.A possui um portfólio diversificado de Negócios, que atuam nas áreas de engenharia e construção, imobiliária, infraestrutura, energia, petroquímica e sucroenergética. Esses Negócios têm operações no Brasil e em mais 13 países, além de estruturas administrativas e escritórios de representação em outros 13” Fonte: <<https://www.odebrecht.com/pt-br/organizacao-odebrecht/odebrecht-no-mundo>> Acesso em 14 de Nov. 2018.

¹⁴⁰ Compra de emendas parlamentares para a aprovação de medidas governamentais. Ocorreu o mesmo no governo do Presidente Jair Bolsonaro para a aprovação da reforma da previdência a qual o termo de liberação de emendas foi liberalmente proferido e divulgado os valores.

mandato. Depois, facilmente elege uma sucessora, a Presidenta Dilma Rousseff. Mas as investidas da descontente e cada vez mais enfurecida elite e as classes médias que são moralistas diante de uma aliança com um partido que as representa em ideologia o Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB¹⁴¹ são incansáveis em sua guerra pelo poder.

A reeleição da ex Presidenta Dilma Rousseff foi dramática. A estranha demora na divulgação dos resultados parciais no segundo turno angustiou a muitos. Contudo, para frustração do PSDB, o PT novamente é eleito à Presidência da República. Descontentes e revoltosos o candidato derrotado e seus grupos de apoio expressaram que a Presidenta não governaria. A oposição foi avassaladora, constituindo lugares contrarresistentes¹⁴².

Mas nada conseguia diminuir a popularidade da Presidenta que em 2013 chegava quase aos 80%!¹⁴³ Contudo, as manifestações do Movimento do Passe Livre contra o aumento da tarifa de ônibus em várias capitais do país inflacionou e aglutinou diversos grupos, tantos de direita como de extrema direita que em massa foram o estopim para a queda do PT. Assim, facilitaram a aceitação e execução do impedimento¹⁴⁴ da Presidente Dilma (SOUZA, 2016).

Após o golpe denominado por Souza (2016) *mediático-institucional-jurídico*, pois variáveis da empreitada usurpadora de tomada do poder que consente o Michel Temer como representante do país¹⁴⁵. Esse assalto do poder

¹⁴¹ Que em prática governista nada tem a ver com a ideologia dessa denominação.

¹⁴² Os lugares contrarresistentes são aqueles constituídos a partir de outras racionalidades que não sejam aquela da resistência contra as desigualdades socioespaciais que são estudadas nesta tese.

¹⁴³ Desde a eclosão das manifestações iniciadas pelo Movimento do Passe Livre nas definidas jornadas de junho a popularidade da Presidenta Dilma começa a cair de 79% para 71%, notícia dada pelo Jornal Nacional no dia 19 de junho de 2013 (SOUZA, 2016).

¹⁴⁴ É preciso mencionar brevemente uma crítica ao governo do PT, foi um governo de massas. Contudo, o PT governou o país, mas não mandou nele. Outro erro gravíssimo pois o domínio da opinião pública é quem garante e assegura o poder. O resultado do pleito de 2018 também decorre dessa incompetência do partido em saber mandar no país. Pois não é o suficiente chegar ao poder, há que se mandar também (ORTEGA Y GASSET, 2016 [1930]).

¹⁴⁵ Diálogo grampeado e divulgado pela empresa de televisão e comunicação Globo em março de 2016 entre Romero Jucá e Machado:

Jucá - Você tem que ver com seu advogado como é que a gente pode ajudar. (...) Tem que ser política, advogado não encontra (inaudível). Se é político, como é a política? Tem que resolver essa porra... Tem que mudar o governo pra poder estancar essa sangria.

Machado - Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel (Temer).

maior deixou os movimentos sociais, as esquerdas e o centro, ou seja, todo o espectro progressista, desnorteados.

Ao mesmo tempo a oposição ao golpe, em sua maioria de esquerda não conseguia tomar fôlego para se fortalecer e derrubar o governo Temer. Esse drama durou até a composição das eleições. Tendo as chapas sido definidas com suas coligações, os lugares ficaram novamente às claras. Temer e o golpe foram esquecidos, silenciados e o golpe que parecia esfriar agregou novos agentes.

O Presidente eleito Jair Bolsonaro em todo processo do golpe de 2016 e nos anos que se seguem esteve ao lado dos grupos e agentes protagonistas do golpe, como o então presidente da câmara o Eduardo Cunha, que encenou a votação do impedimento da ex-Presidenta Dilma.

A **fotografia 25** é emblemática¹⁴⁶ de 27 de maio de 2015 obtida durante uma reunião no congresso entre Cunha e inúmeros representantes. A reunião é um fato, independente das interpretações que se possam tirar dela. Aí estão todos reunidos com o ex-presidente da câmara, já processado por corrupção¹⁴⁷.

Jucá - Só o Renan (Calheiros) que está contra essa porra. 'Porque não gosta do Michel, porque o Michel é Eduardo Cunha'. Gente, esquece o Eduardo Cunha, o Eduardo Cunha está morto, porra.

Machado - É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

Jucá - Com o Supremo, com tudo.

Machado - Com tudo, aí parava tudo.

Jucá - É. Delimitava onde está, pronto.

Fonte: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/07/para-pf-conversa-sobre-grande-acordo-nacional-e-estancar-a-sangria-nao-e-crime>> Acesso em 14 de Nov. 2018.

¹⁴⁶ Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/politica/representado-por-filha-cunha-declara-apoio-a-bolsonaro>. e <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/anatomia-de-um-mico-a-foto-imortal-de-cunha-com-militantes-anticorruptao-por-kiko-nogueira/>, acesso em 12 de Nov. 2018.

¹⁴⁷ Esse fato é unânime na cobertura internacional. Como um processado e condenado por corrupção ativa pôde liderar o impeachment da ex-Presidenta Dilma? Mais ainda intrigante seja a adesão de massas volumosas de todas as classes à candidatura do Jair Bolsonaro contra a corrupção, não sendo ele o melhor candidato para tal representação. Havia outros candidatos na disputa que poderiam ser uma opção nesse sentido, como o Ciro Gomes que saiu pelo Partido Trabalhista – PDT.

Fotografia 25: Reunião com Eduardo Cunha como evento decisivo para o impedimento da Presidenta Dilma

Fonte: Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/anatomia-de-um-mico-a-foto-imortal-de-cunha-com-militantes-anticorrupcao-por-kiko-nogueira/>>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

A partir dessa reunião exibida na fotografia acima, que foi a constituição de um lugar, fica evidente o pacto territorial firmado para o golpe e sua agenda em execução até a eleição em 2018. O juiz que atuou no processo denominado de Lava-Jato, Sérgio Moro, sempre é visto ativamente ligado ao PSDB¹⁴⁸. A manchete da notícia do jornal Folha de São Paulo em 06 de dez. de 2016 também é emblemática: *Com Temer, Tucanos e famosos, Moro recebe prêmio e defende judiciário.* (**Fotografia 26**). Reunião no dia 06 de 2016 para título de brasileiro do ano na Justiça pela revista IstoÉ.

¹⁴⁸ As denúncias e vazamentos da investigação jornalística do canal Intercept revelam e comprovam os bastidores de alguns agentes do golpe de 2016 e da eleição do atual presidente Jair Bolsonaro como agendas desse golpe.

Fotografia 26: Reunião no dia 06 de 2016 para título de brasileiro do ano ao juiz Sérgio Moro pela revista IstoÉ.

Fonte: Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1839088-com-temer-tucanos-e-famosos-moro-recebe-premio-e-defende-judiciario.shtml>>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

Foto: Felipe Bächtold de São Paulo

A reportagem investigativa do *intercept* comprova a trama do golpe e sua agenda em execução com a eleição do Presidente Jair Bolsonaro. O surgimento das reportagens dessa mídia alternativa se configura como a constituição de um lugar como resistência. A pauta das reportagens do *Intercept*¹⁴⁹ é progressista, e se configura como “*Uma enorme coleção de materiais nunca revelados fornece um olhar sem precedentes sobre as operações da força-tarefa anticorrupção que transformou a política brasileira e conquistou a atenção do mundo*”.

O furo de reportagem do *Intercept* mostra como o poder judiciário na figura do juiz Moro e dos procuradores do estado do Paraná, e Dallagnol se uniram e deram seguimento ao golpe de 2016. A série de reportagens do site vem confirmando as hipóteses que muitos argumentaram sobre o golpe e as eleições

¹⁴⁹ A série de reportagens se iniciou em 09 de junho de 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>>. Acesso em: 26 de out. 2019.

fraudadas. O ex-Presidente Lula foi preso para não participar das eleições de 2018, o seu julgamento totalmente viciado.

A trama exibida pelo *Intercept* é digna de marco, pois factual, além de mostrar como o período popular vem se implantando, releva o auge da guerra da informação que é fundamental no jogo político mundial. Segundo Pepe Escobar (2019) Lula foi preso não apenas por uma trama nacional, mas internacional.

Até aquele momento o ex-Presidente Lula insistia em sua candidatura sempre com desempenho de líder nas pesquisas de opinião. Após negação da candidatura Lula, a figura do então candidato Bolsonaro assumiu a liderança da corrida eleitoral de 2018.

Sua campanha mostrou-se singular e de ruptura com a tradição democrática brasileira. Ainda que o nome de Bolsonaro tenha começado a ser forjado há algum tempo, seus grupos de apoio souberam se aproveitar do desgaste do PSDB. Esse jogo usou mais que perfeitamente a funcionalidade do meio técnico-científico-informacional como trunfo.

A composição da narrativa, sentido e o domínio da tecnoesfera e psicoesfera asseguraram a agenda do golpe midiático-jurídico-institucional. O candidato não era o desejado, mas a manutenção do programa do golpe foi garantida.

O lugar somente acontece pela relação com o mundo, Lugar-Mundo como se defende nesta tese, o lugar é sempre uma **ação humana**¹⁵⁰ seja constituída por reflexão ou irrefletida.

Como realidade o lugar sempre é a dimensão da disputa política. **As eleições presidenciais brasileiras corresponderam à expressão do uso do lugar como fundamento.**

O lugar é praticado, vivido, a partir dos usos e constituições das tecnoesferas e psicoesferas. Elas são os primeiros pilares para a constituição dos

¹⁵⁰ “[...] ação não é qualquer sair aos tapas com as coisas em torno ou com os outros homens: isso é o infra-humano, isso é alteração. A ação é agir sobre o entorno das coisas materiais ou dos outros homens conforme um plano preconcebido numa prévia contemplação ou pensamento. Não há, pois, ação autêntica se não há pensamento, e não há autêntico pensamento se este não estiver devidamente referido à ação, e virilizado por suas relação com esta (ORTEGA Y GASSET, 2017 [1983]:p. 48).”

lugares, como foi visto no capítulo 3. São elas que possibilitam a constituição dos lugares, e que dão o sentido à constituição dos lugares.

Justamente o que aconteceu para a eleição do Presidente Jair Bolsonaro foi a constituição de um lugar, um lugar que foi constituído no pleito pela sabedoria da direita e ultradireita brasileira em lidar com aspectos e movimentos sociais, manobrando as massas. Estupidez, engano e mentiras, na ilusão que seduziu as massas seriam as solidariedades da constituição desse lugar, aliado às elites¹⁵¹, mas a elite sozinha não elegeria jamais um candidato, são minorias¹⁵².

Por isso a manobra com os lugares pela densidade informacional, técnica e comunicacional assegurou a vitória. Retornando a sintaxe do lugar, o espaço foi a ligação entre as realidades e o discurso, o acontecer foi a própria disputa eleitoral, as solidariedades se estabeleceram pelo culto a ignorância que agora poderá ser legitimada como vem sendo louvada. O sujeito da constituição dos lugares constituídos no pleito presidencial de 2018 eram os partidos políticos e seus grupos de apoio.

Alterada a chapa do PT¹⁵³ no início do pleito para a composição liderada pelo candidato Fernando Haddad que diretamente constituiu o segundo lugar nas intenções de voto. O primeiro lugar que correspondia ao Lula foi tomado pelo Jair Bolsonaro¹⁵⁴ devido aos pactos que o laçaram nessa realidade em ser líder e em vencer a disputa.

¹⁵¹ Inspiração na conceitualização das classes sociais do Brasil moderno em Souza (2016) e também na definição da elite brasileira por Ribeiro (2015 [1995]; 2017).

¹⁵² Aqui não no sentido dado por Ortega y Gasset (2016 [1930]: p. 82) “*A divisão da sociedade em massas e minorias excelentes não é, portanto, uma divisão em classes sociais, mas em classes de homens, e não pode coincidir com a hierarquização em classes superiores e inferiores [...] dentro de cada classe social há massa e minoria autêntica.*” Apenas no sentido de minoria, as massas no sentido orteguiano sim compuseram os lugares vencedores do pleito presidencial de 2018.

¹⁵³ Vale destacar a singularidade da transição de votos do ex-Presidente Lula, porque a sua influência até então esteve ligada a indicação de nomes e a conquista do poder, sua ação garantia a vitória. Com sua prisão esse efeito foi minimizado e sendo assim a derrota foi assegurada. Contudo, o fato de transição direta de votos é algo inédito no país. E os 29% de eleitores do PT no primeiro turno dessa eleição, ou melhor dizendo, do Lula, atesta e o consolida como uma liderança política nacional e também internacional.

¹⁵⁴ Lugar foi vivenciado por eles na corrida presidencial. Aqui eis um ótimo exemplo de constituição de lugares. Acontecer solidário em virtude das ações que impediram a disputa pelo candidato Lula

Não se trata aqui de demonstrar os pactos territoriais formulados nos governos, mas os contextos da guerra da informação, guerra híbrida ou a guerra dos lugares¹⁵⁵.

Os pactos territoriais podem ser o que Souza (1983: p. 432) referencia como definição de Milton Santos: como formas específicas de distribuição dos recursos do país, como os impostos, investimento público e privado e também as funções do poder, sua repartição geográfica da divisão política-administrativa. E também como Santos (2014 [1987]) o define indiretamente como sendo os acordos entre os agentes da política na elaboração de programas de governo. Os golpes também podem ser considerados como pactos territoriais. Na discussão desse autor o golpe de 1964 estabeleceu um novo pacto territorial à época: foi a elaboração do sistema eleitoral dos governadores.

Então, os pactos territoriais podem configurar regiões e são regidos por comandos políticos e econômicos. Santos (2004 [1987]) exhibe como exemplos as disputas entre o velho centro do país, o Nordeste e a Amazônia; mostra também a elaboração da constituição de 1988 como exemplo de pacto territorial; a construção de Brasília também foi um de pacto territorial. Mas faz uma distinção entre os pactos funcionais e os pactos territoriais. Sendo aqueles de interesses específicos de alguns grupos, ou seja, da constituição de lugares que privilegiam grupos sociais que comandam a política governamental; enquanto os pactos territoriais devem ser pactos estruturais, ou seja, que vislumbrem um projeto de nação.

Santos (2014 [1987]) distinguiu os pactos territoriais funcionais e pactos territoriais estruturais.

Partiu-se do método de concepção dos pactos territoriais para a análise das eleições de 2018.

oscilaram e compuseram outros lugares, sendo o lugar herdeiro do Lula enfraquecido. Processo do jogo que foi decisivo para vitória do golpe.

¹⁵⁵ A guerra dos lugares foi um termo elaborado por Souza em (1994b). Foi título de livro, mas com outra abordagem que não a desenvolvida neste trabalho. A guerra híbrida é uma ideia e fato vivenciados atualmente, é trabalhada por Pepe Escobar (2019).

Alguns pactos territoriais serão discutidos no capítulo seguinte em virtude de suas influências como contextos, mas como agentes também da guerra dos lugares.

Vivencia-se, sem dúvidas, uma guerra dos lugares. Essa guerra é provocada pela guerra da informação que é um conflito de conteúdos segundo Martel (2014 [2010]). É uma guerra disputada no ambiente digital tendo como *front* de batalha a internet, que serve como veículo de transmissão das informações segundo a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera.

Os agentes que comandam a dispersão das engrenagens e funcionamentos do meio técnico-científico-informacional são os regentes dessa guerra. Esse é o contexto mundial o qual direta ou indiretamente a constituição dos lugares no Brasil está ligada desde 2013.

É preciso entender como a dispersão do meio técnico-científico-informacional rege a guerra dos lugares. Também, como os agentes que disputam o mundo se valem das invasões e elaboração de fronteiras¹⁵⁶ pela psicoesfera e tecnoesfera.

Por que o PT não venceu as eleições? Porque parece não ter sabido lidar com a dinâmica dos lugares.

A estratégia da extrema-direita e da agenda do golpe parece está sendo bem sucedida. Souberam lidar agir segundo o funcionamento do meio técnico-científico-informacional e constituir os lugares que asseguraram a vitória. Mas sua força também valeu-se das engrenagens dessa guerra híbrida ou a guerra dos lugares¹⁵⁷. A guerra da informação é lida pela geografia como uma verdadeira guerra dos lugares.

Como os lugares se constituem a partir das densidades técnicas, das densidades informacionais e das densidades comunicacionais entender essa

¹⁵⁶ Toda vez que aparecer o termo fronteira não se refere à antiga fronteira física. Fronteira dos lugares aqui estudados está no plano da psicoesfera e tecnoesfera, ou seja, no plano dos signos.

¹⁵⁷ Sem a interferência dos Estados Unidos da América – EUA o golpe não teria o sucesso que teve. Não se entrará no mérito da soberania nacional, pois foge à discussão da tese. Mas a fragilidade da soberania brasileira pode ter sido um dos elementos do sucesso da interferência norte-americana como refletido por Pepe Escobar em entrevista recente ao ex-Presidente Lula. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=drJ6uVrt8dI>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

guerra entre os lugares é saber acompanhar como eles se constituem, sua dinâmica, e sua relação LUGAR-MUNDO. Os agentes da dinâmica dos lugares foram exibidos no capítulo 3 desta tese. Investigá-los é acompanhar a trama dela.

É preciso, no entanto, mencionar a constituição de um lugar como resistência na realidade brasileira. A política do governo federal do ex-presidente Lula possuía um programa de ações objetivas à difusão do meio técnico-científico-informacional. Engana-se quem imagina que seu poder de influência seja apenas ligado ao seu programa compensatório do *Bolsa Família*¹⁵⁸ enganam-se. O lugar que se constituiu com os pobres tem a ver diretamente com a difusão do meio técnico-científico-informacional.

O governo do PT além da dispersão de institutos e universidades federais pelo território brasileiro ofereceu consumo à população, consumo diverso, não apenas de tecnologias, mas também de acesso à casa própria, a meios de transporte e locomoção, ao investimento de pequenos empresários, enfim, políticas de difusão do meio técnico-científico-informacional. Essas políticas estiveram ligadas às viscosidades técnicas, e por isso, ficam no imaginário da psicoesfera e tecnoesfera dos mais pobres ou os abastados do país.

Os lugares se constituindo como resistência experimentaram o sabor da ação governamental ainda que de maneira consumista. Essa memória do cotidiano, dos lugares constituídos, vividos, no período do governo federal do PT ainda estão frescos na mentalidade dos mais pobres, sobretudo da região nordeste do país.

A política de difusão do meio técnico-científico-informacional não apenas aprofundou as desigualdades, mas também propiciou a germinação de um pacto territorial mais federativo. São essas contradições que precisam ser enfrentadas e analisadas.

¹⁵⁸Bem verdade que no sentido que Silva (2017) dá ao acontecer como sendo uma verticalidade político-institucional que originou uma horizontalidade e constituiu um lugar em sua vivência ou se diz que no cotidiano essa política criou uma mentalidade. Mas, atualmente, após o golpe de 2016, há vários ataques e cortes aos beneficiários do programa. Discorda-se do autor quanto à precisão sobre a discussão do lugar e sobre a teoria dos circuitos da economia urbana que a nosso ver carece de revisitação uma vez que não há mais urbano nem rural como fica a teoria dos circuitos? Não teria sido ela uma etapa do amadurecimento teórico do professor Milton Santos para compreender e estudar a totalidade? Mas que atualmente não se aplica tal qual a época de sua elaboração?

A dinâmica dos lugares no Brasil traz uma história de combate às desigualdades demasiadamente singular.

Silva (2017) estudou a pobreza e o programa do Bolsa Família, sua tese é que o programa do Bolsa Família que segundo o autor “constituiu um lugar político-institucional”. Porém ele atribui a constituição do lugar pelo acontecer e não pela solidariedade.

É pela solidariedade que o vínculo constitui o lugar, seja qual for (afetiva, racional, política, porém é sempre política, como se defende nesta tese, até o amor é político). Somente pela solidariedade pode-se qualificar os lugares. O acontecer é evento, é a ação, é a relação mundo-lugar, é presente, usam-se as formas, as localidades. Em verdade, como já se explicitou e discutiu na primeira parte não se separa a constituição dos lugares em espaço do acontecer solidário, eles se realizam ao mesmo tempo. Fez-se uma separação didática para a compreensão do leitor.

Mas, a preocupação de Silva (2017) se dava com a dinâmica dos circuitos de economia urbana. Contudo, subsidia fundamentos sobre os lugares que foram vividos a partir da influência dessa política compensatória. Entretanto, a força do lugar constituído entre os pobres e o PT não vem apenas desse programa de governo. Lembre-se que lugar é dimensão.

Levanta-se a hipótese de que a força desse lugar constituído entre os pobres o Partido dos Trabalhadores esteja muito mais ligada à difusão do meio técnico-científico-informacional do que à política do Bolsa Família. Mas pode-se dizer que os lugares constituídos a partir dessa política deixou uma mentalidade, um imaginário que poderá ser acompanhado pela trajetória dos processos atuais.

A resistência brasileira à pobreza sem dúvida começou a ter ações mais contundentes pelas políticas governamentais no governo do PT. Mas ao que tudo indica houve um enfraquecimento e até abafamento e repressão aos movimentos sociais. Pode-se citar também como um dos equívocos do PT foi focar na massa, as políticas de massa¹⁵⁹

¹⁵⁹ Massa vem de multidão, aglomeração. Multidão na paisagem. Mas, seu indivíduo é o homem médio, conjunto de pessoas desqualificadas que não se dão o valor, que não se angustiam porque gostam de se

Não se pode manter o <<meio termo>> em nenhuma revolução. A lei da natureza exige uma decisão rápida: ou a locomotiva avança a todo vapor para cima da montanha da história, ou cai arrastada pelo seu próprio peso novamente ao ponto de partida. E arrastará em sua queda aqueles que quiserem, com suas débeis forças, mantê-los a metade do caminho, levando-os ao abismo. (LUXEMBURGO, 2017 [1922]: p. 25 [Tradução da autora])¹⁶⁰

Não que tenha sido objetivo do PT fazer a revolução social brasileira. Em entrevistas recentes o ex-Presidente Lula explicita que nunca foi objetivo fazer tal revolução¹⁶¹. Mas, o próprio movimento da história nacional em seu clamor por mudanças exigia essa revolução, e de fato a provocou invertendo a base social dos mandatários do poder executivo federal. Esse meio termo que o PT insistiu em manter como prática política pode ter também contribuído para o golpe de 2016. A teoria sempre é veraz e visionária como atesta Luxemburgo (2017 [1922])!

Vale destacar outros elementos do imaginário que animam as massas, o falso moralismo a busca desenfreada contra a corrupção como sendo seu maior inimigo, elementos esses componentes da psicoesfera e tecnoesfera brasileiras. A alienação do trabalhador pobre controlada pelas hegemonias através do trânsito entre as fronteiras que constituem os lugares a partir da psicoesfera e tecnoesfera. Essa massa assegurou a vitória do candidato Jair Bolsonaro. O próprio PT à época da disputa em que ganharia a eleição em sua primeira vez, 2002, Lula contra Serra, se beneficiou em certa medida do discurso contra a corrupção, aglutinando parcelas das classes médias¹⁶².

sentir idênticas às demais. Não há protagonistas, só coro. Indivíduo genérico que se caracteriza em multidões (ORTEGA Y GASSET, 2016 [1930]).

¹⁶⁰ “No se puede mantener el <<justo médio>> en ninguna revolución. La ley de su naturaleza exige una decisión rápida: o la locomotora avanza a todo vapor hasta la cima de la montaña de la historia, o cae arrastrada por su propio peso nuevamente al punto de partida. Y arrollará en su caída a aquellos que quieren, con sus débiles fuerzas, mantenerla a mitad de camino, arrojándolos al abismo”.

¹⁶¹ Foram várias entrevistas após as eleições de 2018, quando enfim a justiça liberou uma entrevista para a Folha com a Reporte Monica Bergano e o El país com Florestan Fernandes Jr. em seguida várias entrevistas foram realizadas.

¹⁶² A vitória do Lula era um fato irreversível. A própria história brasileira chegava nesse evento. Essa sim foi uma verdadeira revanche dos lugares.

A ascensão e vitória do candidato Jair Bolsonaro também se deveu ao uso do meio técnico-científico-informacional. O Presidente eleito e seus grupos representantes souberam lidar com o meio técnico e assim seduziram alguns agentes e indivíduos e constituíram os **lugares para a vitória do pleito presidencial**¹⁶³. A psicoesfera e tecnoesfera deram propulsão à candidatura Bolsonaro que veio sendo produzida há algum tempo.

Pode-se dizer que a contrarresistência aos governos do PT foi bem sucedida quando conseguiram produzir uma narrativa para dar o golpe em 2016.

Contudo, no Brasil nunca houve uma polarização esquerda e direita. A esquerda surgiu na região concentrada do país (MAPA 21), dada à densidade e fluidez do meio técnico-científico-informacional e a dinâmica do mundo.

Nas demais áreas e rincões do país vigoravam a viscosidade do meio técnico-científico-informacional e a morosidade com outros vínculos que não ideologias de esquerda. Não foi por essa ideologia que o PT se tornou representativo no NE. A solidariedade que uniu PT e NE na constituição de um lugar foi a difusão do meio técnico-científico-informacional. Foi a prática de uma política que constituiu um pacto territorial do PT com o Nordeste brasileiro.

¹⁶³ Esses lugares foram constituídos pelo processo da tecnoesfera e psicoesfera brasileiras e vivenciados no período das eleições. Os lugares que se constituíram pela memória das ações das políticas do PT disputaram com os lugares que foram constituídos pelo moralismo hipócrita da sociedade brasileira. Foi uma guerra dos lugares que deu a vitória ao Jair Bolsonaro porque soube entendê-los e coaptá-los em seu projeto de poder.

MAPA 21 – BRASIL: O Meio Técnico-científico-informacional e as Regiões do Brasil.

Elaboração: Markelly Fonseca, com base em SANTOS & SILVERIA, 2001.

Fonte: TOZI, 2012: p. 216

O governo do PT, na liderança do Lula, soube disseminar o meio técnico-científico-informacional. A disputa entre os *espaços luminosos* e os *espaços opacos*, porque a política do PT com o ex-Presidente Lula e também com a ex-Presidenta Dilma foram de dispersão desse meio o que evidentemente gerou resistência do domínio da seletividade espacial que reinava em sua região concentrada. Dilma prosseguiu, mas não houve fôlego e tão pouco novas iniciativas para prosseguir. Vale destacar que o PT governou o país, mas não conseguiu mandar nele. Quem manda nele é a direita, que detém o domínio da opinião pública desde sempre¹⁶⁴.

¹⁶⁴ O governo do PT não dominou a opinião pública ou não quis dominá-la (ORTEGA Y GASSET, 2016 [1930]). Esse fato demonstra ou cumplicidade com as elites e classes médias, que o traíram sem

Todavia, a campanha do Jair Bolsonaro atingiu o domínio da opinião pública não mais pelas mídias televisivas ou jornalísticas tradicionais. As redes ou mídias sociais tiveram o papel fundamental, sobretudo o uso do aplicativo *Whatsapp*. Escândalos de caixa 2 envolvendo disparos automáticos contratados por empresas foram até aludidos mas nada barrou a eleição do candidato Bolsonaro como Presidente do Brasil que soube usar o meio técnico-científico-informacional criando uma psicoesfera e tecnoesfera para a conquista do poder.

O trabalho de Bertollo (2019) cita o uso das mídias sociais com a propagação das notícias falsas, mas com outra interpretação e abordagem distinta dessa a qual se desenvolve nesta tese sendo expostas essas divergências no capítulo 10.

Em reportagem de 18 de outubro o jornal Folha de São Paulo revela esquema dos disparos no *Whatsapp*¹⁶⁵, sobre a *Cambridge Analytica*¹⁶⁶ Steve Bannon recebeu o filho do Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro em agosto de 2018. Três meses de campanha usando a tecnoesfera e psicoesfera asseguraram a vitória (ESCOBAR, 2018)¹⁶⁷.

O contrato com a empresa *Cambridge Analytica*, para uso da análise dos perfis dos usuários de *Facebook* foram utilizadas diretamente no *Whatsapp* (mesmo dono do *Facebook*) porque é o aplicativo de maior uso e popularidade no país. Nos EUA essa empresa usou o *Twitter*, e a estratégia foi ficar nos estados decisivos para a eleição, com isso a campanha do Donald Trump foi realizada apenas em 3 estados. No Brasil os disparos analisados pelos perfis (pois os algoritmos calculam e analisam o uso e compatibilidade dos aplicativos dos

nenhum pudor, caso tenha havido um lugar nesse sentido ou seu despreparo ou não ter conseguido agir levaram ao insucesso. O roteiro e narrativa do golpe demonstram que puderam ter acontecido as duas coisas, contudo com força maior da ignorância do PT quanto ao povo brasileiro e suas classes e a dinâmica dos lugares (SOUZA, 2016).

¹⁶⁵ Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em 12 de Nov. 2018

¹⁶⁶ <<https://oglobo.globo.com/brasil/steve-bannon-ex-assessor-de-trump-ligado-extrema-direita-declara-apoio-bolsonaro-23187643>>. Acesso em 12 de Nov. 2018

¹⁶⁷ Explicação de Pepe Escobar em edição do jornalismo do canal de youtuber 247 que explica o neofascismo e o populismo de direita. Um dos maiores correspondentes internacionais do mundo, fala sobre fenômenos Trump e Bolsonaro. Transmisso em 23 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wZSD1JkqXMs&index=14&list=LLdw3C4vS6SptdIlex_aUerQ&t=3s>. Acesso em: 25 out. 2018.

usuários, fazendo leituras sobre seus padrões de consumo e ideias) se deu apenas no *Whatsapp* e cooptou boa parte do eleitorado moralista e conservador (ESCOBAR, 2018).

Vejam o conteúdo das duas campanhas que disputaram o segundo turno. Cabe ressaltar que a quebra de regras quando deram o golpe no falacioso impeachment da Presidenta Dilma foi a regra praticada nesse pleito. As regras foram escandalosamente quebradas pelo candidato Jair Bolsonaro, que desdenhou da tradição dos ritos democráticos em não participar de praticamente todos os debates nas redes de televisão. Provavelmente sua estratégia de se recusar a ir aos debates teve a ver com o método da *Cambridge Analytica*, pois era um momento em que ele estava oscilando negativamente nas pesquisas de intenção de votos. Isso porque eles sabiam que esse aplicativo era o mais utilizado pelos brasileiros, a pesquisa de campo comprova esse argumento, vejam o Gráfico 29 a seguir.

Fonte¹⁶⁸: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Esse despreço pelo rito democrático também pode demonstrar uma intencionalidade que aponta um futuro de possíveis práticas autoritárias. Suas ações grosseiras, seu temperamento estouvado, seu discurso descuidado e claramente opressor de minorias sem nenhum pudor o fez ser considerado como mito pela maioria de seus eleitores.

Ribeiro (2012 [1995]: p. 207) parece ter previsto o que aconteceria ao Brasil quando afirma que

Ultimamente, a coisa se tornou mais complexa porque as instituições tradicionais estão perdendo todo o seu poder de controle e doutrinação. A escola não ensina, a igreja não catequiza, os partidos não politizam. O que opera é um monstruoso sistema de comunicação de massa fazendo a cabeça das pessoas. Impondo-lhes padrões de consumo inatingíveis, desejabilidades [sic] inalcançáveis, aprofundando mais a marginalidade dessas populações e seu pendor à violência.

¹⁶⁸ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 41: Qual rede ou mídia social mais utiliza por ordem de importância?

Esse apelo ao consumo é cada vez mais amplificado pelos comandos da psicoesfera e tecnoesfera que constituem os lugares. Essa opressão sugestiva ao consumo pelos comandos do meio técnico-científico-informacional é algo que pode aumentar os conflitos de violência na constituição dos lugares¹⁶⁹. Também, é uma das engrenagens da guerra dos lugares.

A louvação e elogio à estupidez ou mesmo a ignorância é o marco e sentido mais emblemático dessas eleições e dos lugares que se constituíram em apoio a esse tipo de representação. Pode-se aludir aqui um clássico do filósofo Ortega Y Gasset¹⁷⁰ (2016 [1930]), referência também desta reflexão, a *Rebelião das Massas*, discute sobre as características novas do seu tempo, ela é a pressão daquilo que ele compreende como *homem médio*. É, pois, sobre o domínio do homem médio que as reflexões desse filósofo se dedica, e por esse motivo que a intitula como rebelião das massas, pois o autor sabe que “*A revolução não é a sublevação contra a ordem preexistente, mas a implantação de uma nova ordem que tergiversa a tradicional* (ORTEGA Y GASSET, 2016 [1930] p. 128)”.

Esse processo, de louvação a ignorância parece ter fundamento, também, nas teses, conceitos e definições desse autor acima referido. Com a particularidade da complexidade e mutação do período histórico em que se vive.

Nem o lugar constituído como resistência ao candidato que possuía quase 4 milhões de adesões no *Facebook*, grupo denominado mulheres contra o Bolsonaro, e que explodiu com manifestações de centena de milhares em todo o país teve força de impedir sua eleição (Fotografia 27). Por quê?

A resposta está diretamente ligada aos lugares virtuais que se constituíram no pleito, estratégia bem sucedida pelo candidato vencedor. Com o uso das mídias sociais, sobretudo, do aplicativo do *Whatsapp* foi possível constituir o lugar do engano e da conveniência.

¹⁶⁹ Até psicologicamente esse fato sobre a ostentação de indivíduos ricos é abordado como um processo criado a partir dos desejos que são concebidos socialmente. Flávio Gikovate refletiu sobre esse tema em suas teorizações sobre a psicologia humana, é preciso repensar essa criação de desejos ostensivos que podem violentar os outros indivíduos.

¹⁷⁰ Muitos autores que constam nas referências para a elaboração dos argumentos desta tese são divergentes em suas visões de mundo e sobre as teorizações que faziam. Alguns são convergentes e parceiros. Mas o método aqui desenvolvido esforça-se por fazê-los conversarem quando possível ou apenas valer-se de seus conceitos que se incorporam às reflexões e métodos da tese.

Outro agente importante nessa campanha foram ação das igrejas pentecostais ou evangélicas que apoiaram em massa o candidato Jair Bolsonaro por seu apelo moralista e pela influência de suas lideranças, sejam aquelas já envolvidas na política, como por exemplo, a constituição na Câmara Federal da chamada bancada da bíblia como as lideranças “espirituais” que se empenharam em fazer política para tal representação ser eleita, prática de *voto de cajado*¹⁷¹.

Fotografia 27: Manifestação das mulheres contra o Bolsonaro em Largo da Batata, São Paulo, 30 de Setembro de 2018.

Fonte: Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 12 de nov. 2018.

Contudo, a militância do banalmente chamados de *bolsominions*, mas dos eleitores do Partido Social Liberal – PSL, é uma ideologia que milita através do uso das mídias sociais. A despeito do exército de robôs que pelas novas empresas de disparos manipulam a pressão nas mídias sociais a pedagogia dessa nova mentalidade faz com que pessoas por sua livre vontade, formadas para isso por seus líderes, fiscalizem e ajam segundo seus grupos. São o exercito

¹⁷¹ Expressão popular que designa o voto da também chamada bancada evangélica quando se deixa influenciar pela manipulação de seus líderes religiosos. Não foi possível identificar sua origem ou inventor.

da militância e da vigília virtuais; são os primeiros a fiscalizarem sites ou grupos adversários. É a prática da guerra dos lugares virtuais.

Poderá esse processo ser uma ruptura com a configuração partidária brasileira? Parece que há um movimento claro de transição.

Será que os lugares conseguirão mudar o sistema eleitoral brasileiro? Com outro formato de disputa e composição?

O lugar que se estabeleceu entre a direita¹⁷² e a extrema direita com a candidatura do Jair Bolsonaro seduziu inúmeros indivíduos que vivenciam lugares como sobrevivência, ou lugares autômatos (pela alienação do meio técnico-científico-informacional¹⁷³). Esse era o objetivo também, liquidar as lembranças ou destruir a memória daqueles que constituíram lugares com o governo do Lula em 2002.

“Direita” e “esquerda” não são conceitos absolutos. São conceitos relativos. Não são conceitos substantivos ou antológicos. Não são qualidades intrínsecas ao universo político. **São lugares** do “espaço político”. (BOBBIO, 1995: p. 91) [Aspas no original, grifo nosso].

Ainda que Bobbio (1995) considere o lugar como toponímia ou localização o autor destaca bem a palavra lugar. Mesmo situando à esquerda e a direita como lugares na constituição do espaço político o significado pode ser considerado como o do espaço do acontecer solidário. Pois a filiação ou afinidade entre um espectro ou outro se dá a partir da constituição dos lugares pelos sujeitos.

Ainda que com uso das notícias e informações falsas, ou seja mentiras, que ficaram conhecidas como *fake-news* seja argumento de muitos para a vitória do candidato do PSL. Contudo, as mentiras nunca foram novidades dessa

¹⁷² Ainda segundo Bobbio (1995) o homem de direita é aquele apegado às tradições. Mas existem várias modalidades e significados de tradições. Enquanto o homem de esquerda é aquele que pretende libertar todos os homens dos grilhões que lhes escravizam ou alienam.

¹⁷³ Cataia (2001) foi o primeiro a trabalhar com essa ideia da alienação do território.

eleição. Mentira e política sempre tiveram um casamento evidente. Sobretudo, em governos populistas¹⁷⁴.

E parece que os iludidos e os sofistas foram os vencedores desse pleito. Isso faz toda a diferença para as análises futuras, e talvez seja a novidade dessa corrida presidencial.

A candidatura Bolsonaro não era uma ação contra corrupção, pois haviam outros candidatos que representavam esse conteúdo, como o candidato do PDT, Ciro Gomes, o qual não possuía nenhum histórico contundente em corrupção. Por que trocar o PT considerado corrupto pelo Bolsonaro envolvido sempre entre os corruptos clássicos e líderes e que um de seus filhos teve um aumento do patrimônio em 432% em 4 anos!¹⁷⁵

Ciro Gomes¹⁷⁶, terceiro candidato mais votado no primeiro turno, em certo momento criticou as manifestações das mulheres contra o Bolsonaro, mas desconhece ele a dinâmica dos lugares que levou o candidato Bolsonaro a ser vencedor. Enganam-se quem afirmar que foram as *fake-news* as vencedoras no pleito de 2018.

O aumento do desemprego, o aumento da população de rua que só crescia desde o golpe de 2016 pulula diariamente após as eleições de 2018. Ver-se-á um mapa sobre a população de rua no capítulo 12 esse assunto.

Observem a Fotografia 28 e 29, são das manifestações nas vésperas da realização do segundo turno. Na fotografia 28 pró-bolsonaro, na fotografia 29 a favor do PT.

¹⁷⁴ O mentiroso nunca foi um mal maior para os gregos. Platão por exemplo, na República explica que o mal maior na política ou na vida da polis e seus cidadãos é o ignorante ou o iludido (o sofista) ver Arendt (2016 [1954]).

¹⁷⁵ Fonte: disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/20/filho-de-bolsonaro-aumenta-patrimonio-em-432-em-4-anos.htm>>. Acesso em 14 de Nov. 2018.

¹⁷⁶ O candidato Ciro Gomes cometeu o mesmo erro que a candidata Marina Silva em 2014 quando apoiou o Aécio Neves no segundo turno. Ciro Gomes se absteve de sair em campanha e de apoiar decisivamente o Haddad no segundo turno dessas eleições. Mas essa não era uma eleição comum ou qualquer. Muito provável que o resultado ainda que fosse o Ciro Gomes o candidato na disputa do segundo turno não seria diferente do obtido pelo Haddad. Mas sua ação omissa diz muito mais respeito aos lugares que ele vivenciou e se aliou. E muito pior do que a Marina que conseguiu apoiar o Haddad no segundo turno!

Fotografia 28: Manifestação a favor de Bolsonaro no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/21/politica/1540124413_242602.html>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

Autor da foto: Marcelo Sayão Efe

Pela leitura da semiótica das paisagens que pode-se extrair das fotografias 28 e 39 (na pág. 243 e 244) entre os grupos e eleitores apoiadores de um candidato, o vencedor, na fotografia 28, e o outro que perdeu as eleições, na fotografia 29, e resumir alguns apontamentos. O da fotografia 28 seu símbolo de unidade e adesão é a camisa da seleção brasileira. O símbolo, o discurso de grupo, o líder e o inimigo podem ser constatados pela semiótica das paisagens nas fotografias 28, 30 e 31 sobre as manifestações pró-Bolsonaro. Faz-se a pergunta quais lugares representam esse país verde-amarelo?

Fotografia 29: Manifestação pró Haddad no Capão Redondo em São Paulo.

Fonte: <<https://oglobo.globo.com/brasil/apos-critica-fernando-haddad-pt-fecha-campanha-em-periferia-23190290>>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

Autor da foto: Ricardo Stuckert

Na fotografia 29 ainda que o vermelho seja a cor do PT percebe-se uma massa de sujeitos que aderem a essas manifestações mais plural, mais colorida.

O primeiro turno finaliza-se assim conforme se sintetiza o Mapa 22. Reparar na série desde 2002 quando o Lula dominou o pleito numa vitória histórica sobre a elite brasileira. Que nos anos seguintes teve tempo de se recuperar do desgaste dos governos do PSDB na figura do Fernando Henrique Cardoso.

Observem que a região concentrara (Mapa 21 na pág. 235) sempre foi liderada e dominada por lugares livres, conforme se discute na tese, ligados à ideologia neoliberal.

Mapa 22 – BRASIL: Votação à Presidência no Primeiro Turno por Município. 2018.

Fonte: Infográfico do El País apresenta mudanças do mapa brasileiro do voto em 16 anos de eleições. <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/10/eleicoes-2018-guinada-a-direita-muda-mapa-politico-do-brasil/>> Acesso em 12 de Nov. 2018.

Neste capítulo se observou a constituição dos lugares virtuais que foram praticados no pleito presidencial de 2018 a partir do uso das mídias sociais, introduzindo a guerra dos lugares. O próximo capítulo a aprofundará em sua reflexão na interpretação geográfica da disputa eleitoral de 2018. O golpe de 2016 foi um pacto territorial funcional.

CAPÍTULO 8 – Do Território Usado aos Pactos Territoriais: A guerra dos Lugares

Paradoxal mundo é este mundo, que em nome da liberdade convida a escolher entre a mesma coisa e a mesma coisa, na mesa ou na televisão.

Eduardo Galeano. O caçador de histórias. 2016.

Da conjuntura nacional resultante das eleições de 2018 foram constituídos novos pactos territoriais. O meio técnico-científico-informacional foi plenamente usado pela candidatura de Jair Bolsonaro, assim o intitulara a mídia televisiva. A equipe de campanha usou e abusou da difusão do meio técnico-científico-informacional, montou sua estratégia segundo a constituição de um lugar.

Esse lugar constituído no pleito entre o candidato eleito e os seus eleitores poderá ser chamado de mudança para aqueles que nele depositaram sua esperança. Mas, mudança de quê e para quê? A base da solidariedade parece ter sido a ilusão ou a ignorância.

O voto dado pelos eleitores da candidatura do PSL levantava uma narrativa de retorno à moral e aos bons costumes do “brasileiro” com requintes sutis de “novidades”. Como mencionado anteriormente no capítulo anterior, a primeira desconstrução foi na ideia de partido. O Presidente Jair Bolsonaro foi eleito pelo seu nome, pelo seu personagem, pelo deboche ao conhecimento. Ele tornar-se-á um mito de fato, será um novo nome da história política do Brasil como o Lula (reconhecido como grande líder político brasileiro no mundo) ou cairá nas graças do terror e esquecimento como foi o ex-Presidente Fernando Collor de Melo? Ou pior, entrará ele para história da política brasileira e mundial como aquele que introduzirá um estado totalitário no país tropical?

Pela primeira vez na história do país o discurso fascista foi explicitado. O ódio aos opositores, aos diferentes, aos desiguais foi implantado. O discurso e legitimação pelo lugar constituído com o candidato Bolsonaro autorizou práticas de violência.

Outro evento inédito nesse pleito foi o emprego de violência de maneira declarada e liberal. Há um mapa da *violência por motivação política* disponibilizado pelo canal do jornalismo alternativo do Boletim Opera Mundi Brasil¹⁷⁷. São inúmeros casos de violência além de física e psicológica, algumas culminaram no extremismo com assassinatos de pessoas que votavam no PT. Menciona-se o caso do Moa do Katende em Salvador-BA durante o primeiro turno e do Charlione Lessa Albuquerque, em Pacajus-CE no segundo turno.

Têm-se todas as características para um possível regime totalitário (ARENDT, 2012 [1973])¹⁷⁸. Uma população gigante para ser consumida como extermínio pelo ódio ao pobre, preto, homossexuais sejam eles homens ou mulheres, as próprias mulheres, e aos “comunistas”¹⁷⁹. A eliminação do outro poderá ser maior e aterrorizante. De fato isso já vem ocorrendo nas periferias pobres do país, em São Paulo, no Rio de Janeiro, por exemplo.

Contudo, o mundo é mutante e complexo. A ação das reportagens do *interpeçpt* Brasil trouxe mais disputa na guerra da informação entre os lugares e suas dinâmicas. Mas como ficam os lugares como resistência diante da configuração desse governo?

A dinâmica dos lugares precisa ser compreendida para que se possa entender a eleição do candidato Bolsonaro. Ao que tudo indica, os lugares que

¹⁷⁷ Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/53622/relatos-de-violencia-com-motivacao-politica-se-espalham-pelo-pais-veja-mapa-e-informe-seu-caso-aqui>>. Acesso em 15 de Nov. 2018.

¹⁷⁸ Primeira condição para a instalação de um regime totalitário é ter massa combustível para a queima de suas ideologias, ou seja, uma densidade de população para ser exterminada. O ódio ao outro diferente nasceu no país. Essa atmosfera de perseguição para a extinção ao outro, no caso brasileiro aos pobres, pretos, homossexuais, mulheres e indígenas é um grande risco e aumenta as chances da implantação de um regime totalitário. Reflexão com base na filósofa Hannah Arendt em sua tese sobre os regimes totalitários (2012 [1973]).

¹⁷⁹ Nunca houve ameaça comunista no Brasil. Mas esse discurso ainda não foi vencido nem enfrentado pela esquerda quando assumiu o poder. Correlaciona-se com a hipótese de que essa confusão ocorre por causa da permanência dos militares no poder, ou seja, da não derrubada e destruição da ditadura pelo Povo Brasileiro.

eram constituídos pelos sujeitos que votavam no PT tiveram franca evasão na atração pela ilusão do discurso da psicoesfera e tecnoesfera elaboradas para seduzir e constituir novos lugares. Esse é o trânsito entre as fronteiras delimitadas pela redutibilidade entre a psicoesfera e tecnoesfera. É preciso investigar quais os conteúdos das narrativas e dos signos que formulam essas fronteiras. Esse é o núcleo da guerra dos lugares.

É mister entender a constituição de um lugar. Um lugar é constituído e vivido por meio de agentes. O lugar é sempre ativo. Agentes passivos em sentido negativo, são que se alteram, lançam-se em movimento por alteração, sem reflexão. A ação requer reflexão, contemplação, *ensimesmamento*¹⁸⁰ como ensina Ortega Y Gassert (2017 [1983]).

Mas há a constituição de lugares autômatos. Eles se constituem sem reflexão e nem pensamento. São constituídos por alienação ou por automação a partir da imposição que o funcionamento do meio técnico-científico-informacional provoca por causa das engrenagens que o move, sobretudo, a velocidade. Esse comando do meio técnico-científico-informacional que determina a aceleração do cotidiano implica em hábitos mecânicos pelo uso dos objetos técnicos, constituindo assim os lugares autômatos. Voltar-se-á a essa descoberta da tese nos próximos capítulos.

Uma ação autêntica só ocorre devido ao pensamento. Nesse sentido, o lugar também se constitui pela reflexão para sua ação. O lugar é uma autenticidade, é a ação acontecendo. Porque houve pensamento para que se estabelecesse o pacto, a solidariedade. Esse é o cerne para os lugares se constituírem como resistência orgânica (discutir-se essa descoberta no capítulo 12).

Mas quando não há reflexão para ação ocorre atuação por alteração (iniciativa sem pensar, por reflexo, por instinto), sendo também fundamento para os lugares se constituírem automaticamente. Por irreflexão os sujeitos aderem a projetos que podem ser prejudiciais a si próprios.

¹⁸⁰ Ato ou efeito do pensamento humano. Refletir para agir, para sobreviver, para viver.

Pode-se correlacionar também outro processo que contribuiu para aquilo que entendemos como golpe de 2016, é a divisão internacional e territorial do trabalho e a eclosão da força de ultra-direita no mundo que se voltaram para o Brasil também após vitórias na Itália, França e nos EUA.

O Mapa 22 (pág. 245) mostrou o resultado dos partidos eleitos por município. Em muitas análises¹⁸¹ é fato que as cidades e municípios pobres foram aqueles em que Fernando Haddad ganhou enquanto nos ricos foi o Jair Bolsonaro quem liderou.

Somente por meio dessa dinâmica dos lugares foi possível compreender como os sujeitos que constituem lugares a partir das desigualdades socioespaciais podem ter elegido um programa de governo contrário a sua realidade. Apenas pela alienação e domínio das hegemonias pelos signos no cotidiano podem fazer compreender essa dinâmica dos lugares.

Mas os ricos, conforme apontam as reportagens citadas a partir do Mapa 23 abaixo, só tiveram sucesso porque souberam conquistar parcelas volumosas dos componentes dos lugares de sobrevivência. As massas revoltadas por estarem estagnadas no consumo aderiram por alteração (sem reflexão) aos lugares hegemonizados. É dentro do espectro conservador que se inserem as igrejas pentecostais que foram também um agente decisivo para a eleição do Presidente Bolsonaro¹⁸².

Um agente totalmente constituído pela difusão do meio técnico-científico-informacional e sua tecnoesfera e psicoesfera, as mídias sociais, foram também decisivas para a constituição desse lugar vencedor. Substituirão, elas, o pivô das mídias televisivas como principal agente formador da opinião pública?

O mapa 23 exhibe justamente a densidade desses votos, ficando evidente esse fato, massivamente os ricos votaram no candidato eleito e os pobres se

¹⁸¹ Fonte: Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/actualidad/1540379382_123933.html?id_externo_rsc=FB_BR_CM>. Acesso em 29 de Out. 2018.

¹⁸² Ele representa as igrejas pentecostais ou denominadas evangélicas. O que também é um fato e marco histórico é a chegada ao poder desse grupo religioso. Virando o jogo com a igreja católica, que mesmo enfraquecida ainda é um poder. Contudo, parece não mais ser dominante na realidade brasileira.

mantiveram firmes à memória dos lugares que vivenciaram com o PT, os **lugares como sobrevivência**.

Mapa 23 – BRASIL: Partido vencedor nas Eleições Presidenciais por Município. 2018

Fonte: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/mapa-eleitoral-de-presidente-por-municipios-2turno/>. Acesso em 8 de Nov. 2018./TSE.
Elaboração cartográfica: Markelly Fonseca de Araújo.

Tendo como referência a configuração territorial, a difusão do meio técnico-científico-informacional e identificando os usos do território pelas densidades e rarefações na fluidez dá para identificar os pactos territoriais montados a partir dessa eleição presidencial. Quais pactos também foram

estabelecidos pelos lugares vencedores das manifestações para o impedimento presidencial que mudou o rumo político do país.

O Mapa 23, inicialmente, mostra a divisão entre um país pobre que votou no PT e um país rico que votou no PSL. Por isso levanta-se a hipótese de que as eleições de 2018 se valeram da dispersão do meio técnico-científico-informacional. Esse Mapa da votação por município correlacionado ao Mapa 21 (pág. 235) sobre a difusão do meio técnico-científico-informacional e a regionalização sugerem a aproximação entre a Região Concentrada e a Região Centro-Oeste (do agronegócio e tecnificação das áreas agrícolas) com a expressão dos votos no candidato do PSL (municípios na cor verde no Mapa 23).

Também foi nas cidades grandes, nas capitais onde o candidato Jair Bolsonaro venceu. O que corrobora com a hipótese sobre a ligação entre a difusão do meio técnico-científico-informacional e a constituição dos lugares para a vitória de Bolsonaro. Ainda valendo-se da ideologia conta os partidos políticos.

As paisagens e também as cartografias das desigualdades socioespaciais são fundamentos para a discussão da constituição dos lugares como resistência às desigualdades socioespaciais.

O trabalho e pesquisa de campo comprova a tendência ao enfraquecimento e a transformação das mídias tradicionais em mídias digitais. Vejam os Gráficos 30 e 31 e a Tabela 05.

Fonte¹⁸³: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Fonte¹⁸⁴: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

¹⁸³ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 16: Quantos livros lê ao ano?

¹⁸⁴ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 15: Quais gêneros ou tipo de literatura mais consome na leitura dos livros?

Tabela 05 – Repertório do entrevistado e a constituição dos lugares

	Lê jornal impresso
Sim	8
Não	19
	Possui assinatura de jornal impresso
Sim	
Não	27
	Lê jornal digital
Sim	17
Não	9
	Possui assinatura de jornais ou revistas digitais
Sim	2
Não	25
Se sim, qual?	(nexo) (Uol, Veja)
	O que mais lê, jornal impresso ou digital
Impresso	17
Digital	6
Os dois	
Nenhum	3
Não sabe	
	Lê livro impresso
Sim	23
Não	3
	Lê livro digital
Sim	10
Não	16
	O que mais lê, livro impresso ou digital
Impresso	16
Digital	5
Os dois	4
Nenhum	2
Não sabe	

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

As pessoas pesquisadas leem pouco. Mas, também, não é apenas o número de livros lidos ou o grau de instrução que falam da ampliação do

repertório dos sujeitos e da constituição dos lugares a partir desse acesso ao meio técnico-científico-informacional.

A Tabela 05 mostra também a tendência de transformação das mídias tradicionais. Tanto os livros como os jornais e revistas passam a ser mais consumidos por vias digitais. Contudo, o drama dos jornais é maior, pois a transformação é muito mais radical no formato para o digital com a mídia alternativa na produção de jornalismo múltiplos e com o apelo do público por conteúdos digitais gratuitos. Essa talvez seja uma das grandes contradições da internet que mesmo que tenha nascido como um veículo militar e seja controlada por empresas de domínio norte-americanas possui uma ideologia de acesso gratuita. As pessoas não querem pagar pelo conteúdo que acessam na internet (Tabela 06).

Tabela 06 – Acesso aos conteúdos da internet pelo entrevistado

	Acessa ou recorre mais a fontes de notícias gratuitas na internet
Sim	24
Não	1
	Por que acessa mais notícias ou fontes de informações gratuitas na internet
É um ambiente de rápido acesso	8
Não imagina os conteúdos da internet sendo pagos	3
Já paga a internet, portanto seus conteúdos devem ser de livre acesso	6
Cabível no momento	2
Mais barato e fácil	3
	Por que prefere conteúdos pagos na internet
Porque o torna mais seguro e de qualidade	1

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

A mídia tradicional ainda é bastante acessada, mas seu enfraquecimento também foi constatado pela pesquisa de campo. A Tabela 07 mostra que o uso do aparelho de televisão vem sendo substituído e, cada vez mais, as séries

produzidas, sobretudo, por canais fechados, tomam a cena e seduzem os consumidores.

Tabela 07 – Uso da mídia tradicional e a internet pelo entrevistado

	Assiste à televisão
Sim	13
Não	3
Às vezes	10
	Assiste programas de televisão pela internet
Sim	7
Não	13
Às vezes	6
	Faz uso da internet com aparelho de TV
Sim	9
Não	11
Às vezes	3
	Assiste séries de TV pela internet no aparelho celular
Sim	10
Não	13
Às vezes	4

Fonte: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O Gráfico 32 demonstra que cada vez mais a televisão vem sendo pouco assistida. E os canais abertos são mais utilizados para noticiários. Contudo, o acesso à informação passa cada vez mais a ser consultado pelas mídias sociais digitais (Gráfico 29 na pág. 238), isso tomando como referência a megalópole.

Fonte¹⁸⁵: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Fonte¹⁸⁶: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

¹⁸⁵ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 18: Quantas horas, passa ao dia assistindo à televisão no aparelho analógico?

¹⁸⁶ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 21: Quais temas mais faz uso assistindo os programas de televisão?

As eleições de 2018 teve a marca da disseminação de *fake-news* pelo aplicativo do *Whatsapp*. Os Gráficos 34, 35 e 36 abordam as fontes e a divulgação pelos usuários sobre as mensagens ou notícias. As pessoas entrevistadas apontam conferir a fonte da notícia antes de repassar e que desmentem se enviou a informação falsa. O que parece mesmo confirmar que o problema está nas empresas de disparos automáticos, os robôs ou as milícias digitais.

Fonte¹⁸⁷: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

¹⁸⁷ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 46: Diante de uma informação séria repassada pelas redes ou mídias sociais das quais participa, que diz respeito à fatos a realidade qual a sua reação?

Fonte¹⁸⁸: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Fonte¹⁸⁹: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O problema que se levanta, nestas circunstâncias, está ligado aos conteúdos que fizeram o Presidente Jair Bolsonaro ser eleito. Esses conteúdos

¹⁸⁸ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 51: Confere fontes antes de repassar para seus contatos?

¹⁸⁹ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 49: O que faz quando sabe que uma informação que compartilhou era falsa?

são em sua essência a mentira, o preconceito, mas, sobretudo, a ilusão. Muito pior do que a mentira é o elogio à estupidez. A ignorância no poder, como mediadora da realidade, poderá trazer enormes prejuízos e retrocessos.

Os dados exibidos até o momento sobre a pesquisa de campo mostram como as mídias e os objetos usados no cotidiano pelas pessoas se constituem no campo de batalha usado pela guerra dos lugares. São esses objetos, como livros, sejam digitais ou não, filmes, notícias, que se revertem nos elementos que fazem os indivíduos experimentarem o LUGAR-MUNDO. Essa experiência se dá segundo como os sujeitos lidam com a psicoesfera e tecnoesfera.

Não importa muito qual o tipo de mídia, digital ou analógica, o indivíduo acessa às informações. O que é fundamental é como o indivíduo assimila essas informações. Pois é a partir dessa relação entre informação recebida pelo sujeito que se constituem os lugares, e o LUGAR-MUNDO. Esse é o âmago da guerra dos lugares. O ambiente digital e a constituição dos lugares virtuais são uma realidade que aproxima as pessoas e provoca uma revolução na comunicação e no acesso à informação. Mas a decisão e a reflexão sobre a informação, ou seja, a comunicação tem a ver com o repertório do sujeito.

Descobriu-se que a política pode acontecer a partir da constituição dos lugares virtuais. E que essas eleições presidenciais de 2018 configuraram novos pactos territoriais, dando seguimento, ao que tudo indica, à agenda do golpe de 2016, que também se configurou num novo pacto territorial funcional neoliberal.

A mentira entrou nas veias das instituições guardiãs do conhecimento, as universidades! Bermejo Barrera (2012) expõe a dramática prática de estudos e profissionais que não se dedicam em investigar a realidade de maneira mais rigorosa em seus pactos medíocres que reduziram e destruíram a liberdade do professor e cientista universitário¹⁹⁰.

¹⁹⁰ “Y es que, en efecto, uno de los aspectos más sorprendentes del llamado proceso de Bolonia es observar cómo a través de él se ha conseguido conculcar los derechos básicos del profesorado en lo que se refiere al desarrollo de su plena capacidad docente e investigadora – reconocida por un artículo de una ley orgánica –, gracias a la introducción de un sistema de control que no tiene reconocimiento legal alguno, puesto que se basa en una serie de pseudoconceptos que jamás podrán alcanzar reconocimiento jurídico (BERMEJO BARRERA, 2012: p.22).” [grifo no original].

O sentido e o uso da redutibilidade entre a psicoesfera e tecnoesfera na constituição dos lugares obedece esse ambiente e circunstâncias do período atual que além da consagração da mentira como atesta Bermejo Barrera (2012) traz o elogio à ignorância.

Será sempre um desafio governar porque os lugares são ingovernáveis. O lugar é sempre veraz. Se a esquerda quiser se atualizar terá que entender a dinâmica dos lugares e considerar sua crítica. O consumo das massas como a ideologia do falso moralismo, mas também os lugares como sobrevivência resistindo são desafios que precisam ser considerados.

Relembrando as fotografias sobre o lugar se constituindo como protesto em favor da educação e contra o governo federal no dia 13 de agosto e demonstrando a constituição dos lugares, na primeira parte no capítulo 4, mas também as fotografias sobre as manifestações das mulheres contra Bolsonaro e o apoio ao Haddad nessa segunda parte da tese pode-se constatar a diferença na semiótica das paisagens e na composição dos lugares entre aqueles que são oposição ao Presidente eleito e aqueles que são defensores do seu governo ou que fazem parte do seu grupo de apoio.

As fotografias 30 e 31, a seguir, mostram a homogeneidade e os símbolos e signos usados pelos sujeitos favoráveis ao governo Bolsonaro. Observem também que esse grupo pró-Bolsonaro se vale dos mesmos símbolos do movimento pró-impeachment. De fato são os mesmos grupos constituindo lugares.

Fotografia 30: Manifestação pró governo Bolsonaro na Av. Paulista.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 26 de jun. de 2019.

Fotografia 31: Av. Paulista fechada aos domingos e manifestação pró-governo federal.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 26 de jun. de 2019.

As estratégias usadas para a guerra entre os lugares são diversas. Alguns dos lugares que se constituem em apoio ao governo do Presidente Bolsonaro sabem usar o sistema de informação. Um exemplo se pode dá nessa

manifestação convocada para o dia 26 de junho, foi realizada num dia de domingo o qual a Av. Paulista é fechada para o lazer, aglomerando diversas pessoas que constituem variados lugares, sejam para o lazer ou para o trabalho no comercio ambulante.

Neste capítulo iniciou-se o debate sobre as fronteiras constituídas entre os lugares e sobre a constituição dos lugares autômatos e dos lugares virtuais. A guerra dos lugares está apenas no início, ela é, pois o fundamento do pleno exercício do período técnico-científico-informacional e o funcionamento do seu meio correspondente.

O próximo capítulo desenvolve a discussão sobre o limiar do Período Popular da História, finalizando essa segunda parte e fundamentando a discussão da terceira e última parte da tese.

CAPÍTULO 9 – Esboço para uma periodização da fluidez territorial na Megalópole paulistana

Nas palmas de tuas mãos Leio as linhas da minha vida. Linhas cruzadas, sinuosas, interferindo no teu destino. Não te procurei, não me procuraste – íamos sozinhos por estradas diferentes. Indiferentes, cruzamos Passavas o fardo da vida... Corri ao teu encontro.

Cora Coralina. Meu destino.

São Paulo chegou a condição de metrópole e megalópole devido ao processo nacional vinculado à expansão do capitalismo. O capitalismo só aderiu a São Paulo porque internamente a localidade estava preparada, já havia sido selecionada no período colonial pelos colonizadores jesuítas. *“Outra cidade teria sido capaz de substituir a antiga fundação dos jesuítas? Entre 1870 e 1880 a atenção dos paulistas estava prêsa [sic] às regiões situadas entre Campinas, Araraquara e Ribeirão Preto (MONBEIG, 1957: p. 90).*

Ainda, conforme Monbeig (1957) dois fatos contribuíram para que São Paulo, a antiga Piratininga, continuasse como capital da província, uma vez que Campinas exercia pressão para sê-lo, por causa da sua atividade cafeeira: um foi a calamidade por causa do surto de febre amarela que o clima de Campinas agravava ou inibia; o outro foi a força da tradição, ou como atualmente pode-se dizer, a força do meio técnico constituído. *“São Paulo colheu os frutos do seu passado: a cidade devia muito da sua glória aos bandeirantes; os do café não podiam deixar de ser solidários com eles [sic] (MONBEIG, 1957: p. 90).*

O processo de urbanização da cidade de São Paulo se deu como um exemplo singular e amplificado na realidade brasileira. No contexto analisado por Souza (1994a) na década de 1980 o processo de metropolização brasileiro despontava como avassalador, e São Paulo era destaque dentre as metrópoles nacionais defendendo a tese da identidade da metrópole, qual seja a verticalidade. *“Tudo indica que as práticas cotidianas estabelecem uma forte inter-relação entre a configuração da metrópole – da realidade metropolitana – e as maneiras pelas quais a população, ao assumir o fato metropolitano, também o vai definindo e conceituando”* (SOUZA, 1994a: p. 43).

Uma periodização da formação metropolitana que exhibe momentos dos modos de produção (expressões das formações sociais) numa combinação do tempo e espaço identificou onze fases do processo de metropolização de São Paulo (SOUZA, 1994a): *1ª fase 1554* (fundação da cidade de São Paulo, marco da periodização); *2ª fase de 1554 a 1640* (consolidação da vila de São Paulo); *3ª fase de 1640 a 1765* (processos de movimentação política, a vila de São Paulo é elevada a cidade e capital da Capitania); *4ª fase de 1765 a 1840* (importância comercial, fim da fase colonial); *5ª fase de 1840 a 1889* (delineia-se sua história com a fundação de bancos, implantação de infraestruturas e grandes loteamentos); *6ª fase de 1889 a 1916* (a cidade consolida suas funções bancárias, comercial e industrial e acelera seu processo de urbanização); *7ª fase de 1916 a 1945* (processo de migração estrangeira, como maior centro industrial da América do Sul, criação de universidades, presídios e intensa movimentação operária); *8ª fase de 1945 a 1954* (crescimento incontrolado, consolidação da cidade como centro socioeconômico brasileiro); *9ª fase de 1954 a 1964* (expansão da periferia, déficit de equipamentos e serviços públicos, migração nacional); *10ª fase de 1964 a 1982* (processo de expansão das periferias – horizontalização, adensamento e modernização – verticalização, modernização metropolitana de infraestruturas de água e esgoto, metrô e instrumentos de planejamento urbano); e *11ª fase desde 1982* (democratização da gestão urbana, deficiências de habitação e outros meios de consumo coletivo para a população da periferia em contraste com os espaços modernos).

A mancha de intensidade urbana da década de 1980 até os dias atuais na formação territorial da Região Metropolitana de São Paulo – RMSP se produziu por esse processo de metropolização. Mas, atualmente, conforme discutido no capítulo 2, deve-se medir o grau de intensidade e expansão do meio técnico-científico-informacional ao invés de grau de urbanização. A expressão desse grau de tecnificação do território repercute numa configuração territorial.

A configuração territorial é o “[...] território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem” (SANTOS, 2012 [1988]: p. 83). É esse conjunto de todas as coisas, arranjadas em sistema, que forma a configuração territorial cuja realidade e extensão se confundem com o próprio território de um país” (SANTOS, 2012 [1988]: p. 84). No caso do Estado de São Paulo tem-se o Mapa 24 que mostra uma expressão da configuração territorial pelos sistemas de engenharia.

Esse é um nível de medição e exibição do grau de tecnificação do território ou do meio técnico-científico-informacional. Ainda na Geografia valendo-se dos pares dialéticos de densidade e rarefação, fluidez e viscosidade (SOUZA, 2003b). A crítica que Deleuze e Guatrari (2011 [1973]) fazem a Sartre (1967) sobre a escassez não é válida para a interpretação geográfica da realidade, pois a experiência da escassez vem das desigualdades no uso do território pela dinâmica das densidades e rarefações, da fluidez e viscosidade.

Ver-se no decorrer da tese que por mais que o período popular se implemente não haverá a extinção das densidades e rarefações. Talvez, da fluidez e viscosidade. Mas as densidades e rarefações são atributos do meio, são características genuinamente geográficas.

A periodização de Souza (1994a) distinguiu à partir das fases anteriormente arroladas, 7 períodos da metrópole paulistana: *Vila fulgurante* (1554-1640); *Capital provincial* (164-1840); *Metrópole prenunciada* (1840-1889); *Metrópole “locomotiva nacional”* (1889-1945); *Metrópole vertical* (1945-1964); *Metrópole moderna* (1964-1982); e *Metrópole da gestão democrática* (desde 1982). *Metrópole corporativa e fragmentada* (SANTOS, 2009 [1990]). Mas é preciso atualizar a periodização da megalópole.

Mapa 24 – O ESTADO DE SÃO PAULO: Sistemas de Engenharia e Limites das Regiões Metropolitanas. 2006.

Fonte: IBAMA
Elaboração cartográfica: James Humberto Zomighani Junior

Fonte: ZOMIGHANI JR, 2006: p. 156.

Consoante à escala ou nível de abordagem, as desigualdades socioespaciais na expressão do uso do território aparecerem sempre ligadas às densidades e as rarefações provocando fluidez nas áreas densas e viscosidades nas áreas rarefeitas. Em qualquer nível de análise a configuração territorial expressará as áreas de densidades e rarefações.

Contudo, isso não significa dizer que nas áreas rarefeitas as conexões LUGAR-MUNDO sejam limitadas ou precárias. Estuda-se nesta tese justamente os lugares se constituindo como resistência às desigualdades socioespaciais. Na terceira parte será exibido que nas áreas viscosas da megalópole paulista há a constituição de lugares como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais.

O Mapa 03 (pág. 164) das vias coletoras da metrópole expressa o sistema de fluidez e suas áreas viscosas. O trabalho de campo em suas diversas etapas captou as expressões das desigualdades socioespaciais exibidas no Mapa 26 (pág. 278). Esse é o problema a ser investigado e refletido para sua resolução.

Não foi possível a realização da periodização da fluidez na metrópole, mas se esboça elementos para sua consecução. Uma **periodização da fluidez** no caso paulistano e paulista inicia-se com a implantação dos sistemas de bonde e o sistema ferroviário. É, pois, a partir do processo de urbanização inicialmente estudado por Monbeig (1998) e prosseguido por Souza (1994a) que os fundamentos e a instalação do mundo com sua expansão urbana no Brasil e assim a tecnificação do território e suas densidades na difusão do meio técnico-científico-informacional, se instituem.

Esse é o marco para a periodização da fluidez na metrópole, evidentemente ligado ao evento da revolução industrial. É com a revolução industrial que as desigualdades socioespaciais surgem como o mega processo difusor de carências de toda ordem. É também pela revolução industrial que a dispersão do meio técnico-científico-informacional se inicia e se acelera. O início da periodização da fluidez territorial na metrópole tem seu marco com a revolução industrial.

Ainda que as sebes (transporte mais sofisticado com tração a cavalo e coche) tenham sido o meio de deslocamento mais refinado da época e que distinguiu uma classe social no período colonial e imperial, até no início do republicano, no antigo meio geográfico, seguido pelo meio técnico não representavam a revolução que veio com o objeto do automóvel, que é o evento que marca a era capitalista com a revolução industrial.

Pode-se dizer que o automóvel é o símbolo do capitalismo. É o objeto que transformou a vida das pessoas, o cotidiano, as cidades. *“O automóvel é para Baudrillard, um dos mais importantes signos de nosso tempo e seu papel na produção do imaginário tem profunda repercussão sobre o conjunto da vida do homem, [...] (SANTOS, 2009 [1996]: p. 66)”*.

A teoria do sistema de objetos de Baudrillard (2008 [1968]) também inspirou o prof. Milton Santos na elaboração da psicoesfera e tecnoesfera. Baudrillard (2008 [1968]) ao revelar o caráter de signos dos objetos nos mostra o poder ativo deles, sua linguagem.

Estabeleceu-se em nossos dias, em nome da informação e da comunicação de massa que difundem tais modelos, uma circulação não somente dos objetos, mas uma circulação **“psicológica”** que assinala a diferença radical entre a era industrial e a pré-industrial de transcendente distinção do “estilo”. (BAUDRILLARD, 2008 [1968]: p. 147 [grifo da autora e aspas no original])

O objeto marco do período popular é o **celular multifuncional** que potencializa vários recursos, acumulando funções extras à telefonia celular, como função de computador ou câmera e com acesso à internet. Que por sinal a telefonia celular também vem se extinguindo assim como a telefonia residencial e comercial passam a ser quase restrita, sobretudo, a residencial praticamente inexistente. O uso das mídias sociais pelos aplicativos e plataformas digitais é o meio de comunicação cada vez mais utilizado pelos indivíduos. O endereço digital e-mail também vem perdendo a intensidade de trocas de informações pessoais, sendo muito utilizado para postagens comerciais. Há uma opressão para que o

serviço de pagamento de contas seja postado via e-mail fragilizando o serviço dos correios que estava restrito apenas a postagens comerciais.

Percebe-se que o que aconteceu aos correios na prestação do serviço de postagem de correspondências, as antigas cartas, está acontecendo com o uso dos e-mails, endereço eletrônico. Não se entrará no mérito da privatização da empresa dos correios, pois não é essa a questão. A empresa serve a outros serviços públicos e de ação governamental além das postagens comerciais¹⁹¹.

O fato aqui explicitado são as transformações cada vez mais aceleradas no uso dos meios de comunicação. Antes as pessoas se comunicavam via texto escrito, cursivamente, em papel carta e postado nos correios. Com a informática e a internet a partir do correio eletrônico e ao mesmo tempo das plataformas digitais e mídias sociais as mensagens instantâneas vinculadas aos sites de endereço eletrônico como o MSN que pertencia ao Hotmail provocou uma revolução no sistema de troca de informações e comunicação entre os indivíduos. Ver-se-á um pouco mais sobre essas metamorfoses no sistema de comunicação a partir do uso das mídias sociais no capítulo 11 da terceira parte.

O que vale destacar é que a partir do sistema de objetos, como as cartas, depois os endereços eletrônicos, e, agora, com os aplicativos e mídias digitais ocorrem mudanças significativas na comunicação entre as pessoas.

É por meio do acesso à internet que eclodiu uma revolução na constituição dos lugares. Pela sua aderência cotidiana a partir do uso do celular multifuncional como prótese do corpo humano conforme se discute e exhibe na terceira parte desse trabalho. Já se vivencia o período popular da história!

A transformação do celular em multifuncional habilitado para exercer diversas funções, como a de computador com acesso à internet pode ser considerada o pleno avanço do meio técnico-científico-informacional. Tanto se pode falar que o celular multifuncional é uma prótese do corpo humano ou que o meio técnico-científico-informacional aderiu ao corpo humano. O homem no capitalismo é *máquina-desejante* como ensinou Deleuze e Guattari (2017 [1973]),

¹⁹¹ Para maiores informações sobre esse assunto vide Venceslau (2017) que versa sobre a problemática da privatização dos correios e suas implicações.

mas o celular multifuncional empiriciza essa condição, uma verdadeira aderência do meio ao homem. Em outras palavras, homem e meio se fundem, tornam-se indissociáveis, a fusão *homem-máquina*!

Essa possibilidade de **difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional**, essa realidade de difusão plena do meio é o dado que marca e inicia o Período Popular com o uso do seu novo meio, pelos lugares. O esquema 03 mostra a síntese do esboço teórico sobre a periodização da fluidez e do período popular da história.

Esquema 3: **Esboço de periodização da fluidez**

Fonte: Elaboração ARAÚJO, M. F. de, 2019.

O celular multifuncional como prótese humana expandiu o meio técnico-científico-informacional tornando-o fluído a partir da locomoção das pessoas e seu uso e conexões pela internet. Mesmo que em áreas rarefeitas e viscosas essa disseminação mais que perfeita do meio em si revolucionou a constituição dos lugares. Pode-se falar em fluidez mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional.

A revolução informacional (LOJKINE, 2002 [1995]) trouxe a mudança de paradigma. Com ela impossível falar em geografia urbana, rural, ou o que quer que seja.

Para o estudo do Período Popular da História o marco é a revolução da informática. Ensaia-se sobre o novo período no último capítulo da tese, na terceira parte.

Santos (2011 [2000]: p. 29) questiona quem é que usa ao seu favor o dado real da fluidez. “*Se a técnica cria aparentemente para todos a possibilidade da fluidez, quem, todavia, é fluido realmente? [...] Quem de fato, utiliza em seu favor esse tempo real?*” Sua teoria da força dos homens pobres e lentos, da força do lugar, dos lugares constituídos pelos de baixo, ou seja, por aqueles que vivenciam localidades rarefeitas e desiguais em graus muitas vezes desumano é confirmada com o trabalho de campo desta pesquisa, conforme será visto na última parte desta tese.

Bem verdade que a fluidez é amplificada nos locais densos do meio técnico-científico-informacional e que, a partir deles, constituem lugares livres. A dinâmica das desigualdades socioespaciais provoca a constituição de lugares livres que são aqueles vividos e constituídos pelo uso do território denso do meio técnico-científico-informacional, são lugares que fluem livremente por esse meio e usam o território nessa condição. E os lugares em resistências às desigualdades, são lugares que são constituídos com mais dificuldade ou esforço no uso do meio técnico-científico-informacional. Quem identificou a constituição e teorizou sobre a dinâmica dos lugares livres e lugares resistentes foi Souza (1995b). Essa discussão sobre o uso do meio técnico-científico-informacional estará aprofundada no próximo capítulo.

Com o uso dos automóveis, o cotidiano das pessoas ganhou nova dinâmica e configuração, constituindo lugares a partir da fluidez para aqueles que possuíam um automóvel. Um objeto pode transformar as paisagens, logo, o processo de produção das cidades. O poder que um objeto exerce é revelado pela ideologia e o projeto que está por trás dele. Com o automóvel o capitalismo transformou o mundo, pois, “*As cidades não seriam hoje o que elas são se o automóvel não existisse* (SANTOS, 2009 [1996]: p. 66)”.

Porque o objeto não é isolado, ele é ativo, um signo, sua concepção é indissociável do projeto de mundo e do sistema que o domina. O objeto é em si mesmo tecnoesfera e psicoesfera, ou seja, ele reúne em si o mundo das ideias, sentimentos, emoções e intencionalidades com o mundo material e concreto.

Curioso é que, ainda que possua um projeto egoísta de humanidade, como é o projeto capitalista que visa à exploração e o lucro, o objeto pode ser usado em contrário ao projeto original. Por isso Santos (2009 [1994]) fala em contrarracionalidades.

A **cidade do futuro** poderá possuir veículos voadores, pois existem esboços de projetos e projeções nesse sentido. As pessoas mesmo poderão voar ou se teletransportar em sistemas físicos criados para isso. Mas nos dias atuais já se vivencia uma metamorfose da cidade a partir da constituição dos lugares usando o celular multifuncional. Contudo, o teletransporte é real com a constituição dos lugares virtuais, a teleação, não é um transporte de massa física-corporal, mas uma compressão ou fusão pela justaposição espaço-tempo.

A possibilidade da experiência LUGAR-MUNDO dada pela capacidade dos indivíduos acessarem de onde estiverem, de qualquer localidade da cidade, informações sobre o mundo em si já é uma revolução. Esse recebimento do mundo a partir da constituição dos lugares pelos indivíduos pode provocar transformações em suas visões de mundo e, assim, passar a produzir suas informações e difundi-las. Essa prática já ocorre, se aprofunda na próxima parte da tese.

Essa experiência do LUGAR-MUNDO constitui os **lugares virtuais**. Os lugares virtuais são constituídos pela possibilidade da conexão global-local, entre qualquer localidade do globo terrestre, como foi introduzido nos capítulos 7 e 8. A troca de informação ou a realização de vídeos-chamadas, a produção de vídeos locais e a sua divulgação são trocas de informação, e no ato da troca por mensagens sejam e-mail, sejam por aplicativos das mídias sociais dá-se a constituição de lugares virtuais. Finalizou a chamada o lugar se desfaz, acaba, porque presente, porque ação. A ação de se aproximar do outro por meios virtuais é a constituição dos lugares virtuais, dados pela possibilidade de copresença e coexistência como constatou Souza (1993).

O dado da realidade consagra em sua plenitude a fluidez pelo automóvel, mas para alguns sujeitos e pessoas de algumas localidades da cidade de São Paulo, por exemplo, como a região da Av. paulista. Os indivíduos moradores do distrito de Sacomã, por exemplo, não vivencia a plenitude da fluidez.

Com o uso do celular multifuncional com acesso à internet, então, a fluidez é vivenciada pela constituição de lugares virtuais. Cada acesso, cada leitura, cada acolhimento de informações vai ampliando ou deformando o repertório dos sujeitos que vivem ou constituem seus lugares virtualmente todos os dias. Os lugares se realizam diariamente, mas vão deixando nos indivíduos um acúmulo de repertório, ou melhor vão produzindo uma mentalidade.

O meio técnico-científico-informacional pode provocar alienação aos sujeitos e assim à constituição dos lugares. Essa alienação advém da fluidez, a velocidade e da mecanização do cotidiano, pelos hábitos. Podem-se constituir **lugares autômatos**, conforme foi discutido nos capítulos anteriores.

Para a geografia interessa muito a história dos objetos, mas não é a história dos objetos em si. Os objetos possuem sempre uma racionalidade, uma intencionalidade, por isso são ativos, eles são sempre usados a partir dessas razões ou emoções. Observar a história dos objetos é acompanhar a geografia, mas cuidando de não observá-los em si. Disso a geografia se dedica desde sua origem, e deve manter essa sua característica.

Ainda que os primeiros geógrafos tenham cuidado de desenhos de cômodos de casas ou habitações para descobrir e desvelar as características dos grupos humanos, não se lida com os ambientes intra-residenciais, a lida é sempre nas relações, na composição das paisagens, na vida coletiva, nos espaços públicos. Mas há a constatação do LUGAR-MUNDO.

Todavia, a história do presente lança o desafio dos micro-objetos, como os *smartsphones* ou celulares multifuncionais, ou outros artefatos diários que fazem parte desse cotidiano hipermoderno. Esses artefatos cada vez microscópicos, minúsculos interferem diretamente na dinâmica dos lugares. A densidade da técnica agora também pode ser vivida nas áreas rarefeitas porque houve a aderência do meio técnico-científico-informacional ao corpo humano.

Quando Dupuy (1981) estudou a transformação que os telefones ocasionavam na cidade ainda não era possível observar a grande revolução do meio técnico-científico-informacional. Porque o telefone funcionava com apenas um objetivo, o da comunicação entre as pessoas, o de realizar chamadas telefônicas. Contudo, foi o suficiente para os questionamentos sobre ser o telefone uma nova técnica urbana ou uma técnica *desubarnizante* nas palavras de Dupuy (1981).

A redistribuição do espaço urbano para a qual contribui o telefone deve, a termo, modificar a arquitetura das redes telefônicas urbanas. A concentração das ligações, a localização das centrais deve afetar a nova repartição dos homens e de suas atividades no espaço da cidade. Basta pensar simplesmente no desenvolvimento massivo de casas individuais [...] (DUBUY, 1981: p. 397 [Tradução da autora]).¹⁹²

Na época a literatura urbanística falava na organização do espaço, na concentração ou desconcentração espacial. Conforme se estudou no capítulo 2 da tese, não se trata mais sobre o mundo urbano, ele se transformou. Por isso que os estudiosos daquela época acompanhavam as transformações do mundo. O telefone e a microinformática chamavam a atenção para as transformações que provocavam nas paisagens da cidade, e, por conseguinte, na constituição dos lugares pela alteração do cotidiano com o uso desses novos objetos.

Lecarpentier (1983) se ocupou em refletir sobre a utilização da microinformática. Seu artigo mostra a novidade que causava o microcomputador. Mas ele investigou ao fundo o funcionamento do objeto, sua engrenagem física como processava a informação, armazenamento, potência, etc. Sua reflexão versava sobre como o processamento de informação pelo objeto contribuiria para a produção do conhecimento em “geografia física”: produção de banco de dados, tratamento de informação, estatística, modelização e simulação de problemas. Em suas palavras, “*A difusão recente, a expansão do microcomputador permite*

¹⁹² “*La redistribution de l’espace urbain à laquelle contribue le téléphone devrait, à terme, modifier l’architecture des réseaux téléphoniques urbains. La concentration des lignes, la localisation des centraux devraient se trouver affectées par la nouvelle répartition des hommes et des activités dans l’espace des villes. Que l’on songe simplement au développement massif de la Maison individuelle peri-urbaine [...]*”

*interroger o lugar que ocupa na geografia e suas modalidades de utilização*¹⁹³” (LECARPENTIER, 1983: p. 347 [Tradução da autora]).

O estudo da microinformática, inicialmente, foi abordado como ferramenta para o trabalho do geógrafo¹⁹⁴. Posteriormente, com o poder da Revolução informacional (LOJKINE, 2002 [1995]) ou a Bomba informática (VIRILIO, 1999) impossível não refletir sobre as alterações e consequências na vida das pessoas, ou seja, no seu cotidiano, e, consecutivamente, na constituição de lugares.

O que esse trabalho de tese refletiu foi justamente sobre as transformações na constituição dos lugares a partir do uso do meio técnico-científico-informacional através do uso do telefone multifuncional com acesso à internet. Esse objeto, o telefone multifuncional, é o dado que provocará transformações na cidade, assim como foi o automóvel.

Como a lógica, expansão da difusão do meio técnico-científico-informacional pelo uso dos celulares multifuncionais é mais pontual, as transformações na cidade podem ser muito mais microcirúrgicas, muito mais densas em pontos precisos em localidades da cidade. Observar-se mais disso nos próximos capítulos quando se exemplifica o uso da cidade por novas empresas, como a *Yellow* que aluga bicicletas e patinetes. As intervenções para a fluidez na cidade podem ser mais localizadas, sem as grandes obras de fluidez anteriormente que obedeciam à ótica ou racionalidade dos automóveis. A lógica do uso dos celulares multifuncionais opera com ultratecnologia e inteligência artificial pelo uso dos aplicativos.

Em que medida essa fluidez, agora com o Período Popular e seu novo objeto de difusão afetará a dinâmica dos lugares? Uma vez que a fluidez se incide diretamente sobre as pessoas a partir do momento em que o meio técnico-científico-informacional aderiu ao corpo humano.

¹⁹³ “*La diffusion récente, et l’expansion du micro-ordinateur amènent à s’interroger sur la place qu’il peut occuper en géographie et sur les modalités de son utilisation* A difusão recente, a expansão do microcomputador permite interrogar o lugar que ocupa na geografia e suas modalidades de utilização.” [Tradução da autora]

¹⁹⁴ Não se entrará no mérito da malfadada divisão entre geografia humana e física.

A experiência dos sujeitos com esses objetos transforma a realidade e altera a geografia do presente. A relação com os objetos pode ser porosa ou rígida vai depender de como os indivíduos vivem ou constituem seu LUGAR-MUNDO.

Flusser (2017: p. 58) refletiu antevendo sobre o futuro digital. Seus artigos são publicados apocrifamente, a reflexão mais recente dessa coletânea data dos anos de 1990. Ele revela que *“As mãos tornaram-se supérfluas e podem atrofiar, mas as pontas dos dedos não. [...] O homem, nesse futuro de coisas imateriais, garantirá sua existência graças às pontas dos dedos.”* Sendo essa a lógica do celular multifuncional com a fusão do homem-máquina ou a fusão do homem-meio pelo toque do dedo.

Essa fusão homem-máquina ou homem-meio, aqui fusão homem-meio proporcionada pelo objeto, pois o objeto não é o meio, mas o meio se difunde a partir do objeto, sendo o meio também abstrato como defendido nesta tese, é propiciada pelo uso do celular multifuncional com acesso à internet. Essa possibilidade assegura a difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional, e possibilita uma nova racionalidade na lógica de produção da cidade, assim a cidade do futuro vem sendo produzida na intencionalidade do *hardware* pelo uso dos aplicativos digitais.

Percebe-se um aumento da fluidez pela constituição dos lugares a partir do uso dos aplicativos digitais. Mas é preciso refletir sobre esse processo, uma vez que a fluidez territorial da cidade capitalista pela racionalidade do automóvel provinha dos autopistas, como será a fluidez territorial do Período Popular da História tendo a lógica pontual e o homem-máquina como racionalidade?

O Brasil e a densidade de uso da internet por população pode ser observado no Mapa 25. Traz-se esse contexto para as futuras reflexões sobre o Período Popular da História que terá a internet como base operacional.

Ainda que a área que concentra o maior número de pessoas que acessam à internet coincida com a região concentrada, vista no mapa 21 (pág. 235) ela não encerra a possibilidade dessa revolução no cotidiano e na constituição dos lugares.

Mapa 25 – BRASIL: Percentual de Pessoas com Acesso à Internet por Estado. 2015.¹⁹⁵

Essa é uma possibilidade, Mapa 26, a seguir, do indivíduo poder constatar a realidade desigual em que vive e se transformar. Além disso, outra racionalidade passa a ser praticada pelos lugares se constituindo como resistência. É sobre essa racionalidade nova, uma contrarracionalidade à globalização que violenta pelo dinheiro e a informação que uma nova informação se cria a partir dos lugares constituídos pelos homens pobres e lentos. É uma verdadeira revolução passiva¹⁹⁶!

¹⁹⁵ A pesquisa do IBGE considerou em sua coleta as pessoas com 10 anos ou mais.

¹⁹⁶ Conceito de Gramsci (1974).

Mapa 26 – Locais do trabalho de campo e paisagens das desigualdades. Município de São Paulo. Vias coletoras. 2018.

Elaboração cartográfica: Markelly Fonseca de Araujo. Software: MapInfo Professional.

Com isso, finaliza-se a segunda parte da tese a qual se discutiu a abordagem geográfica sobre o deslocamento das pessoas na cidade. Foi demonstrado, também, sobre a guerra dos lugares pelos movimentos ou manifestações sociais dos grupos em protestos de rua a qual um grupo pela disputa na constituição dos lugares pode sufocar ou neutralizar a ação de outros grupos, usurpando com isso a liderança da constituição de lugares. Esse foi o caso ocorrido pelo MPL que foi usurpado pela dinâmica dos lugares que se constituíram aproveitando a pressão das mobilizações das manifestações em 2013, na prática dos lugares contrarresistentes. Esses lugares são oposição aos lugares como restência, sua intencionalidade não é a vitória contra as desigualdades socioespaciais.

A guerra dos lugares também se constitui virtualmente, pelos lugares virtuais. A batalha se dá por meio do funcionamento do meio técnico-científico-informacional e a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera a partir do uso das mídias sociais pelas plataformas digitais.

Então, como esse contexto exibido da guerra da informação, ou como nesta leitura a guerra dos lugares, porque a informação é uma das variáveis principais de constituição dos lugares, junto com a eclosão do novo período historio poderá ser discutido geograficamente?

A próxima parte da tese se dedicará a exhibir além de outras constituições de lugares, a essência da constituição dos lugares como resistência às desigualdades, e para isso, inicialmente no capítulo 10 será desenvolvido uma crítica à definição de pobreza. Buscar-se-á explicitar o enunciado de uma fórmula atual de expressar as desigualdades socioespaciais.

TERCEIRA PARTE:

O Lugar e o Futuro:

O uso do novo meio

Como Nossos Pais

Não quero lhe falar
Meu grande amor
Das coisas que aprendi
Nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor
É uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa

Por isso cuidado, meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado pra nós
Que somos jovens

Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço
O seu lábio e a sua voz

Você me pergunta
Pela minha paixão
Digo que estou encantada
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sinto tudo na ferida viva
Do meu coração

Já faz tempo
Eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos

Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais

Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando

Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem

Hoje eu sei
Que quem me deu a idéia
De uma nova consciência
E juventude
Tá em casa
Guardado por Deus
Contando o vil metal

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Como os nossos pais

Composição: Antonio Carlos Belchior

O LUGAR E O FUTURO: O Uso do Novo Meio

O que é o Período Popular da História ou demográfico? Qual será o meio desse novo período histórico? Será o meio popular ou meio demográfico?

São questões que esse trabalho de tese não responde com precisão. Será preciso muito estudo e pesquisa para poder respondê-las integralmente. Traz-se hipóteses diante do movimento dialético da História.

Um marco da eclosão do período popular da história foi a queda das torres em Nova Iorque que instaurou no mundo uma nova racionalidade (SOUZA, 2010a).

Há um modelo surgindo de baixo para cima, daqueles que em 500 anos são alijados da História do país. Pela informação o pobre começa a perceber como o mundo se dá e pode passar a refletir; e isso poderá acontecer com todas as pessoas. Por isso é muito importante a construção de instrumentos analíticos e sistemáticos para acompanhar o uso da técnica e tecnologia na feitura ou prática políticas. *“Hoje você pode ter estratégias de sobrevivência, fundamentada na confiança, na comunicação e na informação. Isso é fazer política. Por isso o Período Popular é o catalisador da nova racionalidade do mundo, que não é mais econômica, e sim política (SOUZA, 2010a, p. 14-15)”*.

Arendt (2018 [1977]) em sua reflexão sobre a vida no espírito traz um aprofundamento do que seria a ação. Os gregos dividiam a vida ativa e a vida no espírito. A vida ativa dizia respeito à vida pública enquanto a vida no espírito às atividades do pensamento como pensar, querer e julgar. Essas atividades eram consideradas pelos gregos como contemplativas. Arendt (2018 [1977]) revela que a vida no espírito não é contemplativa, mas ativa também. Como foi visto ação é sempre política.

Os lugares são ação! O lugar é uma alteridade do espaço geográfico, que se constitui pela dinâmica dos seus agentes, sendo o espaço do acontecer solidário, como tem sido explicitado nesta tese. A ação em Ortega Y Gasset (2017 [1983]) é um ensimesmamento, que é igual à contemplação. Para esse filósofo, como já introduzido anteriormente, a ação não é um ato instantâneo ou imediato, mas sim um ato refletido, contemplado ou ensimesmado, agir sem contemplação é alteração, infra-humano. *“A ação é agir sobre o entorno das coisas materiais ou dos outros homens conforme um plano preconcebido numa prévia contemplação ou pensamento. Não há, pois, ação autêntica se*

não há pensamento, e não há autêntico pensamento se este não estiver devidamente referido à ação, e viralizado por sua relação com esta (ORTEGA Y GASSET, 2017 [1983]: p. 48).”

Os lugares se constituindo como resistências as desigualdades socioespaciais podem ser uma resistência pela luta diária pela sobrevivência. Mas podem ser lugares que se constituem como resistência orgânica.

Pode-se viver infinitos lugares, lugares de afetos, por exemplo. Mas são sempre políticos. Pois o lugar é a dimensão da ação.

O **Período Popular da História** advém com a mudança do mundo; como a transformação do período e meio técnico-científico-informacional. Vivencia-se um novo período histórico e com isso um novo meio geográfico. Os estudos geográficos devem se preocupar com a influência do meio e a dinâmica dos lugares, pois é segundo a dinâmica dos lugares que os usos do território são constituídos.

Souza (2007) nos alerta para o fato das pessoas estarem nesse período técnico-científico-informacional em *aggiomato*¹⁹⁷. O Período Popular está fundamentado na possibilidade de comunicação. A informação chega para todos os lugares em tempo real e com isso há possibilidades de se comunicar. “*Comunicar-se é fazer política, é trocar a informação* (SOUZA, 2007: p. 8).”

Na hipermodernidade recebe-se uma quantidade enorme de informação, mais do que é possível se processar. Além das metamorfoses do sistema capitalista para escapar da crise de 2008 e do seu fim histórico, vivencia-se a fase do *capitalismo artista* (LIPOVETSKY; SERROY, 2015) ou o *hipercapitalismo* (LIPOVETSKY, 2004). Poderá ser a última fase do capitalismo, porque a Arte poderá ser um agente que derrubará um dos pilares de sustentação do regime capitalista de reprodução social, a ciência.

A nova racionalidade política do Período Popular da História é baseada na emoção e nos sentimentos. Além do retorno à Política com P maiúsculo, a Política como ação, como foi visto, a um apelo aos sentimentos, um amadurecimento das emoções. Por isso a Arte poderá ser um dos pilares do novo período histórico que se instaura.

¹⁹⁷ Palavra italiana que significa atualização.

As emoções manipuladas pela dinâmica dos lugares que foram usadas como trunfo político pela extrema direita brasileira para a vitória das eleições de 2018 conforme analisado na segunda parte desta tese.

Os pobres têm um sistema comunicacional que possui características estabelecidas ainda na antiguidade (uma confiança na troca de informação verbal) como defendido por Souza (2007), pode-se constatar essa experiência numa das etapas da pesquisa de campo que foi a realização de entrevistas com moradores de rua (Vide Apêndice 3 na página 472).

Será demonstrada a constituição de lugares como resistência, como sobrevivência nessa parte. De fato, na constituição dos lugares entre aqueles que mendigam nas ruas há sim o que Souza (2007) chama de *pacto da confiabilidade da transmissão da informação*, da comunicação interpessoal; a *Lei do cão, lei das bases*.

Se o Período Popular se fundamenta com o lugar como Souza (2007) defende ou antevê, sua germinação está mais que acelerada. As conexões geográficas que possibilitam a ampliação do processo civilizatório e as transformações do sistema-mundo fazem surgir o LUGAR-MUNDO. O lugar é o espaço do acontecer solidário, e cada vez mais é um LUGAR-MUNDO.

O período atual (técnico-científico-informacional) se fundamenta no mundo e na possibilidade da globalização (está conectado ao mundo e ao global ao mesmo tempo que vivencia seu lugar no local). A conexão geográfica é global-local, o LUGAR-MUNDO decorre disso, é uma experiência, é uma sensação da vivência de lugares livres. O LUGAR-MUNDO poderá se a práxis do Período Popular da História!

É pela construção das solidariedades orgânicas a partir do sistema de comunicação entre as pessoas (um processo resistente e de comunicação interpessoal) que os lugares como resistência vão se constituindo. É diferente da solidariedade mecânica que constitui lugares sem reflexão, lugares autômatos. “*O grande sujeito da transformação social que já se opera são os homens lentos, os homens pobres e lentos do planeta que têm a sabedoria permanente da construção do amanhã* (SOUZA, 2007: p. 14)”.

A despeito da pobreza os homens pobres e lentos possuem uma nova racionalidade da vida concreta e do mundo. Como defende Souza (2007) o movimento inexorável da história levará ao socialismo, por causa do legado da humanidade. Esse

movimento histórico lança às possibilidades. “*A discussão é que as possibilidades criadas pelos cientistas e que deveriam estar a serviço da humanidade passaram a estar a serviço do mercado e de algumas empresas* (SOUZA, 2007: p. 10)”. Mas nada disso passará impune às transformações que advém do novo período e meio Popular da História, que está em marcha.

Aliás, o Período Popular já se iniciou, os fatos comprovam. Como, por exemplo, os ataques a um dos pilares do sistema capitalista, a ciência!

Esta última parte do trabalho fecha a apresentação dos dados da pesquisa e os argumentos para a comprovação da tese investigada, isto é, de que o lugar é ação, e por assim se constituir é dimensão da política.

O capítulo 10 exibirá uma discussão sobre a proximidade entre a política e as desigualdades socioespaciais, trazendo uma interpretação geográfica inédita sobre a sua definição em fórmula teórica.

Dando sequência o capítulo 11 demonstra as metamorfoses dos lugares tendo por variável central as emoções. Nesse capítulo o diálogo trará, também, com mais acuidade o ambiente das mídias sociais.

As surpresas da pesquisa de campo são apresentadas também no capítulo 12, com a descoberta da constituição orgânica de lugares como resistência.

Encerra-se a tese com um breve ensaio sobre o Período Popular da História.

CAPÍTULO 10 – O Meio Técnico-Científico-Informacional, a pobreza e os lugares

[...] no tempo das câmaras, vou à municipal [...] onde quer que possa fartar o meu amor dos negócios públicos, e mais particularmente da eloquência [sic] humana. [...] Tudo tem conclusão nesse mundo.

Machado de Assis, Crônicas, 1892.

Apesquisa da tese iniciou-se com uma tímida ideia sobre a violência da pobreza. O incomodo e indignação gerados decorreram da observação da realidade, sobretudo as paisagens e lugares.

Com o avanço da pesquisa e da formação no doutorado se constatou que não havia apenas uma violência da pobreza para com os pobres, mas uma violência da riqueza também, para os ricos; e também uma violência entre os lugares que ambos constituem a partir de suas realidades, dos usos do território que fazem pelos lugares que vivenciam.

Foi quando se descobriu que o foco deve ser com as desigualdades socioespaciais e não apenas focar na pobreza ou na riqueza. Jamais perder de vista a totalidade foi outra descoberta e operacionalização do método desta tese.

Estudar a pobreza na geografia significa estudar as desigualdades socioespaciais. As transformações do mundo hipermoderno e a aceleração do tempo complexizaram os usos do território, com isso é impossível usar as antigas metodologias que muitos ainda usam com artifícios e ajustes.

A política e as desigualdades socioespaciais

As desigualdades socioespaciais só poderão ser enfrentadas politicamente. Por isso, se dedicou um instante do trabalho de campo para observar elementos da política municipal, a partir da Câmara Municipal de São Paulo. A fotografia 32, tirada em 21 de agosto de 2019, é um registro da realização de uma plenária do cotidiano dela.

Fotografia 32: Plenário da Câmara Municipal de São Paulo em votação.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 21 de ago. de 2019.

Foi deveras interessante observar o rito entre os lugares constituídos na agenda da Câmara Municipal.

Uma pesquisa interessante poderá ser identificar como se constituem esses lugares na Câmara Municipal, quem são os agentes que decidem de fato as políticas que são apresentadas ao público. Quais são as corporações, como elas chegam aos vereadores, e como é o jogo dessa feitura política.

Nesse dia se acompanhou a subcomissão do orçamento municipal da cultura, depois a discussão do orçamento, em seguida o rito da reunião da

comissão sobre a legalidade das propostas dos projetos dos vereadores e em sequência o plenário para a votação. Os materiais resultados dessas reuniões estão disponibilizados para quem desejar ter acesso¹⁹⁸.

A política é veloz, conforme se observou nesse dia de visita à Câmara. A constituição dos lugares se dá diariamente durante as sessões, que são muito rápidas a depender da pauta. Cada lugar que se constitui possui seu rito, praticados também nos bastidores, pelo trabalho dos assessores, pela pressão dos agentes que fazem a política.

Essa velocidade na realização das reuniões sugere que a negociação é realizada a partir da constituição de lugares em outros locais. Verdade que as reuniões são protocolos preparados previamente pelas comissões responsáveis que são compostas por grupos de vereadores. Esse seria um processo interessante para investigação de futuras pesquisas.

Um movimento interessante é a luta que a sociedade civil organizada, precisamente falando do movimento do Fórum de Hip Hop, vem desenvolvendo como um lugar se constituindo como resistência mais ativa. A criação da subcomissão de cultura para debater o orçamento destinado ao uso dos movimentos culturais foi conquistado por essa luta diária¹⁹⁹ para efetivação da lei de fomento à cultura (Lei Municipal de Nº 16.496, de 20 de Julho de 2016)²⁰⁰.

Nota-se que aparentemente os movimentos sociais como o Hip Hop e alguns coletivos entenderam que os pactos são realizados nos bastidores e marcam presença nessas reuniões das comissões e nos gabinetes dos vereadores que lhe dão abertura. Entender os ritos e a liturgia pública é um caminho para a conquista de direitos e para o exercício da democracia. Muito das críticas dos movimentos sociais ao Estado é como se ele fosse um ser com vida

¹⁹⁸ Site da Câmara Municipal de São Paulo para busca de atas das reuniões. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/>>. Acesso em: 02 de set. 2019.

¹⁹⁹ Neste dia foi notória a observação do desrespeito aos grupos e movimentos sociais, a reunião estava agendada para o início às 10h30min, mas só foi iniciada às 11h. Mas os grupos debatem e disputam o respeito às suas pautas.

²⁰⁰ Que dispõem sobre a instituição do Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/2016/1650/16496/Lei-ordinaria-n-16496-2016-institui-o-Programa-de-fomento-a-cultura-da-periferia->>>. Acesso em 26 de out. de 2019.

própria que os subjulgasse. Mas o Estado é a sociedade. O problema é que alguns grupos que o disputam e controlam constituem hegemonias. O inimigo não é o Estado em si, é quem domina o jogo. Organizar-se e disputar o jogo dentro das regras é um dos caminhos. Na megalópole esse processo se iniciou.

Outra observação é sobre os lugares constituídos virtualmente por copresença e os lugares constituídos presencialmente. Quem assiste uma sessão de plenária da câmara municipal seja pela televisão, seja pela internet (celular ou computador, não altera qual seja o objeto) vivência e observa um nível do lugar, por filtros e intermediários dos sujeitos que estão gravando, o olhar vem desses sujeitos.

Esses lugares virtuais, ou melhor, que se constituem virtualmente pelo uso do meio técnico-científico-informacional através do celular multifuncional, acessam à diversos tipos e níveis de informação. Compartilham-nas se lhes for conveniente ou necessário difundindo com outras pessoas e constituindo lugares virtuais.

Política é corpo a corpo²⁰¹, como observado na representação dos vereadores, o acordo, os pactos foram constituídos. A política como os lugares se constituindo como resistência também é corpo a corpo. Mas o que os lugares constituídos virtualmente podem revelar?

A difusão da informação pela extensão e dispersão do meio técnico-científico-informacional pode ser uma pedagogia da existência²⁰². As pessoas se informam pela disseminação da informação. Possuir a informação é poder fazer política.

Há uma densidade de informação e isso também é um complicador e uma contradição desse período histórico que se finaliza, o período e meio técnico-científico-informacional. Vivencia-se o ápice desse período e meio. Mas essa densidade de informação não gera automaticamente comunicação.

²⁰¹ Expressão popular que significa contato, proximidade.

²⁰² A observação sobre a pedagogia da existência feita por Saviani (2018 [1983]) diverge da aplicação que se faz a esse termo nesta tese. Esse autor dedica-se ao estudo da pedagogia e as teorizações a cerca da educação sob a perspectiva da pedagogia da existência é criticada por ele, que propõe uma pedagogia revolucionária. São abordagens diferentes e objetivos outros.

Contudo, o fato de mais pessoas terem acesso à internet é um dado que além de mostrar que a expansão do capitalismo controla e manipula a muitos, também poder incitar a pedagogia da existência pela sensibilização do outro diante da realidade desigual. Essas são as grandes contradições do movimento histórico. Assim, os pactos também podem ser realizados pela constituição dos lugares virtualmente.

Pelo fato da política ser firmada somente através do contato, do estar junto, a constituição dos lugares virtualmente é um dado novíssimo do Período Popular. É essa a psicoesfera e tecnoesfera que as hegemonias tentam eliminar, utilizando permanentemente sua psicologia do medo do outro, do medo da copresença. Mas quando se está junto, se é mais forte! Apenas pela copresença é possível elaborar políticas!

Isso foi constatado no experimento 2 do lugar se constituindo como protesto.

Mas atenção: ainda que as manifestações de junho de 2013 tenham sido manipuladas e usadas para dar um golpe de 2016, ou elaborar outro pacto territorial, elas também provam que a força da presença ou proximidade, seja local ou virtual, pode ser ação política, por qualquer ideologia.

Essa escala municipal foi utilizada para demonstrar a prática e uso do meio técnico-científico-informacional, não apenas pelo poder político municipal que vem sendo cada vez mais digitalizada - há grupos de *Whatsapp* por exemplo entre vereadores -, mas pelos movimentos sociais que começam a constituir lugares no cotidiano da câmara.

Mesmo com a divulgação da informação nos canais da prefeitura, como o site da câmara não há ainda a conscientização dos sujeitos para a constituição de lugares que acessem os portais de transparência ou informação cidadãos. Representantes de movimentos de coletivos culturais, nessa reunião do dia 21 de agosto, reclamaram sobre a dificuldade de acesso à plataforma digital da Câmara e outras dificuldades na execução dos cadastros para o uso das verbas destinadas à cultura.

Esses pactos territoriais estabelecidos precisam ser mais bem estudados, seja a elaboração do sistema de acesso à informação cidadã seja a constituição de novos lugares pelos movimentos sociais. Para de fato, assim, ir estabelecendo pactos territoriais estruturais segundo Santos (2014 [1987]).

Os lugares como resistência começaram a entender que é preciso entrar no sistema. A ação do Fórum do Hip Hop aos coletivos culturais da periferia, quando pressionam por políticas para o setor da cultura, ou para o uso e implementação da lei de fomento à cultura, é um exemplo disso. Contudo, a forma de organização do governo em setores parece prejudicar as lutas dos movimentos. Não é o foco da pesquisa tratar da crítica ao planejamento setorial²⁰³, mas é algo que precisa ser estudado pelas ciências sociais, sobremaneira a geografia, uma ciência política por excelência. Comentar-se-á no capítulo 12 sobre o desafio que o planejamento precisa encarar dada as características da dinâmica dos lugares, qual seja a ingovernabilidade dos lugares!

*****A difusão do meio técnico-científico-informacional: densidades e rarefações*****

O meio técnico-científico-informacional é a natureza daqueles que nascem inseridos nele. Aborda-se o meio técnico-científico-informacional pelas expressões do uso do território.

Gomes (2001) estudou o sistema de informação em sua etapa inicial trazendo um dado novo à transformação dos sistemas de telefonia e o advento da internet. O sistema de telefonia passava pela difusão do uso dos celulares, os aparelhos de telefone portátil. As transformações do mundo forçaram a extinção da companhia de telefonia brasileira e suas antigas bases de telefones. A metamorfose do celular, atualmente, multifuncional também extinguiu os antigos telefones públicos, os orelhões. O sistema de objetos é ativo (BAUDRILLARD,

²⁰³ Essa é uma antiga crítica feita pela geógrafa e planejadora Maria Adélia de Souza e que vem sendo desenvolvida pela Escola de Geografia Renovada.

2008 [1968]) e faz parte ativamente do cotidiano como artefato, mas transformam-se em signos (SANTOS, 2009 [1996]).

Bertollo (2019) trabalhou em sua tese o *smartphone* como o objeto difusor e agente do que chama de “capilarização” da informação. Seu trabalho pode ser um exemplo de como os objetos e redes físicas da internet estão expressos. Ele expõe o quadro material para a difusão do meio técnico-científico-informacional. Ao falar em capitalização da informação pelo objeto *smartphone* o evidencia como agente responsável pela difusão do meio. A tese levanta outros agentes como interesses privados, que para o método desta tese seriam as corporações das comunicações, as grandes empresas do século XXI.

Em seu trabalho Bertollo (2019) não expõe os grandes agentes dessa dinâmica. Em verdade, as redes e objetos estão representados, mas o trabalho não refletiu sobre a informação e a dinâmica dos lugares, tão pouco aborda a difusão do meio técnico-científico-informacional. Não é o *smartphone* em si que difunde a informação na constituição dos lugares. A rede é física já a informação ainda é dominada pelas corporações da comunicação. A informação é criada e transmitida, é imaterial, não pode ser tratada como rede. O que difunde a informação é a difusão do meio técnico-científico-informacional.

O que este trabalho averigua é como a possibilidade do acesso à informação pode incitar uma pedagogia da existência. E quais implicações dessa possibilidade de acesso à informação pela dinâmica dos lugares.

O Mapa 27, extraído do trabalho de Bertollo (2019) exhibe a distribuição de aparelhos celulares e computadores e a população usuária da internet em 2016.

Mapa 27 – BRASIL: Acesso à internet e uso de dispositivos: smartphones e computadores por estado. 2016.

Fonte: IBGE (2016b).
Elaboração: Mait Bertollo.

Fonte: BERTOLLO, 2019: p. 148.

Evidentemente, como Bertollo (2019) exhibe há um interesse público e privado que regula e difunde a conexão da internet. Esse processo ao qual Santos (2011 [2000]) demonstra como convergência dos momentos e Souza (1993) como conexões geográficas é um dado do mundo do presente e uma consequência da expansão do capitalismo aliada com o meio técnico-científico-informacional.

Além do dado do período histórico, aliás, colado a ele, está o avanço do processo civilizatório que com a chegada desses objetos novos trouxe uma notória mudança na constituição dos lugares. Assim se descobriu a constituição dos lugares virtuais, fartamente utilizados, ou melhor constituídos, nas eleições presidenciais de 2018.

Em contrapartida, há a contradição do movimento da história. A dispersão do meio técnico-científico-informacional pode ser vista mesmo em regiões com problemas de infraestrutura, como a região da floresta amazônica, no norte do Brasil, como mostrado por Bertollo (2019), onde as pessoas também estão conectadas, por computador ou telefone móvel. Não importa que a conexão à internet seja por computador ou por telefone móvel, ao contrário, o que foi visto no capítulo anterior o poder que o celular multifuncional exerce para a constituição dos lugares.

Fazendo um paralelo entre Gomes (2001) e Bertollo (2019) se constata as transformações do mundo, a intensificação do processo de urbanização e sua quase simbiose com a globalização. Mas Bertollo (2019) dispensou o conceito do meio técnico-científico-informacional tratando o celular como um objeto isolado, como se a “capilaridade” proviesse dele e não da difusão do meio técnico-científico-informacional. O celular é mais do que um utensílio ou artefato, os objetos para a geografia são mais do que materialidades; são signos, como definem Santos (2009 [1996]) e Baudrillard (2008 [1968]).

Importante até como novidade é a possibilidade de o objeto ser carregado pelo usuário. Os celulares multifuncionais trazem consigo essa dispersão do meio técnico-científico-informacional para as áreas rarefeitas, por isso se retoma a discussão do Brasil. A posse de computador e celulares multifuncionais nas áreas densas do meio técnico-científico-informacional só confirma a concentração e a total conexão com o mundo capitalista dominado pelas empresas globais. O interessante é saber como a informação que chega cotidianamente às pessoas contribui para a constituição dos lugares. Quais implicações surgem a partir dessa realidade de que o celular multifuncional virou uma prótese do meio técnico-científico-informacional ao corpo humano, o que isso significa para a constituição de lugares?

A diferença de interpretação entre o trabalho de Bertollo (2019) e esta tese é que se aborda o telefone multifuncional como integrante da tecnoesfera e psicoesfera, difusor do meio técnico-científico-informacional. O celular multifuncional não é o difusor da informação, ele é veículo, objeto, ainda que ativo, são outros agentes quem difundem e regulam a informação. Agentes esses

que podem ser os sujeitos pobres produzindo informações de suas realidades locais e compartilhando nas mídias sociais e constituindo lugares com outras pessoas longínquas, de qualquer localidade do globo por copresença. O celular multifuncional é veículo, intermediário, assim como a internet, que faz parte do meio atual, assim como as mídias sociais constituem o MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL.

Quando se mencionou no capítulo 4 sobre o microscópio geográfico estava se referindo a teoria e método. Bertollo (2019) traz uma empiria secundária interessante ao demonstrar as redes físicas e a lógica, ou bases do sinal, da internet e sua difusão territorial. Mas suas lentes embaciadas não conseguem observar uma obviedade o celular multifuncional ou o smartphone virou um prolongamento do corpo humano. E o que isso significa, tendo em vista que as desigualdades socioespaciais são cada vez mais acentuadas e há indivíduos que não possuem celulares? Eles são informados? Sim! Conforme será discutido no capítulo 12.

Essa prótese territorial, o smartphone, como elemento da tecnoesfera e psicoesfera, empiriciza o que Deleuze e Guattari (2010 [1973]: p. 375) falavam sobre o estudo de Butler, o qual dizia que as máquinas não eram apenas prolongamento do organismo, elas são: “[...] *membros e órgãos alojados sobre o corpo sem órgãos*²⁰⁴ *de uma sociedade, de que os homens se apropriam conforme sua potência e sua riqueza, e que a pobreza os priva como se fossem organismos mutilados.*”

Flusser (2011 [1979]: p. 83) já advertia sobre os objetos como prolongamento do corpo humano ao exemplificar sobre a máquina de escrever: “*A máquina de escrever foi feita para servir de instrumento aos meus dedos. É um prolongamento dos meus dedos*”. Mas não é uma relação simples, pois é uma relação dialética, sendo assim também não é irreversível. Sendo a liberdade um salto dado pelo conhecimento, é preciso, pois, saber manusear, usar os artefatos.

²⁰⁴ Grifo nosso: o corpo sem órgãos na ideia de Deleuze e Guattari (2010 [1973]: p. 20) é “*Os autômatos para e deixam sobressair a massa inorgânica que articulam. O corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível.*” Eles falam do ponto de vista da produção psíquica do social influenciado pelo sistema capitalista que se casou perfeitamente com a condição de máquinas desejantes.

Uma característica do uso do celular multifuncional é justamente levar e permitir a plena difusão do meio técnico-científico-informacional pelo território rarefeito e viscoso das técnicas.

É ainda importante considerar que o meio técnico-científico-informacional usado pelo sistema capitalista não é sinônimo de progresso em si.

O mapa-múndi do acesso à internet em 2019 (vide página: 71) nos remete justamente a um dado curioso sobre os países da antiga divisão política do mundo em países socialistas de regimes fechados e os países capitalistas. Países que tiveram regimes fechados por ditaduras, não possuem acesso pleno como os países capitalistas que em sua maioria estão com quase 100% de acesso da população à internet.

Trabalhar com o tema internet é saber que foi uma ferramenta inventada pelo exército. Além do mais as empresas que controlam o acesso à internet armazenam dados dos usuários. Não é de se espantar o controle dos países que foram ditaduras socialistas. Isso não quer dizer que sejam atrasados do ponto de vista da dispersão do meio técnico-científico-informacional. O qual se discute neste trabalho.

Há ainda muita coisa a se problematizar e investigar sobre os efeitos da internet e seus diversos recursos, ou sobre o ambiente virtual que a cada dia se complexiza com aplicativos de todos os gêneros: compras, jogos. No caso do Brasil, esta tese começa a estudar essas transformações indicando que em breve as mídias sociais como *Instagram* tomará a cena do marketing comercial realizado na grande mídia televisiva. Cresce o número de divulgação e propaganda comercial nesses aplicativos que se valem da inteligência artificial na figura dos algoritmos.

Os algoritmos são usados pelas empresas de comunicações ou as grandes corporações da informação, como a *Google* que comprou o *Youtube*. Elas direcionam e as escolhas dos usuários, como denunciado pelo editorial do *The Intercept br*²⁰⁵.

²⁰⁵ Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia-e-Redes-Sociais/Google-News-esconde-o-Intercept-Brasil/12/44982>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

O mapa-múndi do acesso à internet mostra a desigualdade da difusão desse veículo do meio técnico-científico-informacional, expõe a divisão de um mundo com modelo civilizatório capitalista e ocidental e outro com o modelo civilizatório mais socialista e mais fechado. Revela ainda um drama sobre o continente africano que fica a margem desses dois mundos antigos, o socialista e o capitalista.

O que significa o controle dos corpos (FOUCAULT, 2014 [1975]) pelos sistemas de informação e as grandes corporações da informação? Como os homens pobres e lentos constituem lugares diante o uso do território pela experiência da escassez? Esse autor também provoca a inquietação de que as redes ou mídias sociais podem ser configurar ou é um tipo de *panóptico de Bentham* como um instrumento de controle ou disciplina social.

*****A dinâmica dos lugares e as desigualdades socioespaciais*****

Não se aborda a pobreza como Santos (2011 [2000]) teorizou e periodizou sobre o processo mundial que elaborou uma *pobreza estrutural* que é planejada pela economia mundial, tornando-se generalizada e permanente, e “[...] *seu motor essencial é o mesmo dos outros processos definidores de nossa época*” (p. 72). Ela se tornou uma condição aguda devido à produção de dívidas sociais excludentes aos pobres. Mas esse mesmo processo concentra a riqueza em pequenos grupos e agentes, sobretudo, corporações empresariais.

Mas da periodização da pobreza por Santos (2011 [2000]) é possível extrair momentos e processos interessantes para compreender as desigualdades socioespaciais atualmente.

Na história mundial a pobreza primeiramente era considerada acidental, residual, sazonal, natural ou social, no que se intitulou de *pobreza incluída* (o consumo ainda não era uma variável de expressão global). Assim, o seu enfrentamento era assistencial e local. O segundo período se anuncia como *pobreza marginal* estudada como uma doença da civilização produzida pela divisão territorial e internacional do trabalho (a ampliação do consumo). Neste

período da pobreza marginal os indivíduos são classificados pela capacidade de consumir, e as medidas de resolução eram uma preocupação dos governos nacionais e da regulação estatal (SANTOS, 2011 [2000]).

É interessante notar que as formas como se estudam e o que seja a pobreza, tem muito a ver com a compreensão que a comunidade científica e os políticos possuem dela. Evidentemente, também tem a ver com as expressões e características do mundo.

O consumo ainda é muito forte no mundo do presente. Os pobres são forçados a consumir. O corpo parece ser controlado (FOUCAULT, 2014 [1975]) pelo consumo e a aderência do meio ao homem pela fusão do homem-máquina acelera ou disciplina esse controle corporal. Some-se a isso o novo objeto de desejo que são os *smartphones*, *iphones*, *xiaomi* ou celulares multifuncionais modernos, extensão do corpo humano que pode amplificar o culto da psicoesfera e tecnoesfera do consumo. Do ponto de vista psicológico somos *máquinas desejantes* e *corpo sem órgãos* para o sistema capitalista, como tão bem expuseram Deleuze e Guatarri (2011 [1973]). Esse processo é fundamental para se entender o controle social na hipermodernidade.

A pobreza se aprofundou com a fundação das cidades industriais (ROCHEFORT, 2008). Aliás, a revolução industrial é o marco da eclosão das desigualdades socioespaciais conforme se estudou na dissertação de mestrado. Na América Latina, a pobreza foi concentrada nas grandes cidades desde os meados do século XX. Os projetos de modernização fracassaram por que tiveram como resultado a fragmentação e usos corporativos do território. Esse processo trouxe novas funções para as grandes cidades provocadas pela agudização da exclusão social, e ao mesmo tempo fortalecimento da ação social (RIBEIRO, 2009).

Mas a condição de pobreza constitui num dos elementos que compõem as desigualdades socioespaciais. Esse megaprocessos socioespacial, pois formado mundialmente e particularizado nas formações socioespaciais de cada país, são problemáticas que expressam uma combinação da pobreza estrutural e perversa e da riqueza altamente concentrada. Essa combinação implica num paradoxo que “[...] se reverte a cada dia em um cruel, persistente e agravante

sistema de pobreza, com todas as suas conseqüências desumanas: a fome, as epidemias, a violência, que afeta toda população brasileira, mas sobretudo os mais pobres (SOUZA, 1994c, p. 26).²⁰⁶

Em seus estudos sobre a composição do povo brasileiro em busca do sentido de nação Ribeiro (2012 [1995]) se aproxima do movimento *dos de baixo*, nos dizeres de Santos (2011 [2000]), dos homens pobres e lentos²⁰⁶.

Outra perspectiva que se aproxima em captar o movimento dos homens pobres e lentos é identificada em Fernandes (2010 [1991]) ao argumentar sobre a decisão para criar uma política totalizante, em que eclodiria na *revolução educacional*. Essa revolução consistiria na consciência social do homem comum para criar uma sociedade nova no Brasil sem a repetição do passado. A ruptura para a criação de um futuro diferente, porque “As elites criaram este país e serão os de baixo que irão transformá-lo” (FERNANDES, 2010 [1991]: p. 150).

Nas cidades brasileiras verifica-se um processo de fragmentação, chamado por Holanda F. (2003) de *espaços de exclusão*, em que se confirma na realidade nacional a vivência de uma urbanidade débil e frágil. Entretanto, não se fala em espaços de exclusão. A exclusão se dá no plano concreto, nos usos do território da cidade. A exclusão se dá entre os lugares. Ela pode ser vivida e sentida pela dinâmica dos lugares. Esse processo ficou muito claro na realização do trabalho de campo. Vivenciar um lugar de pesquisadora, por exemplo, permitiu sentir na pele que a constituição do lugar diz muito sobre a paisagem que um sujeito expressa. Banalmente, pode-se dizer que a roupa que se veste exhibe elementos da constituição dos lugares, ou a paisagem de um lugar. O lugar constituído pelos trabalhadores é hostilizado pelos lugares constituídos pelos sujeitos consumidores que são mais conservadores.

O conceito de cidade, como já mencionado no capítulo 2 e 5, é aquele que o concebe como uma forma concreta²⁰⁷, particular e interna de uma dada sociedade. O urbano é o abstrato, o geral e externo que vem do mundo, ou seja,

²⁰⁶ Categoria filosófica criada por esse autor no entendimento de Ribeiro (2009).

²⁰⁷ Na Geografia Renovada nem toda a forma é concreta no sentido material e tangível da realidade. Existem aquelas imateriais e intangíveis, como por exemplo, a norma jurídica, e que por sua vez configura e atribui conteúdos aos territórios.

das modernizações. Por isso, existem histórias das cidades e histórias do urbano (SANTOS, 1992). Entretanto, como o sistema mundo atual é “globalizado” o urbano e a cidade se confundem, mas não são sinônimos.

A cidade é o local de encontros. As grandes cidades têm seu movimento potencializado graças à trama de situações pessoais, de renda, as racionalidades hegemônicas e o tamanho desmesurado das metrópoles (SANTOS, 2009 [1996]). A cidade prossegue sendo uma forma insurgente e experimental, sendo assim: “*A atualização da cidade desafia as teorias urbanas construídas para o período de hegemonia incontestada do capital industrial*” (RIBEIRO, 2009: p. 150).

Trata-se de diferenciar local do lugar, uma vez que as mutações do mundo do presente exigem novas metodologias. Como foi o esforço desta tese, pois o lugar traz novos significados que surgem no cotidiano da cidade (SANTOS, 2009 [1996]).

É preciso muito cuidado com a sedução do meio técnico-científico-informacional, ele é alienante se os indivíduos que constituem os lugares não possuírem consciência, vontade e desejo de serem livres e agentes de si. Não é o mesmo do que os indivíduos que constituem os lugares livres, indivíduos ricos ou de classes médias. Essa liberdade é outra. A alienação do meio pode se dar de diversas maneiras ao se pensar que todos possuem a mesma condição objetiva de vida que é a vivenciada por si mesmo.

Faz-se a distinção entre os lugares livres e os lugares como resistência (SOUZA, 1995b). Qualquer constituição dos lugares é livre, mas a liberdade que é permitida aos indivíduos ricos é dada pela forma como eles acessam a dispersão do meio técnico-científico-informacional. As condições que lhes são oferecidas possibilitam a liberdade de usar o território plenamente. Já a constituição dos lugares como resistência requer dos indivíduos um grau de esforço bem maior para o uso do território.

O mais impressionante no limiar do Período Popular da História, será exibido no capítulo 13, é a possibilidade da pedagogia da existência ao usar o meio técnico-científico-informacional com a disseminação e difusão da

informação. Pois a informação de que todos não usam o território plenamente já começa ser difundida e fomentar consciência na constituição de lugares.

Santos (2017) estudou o que denomina de “nova pobreza” a partir do que se entende como “financeirização” do consumo.

Mas sua metodologia foi elaborada a partir daquelas teorias que estudavam a “pobreza” pela definição do acesso aos bens essenciais: água, esgotamento sanitário, coleta de lixo e eletricidade. Compreensão essa dos órgãos internacionais naquilo que expressava os efeitos da urbanização e sua expansão.

Quando o Santos (2017) chega à atualidade faz a comparação do uso dos novos objetos modernos com os objetos da considerada modernidade na década de 1970. Ao atualizar para o advento de novos objetos do cotidiano pelos indivíduos da periferia de São Paulo o estudo se detém ao acesso à internet que traz consigo as “novas formas de lazer”. Mas Santos (2017) ao tentar responder sua questão, qual seja, qual seria a “nova pobreza”, retoma seu questionamento inicial: se estaria diante de uma nova pobreza ou o que se chama de “novo espaço periférico”.

Santos (2017) não estuda a pobreza abordada na arquitetura e urbanismo da maneira como a Geografia Nova e Renovada a aborda. Tal fato pode ser demonstrado quando o autor sugere que a população de baixa renda seja o mesmo que classe social²⁰⁸. Ao se valer da metodologia abordada na década de 1970 Santos (2017) afirma que nas casas dos trabalhadores da periferia há uma penetração de objetos modernos. O capitalismo controla ou tenta dominar a tudo pelo uso dos objetos.

O mundo hipermoderno, complexo e mutante, revela a perversidade do uso do meio técnico-científico-informacional. O indivíduo que constitui lugares a partir do uso parcial ou precário do meio técnico-científico-informacional o faz resistindo para sobreviver, diferentemente daquele que pode ou consegue usar com liberdade todos os objetos da contemporaneidade.

²⁰⁸ Classe social é uma formação socioafetiva com base na família segundo Souza (2016). Mas ela não é totalmente determinada pelo rendimento familiar.

Não é só a violência do dinheiro, mas passa por aí. O indivíduo que constitui lugares a partir da resistência às desigualdades, ou como sobrevivência a elas, em copresença e coexistência sofre um tipo de violência, enquanto outros indivíduos que vivenciam lugares constituídos a partir do uso pleno do meio técnico-científico-informacional também sofrem tipos de violência. É preciso investigar sobre as mentalidades da psicoesfera e tecnoesfera, pois é a partir delas que as pessoas se alienam ou se deformam.

Então, o problema não é a posse do “objeto moderno”, cada vez mais disseminado pela hegemonia do capital. O cerne da questão são as vivências, a constituição dos lugares.

As condições do local podem ser pobres ou precárias, mas o lugar não. Lugar é dimensão. Os lugares constituídos pelos indivíduos pobres revelam a pobreza pela expressão de suas paisagens. Um indivíduo pobre, ou melhor dizendo que vivencia lugares, que constitui lugares a partir da pobreza ou precariedade dos objetos e do uso ou disseminação do meio técnico-científico-informacional leva consigo onde quer que vá a estampa da pobreza (ao menos por um intervalo de tempo se suas condições de vida mudarem a paisagem que exhibe irá se transformar).

Pode-se dizer que o indivíduo pobre leva consigo suas roupas desgastadas, adquiridas pelo seu baixo poder aquisitivo ou que são oferecidas, para distingui-lo e estigmatizá-lo como classe pobre. São roupas com uma estampa e tecidos próprios produzidos pela indústria comandada pelas hegemonias. Esse indivíduo pobre expõe em sua pele tons carentes de nutrientes; em suas roupas com estampas baratas, seus sapatos pirateados ou dos mais baratos, leva consigo as marcas que o denomina pobre, que o marcam como pobre, e isso é decidido pelas hegemonias. O local é precário, os usos dos objetos podem ser também. Mas os lugares constituídos pelo indivíduo pobre se constituem a partir daquilo que eles têm contato ou acesso, a constituição é sempre livre.

Os lugares não são ricos e tão pouco pobres! Eles podem ser lentos, demorados, rápidos e acelerados, resistentes, livres ou autômatos, mas nunca pobres ou ricos. Pobres ou ricos são os sujeitos que os constituem. Os lugares

possuem sujeitos, como vem se discutindo. Os sujeitos dizem quais lugares constituem a partir do quê. Ou seja, a partir das condições objetivas da vida. Mas o processo é bem mais complexo do que determinar acesso aos objetos dito “modernos”.

Com o movimento do mundo global, da chamada globalização, o consumo das massas se padroniza. Mas não apenas das massas. O estilo do jovem ou algum estilo que seja consumido como expressão da moda pode ser banalizado. Pode-se está numa praça na periferia de São Paulo ou numa praça na periferia de Alagoas e observar os jovens skatistas em seus skates e suas roupas típicas desse grupo. São os mesmos lugares vivenciados, mas em locais totalmente distintos!

Na hipermodernidade o apelo ao diverso é altamente impositivo. Por mais que a violência do dinheiro e da informação impostas pelo globalitarismo molde gostos e consumos, ou force o uso de determinados objetos e acessórios, como roupas, sapatos, celulares multifuncionais muitas vezes em modelos pirateados, a diversidade passa a ser mais defendida. Por mais que essas massas se expressem ainda em blocos nas paisagens a tendência à pluralidade dos grupos tem aumentado. O exemplo dos skatistas, assim como os rappers, os góticos, entre outros grupos, quebram os padrões ainda que constantemente possam ser aliciados pela violência do globalitarismo em incorporá-los na dinâmica das massas e do consumo. E são vivenciadas por todos os lugares que se constituam com tais elementos, exemplos: os jovens dessa contemporaneidade que se enturmam como skatistas podem ser pobres ou ricos expressam a mesma paisagem. Ainda que os objetos usados para alguns sejam precários ou desgastados e para outros produtos da alta marca.

Não é só a posse de objetos, nem quanto de rendimento possui, mas o uso, as mentalidades e as heranças sociais, as condições para a constituição dos lugares; o **repertório dos indivíduos que constituem os lugares**.

Então estudar a dita pobreza na contemporaneidade é um desafio tremendo. Mas a riqueza também. Pickety (2014) expôs essas dificuldades quanto aos dados e a mensuração da riqueza, da pobreza e das desigualdades.

O uso ainda que precário é uso, e conecta as pessoas ao mundo, sejam pobres ou ricos. Ter baixo rendimento não é o definidor de classe, segundo Souza (2016) há outros elementos ainda mais fundamentais como as relações sociais e conforme se ensaia nesta tese a partir das mentalidades da psicoesfera e tecnoesfera.

Um indivíduo que constitui lugares a partir da pobreza possui um celular multifuncional que pode ter sido comprado parcelado em 12 vezes ou ter sido comprado através de outras estratégias. Esse mesmo indivíduo tem acesso à internet por meio de planos os mais diversos de banda larga e o *Wi-Fi*. Bem verdade que esse acesso em diversos casos é limitado, reduzido e precário.

Assim, um dos elementos para se compreender a pobreza é a disseminação ou **difusão do meio técnico-científico-informacional**. Nos locais onde o meio é denso, os indivíduos ricos constituem lugares a partir dessa característica e usam plenamente o meio técnico-científico-informacional. Um exemplo pode ser visto na Av. Paulista na Cidade de São Paulo (Fotografia 33 a seguir) onde os patinetes e as bicicletas do Aplicativo (App) Yellow são usadas plenamente pelos transeuntes.

Contudo, na realização da pesquisa de campo observou-se indivíduos pobres e até miseráveis também usando os patinetes, por exemplo.

Pela pesquisa de campo também é possível inferir que o uso pleno do meio técnico-científico-informacional é feito pelos indivíduos ricos e de classe média. Massivamente eles vivenciam lugares a partir desse uso pleno dos objetos. Tudo flui levando a sensação de liberdade e segurança e à falsa mentalidade ou psicoesfera e tecnoesfera de que todos possuem essa liberdade e sensação de plenitude.

Fotografia 33: Av. Paulista fechada aos domingos e os novos veículos: a bicicleta o patinete da Yellow.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de mar. de 2019.

Os indivíduos pobres possuem outras relações outros usos dos objetos e do meio técnico-científico-informacional. Por muitas vezes são desconfiados com as tecnologias, pois o seu uso pode gastar muito dinheiro, que é contado para as necessidades.

Por ser uma dimensão espacial os lugares são constituídos pelos níveis de densidades. É o acúmulo das densidades técnica, informacional e comunicacional que atribui qualidades à constituição dos lugares.

Investigar esses níveis de densidades para a geografia será um dos caminhos para aprofundar o estudo das desigualdades socioespaciais.

O instrumental de pesquisa vem sendo construído para atingir essa finalidade. Mas as dificuldades tamanha complexidade e profundidade do que é o lugar e da realidade hipermoderna dificultou a exaustão desse instrumento na tese.

A partir do que se conseguiu pesquisar em campo e das ideias e da tese defendida elaboramos caminhos futuros de investigação. O que significa esse tempo lento dos pobres como diz Santos (2011 [2000])?

O estudo sobre a pobreza deve levar em consideração essa característica dos homens lentos e dos homens rápidos. Do tempo longo e do tempo curto. Isso é fundamental porque diz respeito ao lugar-mundo de cada sujeito e sua consciência de ser.

A pauta da fluidez diz respeito aos interesses do capital. É preciso saber sobre os desejos dos pobres, desejos são criados, pois o homem é *máquina desejante* (DELEUZE; GUATTARI, 2011 [1972]). Então desejar mais fluidez não é pensar diretamente no pobre que tem seu corpo explorado diariamente como máquinas reprodutivas da acumulação. A livre tarifa beneficiaria mesmo a quem? Um dos entrevistados alegou que seu transporte mais utilizado era o ônibus e porque podia descansar nele, mesmo superlotado!

Ser pobre geograficamente, a partir do mundo hipermoderno, é o indivíduo ou sujeito que usa ou desempenha mais esforço para usar o meio técnico-científico-informacional. Como Ortega y Gasset (1961 [1930]) mostra que o homem inventou a técnica para poupar esforço, chega-se no período e meio técnico-científico-informacional em que tecnicamente todos poderiam viver a sonhada sociedade do ócio, mas socialmente e na realidade concreta ainda não é assim.

Então, ser pobre é aquele que faz ou realiza mais esforço para usar e desfrutar dos objetos e do meio técnico-científico-informacional. Constituindo **lugares como resistência** às desigualdades, ou lugares como sobrevivência, ou ainda os *lugares como autômatos*, robotizados, mecanicamente reproduzindo a alienação do meio ou a mecanização do cotidiano. Já os ricos são aqueles que constituem **lugares livres**, usam plenamente o meio técnico-científico-informacional, fluem pelos objetos. Lugares acelerados ou velozes, rápidos, enquanto os sujeitos pobres vivenciam e constituem lugares lentos, demorados.

Em outras palavras, a fórmula geográfica para definir a pobreza e a riqueza se expressa como **o maior ou menor esforço para o uso do meio técnico-científico-informacional**. Mas esse processo se observa pelas desigualdades socioespaciais. As desigualdades são maiores entre os dois extremos da realidade, os ricos e os pobres, mas tanto entre os ricos como entre os pobres as desigualdades socioespaciais se impõe. Em verdade, a geografia do

presente preocupa-se com as desigualdades socioespaciais, é impossível para a geografia estudar apenas a pobreza; difícil e inútil isolá-la. A fórmula é melhor explicitada assim: a pobreza e a riqueza geograficamente analisadas pela leitura territorial exhibe que **um indivíduo é pobre ou rico mediante o esforço que aplica ao uso do território**, ou seja, à facilidade ou dificuldade de uso do meio técnico-científico-informacional.

Sinteticamente, se estuda as desigualdades socioespaciais pela dinâmica dos lugares, o que era a pobreza antigamente no mundo hipermoderno é estudada pelos lugares como resistência; a riqueza é estudada pelos lugares livres; e os lugares autômatos podem se constituir tanto pelos indivíduos pobres como pelos indivíduos ricos ou as classes médias, se dando a partir da alienação dos indivíduos.

A abordagem da totalidade é imprescindível na geografia, por isso o estudo das desigualdades socioespaciais. O estudo de um indivíduo só, ou nominado não interessa à abordagem geográfica, esse indivíduo que pode ser um sujeito que sofre com a violência da pobreza ou com a violência da riqueza. Mas enquanto uma pessoa sofrer com a escassez de condições dignas de vida esse indivíduo o tema das desigualdades socioespaciais ainda será grave e fundamental.

Uma proposta de construção de uma base comum, uma base territorial comum foi mencionada por Santos (2014 [1987]) e por Ribeiro (2012 [1995]). Essa talvez seja a propositura que liquide com as desigualdades socioespaciais. Mas somente será construída politicamente. Por isso trouxe-se ao debate a política municipal e a lida com os movimentos sociais para o diálogo.

Quais indivíduos conseguem viajar sem ter que se preocupar com o valor das passagens e podem deslocar-se pelo globo a hora que lhe despertar o desejo? Quais indivíduos podem se locomover de helicóptero pela metrópole?

São esses indivíduos que mais constituem os lugares livres. Ao menos aquela liberdade no que diz respeito ao uso do território, ao uso pleno do meio técnico-científico-informacional. No capítulo 12 será visto a realidade de muitos

indivíduos que moram em favelas. Eles usam o meio técnico-científico-informacional, mas seu uso do território constituem lugares como resistência.

Pode-se citar variáveis para um estudo mais aprofundado das desigualdades socioespaciais:

- Localidade
- Rendimento
- Uso das tecnologias
- Deslocamento
- Consumo
- Propriedades
- Paisagem

Foge do foco deste trabalho um aprofundamento dessa questão. Mas foi importante iniciar essa metodologia uma vez que estudar os pares de rarefação e densidade, viscosidade e fluidez é um método geográfico para visualizar esse mundo complexo das desigualdades socioespaciais. Além disso, a questão problema desta tese foi a de como os lugares se constituem como resistência às desigualdades socioespaciais. Portanto, iniciar o enfrentamento dessa questão foi crucial.

Alia-se a essa fórmula de constatação das desigualdades socioespaciais que corresponde a uma das respostas da questão desta tese traz-se **a paisagem do lugar**. A expressão das paisagens demonstra a desigualdade na constituição dos lugares. A paisagem é o indicador inicial das desigualdades a partir dos lugares usando o território.

Só é possível estudar a dinâmica dos lugares pelas desigualdades socioespaciais. Esse método ficou evidente no decorrer do trabalho, e uma das ferramentas do trabalho do geógrafo são as paisagens. Elas demonstram instantes da realidade, pois são um quadro do meio técnico-científico-informacional usado pelos agentes no momento do congelamento da realidade.

Os agentes que constituem a dinâmica dos lugares também evidenciam a violência do sistema capitalista e seu controle sobre o meio técnico-científico-informacional, sobretudo nos países capitalistas.

No próximo capítulo se observará a dinâmica dos lugares pelo uso das mídias sociais tendo como elemento dinamizador as emoções.

CAPÍTULO 11 – As Metamorfoses do Lugar, razão e emoção em ação

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideais. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.

Graciliano Ramos. Vidas Secas. 1938

As mudanças nas relações sociais e a força do lugar como criatividades são prelúdios do período popular para o novo meio geográfico. Os lugares se constituindo em resistências às desigualdades podem se transformar em os lugares se constituindo como consistência coletiva, em aderência coletiva, conforme será visto o lugar se constituindo como consciência e resistência orgânica às desigualdades socioespaciais no próximo capítulo.

O trabalho e a pesquisa de campo se constituiu em 4 etapas ou experimentos. O primeiro dele foi a realização do questionário-piloto para teste do instrumento de coleta; dentro dessa etapa desenvolvemos um experimento virtual, em constituir um lugar de pesquisa virtualmente. Esse primeiro experimento possui um instrumento denominado Lugar-Mundo que é exibido em dois instantes

nos Apêndices 1 e 2 (pág. 457 a 471). É a etapa que permite avançar no estudo da constituição dos lugares.

A segunda etapa ou experimento foi a realização das entrevistas com os mendigos. O lugar se constituindo como resistência pura, os sujeitos desse lugar são os moradores de rua, o lugar é a ação de morar na rua. O lugar se constituindo como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais o qual o sujeito foi o grupo de Hip Hop Posse Poder e Revolução está inserido dentro da discussão LUGAR-MUNDO.

O terceiro experimento foi a demonstração de um lugar sendo constituído como protesto como pode ser observado seu instrumento no Apêndice 4 (pág. 473). Sendo o registro das paisagens a quarta e última etapa de campo realizada simultaneamente com os demais experimentos ou tendo momentos específicos.

No experimento do lugar de pesquisa virtual por meio das mídias sociais a autora da tese selecionou o *Facebook* e a partir dos grupos Mulheres em Luta (mudaram o nome do grupo que era mulheres contra Bolsonaro), Pela Reforma Política e do Judiciário, Abolicionismo Penal, Entusiastas da Criminologia Abolicionista, Que a Saúde não seja um Negócio e Comitê contra o Genocídio dos Pretos na Periferia, para a aplicação de um questionário cuja versão foi a mesma do questionário-piloto²⁰⁹.

Desse espectro e da análise dos dados e informações coletadas é notória a digitalização da informação, o enfraquecimento da Televisão e mídias tradicionais, o uso das redes ou mídias sociais e digitais para acesso à informação e noticiários; o uso massivo dos celulares na lida com a internet, comentado no capítulo 8.

As respostas do lugar virtual de pesquisa constituído num período de um mês (de março a abril de 2019) são próximas aquelas colhidas nas localidades entrevistadas, a Av. Paulista, no distrito de Jardim Paulista e a Escola Dr. Álvaro no distrito de Sacomã, Zona Sul de São Paulo.

²⁰⁹ A contabilização desse experimento não foi inserida na tabulação geral. Houve uma adesão de 10 pessoas. Extraiu-se uma amostra dos gráficos produzidos pelo instrumento virtual.

O celular é o veículo mais utilizado na lida com a internet. Esse é um fato inconteste apresentado pela amostra, tanto presencial como virtual dessa pesquisa e trabalho de campo.

No experimento da constituição do lugar virtual da pesquisa (Vide Quadro 01), o sujeito foi a pesquisa de tese, as pessoas que aderiram, foram 8 pessoas virtualmente sobre os grupos acima citados. Duas pessoas foram presenciais, do cotidiano da autora da pesquisa.

D) 53. O que lhe leva a acreditar na veracidade da informação que lê?
[poderá marcar mais de uma opção]

10 respostas

Por qual veículo mais usa a internet?

stas

● Celular
● Computador portátil
● Computador de mesa
● Televisão
● Tablet
● Não sabe
● Outro (marcar aqui e redigir na continuação dessa questão)
● Não usa

Qual a sua faixa de rendimento mensal?

stas

● Sem rendimento
● Até 1 SM [Salário Mínimo]
● De 1 a 2 SM
● De 3 a 5 SM
● De 5 a 10 SM
● De 10 a 15 SM
● Acima de 15 SM
● Não sabe

Com qual frequência compra pela internet?

stas

● Semanalmente
● Mensalmente
● Semestralmente
● Anualmente
● Sempre que precisa
● Não sabe mensurar

Quadro 01: Gráficos do experimento virtual. 2019

Fonte: Pesquisa da autora, 2019.

Não se exercitou as táticas para que a postagem sobre o questionário-piloto virtual que também foi um teste sobre o experimento para os tópicos mais acessados, pois há estratégias para a divulgação e para que os algoritmos façam o trabalho de inteligência artificial e coloquem as postagens para que as pessoas vejam ou tenham mais contatos. É esse o trabalho que os robôs fazem ou mesmo as empresas de disparos automáticos ou perfis falsos. Não era, pois, do interesse da pesquisa de campo ter maior número de entrevistados virtualmente.

A faixa-etária foi bem diversificada, mas a partir dos 20 anos, no entanto, a maioria de mulheres com ensino superior completo e com rendimento mais elevado do que na pesquisa de campo presencial. Mas, essas informações possuem filtros, pois dizem respeito à vínculos nas mídias sociais da pesquisadora. Tanto é que, entre as profissões havia 3 geógrafos, dois assistentes sociais, um pedagogo, um historiador e um advogado, outro identificou-se como professor e, outro ainda entrevistado identificou-se sem profissão. Essas pessoas moram entre São Paulo e Rio de Janeiro, e apenas uma em União dos Palmares em Alagoas.

O estudo das mídias sociais se inspirou na teoria das emoções de Sartre (2009 [1939]). A realidade humana diz respeito àquilo que cada indivíduo assume como seu, ela parte da noção de que cada indivíduo é uma realidade, mas segundo o que cada um assume como sua realidade. Por isso foi criado um instrumental que captasse as densidades técnica, informacionais e comunicacionais que os indivíduos acessam na constituição do seu LUGAR-MUNDO.

Então, é um posicionamento interno ou nos dizeres de Sartre (2009 [1939]: p. 23 [grifo nosso]) a “[...] *compreensão não é uma qualidade vinda de fora à realidade humana, é sua própria maneira de existir.*” O LUGAR-MUNDO é essa experiência de constituição a partir da realidade individual e o contato com as características do espaço geográfico distinto por se constituir numa formação socioespacial (país).

A constituição do LUGAR-MUNDO é diferente da recepção de fora para dentro, ou seja, *como faz uma pedra* como alertou Sartre (2009 [1939]). O ser humano é responsável pela sua realidade, o existente pode escolher-se dentro de seu próprio ser, pode ganhar-se ou perder-se, e por essência essa são suas possibilidades.

É por esse caminho que a partir da redutibilidade psicoesfera e tecnoesfera os objetos como signos e as ações estabelecem fronteiras. E, apenas pela consciência ou a maneira como cada um, cada indivíduo compreende sua existência é que as mudanças podem acontecer. Entender esse processo é poder

constituir ou participar dos lugares que se constituem por uma aderência a projetos que lhes prejudica concretamente, mas a adesão é consciente.

A pesquisa de campo, pelos instrumentais utilizados tentou compreender os lugares, circular pelas suas fronteiras. Concretamente, o instrumental não acessou como os lugares se constituem em mudança de pensamento ou de consciência, ou como os lugares aderem àqueles que lhes seduzem sem corresponder aquilo que poderia ser melhor para seu alargamento de visão de mundo ou de vivência. Mas a pesquisa de campo, concretamente, mostra como os lugares se constituem, e como se constituem em resistências às desigualdades, em resistência a sua realidade concreta, como se constituem em LUGAR-MUNDO.

Para resolver esse problema, qual seja aquele de visualizar como as fronteiras entre os lugares são criadas, é preciso construir outro instrumental, o que não foi o foco da pesquisa de tese. Mas se descobriu que há essa fronteira entre os lugares e que o trânsito entre elas é que realmente importa no processo político.

O espectro político da direita soube circular pelas fronteiras dos lugares que se constituem como sobrevivência e constituir lugares com os indivíduos pobres. Ele transitou livremente pelas fronteiras entre os lugares.

Por isso a pedagogia cidadã (SOUZA, 2000b) é fundamental, pois é uma pedagogia dos lugares, é uma atividade de conscientização pela lida com a informação, mas pela lida com as emoções, com a existência. É o aprendizado a partir do contato com a informação, com sua realidade. A pedagogia cidadã ou dos lugares é esse apelo ao pleno uso do território, por isso é ativa e corretiva.

A pesquisa de campo conseguiu captar e mostrar isso. Pelo fato de viver experiências a consciência dos indivíduos pode ser transformada. Mas é sempre uma escolha individual. Pois, “[...] é o *homem que **assume** sua emoção e, por conseguinte, a emoção é uma forma organizada da existência humana.*” (SARTRE, 2009 [1939]: p. 27 [grifo no original])

Mas é uma escolha produzida pela redutibilidade entre psicoesfera e tecnoesfera. Por isso o estudo das suas fronteiras é um caminho de pesquisa

fundamental futuramente. A prática da constituição dos lugares produz uma ética, um hábito, sua consciência é muito importante. É pelo repertório dos sujeitos que constituem os lugares que há mudança de consciência de lugares.

O mapa 28 mostra os distritos abrangidos pela pesquisa de campo na Av. Paulista e no distrito de Sacomã.

Mapa 28 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Distritos abrangidos pela Pesquisa e Trabalho de Campo. 2019

A verdade é que o lugar é uma dimensão e como tal possui profundidade, níveis de densidades ou mediações para suas constituições. Há leitores e sujeitos

bem informados e há aqueles que não o são. As ideias ou ideologias são fontes de alimento ou constituição de lugares advindas da psicoesfera e tecnoesfera. Mas mesmos os sujeitos não informados eles possuem uma racionalidade, eles assumem seus lugares, ou seja, suas ações.

Bem verdade que a denominada guerra dos lugares²¹⁰ possui firmemente lugares bem constituídos e que se alimentam da psicoesfera e tecnoesfera, renovando-se, diariamente. O exército de vigilância nas redes dos seguidores de ideologias é uma prova disso. Nenhum fato contundente os leva a mudar de opinião, a refletir sobre suas práticas.

O que fazer para mudar o LUGAR-MUNDO²¹¹ de um indivíduo? Se ele insiste em permanecer fixo em suas ideais, referindo-se ao exemplo da terra plana, algo que provavelmente falso, essa rigidez do pensamento está fundada em quê? Na constituição dos lugares? Julga-se que sim.

A opinião pública é uma alimentadora das psicoesfera e tecnoesfera. Há muito, ainda, o que se pesquisar e investigar sobre essa questão. Levanta-se essa tese para o prosseguimento das pesquisas sobre o lugar, sobre os lugares. Seria pela dimensão LUGAR-MUNDO que se pode mudar o jogo das manipulações e alienações? A resposta é afirmativa uma vez que como o indivíduo constitui seu lugar em relação ao mundo, como o concebe e como o pratica (age diariamente) o vivência cotidianamente é por onde esses lugares se apegam aos discursos ou as opiniões que decidem seguir. É isso que a tese buscou demonstrar. O que não se sabe, ainda, é como mudar visível e

²¹⁰ Esse termo surgiu pela primeira vez como título de uma mesa redonda criada pela Profa. Maria Adélia de Souza, no Encontro Internacional LUGAR, FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL, MUNDO coordenada a convite dela por Phillip Gunn e composta pelos professores: Embaixador Amaury Porto de Oliveira, George Benko, Ana Fani Alessandri Carlos e Eliseu Sposito. Esse evento, coordenado pelos professores Milton Santos e Maria Adélia de Souza, foi realizado no Departamento de Geografia da USP de 8 a 10 de setembro de 1992. Relata sempre a Profa. Maria Adélia de Souza, que essa era uma expressão que circulava nos ambientes governamentais e que ela, começara a estudar e produzir seu livro, desde então com esse título. Suas funções tanto na universidade quanto nos governos prejudicaram o lançamento do livro, cujo título saiu, ainda recentemente usado por outro autor.

²¹¹ Bom lembrar que esse termo é uma experiência individual entre a constituição dos lugares pelos seus sujeitos e como acolhem o movimento do mundo. Esse se dá através da possibilidade de conexão geográfica, ou seja, local-global pela convergência dos momentos, isto é, a simultaneidade tempo-espaço produzida pela aceleração do tempo. Essas transformações do mundo, que é sinônimo de espaço geográfico no sentido de totalidade social são particularizadas pelas formações socioespaciais, ou seja, pelos países, sendo essa a mediação entre o lugar-mundo.

sistematicamente, mensurando essas metamorfoses. O que faz os lugares se transformarem?

Quando se fala em metamorfose do lugar se refere à consciência dos sujeitos que constituem os lugares. Quando os agentes que constituem e vivem lugares tomam consciência de sua realidade, mudam sua ética. O lugar é uma dimensão complexa, dessa prática cotidiana se constitui consciência, hábito e ética, então, há vários caminhos para se perseguir e observar os lugares.

O filme, “A classe operária vai ao paraíso²¹²”, italiano, mostra uma metamorfose de lugar. Nesse filme, por exemplo, o operário de uma fábrica na Itália era devoto do seu trabalho, orgulhava-se disso, esnobava os colegas de trabalho por ser competitivo, o melhor, servia aos seus patrões como fiel operário, traindo muitas vezes seus companheiros de atividade, não enxergava sua condição, não tinha consciência disso, lutava contra sua classe, desempenhava excelentemente seu papel de torneiro mecânico, mas contrariamente a sua atividade traia os seus parceiros de função.

Somente quando uma circunstância, devido sua alta autoexploração e exploração dele por seus patrões, é que ele toma consciência do seu lugar. Quando perdeu um dedo na máquina que manuseava. Foi quando descobriu que era um objeto explorado pelos patrões, que todos os mimos, elogios e cumplicidades que merecia quando produzia e era exemplo de produtividade foram-lhe negados por estar inútil, imprestável. A saga no filme mostra perfeitamente bem essa tomada de consciência, a catarse como fala Gramsci (1984).

Em verdade as condições de trabalho mudaram atualmente, as relações também, tornando-se ainda mais complexas. Atualmente muitos trabalhadores informais, dos aplicativos de serviços de entrega, *delivery*, nem sabem quem são seus empregadores. A força dos sindicatos parece reduzida. O trabalho domiciliar também altera esse quadro. Atualmente as relações de trabalho se complicaram. Mas ainda vigora o alto nível de exploração e a autoexploração agora mais intensificada, além da base capitalista de exploração pela mais valia. Será que

²¹² *La Classe Operaia Van In Paradiso*. Filme de gênero drama italiano de Elio Petri, 1971.

essa base de relações está em mudança? Nos próximos capítulos discutir-se-á essa questão.

O que vigora ainda hoje é a alienação. Essa alienação das massas contribui para sua manipulação massivamente.

Pode-se falar em trajetória de lugares, de sua manutenção. Os lugares se constituem permanentemente, poderá haver manutenção, mas a mensuração por duração requer mais estudos. Porque os lugares são sempre presente. É possível que pela trajetória se possa exibir melhor a constituição dos lugares como a fórmula física da energia ou do movimento, por exemplo.

Uma pesquisa futura dando prosseguimento ao estudo das dinâmicas dos lugares deverá observar os aplicativos e a produção dos desejos. Eles parecem se configurarem como novos canais comerciais. Como a ciência se ocupa das repetições, das frequências, da mensuração outros instrumentos e pesquisas poderão seguir esse caminho.

O controle dos corpos, a sua vigilância²¹³, a dominação, mas ao mesmo tempo é possível uma contrarreação de resistência e quem sabe de ruptura e liberdade? O fato do objeto celular se tornar uma continuidade do corpo humano, uma extensão que permite vivenciar desde já o Período Popular também se reverte em mecanismos de controle dos corpos. Conforme já foi mencionado também poderá ser a continuidade de pesquisas por meio das fronteiras dos lugares.

Que por sinal a ideia que vem sendo defendida sobre as cidades “inteligentes” ou *smart cities* como sendo uma realidade para o futuro servirá ao bem ou ao mal? Outra questão lançada às futuras pesquisas.

Há desafios, ainda não se conseguiu um debate global. Há paradoxos diante do refinamento tecnológico e o abismo das desigualdades socioespaciais.

A pedagogia da informação, da existência, cidadã, que não é uma teoria universal no sentido de que explique tudo, mas o método totalizante, a teoria, a

²¹³ A guerra dos lugares também poderá ser verificada pela batalha dos *#hashtag* nas mídias sociais. Esse também poderá ser um caminho para futuros instrumentais de pesquisa.

boa teoria sempre terá respaldo ou expressão do movimento do mundo, e pode revelar as repetições.

Essa ideia das cidades inteligentes será o melhor futuro para as cidades? O governo do PT na cidade de São Paulo deu início com o projeto de fechamento da Av. Paulista permite a instalação de dispositivos como os patinetes e as bicicletas que fazem parte dessa ideia de cidade inteligente, mas será esse um projeto de cidade que enfrente as desigualdades socioespaciais?

Observe as fotografias a seguir (34 a 37).

Fotografia 34: Av. Paulista fechada usada por ciclistas.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de mar. de 2019.

Fotografia 35: Av. Paulista fechada e circulação de pessoas.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de mar. de 2019.

Fotografia 36: Av. Paulista fechada para o lazer.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de mar. de 2019.

Fotografia 37: Av. Paulista fechada.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de mar. de 2019.

Em São Paulo há três mundos que praticamente não se tocam entre si. Há o mundo dos ricos que mais que fluem pelo território, sem nenhum esforço para o seu uso realizando-o pela fluidez oferecida pelo meio técnico-científico-informacional. Esses lugares constituídos pelos ricos são os lugares livres, são lugares que vivem o futuro, o futuro das cidades ditas como “inteligente”. A cidade dos aplicativos, da fluidez máxima, esses lugares já vivenciam a cidade do futuro, aquela em que os carros poderão voar... Flusser (2017) alerta que a aparência ou forma do futuro digital na vida humana não é importante, a preocupação deve ser com o objetivo ou a essência da vida no mundo digital sob pena de esvaziamento, escravidão ou superficialidade do ser humano.

Não é do foco desta tese aprofundar a questão das cidades “inteligente”, mas desde já se registra crítica ao termo, pois não é a cidade e, nem seria esse um termo que seja coerente com um projeto para a constituição **dos lugares cidadãos**. Esse é um projeto das empresas e que representa apenas alguns lugares, esses lugares já livres. A disputa entre os lugares deverá assegurar a democracia e não somente a elaboração de políticas que representem apenas os

lugares livres. É esse o debate da política governamental. É importante exibir a divergência para se aprofundar futuramente.

O outro mundo é o intermediário, aquele vivido pelas classes médias e alguns pobres que disputam para constituir os lugares livres. No mundo intermediário o contato entre os lugares livres e os lugares resistentes é mais estreito. Muitos dos indivíduos que trabalham em mansões, em triplex ou nas empresas da Av. Paulista ou Faria Lima transitam e permitem essa aproximação.

No outro mundo aquele dos lugares resistentes, em seu estado bruto o contato entre o mundo dos lugares livres é quase nulo.

Podemos até dizer que há duas cidades em São Paulo, a cidade fluída e a cidade viscosa. Na cidade viscosa veios da cidade fluída a cortam e a isolam aumentando as desigualdades socioespaciais entre elas. Pode-se recordar o mapa 26 da página 278.

No próximo capítulo, ver-se-á os intestinos da cidade viscosa. Uma realidade muito distante da cidade do futuro.

A fotografia a seguir é uma paisagem da cidade intermediária, daquela que é vivida por uma massa de consumidores, de turistas, de trabalhadores.

Uma característica de São Paulo é a sua velocidade, onde a fluidez pode ser acompanhada bem de perto. O movimento do mundo. Entre os arranha-céus, entre os edifícios de condôminos, como na fotografia 1 na página v, entre as marginais, como a do Rio Pinheiros há um mundo veloz que flui, independente, do contexto em que a maioria sofre, miseravelmente, nas calçadas da cidade, expondo a miséria humana provocada pelo capitalismo ou aqueles que disputam entre o córrego, as árvores, nos morros, nos barracos e barrancos, a sobrevivência.

Fotografia 38: Av. Paulista fechada e os consumidores.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de mar. de 2019.

A fotografia 39 mostra as novas formas de ultraexploração dos trabalhadores, os entregadores de comida rápida. Eles alugam as bicicletas das novas empresas que se disseminam pela cidade, como a *Yellon*, e ganham extremamente pouco por cada entrega. O empregador não disponibiliza mais o transporte, tudo é por conta do empregado, somente a mercadoria é do empregador e o logotipo da empresa, obviamente. É algo para se aprofundar nas pesquisas sobre a cidade do futuro.

Fotografia 39: Praça Ramos de Azevedo novos signos do trabalho.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 22 de ago. de 2019.

Quando se refere à pedagogia cidadã conforme idealizou Souza (2000b) como o processo que precisa ser de conscientização no uso das informações para a prática da cidadania, é por meio dele que se pode chegar à constituição dos lugares cidadãos.

Aprimora-se Santos (2014 [1987])²¹⁴ ao invés de espaço do cidadão trata-se do lugar do cidadão, pois não se vivencia espaços, constitui-se lugares, assim como se tem defendido neste trabalho que o lugar é a dimensão do cotidiano, é a alteridade do espaço geográfico.

Para se entender a constituição dos lugares é preciso se saber sobre a constituição do espaço geográfico, que no Brasil se passa pelo estudo da formação socioespacial. Mas não há na realidade concreta²¹⁵ o espaço do cidadão, há os lugares do cidadão, ou o que deveria ser, a constituição dos lugares cidadãos. Ainda estamos longe disso no caso da realidade brasileira. Impossível falar em lugares cidadãos com a dinâmica dos lugares como

²¹⁴ Na época o professor Milton não tinha ainda chegado na revolução que provocou com a Natureza do Espaço e depois com Por Uma Outra Globalização.

²¹⁵ Kosík (1976) se dedica ao estudo do real-concreto.

resistência, lutando pela sobrevivência e dos lugares livres que poderiam ser cidadãos. Mas para tanto é preciso averiguar se seu uso do território se dá mais pelo consumo do que pela consciência dos lugares.

*****Psicoesfera e tecnoesfera: As mídias sociais*****

Segundo Gramsci (1972)²¹⁶ a obra de Dante Alighieri *A Divina Comédia*, marca o fim do período medieval para o início do período burguês, do capitalismo. Defende que é uma obra de ruptura. O mesmo não se pode identificar para a literatura nesta contemporaneidade, não sendo possível ainda listar publicações de livros com esse teor de ruptura das relações sociais.

A produção atual dos livros de literatura, citando mais o caso brasileiro é uma produção de angústia e questionamento de valores. A insegurança disseminada pelo sistema capitalista, uma insegurança no ser, vem sendo problematizada em alguns novos escritores. Um exemplo disso é o livro de Zack Magiezi, intitulado *Estrangerismo*, que fala das angústias das mulheres na busca por se encontrar, escrito em gênero de poesia. Mas, ainda, não possui um caráter de ruptura, pois o livro revela apenas o drama das pessoas para buscar uma liberdade e consciência de si sem serem presas às convenções sociais. Talvez, a criação de Zack Magiezi ainda seja mais em nível de autoajuda, como outros tantos que vêm sendo produzido não apenas em livros, mas filmes e séries.

É diferente de um estilo de literatura mais consagrado, como o período romântico ou realista, quando o texto de Honoré de Balzac - *As Ilusões Perdidas* - assim como aquele de Jane Austin - *Orgulho e Preconceito* - exibem o contexto da sociedade da época e seu conteúdo da exaltação das virtudes.

Com o capitalismo as virtudes passam a ser diluídas pela busca da ascensão social, a valorização do ter ou possuir, do conquistar são maiores do

²¹⁶ “[...] o novo liga-se com o velho e a paixão alcança ai níveis incomparáveis, etc. (não será *A Divina Comédia*, de certo modo o canto de cisne medieval que anuncia os novos tempos, a história moderna?) (GRAMSCI, 1972: p.98)”

que a valorização do ser. Então, essa literatura de autoajuda que muito vem sendo produzida atualmente, pode indicar, ainda, um estilo do período capitalista.

Toma-se como exemplo o livro - *As Ilusões Perdidas* - de Honoré de Balzac que inicialmente conta como um plebeu se tornava proprietário de uma tipografia e, com isso, passava ao zelo da propriedade, obrigando o seu filho a se formar para que o substitua, prosseguindo com a “herança” da família. Um legado conquistado pela “sorte”, pois a ascensão social naquela época era um golpe de sorte.

Não que no capitalismo seja muito diferente, mas certas engenhosidades são mais liberadas no capitalismo, como o próprio mecanismo da dinâmica dialética da história ou como ilusão para alienação e manipulação, como a ideia da loteria, que não surge com o capitalismo em si, na fase de transição do período medieval e mercantilista no Brasil império essa ilusão já existia.

Contudo, na contemporaneidade, ainda não é possível visualizar obras no sentido marcante como o conto do Machado de Assis, *Terpsychore* de 1886. Esse conto mostra os pobres no período do império brasileiro em seu drama e em seus sonhos. Porque o Brasil já nasce mercantil, pois o mundo já se transformava naquela época mostra bem como as classes eram bastante estagnadas. Embora os golpes de sorte sempre ocorressem, em *Terpsychore* a personagem principal Porfírio ganha um prêmio no bilhete de loteria, sendo muito interessante observar a mentalidade da classe pobre da época que genericamente parece não diferir muito da atual.

Esses são elementos do cotidiano da época, muito mais ligado aos livros, aos folhetins, aos jornais impressos. Atualmente, as mídias digitais, sejam livros ou jornais, e os aplicativos também as mídias sociais, são elementos novos no cotidiano.

Conforme visto, os objetos são os agentes da dinâmica do cotidiano e com eles as rotinas e hábitos são produzidos, e, assim, os lugares vão sendo constituídos diariamente. É pelo uso desses objetos que os lugares se constituem.

Os objetos difusores de informação e que possibilitam comunicação e mudança de pensamento, ou seja, mudança na concepção de mundo se iniciou com o registro das histórias pela escrita, passou pela revolução da imprensa com a tipografia, chegando aos livros, que foram um objeto difusor de informação, as fotografias na produção das imagens, as películas na produção dos filmes, ampliando o leque para a complexização dos repertórios dos indivíduos atualmente.

O gráfico 38 mostra o uso das mídias sociais em âmbito global. O portal ou a plataforma digital do *Facebook* é a mais utilizada, possui o maior número de usuários. O uso da internet pelo celular também cresceu vertiginosamente como pode ser visto pelo gráfico 37, a seguir.

Gráfico 37: Mundo: Uso da internet pelo celular.

Fonte: <<https://www.broadbandsearch.net/blog/internet-statistics#post-navigation-2>> Acesso em 07 de ago. 2019

Cada uma dessas plataformas digitais contemporâneas possui um atrativo de interação. Talvez, seja essa a grande diferença entre as antigas e pioneiras mídias como o MSN do Hotmail que era só bate-papo virtual ou mesmo

o Orkut que se configurou por muito tempo como um portal de postagens de fotos e interações, sendo substituído pelo *Facebook*.

No acesso aos vídeos o *Youtuber* é o portal ou plataforma digital mais acessada, e foi comprado pelo Google. *Facebook*, que comprou o *Instagram* (Gráfico 39)²¹⁷.

Gráfico 38: Mundo: Mídia social ou plataforma digital mais popular.

Fonte: <<https://www.broadbandsearch.net/blog/internet-statistics#post-navigation-2>> Acesso em 07 de ago. 2019

²¹⁷ Esta pesquisa de tese abordou os objetos e elementos do cotidiano para compreender a constituição dos lugares. Não se inspirou nesse site dos gráficos a seguir, seu acesso e contato foi posterior, após a realização do trabalho de campo piloto e das correções do instrumento, ou seja, a pesquisa não se inspirou pelos relatórios e dados desse portal citado como fonte dessas informações globais sobre a internet e mídias sociais.

Gráfico 39: Mundo: Plataforma digital para assistir vídeos.

Fonte: <<https://www.broadbandsearch.net/blog/internet-statistics#post-navigation-2>> Acesso em 07 de ago. 2019

Mas, as produções de séries, por exemplo, sejam elas em canais fechados ou abertos, podem trazer conteúdos novos. A série *La casa de papel* questiona o sistema financeiro, a série *Gilmore girls*, repertório ligeiramente banal, versando sobre conflito de gerações exibiu o extremo entre as desigualdades sociais. Em um de seus episódios um namorado presenteia uma das personagens principais com uma bolsa *Birkin*²¹⁸, essa bolsa luxuosa custa o preço de carros de luxo. Isso pode provocar catarse nos indivíduos que pela psicoesfera e tecnoesfera são seduzidos a possuírem um carro; aplicando enorme esforço, beirando a escravidão, presos ao crediário ou às financeiras e seus empréstimos para poder comprar carros. É preciso acompanhar o que o inconsciente coletivo por meio dos movimentos ou dinâmicas da psicoesfera e tecnoesfera estão revelando.

²¹⁸ Os valores da bolsa Birkin são variados, um exemplo é a bolsa Birkin Pelicano que custa em torno de R\$ 100.000.

Um exemplo de que há uma pedagogia da informação pode ser citado com a interação de um canal chamado *Razões para Acreditar*²¹⁹ em sua conta no *Instagram*.

Menciona-se o caso de um jovem do município de Grajaú no Estado do Maranhão que estava vendendo “cremosinho”, uma espécie de soquete em sacos plásticos conhecido também como geladinho; o jovem de 14 anos foi humilhado por um grupo de outros jovens por está chorando ao vender os geladinhos. O menino chorava por talvez se envergonhar de ter que vender os geladinhos enquanto um grupo de rapazes grava um vídeo desse jovem vendedor chorando. Ainda, debocham dele pelo choro e o humilhando com uma cédula de R\$ 2,00.

Esse caso chegou ao canal - *Razões para Acreditar* - que se empenhou na divulgação, como vários dos vídeos de suas postagens. As pessoas se mobilizaram e ajudaram, com doações de diversos tipos, seja dinheiro, ou seja outros recursos, como roupas e alimentos, depende muito do caso. Nesse mencionado como exemplo, a família do rapaz agredido necessitava de tudo! São nove componentes, o garoto, sua mãe e padrasto e mais seis irmãos. As pessoas se mobilizaram e doaram de tudo. A repercussão do vídeo foi tamanha que além de um dos pais dos agressores levar o seu filho para que ele pedisse desculpas, gravou o vídeo desse momento de educação ao seu filho; policiais também foram ao encontro do menino de 14 anos para motivá-lo, dizendo-lhe que não é vergonhoso trabalhar, que eles estavam lá para comprar seus geladinhos.

Bem verdade que as crianças nem adolescentes deveriam precisar trabalhar, deveriam está se formando, com instrução, lazer, esporte, cultura e educação. Sem entrar no mérito da problemática acima descrita, se menciona o fato para exemplificar a pedagogia da informação pela constituição de lugares virtuais, através da pedagogia da existência.

Por meio da copresença e coexistência as pessoas vão tomando consciência da existência do outro, essa é a verdadeira pedagogia da existência. No caso do menino que fora humilhado por outros jovens por que estava chorando enquanto vendia seus geladinhos; pela vergonha em se submeter a

²¹⁹ Esse canal possui contas ou perfis no *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*. Esse canal é uma empresa de mídia social. Com publicação de diversos gêneros.

uma situação que não queria, certamente desejava está jogando bola, brincando, vivendo sua infância e juventude, mas tinha que trabalhar para ajudar a família e os outros jovens o ridicularizaram por chorar; os lugares virtuais, constituídos virtualmente, podem agir fazendo mutirões, como foi o caso demonstrado pela ação do canal *Razões para Acreditar*.

Coforme se demonstrou nos capítulos 3 e 4 a constituição dos lugares pelo desenvolvimento do experimento 3 (Apêndice 4 na página 473), também se exibiu o lugar se constituindo como protesto, como manifestação. O território usado aquele da Av. Paulista no dia 13 de agosto. Com o ponto de encontro no vão do MASP, o evento foi o ato de manifestação em si, a solidariedade, a indignação, a intencionalidade, a pressão e o cessar de cortes na Educação e ciência; o lugar se realizou naquele dia, aconteceu e findou-se ali.

A constituição do lugar, nesse caso, realizada pelo movimento estudantil organizado pela UNE, a participação de sindicatos alertou sobre o processo que ocorre com o governo federal e seu programa de contenção extremada nos setores de educação e ciência. Mostrou-se, então, os elementos para a constituição desse lugar que se realizou naquele dia.

Para os lugares virtuais a essência é a mesma, a única diferença é que o uso do território não é presencial, mas no ambiente digital, virtual. São as plataformas digitais e virtuais por meio das mídias sociais que intermediam a constituição dos lugares virtuais. Lembre-se que os lugares virtuais são realizados pela fusão ou compressão do tempo-espço, uma teleação pela justaposição tempo-espço, podendo haver teletransporte ditigal.

Atualmente, vivencia-se em demasia os ambiente virtual, o debate público vem sendo constituído pelas mídias, praticamente tudo vem sendo realizado por meio dos aplicativos. Há uma infinidade deles. Até para a medicina há projetos de aplicativos que poderão substituir o profissional médico. Essa artificialização da vida, ou melhor dizendo, o aprofundamento do meio técnico-científico-informacional implicará, ainda, em transformações maiores, nas cidades, nas paisagens, nas localidades, na vida das pessoas, e em consequência, na constituição dos lugares.

A descoberta da constituição dos lugares virtuais é uma realidade banal, mas um salto qualitativo para as análises futuras. Porque essa diferença entre o real e o virtual é significativa. As novas guerras são virtuais! E as estratégias de alguns são por não usar as mídias sociais ou controlar o acesso à internet. Tantos países podem se valer dessa tática como os grupos de resistência, como se verá no próximo capítulo sobre esse debate.

Em termos substantivos não há diferença nos lugares constituídos na realidade e aqueles virtuais, depende do conteúdo, das intencionalidades, das solidariedades que os constituem. A única distinção é que a prática política é firmada na presença, no corpo a corpo ou na proximidade pela copresença e coexistência dada pelo ambiente virtual. Em outras palavras, a diferença é pela fusão ou compressão da justaposição tempo-espço, a teleação. A informação é fundamental, mas apenas a pedagogia da informação não resulta, diretamente, em política. Em todo caso, os lugares virtuais podem unir as pessoas e firmar a política, conforme defendido na segunda parte desta tese. A **informação** é a variável principal na constituição dos lugares.

Viu-se que os objetos são **signos**. Por serem signos emitem uma linguagem. É por meio dessa linguagem que os limites entre os lugares se estabelecem, ou seja, há **fronteiras entre os lugares!** O trabalho de campo constatou isso, nos capítulos 3 e 4 pode-se identificar essa **paisagem dos lugares** e, no capítulo 10, foi mencionado que com que roupa vestes se estampa uma paisagem a partir dos elementos da dinâmica que os indivíduos usam para constituir um lugar. São os objetos que por serem signos revelam os conteúdos dos lugares vivenciados pelos sujeitos.

No caso dos lugares se constituindo virtualmente há os sujeitos, mas as fronteiras deles são outras, elas se constituem pelo repertório de mundo dos sujeitos desses lugares se constituindo virtualmente. Já a *fronteira* entre os lugares vivenciados e constituídos diariamente fora do ambiente virtual, entre os sujeitos, tem a ver com os objetos que usam.

Se o indivíduo é um sujeito que constitui lugares valendo-se de maior esforço para usar o meio técnico-científico-informacional e ele se depara com um local edificado para o uso dos indivíduos que podem fluir pelo meio técnico-

científico-informacional, o indivíduo pobre será constrangido e, automaticamente, se paralisará. Um exemplo disso, são os bancos criados nas versões Premium ou personalizados para os ricos. Quem é pobre nem consegue passar pela porta. Os objetos possuem esse poder, são criados para estabelecer as fronteiras entre os lugares. Automaticamente, os lugares se constituem e são barrados entre suas **fronteiras**. E isso tudo no plano da **psicoesfera e tecnoesfera**. São por esses pilares difusores do meio técnico-científico-informacional que as fronteiras dos lugares são estabelecidas. É o verdadeiro e pleno controle dos corpos como estudou Foucault (2014 [1975]), porque não é preciso mais o soldado para executar a ordem, os objetos fazem o serviço, pois são cada vez mais construídos para tal objetivo.

Apesar das mídias possuírem uma dinâmica diferenciada entre elas o que se observa é a formação de monopólios, os antigos monopólios, mas ligados às empresas de comunicação. Longe da defesa acalorada com o uso da internet como Martel (2012) o que se percebe é o contrário do que defendido pelo autor, uma nova guerra e disputa pelo ambiente virtual. A despeito da verificação e exibição do *mainstream* (guerra global das mídias e das culturas) o autor defende que o uso da internet provocará automaticamente uma democratização. Mas não é o que ocorre. São fatos o uso dessas mídias na manipulação e controle das pessoas. Exemplos disso pode-se citar tanto as recentes eleições presidenciais nos EUA como no Brasil e reportagem investigativa as empresas digitais usam a produção de algoritmos que influenciam na disposição de conteúdos nas mídias acessadas pelas pessoas.

As novas mídias do jornalismo independente ainda estão se estruturando. No mapeamento realizado pela Agência Pública²²⁰ de jornalismo investigativo entre novembro de 2015 e fevereiro de 2016 foram contabilizadas 79 iniciativas distribuídas por 12 estados e no Distrito Federal. São Paulo concentra 36 veículos de mídia independente.

Por meio da teoria e método desta pesquisa elaborou-se o instrumental de campo que pode ser consultado no Apêndice 2 (pág. 464) que é a evolução ou

²²⁰ Fonte: Disponível em:< <https://apublica.org/?s=mapeamento+do+jornalismo+alternativo>>. Acesso em 26 de out. de 2019.

correção do Apêndice 1 (pág. 457). Optou-se por anexar as duas versões para que se tenha noção do processo de pesquisa, além do mais, a aplicação do questionário piloto está contabilizada na reflexão e análise. Vê-se que nem a forma do trabalho e nem o conteúdo foram atingidas havendo apenas acréscimos.

Deixa-se escapar algumas nuances importantes, as quais estarão em reflexões e estudos futuros, conforme se mencionou anteriormente em nota de rodapé 213 (pág.319) como se o indivíduo participa de ações que levantam *hashtag* (#) nas suas mídias sociais, por exemplo. Embora se saiba do uso de robôs na guerra da informação pela internet e mídias digitais é importante constatar como os lugares se constituem nessas disputas.

O Gráfico 40 confirma a ampla e plena difusão do meio técnico-científico-informacional pelo uso do celular como o artefato de acesso à internet, a conexão LUGAR-MUNDO.

Fonte²²¹: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

A televisão e as mídias tradicionais vêm perdendo cada vez mais lugar para as mídias sociais e digitais; o Gráfico 41 confirma isso. No Gráfico 42 pode-se constatar que as pessoas, cada vez mais, possuem conta de canal fechado.

²²¹ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 23: Por qual veículo mais usa à internet?

Fonte²²²: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Fonte²²³: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Sobre as mídias sociais os temas mais acessados são diversos e dizem muito respeito a uma nova prática ou conduta ou hábitos da constituição dos

²²² Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 24: Por quais canais acessa mais informações?

²²³ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 32: Possui conta netflix ou de TV/canal fechado?

lugares (Gráfico 43). As pessoas cada vez mais se informam pela internet. Até as escolas pela prática de alguns professores ou profissionais mal formados confundem o ensino com a pesquisa na internet. Os novos hábitos dos lugares não podem ser confundidos com a prática do ensino. Esses novos lugares podem ser usados para incrementar e sofisticar a educação, mas não substituí-la.

Fonte²²⁴: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Os gráficos 44 a 47 exibem a vida ou do trato das pessoas entrevistadas com as mídias sociais as quais participam. Bem verdade que a maioria dos entrevistados não participam de grupos ou movimentos nas mídias sociais que usam. Os temas daqueles que participam de grupos ou movimentos são também diversificados e dizem respeito aos seus repertórios e conteúdos. Mas os grupos e movimentos daqueles que participam também são fontes que ajudam na tomada de decisões pelos seus participantes.

²²⁴ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 42: Quais assuntos mais faz uso no trato com as redes ou mídias sociais?

Fonte²²⁵: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Fonte²²⁶: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

²²⁵ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 43: Faz parte de algum grupo ou movimento nas redes mídias sociais?

²²⁶ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 44: Sobre quais temas são os seus grupos ou movimentos sociais nas mídias?

Gráfico 46: Percentual de entrevistados que tomam decisões considerando os debates nos grupos ou movimentos nas mídias sociais

Fonte²²⁷: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Gráfico 47: Reação do entrevistado diante de uma convocação dos grupos ou movimentos nas mídias sociais

Fonte²²⁸: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

O Gráfico 48 confirma que o uso da internet já é um hábito, qualquer assunto é pesquisado pelos indivíduos. Que também costumam consultar a fonte

²²⁷ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 45: Esses grupos ou movimentos lhe ajudam a tomar decisões?

²²⁸ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 46: Como reage diante de uma mobilização chamada por seu grupos?

das informações que acessam, segundo as respostas dos pesquisados (Gráfico 49). A pergunta que corresponde ao Gráfico 51 comprova que as pessoas entrevistadas não confiam diretamente nas fontes que acessam, que são cuidadosas ou cautelosas na lida com as informações.

Fonte²²⁹: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Fonte²³⁰: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

²²⁹ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 50: Diante de algum acontecimento em sua vida recorre ao navegador para pesquisas sobre o tema?

²³⁰ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 51: Confere as fontes que lê nessas buscas de informações no navegador?

Um dado importante que corresponde ao Gráfico 50, a seguir, é sobre a confiança em algumas pessoas, sobre a fidedignidade das informações repassadas por seus contatos, há pessoas as quais se confia. Embora a guerra da informação difunda muita notícia falsa ela ainda não liquidou com a confiança no outro. E há meios para identificar correntes ou notícias falsas. Percebe-se que é possível também criar uma pedagogia da informação.

Fonte²³¹: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

²³¹Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 52: Há pessoas as quais confia sobre a fidedignidade das fontes quando recebe informações pelas suas redes sociais?

Fonte²³²: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

A ciência ou o conhecimento profissional sobre os assuntos consultados pelos entrevistados, ainda, é considerado como a principal fonte de veracidade das informações (Gráfico 52). O que não significa dizer que novas fontes de conhecimento não estejam surgindo.

²³² Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 53: Sempre acredita nas informações que lê nos navegadores ou mídias sociais?

Fonte²³³: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Um dado interessante sobre a realidade é que o capitalismo dominou parte do imaginário das pessoas com a ideologia das histórias de superação. Histórias como aquelas abordadas pela empresa de mídias e notícias Razões para Acreditar podem ser amplificadas ao invés de reparadas. As histórias de superação legitimam o discurso de que qualquer um pode chegar a se superar. Mas por quanta destruição não se passou a pessoa que “chegou lá”. O justo é que cada um possua uma base democrática formativa e comum para que suas qualidades possam ser desenvolvidas.

Arendt (2003 [1958]) fala que deve haver algo entre o amor e o perdão. Talvez, seja algo sobre reparação como fala Machado de Assis em seu livro Dom Casmuro.

A questão sobre os sonhos (Gráfico 54), a última no questionário (LUGAR-MUNDO) mostra que as pessoas entrevistadas não queriam ser tidas como egoístas, e elencavam sobre um país melhor para todos, mas é uma

²³³ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 54: O que lhe leva a acreditar na veracidade da informação que lê?

questão para resposta subjetiva. No experimento sobre o lugar se constituindo como protesto, esse quesito era sugestivo, pois a política sempre é plural e coletiva. Ao menos a política de grupos ou movimentos. Não a política das empresas.

Fonte²³⁴: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

²³⁴ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 55: Qual tema assistido em vídeos nas mídias sociais lhe sensibiliza?

Fonte²³⁵: Pesquisa da autora, 2019. (Trabalho de Campo).

Por isso que questões como ser realizado na profissão ou ver os filhos crescerem, são aquelas que mais correspondem aos sonhos de cada pessoa. Evidentemente, mostra também que as pessoas pesquisadas querem que outros brasileiros tenham condições de dignidade. Esse processo pode estar ligado à pedagogia da existencia e ao Período Popular da História.

São detalhes pertinentes, mas pela complexidade de se investigar os lugares passaram sem o cuidado devido ao tempo e processo desta pesquisa. Entretanto, o material analítico nos garante algumas mensurações significativas sobre a constituição dos lugares.

Observando a linguagem dos indivíduos pode-se avaliar a maior ou menor complexidade na concepção de mundo e da cultura (GRAMSCI, 1972). Esse repertório é fundamental para compreender a constituição dos lugares e a relação LUGAR-MUNDO. Os lugares nesse período, mas, sobretudo, no vindouro sempre possuem o dado do mundo, uma relação não mais de sobreposição, mas de justaposição como assegura Souza (1993), ou seja, as realidades estão cada vez mais próximas, vizinhas, instantâneas.

²³⁵ Questionário Experimento 1: Lugar-Mundo – Pergunta 71: Quais seus sonhos?

“Não é o <<pensamento>>, mas aquilo que se pensa, o que realmente une ou distingue os homens.” (GRAMSCI, 1972: p. 84). Sartre (1967: p.16) também adverte para a forma como as pessoas concebem o pensamento, ou seja, sua experiência de mundo “[...] não são as idéias [sic] que modificam os homens, não basta conhecer uma paixão pela sua causa para suprimi-la, é preciso vivê-la, opor-lhe outras paixões, combatê-la com tenacidade, enfim, trabalhar-se.”

Por isso defende-se que as mudanças ocorrem pela experiência do LUGAR-MUNDO, vêm justamente de como as pessoas concebem o pensamento. Não é apenas saber, pois, que são exploradas ou trabalhadoras, é mais do que isso, é pela pedagogia da existência que as transformações podem ocorrer.

Esse capítulo discutiu, pois, o âmago da teoria do lugar! Uma vez que as emoções além das metamorfoses dos lugares também podem ser responsáveis pela prática da política.

O próximo capítulo exibirá a descoberta da constituição dos lugares como resistência orgânica às desigualdades, uma das grandes revelações do processo de pesquisa desta tese, pois, comprovará que a teoria do Período Popular imaginada nos idos de 2000 por Santos (2011 [2000]) é verdadeira. Também, comprova as elucubrações de Souza (2005) quando desenvolve a teorização sobre os lugares se constituindo como resistências às desigualdades socioespaciais, incrementando-a com a descoberta do processo orgânico de constituição desses lugares, conforme se verá a seguir.

CAPÍTULO 12 – A anarquia dos Lugares

Não importa! A liberdade É como a hidra, o Anteu. Se no chão rola sem forças, Mais forte do chão se ergueu... São os seus ossos sangrentos Gládios terríveis, sedentos... E da cinza solta aos ventos Mais um Graco apareceu!...

Castro Alves. Pedro Ivo, Espumas flutuantes, 1870.

Quando se fala em anarquia dos lugares é devido ao seu próprio caráter, de que os lugares são anárquicos. Anarquismo é governo de si próprio e reconhecimento do outro. A justiça deve ser tomada em consciência do indivíduo com a dignidade da pessoa, do próximo como sendo a sua própria pessoa. Em outras palavras, é um grau profundo de consciência de si, mas ajustada à consciência do outro, à consciência coletiva. É o grau de liberdade máxima do sujeito, uma liberdade que sempre considerará o outro, daí a noção de coletivo sem anulação do seu individualismo²³⁶.

Como foi visto no capítulo primeiro desta tese, o lugar é uma alteridade do espaço geográfico. Por ser o outro, uma entidade, uma dimensão, o lugar é fugaz. Daí se designa seu caráter anárquico. É impossível governar os lugares, pois sua anarquia é ingovernável. Os lugares são sempre experiências, vivências, *espaço do acontecer solidário*, dando-se no presente, pulverizando-se com seu uso e sua constituição. O próximo capítulo tratará da pedagogia cidadã e existencial

²³⁶ “Doutrina segundo a qual o indivíduo é a única realidade, que deve ser absolutamente livre e que qualquer restrição que lhe seja imposta é ilegítima; daí a ilegitimidade do Estado.” (ABBAGNANO, 2018: p. 62)

propostas por Souza (2000b), Santos (2014 [1987]) e a pedagogia revolucionária de Saviani (2018 [1983]).

Outro imperativo da anarquia dos lugares é sua condição de dimensão do espaço geográfico. Lembre-se aqui que o lugar é um *tempo espacial do cotidiano* (SANTOS, 2009 [1996]), lugar é verbo da geografia, o **lugar é a ação humana** como defendido nesta tese.

Todo e qualquer lugar constituído é político em sua essência, sua qualificação é dada pela característica do acontecer e da solidariedade. Porque, lugar é ação. A ação é sempre pontual, usa sempre o local, acontece sempre num local, mas se exaure no presente. Não há permanência de lugares o que há são atualizações ou mutações. Por isso a pedagogia é um caminho para constituir lugares conscientes de sua condição de classe social ou de sua posição. Por isso, se criticou o *Espace et Politique* de Lefebvre (1972) pois o lugar é política pura se realizando!

Um caminho para se aprofundar no estudo da dinâmica dos lugares é o conhecimento da existência que é sempre uma expressão da liberdade segundo Sartre (2015 [1943]). Outra discussão desenvolvida na filosofia por Heidegger (2015 [1986]) sobre presença e temporalidade deve ser considerada.

Fonseca (2004) versa sobre a subutilização da cartografia pela geografia. Ainda, Fonseca e Oliva (2008) argumentam que a geografia precisa de instrumentos cartográficos de comunicação e que a renovação instrumental precisa acompanhar a teórica. Contudo, das inovações técnicas sugeridas pelos autores citados acima, tem-se dúvidas que representem ou acompanhem as revoluções teóricas, como as anamorfoses, por exemplo.

O mapa 29 a seguir traz um exemplo de anamorfose para o acesso à internet por unidade da federação do Brasil em 2016. Será que a distorção do fundo geométrico do plano das coordenadas geográficas pelo dado mais relevante, no caso o número de usuários que acessavam a internet em 2016, faz disso uma revolução técnica? Ou melhor, essa distorção se dá dessa maneira na realidade?

Mapa 29 – BRASIL: Anamorfose dos usuários de smartphone. 2016.

Fonte: IBGE (2016b).
Organização: Mait Bertollo.
Elaboração: Hervé E. R. Thery.

Fonte: BERTOLLO, 2019: p. 149.

As anamorfoses são elaboradas pela deformação do fundo geométrico base da elaboração dos cartogramas que sem sua forma tradicional, histórica ou social, limites ou fronteiras são distorcidos pelos dados que mostram a força e intensidade de algumas variáveis. Mas isso significa que os lugares se constituem com consciência disso? Ou melhor, isso significa que alteração de formas de representação de dados representam os lugares em si, ou mesmo outras manifestações do espaço geográfico?

Os mapas são sempre representações da realidade, em verdade, são criações. Mas os limites e as fronteiras são reais. As coordenadas geográficas são reais. Foram traduzidas para uma linguagem. É uma educação a leitura dos mapas, saber identificar os territórios que se vive. Ter consciência da leitura dos territórios é um alargamento do conhecimento de que muitos brasileiros não têm acesso.

Muitos indivíduos não possuem consciência das formas das fronteiras e limites de estados ou municípios de um país, por exemplo. Mas entre países a situação muda de contexto. A depender do estudo que se realize sobre a realidade e seus métodos de abordagem as sofisticações técnicas ou tecnológicas possam ser solicitadas e requeridas.

Sem sombra de dúvida, a imagem da anamorfose revela a densidade da informação, qual seja o acesso à internet, mas não difere de um mapa de fundo geométrico como o próprio mapa 27 (pág. 294) de origem do mesmo trabalho.

A crítica de Fonseca (2004) é inválida, pois os mapas sempre foram utilizados no trabalho dos bons geógrafos; não sendo naturalizados e tampouco subutilizados. A práxis dos geógrafos requer cartografia! A forma dos trabalhos geográficos tem por base a cartografia, a metodologia dos trabalhos geográficos se vale da cartografia. Dos clássicos até os dias de atuais, referindo aos geógrafos competentes, a cartografia faz parte prática da linguagem geográfica. O pensamento geográfico versa sobre o mundo, a representação cartográfica é uma linguagem imprescindível.

Bem verdade que a crítica que Fonseca (2004) faz talvez seja aos geógrafos que dispensam um instrumento tão valioso como os mapas. Mas seu estudo se direcionava à renovação da geografia pela teoria da Geografia Nova, tendo como líder o geógrafo Milton Santos. De fato, alguns trabalhos dessa escola não o utilizam, mas não são apenas alguns dos geógrafos praticantes dessa escola ou aqueles que citam a obra do prof. Milton Santos sem saberem usar a teoria negligenciam os mapas. O problema é outro ligado à crítica do não enfrentamento epistemológico da Geografia. Mas essa é outra questão que foge aos interesses desta tese.

Jamais o avanço de instrumentos substitui as teorias, pois não são equivalentes. O avanço técnico e tecnológico pode auxiliar a representação, apenas isso. Somente o avanço teórico traz sofisticação, revisão ou superação de teorias. A técnica e tecnologia não os substituem ou equivalem a

teoria. O mapa sofisticado²³⁷ não equivale a uma nova teoria, logo do conhecimento. Ele poderá auxiliar na leitura ou exibição da realidade, nada mais. O mapa não substitui a teoria, ao contrário, é elaborado a partir dela.

Impossível cartografar algo móvel, que se atualiza diariamente ou que se finaliza num instante. Contudo, os mapas podem servir como argumentos, como ilustrações, como imagens, como instrumento técnico do método.

Então, como abordar a anarquia dos lugares?

O esforço do método e metodologias desta tese sugerem um caminho. O retorno das paisagens como um instrumento de exibição de instantes de um lugar. O capítulo 4 mostrou um experimento realizado por essa pesquisa de tese. Além das paisagens, os mapas podem ser utilizados como argumentos para contextualizar a dinâmica dos lugares e exibir seus perfis. Os mapas podem através dos usos do território, contextualizar e contribuir para a compreensão dos perfis da constituição dos lugares. O capítulo 5 exibiu isso.

Mas há um mundo novo a ser desvelado! É preciso se debruçar sobre ele sob pena de saber acompanhar a guerra dos lugares. Um dado interessante do período e meio técnico-científico-informacional é a divulgação de notícias falsas, as chamadas *fake-news*, como foi visto sua utilização como instrumento ou arma nas eleições presidenciais do Brasil nos capítulos 7 e 8. Além desse debate, que não é novidade para a prática política, o dado novo é a negação da ciência.

Os lugares se constituindo como resistências, sobretudo a resistência crua, espontânea, tal como os moradores de ruas, que revelam uma racionalidade mais arguta às pessoas, às emoções.

A cartografia das pessoas em situação de rua, que moram ou mendigam nas ruas da cidade é instável. Há locais mais utilizados segundo as estratégias desses lugares e os usos do território por eles. Talvez, uma cartografia mais em termos de quadras municipais possa detalhar as dinâmicas da ocupação ou

²³⁷ A despeito da possibilidade de anamorfose, ela nem sempre poderá ser usada para o tipo de abordagem sobre os lugares, dependerá muito do problema e do método da pesquisa, porém uma coisa é certa, a anamorfose em si não resolve a discussão do meio técnico-científico-informacional.

movimento da constituição dos lugares pelos sujeitos que moram e mendigam nas ruas da cidade.

*****Os lugares como resistência pura ou bruta*****

Esse momento foi extraordinário. Eu estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas, no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir; eu compreendia a Náusea, possuía-la. A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora seria fácil colocá-las em palavras. **O essencial é a contingência.** O que quero dizer é que, por definição, a **existência não é a necessidade.** Existir é simplesmente *estar aqui*; os entes aparecem, deixam que o *encontremos*, mas nunca podemos *deduzi-los*. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. **Tudo é gratuito:** esse jardim, essa cidade e eu próprio. Quando ocorre que nos apercebamos disso, sentimos o estômago embrulhado, e tudo se põe a flutuar como na outra noite no Rendez-vous des Cheminots: é isso a Náusea; é isso que os Salafrários – os do Coteau Vert e os outros – tentam esconder de si mesmo com sua ideia de direito. Mas que mentira pobre: ninguém possui o direito; eles são inteiramente gratuitos, como os outros homens, não conseguem deixar de se sentir demais. E em si mesmos, secretamente, *são demais*, isto é, amorfos e vagos, tristes. (SARTRE 2015 [1938], p. 148-149 [grifos em itálico no original; grifos em negrito nosso])

Da ideia de Sartre (2015 [1938]) sobre a existência reforça-se a ideia da resistência, ou seja, insistir em existir. Nas palavras de um dos membros do Grupo, Coletivo ou Posse de Hip Hop Poder e Revolução, que será estudado no subitem seguinte, constata-se que “*resistir é suportar, lembra da personagem do filme Rock que apanhava e apanhava, você sabe, acho que deve saber mais do que... que a resistência é suportar, aguentar*”.

As pessoas que estão em situação de rua são bastante estudadas, citamos o estudo de Roldão (1999) e Yázigi (2000)²³⁸. “*Viver na rua significa, do ponto de vista da saúde, ter muitos problemas de pele e infecções* (YÁGIZI, 2000: p. 229).” Existem diversos casos sobre as pessoas que estão mendigando; há trabalho de ONGs (Organização Não Governamental) ou OS (Organizações sociais), como movimentos religiosos que possuem ações de assistência social. Além dos trabalhos que são realizados pela prefeitura municipal.

Os lugares constituídos por essas pessoas são totalmente diferentes daqueles indivíduos que despendem, maior ou menor, esforço para usarem o meio técnico-científico-informacional. Esses lugares expressam com muita clareza e dureza aquilo que Santos (2011 [2000]) enxergou como os Homens pobres e lentos. É uma categoria muito interessante para se enxergar a profundidade da intensidade das desigualdades socioespaciais.

Dessa maneira, os homens pobres e lentos, alguns deles miseráveis, como se esta abordando nesse capítulo, possuem outra racionalidade para a lida com o mundo. A depender do nível de violência - expresso pelo meio técnico-científico-informacional em sua escassez ou a exclusão dessas pessoas pelo sistema social que o cria (o meio) - os indivíduos enlouquecem. São chamados por Deleuze e Guattari (2011 [1973]) de *corpos plenos sem órgãos*, ou seja, são os processos esquizofrênicos como entidade clínica. Pois, todo o sistema capitalista provoca esquizofrenia, o que levou Santos (2011 [2000]) a falar em território esquizofrênico. Mas há a esquizofrenia clínica, que são os casos da loucura total, da perversão, da total falta de sensibilidade com o outro e com a realidade. É a morte em vida.

A grande linha chega ao corpo sem órgãos e aí, ou passa o muro e desemboca nos elementos moleculares onde ela devém na verdade o que já era desde o início, processo esquizofrênico, puro processo esquizofrênico de desterritorialização; ou então, ela emperra, salta, recai nas territorialidades mais miseráveis do

²³⁸ Roldão (1999) aborda algumas entrevistas sobre o cotidiano no metrô de São Paulo na estação do Brás e assim aponta essas questões sobre o assistencialismo e ação das igrejas com os mendigos. Enquanto, Yázigi (2000: p. 227-235) mostra com mais intensidade o drama dos “*degradados filhos de Eva*”, sobretudo a perversidade da vida das crianças de rua!

mundo moderno, ordenando-se no conjunto asilar da paranoia e da esquizofrenia como entidades clínicas, nos conjuntos ou sociedades artificiais instaurados pela perversão, no conjunto familiar das neuroses edipianas (DELEUZE; GUATTARI, 2011 [1973]: p. 372 [Grifo nosso]).

Esse processo de desterritorialização o qual abordam os autores, acima citados, não diz respeito à análise geográfica em seu sentido efetivo, pois a alienação ou a loucura clínica deve ser abordada por meio da dinâmica dos lugares. Deleuze e Guattari (2011 [1973]) estão preocupados e analisam um processo psicológico no capitalismo, ou melhor, a constituição das mentalidades no sistema capitalista que, por si e em si, produz esquizofrenias.

Vale ressaltar que a esquizofrenia clínica da loucura total e da perversão pode acontecer em qualquer classe social, com qualquer indivíduo, seja rico, pobre ou miserável. Não são apenas alguns mendigos ou miseráveis que podem enlouquecer, muitos dos que moram ou mendigam nas ruas têm medo daqueles que podem agredi-los, sejam outros mendigos, ou sejam pessoas de outras classes sociais que também pela loucura total ou clínica, agem violentamente contra esses sujeitos que estão em situação de rua.

Nem é preciso comentar os casos de mendigos mortos ou agredidos por pessoas de classes sociais mais abastadas, geralmente classes médias. Uma das entrevistadas, em situação de rua, alega o medo de dormir nas ruas. A maioria dos entrevistados mencionou o medo do outro, seja ele em situação ou não. Apenas um dos entrevistados não citou ou fez referência a esse medo. O caso dele revelou que pode haver mais pessoas com a sua mentalidade, de total rebeldia com relação à sociedade.

Nosso experimento de número 2 (Apêndice 3 na pág. 472) se constituiu na realização de entrevistas com pessoas em situação de rua. No total, somando o trabalho de campo piloto (testes dos instrumentos de pesquisa) ao trabalho realizado no dia 22 de agosto de 2019 contabilizou-se cinco entrevistas, foram três homens e duas mulheres entre a faixa etária dos 40 aos 60 anos.

Das entrevistas se constata que a realidade do morador de rua ou de mendigo é muito cruel e perversa. É gerada pela agudização das desigualdades

socioespaciais. Desde a Idade Média, há mendigos nas portas das igrejas. Há sempre uma lógica e estratégia para a seleção dos locais de mendicância. Contudo, no caso da intensificação das desigualdades socioespaciais fica provado que os regimes de governo interferem, diretamente, na vida com a realidade dos mendigos.

Diferentes formas de governo ou ideologias de governo são mais ou menos sensíveis às mendicâncias. Esse fato foi interpretado a partir dos depoimentos dos entrevistados.

O papel das igrejas e ONGs é também de assistencialismo e, assim, como algumas políticas governamentais mais sensíveis aos mendigos, apenas amenizam o problema. Contudo, a realidade passa a ser mais temida por eles quando governos praticam políticas que podem ser mais opressivas aos moradores de rua ou mendigos.

A série de fotografia de 40 a 42 expõe as formas de usar o território como abrigo de maneira precária ou rebelde. Em si essa é uma resistência pura e dura, pois resistir é suportar agressões, aguentar até o fim da vida ou até que algo possa ser feito para saírem de tal situação.

Fotografia 40: Praça República com secretária da educação e uma forma de uso do território como abrigo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 22 de ago. de 2019.

Fotografia 41: Vale do Anhangabaú as formas de uso do território como abrigo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 22 de ago. de 2019.

Fotografia 42: Vale do Anhangabaú as formas de uso do território como abrigo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 22 de ago. de 2019.

No inverno, período do tempo cósmico mais frio na cidade de São Paulo é possível verificar dois tipos de objetos utilizados frequentemente por eles: as mantas de algodão, geralmente cinzas, e as barracas de acampamento daqueles que conseguiram essa proteção.

Dos cinco entrevistados apenas um não mencionou o medo da violência contra eles em situação vulnerável, nas noites, dormindo pela cidade. Mas são unânimes em recusar o Abrigo da Prefeitura Municipal. O medo e a repulsa eram automáticos. Deve ser uma realidade muito cruel e, mais vulnerável do que a própria rua, essa dos antigos albergues municipais.

Conforme vários estudos que se aprofundam na questão da mendicância ou da moradia nas ruas são, o perfil dessas pessoas é diversificado. A questão das drogas, conflitos familiares por diversos motivos, ações de despejo do aluguel de moradia são apontadas como as principais causas que levam alguém à situação de morador de rua. Não foram abordados esses pontos, ainda que na entrevista se tenha perguntado sobre como chegaram à condição de moradores de rua. Alguns não responderam à questão, outros tangenciaram.

Nos cinco casos abordados, as circunstâncias que os levaram à morar nas ruas foram diversas, mas nenhum usava drogas. Pois a técnica profissional da pesquisa se direcionava na abordagem daqueles que estavam sóbrios. Porque o objetivo era a compreensão dos lugares se constituindo como resistências às desigualdades, ainda que uma resistência crua ou a mais pura das resistências, no sentido de que as técnicas e a engenharia para produzir o abrigo são muito rudimentares. Assim, improvisam o seu uso do território para abrigar-se, resistem cruamente. E constituem uma paisagem da perversidade das desigualdades socioespaciais como vimos, principalmente nas fotografias 40 e 42, acima.

Tentou-se abordar mais duas pessoas que reagiram agressivamente. Era a loucura em estado bruto. Enlouquecer numa situação dessa é muito fácil. A primeira pessoa, uma senhora, na primeira abordagem gritou: *“Me deixe em paz! Não quero falar com ninguém!”* A outra, também uma senhora, foi ainda mais violenta. Não deviam ter mais do que 50 anos cada. A violência de quem é violentado pelo sistema é dramaticamente hostil e bárbara, a loucura é o mínimo de consequência.

Essa loucura provocada pela condição de moradoras de rua demonstra a sua animalidade. É perversa e violenta demais essa realidade.

Há ação governamental com técnicos de recenseamento e abordagem para inserção dessa população em programas municipais. Mas, ao mesmo tempo, o governo da cidade pela administração eleita Dória, entre 2017 e 2018, seguida pela atual administração do prefeito Bruno Covas parece existir uma política contrária ao acolhimento dessas pessoas e sinistra. É o que os entrevistados chamaram de *“rapa”*²³⁹. Além de se preocuparem com a violência de terceiros também se preocupam com a violência física que pode vir do governo. Segundo as palavras de um entrevistado *“desce a porrada, chegam batento”*.

Muitos dos entrevistados tentam permanecer conscientes, possuem suas estratégias de sobrevivência. Desejam sair das ruas; foram 4 dos entrevistados

²³⁹ Expressão utilizada por mais de um entrevistado quando mencionam agentes da prefeitura que durante o período da noite recolhem seus cobertores de forma agressiva, quando não jogam água ou outros tipos de coerção para expulsá-los do local onde dormem.

que aludiram a essa esperança. Um deles, inclusive, possui uma estratégia de pagar diárias de R\$ 25,00 num edifício no centro, que aluga quatinhos. O inquilino decide se o pagamento do aluguel é diário ou mensal, havendo um abatimento no valor total por mês.

Esse senhor muito lúcido começou a trabalhar na rua nos idos de 1969 como catador de papelão, dormindo debaixo da carroça de papelão. Para esse senhor é melhor pagar esse quatinho do que dormir na rua. Sua estratégia é mendigar para pagar seu aluguel. Esse senhor estava tratando de suas doenças pelo SUS e também recebe um auxílio que ajuda no pagamento do aluguel. Segundo ele, esse auxílio é recebido pelo antigo (INAMPS)²⁴⁰ que é como o identificou, mas é um auxílio do governo federal. *“É muito perigoso ficar nas ruas à noite, de madrugada, pode levar um chute, ou roubam, me roubaram meu chileno, já foram três vezes que me roubaram, minha sandália havaiana fica sempre aqui porque já me roubaram”*.

Apenas um dos entrevistados revelou outro lugar desconhecido até então, da total rebeldia. Nasceu nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, na Candelária: veio para São Paulo trazido por sua mãe que decidiu regressar ao Rio deixando-o em São Paulo ainda adolescente, mas de lá ela não voltou mais. Em resposta a sua vivencia nas ruas: *“Não vou dizer que é ruim nem que é boa, porque ruim não é não, tem dia que ninguém te dá nada e você tem que ir procurar e comer às vezes as coisas do lixo, muitas vezes dão comida que às vezes sobra, que você não consegue nem comer, é assim...”* Ele só esteve em albergues quando estava doente.

Sua rebeldia, talvez, tenha se dado por nunca ter tido uma experiência diferente da condição de morador de rua. O primeiro entrevistado já trabalhou na Venezuela como limpador de cascalho, depois voltou para o Brasil. Esse segundo entrevistado não foi tão sincero. Afirma ter aprendido a ler e escrever nas ruas. Mas o que ficou mais emblemático foi sua total rebeldia em querer permanecer morando nas ruas. Entretanto, não é viciado em drogas, não bebe álcool, às vezes fuma cigarro. *“Não quero sair da rua, nunca quis... não estou nas ruas por*

²⁴⁰ Deve ser uma aposentadoria, até mesmo por invalidez, uma vez que o INAMPS não existe mais.

falta de oportunidade não, tô na rua porque quero [...], gosto da rua, não quero viver preso com nada ... moro onde quero vou para onde quero.”

O terceiro mora há mais de 20 anos nas ruas, não tem mãe e nem pai, nasceu em albergue e afirmou possuir apenas o vício do alcoolismo. E, a quarta entrevistada faz mais de 10 anos que mora nas ruas com seu filho, migrou de Minas, de Belo Horizonte, veio para São Paulo aos 13 anos de idade; já morou em casa.

Uma peculiaridade foi que as duas mulheres entrevistadas afirmam que passaram a viver nesta situação de moradoras de ruas por causa, inicialmente, de desentendimentos com a família.

A quarta entrevistada recebe auxílio do bolsa família e está cadastrada pela prefeitura esperando ser contemplada, pelo que chama de auxílio do *autonomia* ou *família*²⁴¹.

Entretanto, a regularidade identificada é a estratégia para não se envolverem com as drogas. A maioria dos entrevistados afirmaram ter documentos, apenas o rebelde total diz não possuir.

A consciência política de uma das entrevistadas foi uma surpresa. *“Aquele prédio ali ao lado por que não dão para gente? Se o Haddad estivesse ou o Lula nós já tava dentro desse prédio ali oh... por que que as pessoas votaram no Bolsonaro, Bolsonaro não quer saber nada da vida não fia, Bolsonaro quer ganhar, quer embolsar o dele e nós oh ... o rapa não tá vindo por causa do frio, depois que acabar o frio toda noite tá aqui.”*

A última entrevistada é uma peruana que chegou ao Brasil em 2017. É assistida pela irmandade da Igreja Nossa Senhora da Archiopita. Sobre a estrangeira, em suas falas já se percebe a mistura dos dois idiomas, o espanhol, de sua pátria, e o português, brasileiro.

²⁴¹ É um programa de cadastramento das pessoas que moram nas ruas para destiná-las a um programa de habitação popular. Esse tipo de política não é recente, segundo também a entrevistada que disse já ter morado em uma casa por esse tipo de ação governamental.

“Meu papai dizia: quando vais a um país irmão não interessa a raça nem a cor, nem o bolso, interessa que sejas decente, sincera, ainda se aprende, porque querer amar o próximo não é pecado”²⁴².

É interessante observar que as políticas para acolhida de estrangeiros ou mesmo moradores de rua devem ser urgentes e emergenciais. A fala da estrangeira é muito pertinente. As pessoas que estão nessa condição precisam com urgência de atenção e de cuidados e não de discursos políticos conjunturais brasileiros. Elas precisam de objetividade!

“Fui estudar mas o que aconteceu não gostei do professor porque eu sou direta para falar e às vezes não me meço, eu havia ido estudar para aprender a escrever e ler, e ele começa a falar de Lula de não sei quê, te metem política, e eu não gosto de política, meu papai me dizia sempre: tens que aprender o bem e o mal da vida [...] fui falar ao professor ‘dá licença você fala uma merda’, que Lula ... a mim que interessa em todo país roubam, em minha pátria também roubam [...] ‘quero aprender a falar e quero’ aprender a escrever”²⁴³.

Angustiante constatar o drama no município de São Paulo onde a população que mora nas ruas aumenta todos os anos. Os mapas a seguir, de números 30 e 31, exibem essa perversa realidade. O distrito de Santa Cecília, na região do centro antigo, possui 6% da população de mendigos com relação à população total do distrito recenseada no ano de 2010.

²⁴² “Mi papá decía: cuando tu vés a un país hermano, no interesa, la edad, ni la raza, ni el color, ni el bolsillo, interesa ser decente, sincera, todavía aprendes, porque querer amar a tu prójimo no es pecado” [Tradução nossa]

²⁴³ “Fue estudiar pero o que acontece no me gustó el profesor porque yo soy directa para hablar a veces no me mido, yo había ido a estudiar para aprender a escribir y leer, y él empieza a hablar de Lula de no sé que, te meten política, y a mí a política no me gusta, mi papá me decía siempre: tienes que aprender lo bueno y lo malo de la vida [...] fué falar ah profesor ‘dá licença você fala uma merda’, que Lula ... a mi que me interesa en todo país roban, en mi pátria también roban [...] ‘quero aprender a falar e quero’ aprender a escribir.” [Tradução nossa].

Mapa 30 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Total da População Moradora de Rua por Distrito. 2015.

Mapa 31 – MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: Percentual da População Moradora de Rua por Distrito. 2015.

Desenhou-se o trajeto para os locais de realização das entrevistas (vide mapa 32 a seguir), mas para os lugares são as trajetórias, suas dinâmicas, sua sintaxe territorial inspirada por Foucault (2016 [1966]).

É preciso lembrar que a sintaxe territorial desses lugares se constituindo como resistências às desigualdades socioespaciais pode ser assim resumida: seus sujeitos são os mendigos, moradores de ruas; o verbo é o lugar em si, a ação de morarem nas ruas e mendigarem, fazendo uma analogia com os objetos diretos ou indiretos ou o predicativo da gramática portuguesa na sintaxe territorial dependerá das solidariedades.

*****Os lugares como resistência orgânica*****

O coletivo Poder e Revolução o nome original e ainda usado é Posse²⁴⁴ Poder e Revolução surgiu em 1999, há 20 anos! Exatamente quando o Professor Milton Santos estava para publicar sua última obra com seu estilo e vigor, *Por Uma Outra Globalização*.

Desde 1979 com o livro *Por Uma Geografia Nova* que Milton Santos se dedica sobre as reflexões do lugar. Essa escola a qual este trabalho se vincula, mas sobretudo a escola de Geografia Renovada pela leitura da Professora Maria Adélia de Souza que prossegue na revisitação e revisão da teoria da Geografia Nova, mas o conceito de Lugares como Resistência é criado por Souza (2005).

Esse grupo Posse Poder e Revolução é a prova cabal da originalidade da teoria de Milton Santos, pois sua intuição estava em sincronia com a realidade instantaneamente. Santos (2009 [1996]; 2011 [2001]) teorizou sobre a força dos de baixo, do movimento de conscientização do homem o qual chamou de Período Popular da História.

O Posse Poder e Revolução se constituiu justamente da catarse da sua vida cotidiana, da constatação de que na realidade há uma política de Estado para o extermínio dos pobres. Sabe-se que a maioria dos pobres possui a cor da pele preta, sobretudo nas favelas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, o extermínio dos pretos é notado por todos. Alguns negam a realidade, é um mecanismo de defesa psicológica ou também propósito de alienação pelo meio técnico-científico-informacional, como vimos no capítulo anterior, na constituição de lugares autômatos.

A singularidade do grupo Poder e Revolução é que se trata de uma ação mais consciente de classe, lugares que se constituem para a conscientização de classe. A fotografia 43 registra onde é realizado o cursinho de preparação de

²⁴⁴ Posse é um termo de movimento do hip hop que possui 5 elementos: o grafite, o rapper, o conhecimento do local. Eles valem-se do termo coletivo porque foi uma expressão banalmente popularizada. Ainda que seja uma expressão interessante do ponto de vista da ideia de coletivo, de grupo, de um movimento com apelo ao coletivo em contrarrazionalidade ao apelo individualista do período técnico-científico-informacional regido pelo capitalismo, muitos coletivos desempenha uma ação mais artística, embora a arte seja um motor de transformação e será, como defendemos no próximo e último capítulo um dos pilares do novo período histórico, o popular!

jovens e adultos para a prova de supletivo, o Encceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) e para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) no distrito de Sacomã.

Fotografia 43: Escola Estadual Dr. Álvaro de Souza Lima na Rua Memorial de Aires, distrito do Sacomã, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Nesta escola foi realizada uma etapa do trabalho de campo no dia 24 de agosto de 2019; era a última aula do cursinho para a realização da prova do Encceja que seria no dia seguinte. A própria escola também seria uma daquelas que receberia candidatos nessa avaliação de supletivo para a titulação no ensino fundamental e médio.

A escola sempre é aberta aos finais de semana. Além de acolher o cursinho, nesse dia, houve a apresentação de uma ópera. O Programa Ópera²⁴⁵

²⁴⁵ A ópera exibida foi *A Criada Patroa* de Giovanni Battista Pergolesi, numa adaptação em português. O figurino e interpretação cênica foram de ótimo nível. Mas traduzir esse formato discutindo com os presentes sobre a época em que a obra foi produzida, sobre o que eram as óperas e como se tornaram cultura erudita e clássica seria no mínimo um trabalho mais formativo. Não havia nenhum educador para intervir após a realização da ópera tão bem representada numa versão adequada ao entendimento e distração de muitas faixas etárias presentes. Mas, a falta do educador que poderia desempenhar uma ação formativa além de mostrar que as atividades de lazer são consideradas sem

nas Escolas é uma realização do Tulipa Produções Artísticas e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. Sem entrar no mérito da discussão mais aprofundada sobre esses tipos de intervenção, faz-se notar que por um lado é importante ter atividades de lazer e de instrução; mas por outro lado salta aos olhos a total precariedade no entorno da escola e dos que lá vivem, como será visto do decorrer desse capítulo.

A perversidade do processo de constituição dos lugares, no seu cotidiano, por exemplo, carece de uma formação pedagógica para a ampliação dos repertórios; não é só mantê-los distraídos, mas formá-los, informá-los para melhor sobreviver. Então, as atividades de lazer promovidas pelo governo do Estado deveriam estar em conjunto com outras atividades e intervenções na área.

A discussão desta tese mostra que a informação em si transmitida pelas mídias, pelo uso do meio técnico-científico-informacional possui uma pedagogia. E exhibe qual é essa pedagogia: a pedagogia da informação que incita a pedagogia da existência. O outro pode aprender pelo compartilhamento da realidade ou da práxis dos outros; do acompanhar a constituição de lugares por meio dos intermediários, como as mídias sociais ou as pessoas que compartilham ou realizam vídeo chamadas.

Os lugares constituídos virtualmente, a partir de *vídeo-chamada* ou do acesso à internet, possibilitam assistir reuniões da câmara municipal ou jogos de futebol, por exemplo. Ainda que em tempo real ou mesmo quando já foi realizada a atividade ou quando registros da constituição desses lugares virtuais se materializam por meio de gravações de vídeos ou atas de reuniões disponibilizados como arquivos digitais dos sites acessados. Será talvez possível falar sobre a memória de um lugar?

A fotografia 44 mostra uma ocupação recente, e vizinha da escola visitada à direta. Em seu fundo uma habitação popular vertical.

um caráter formador. Poderia haver muito mais pessoas participando da vida na escola, mas são poucas que estavam lá. Deixaram ao cargo dos artistas uma discussão sobre a ópera, mas somente uma artista teve um discurso mais informativo. Porém não houve um discurso formativo que um educador poderia desempenhar. A ópera exibida foi *A Criada Patroa* de Giovanni Battista Pergolesi, numa adaptação em português. O figurino e interpretação cênica foram de ótimo nível. Mas traduzir esse formato discutindo com os presentes sobre a época em que a obra foi produzida, sobre o que eram as óperas e como se tornaram cultura erudita e clássica seria no mínimo um trabalho mais formativo.

Fotografia 44: Favela próxima à Moradia Popular, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Na fotografia 45, na próxima página, além de mostrar um elemento que permanece como prática de sobrevivência e vida nas favelas, a autoconstrução, processo altamente estudado no final do século passado pela arquitetura e urbanismo e pela antiga geografia urbana, introduz como o meio técnico-científico-informacional é usado pelos sujeitos que lá vivem. Essa discussão será retomada no decurso desse subitem deste capítulo.

Fotografia 45: Vista da proximidade em frente à Escola Dr. Álvaro da Souza Lima, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

As precárias condições de vida e as consequências sofridas pela população local fizeram com que alguns jovens em 1999 se unissem e se organizassem num grupo de conscientização de classe. O grupo tinha uma lista, na qual contavam as pessoas que iam sendo mortas, segundo eles, pela polícia. Em um ano registraram 100 pessoas, pararam de contar...

O projeto do Grupo de Posse Poder e Revolução

Toda a organização do grupo de Hip Hop Poder e Revolução vem dessa pedagogia da existência, pois pela vivência e constituição de lugares a partir dessa experiência constituíram um lugar como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais.

A constituição dos lugares pelo grupo Poder e Revolução, possui trajetórias, tem projeto, tem processo, tem percurso e repertório²⁴⁶.

No início de 1999, os fundadores do grupo estudavam para o vestibular em um cursinho comunitário. A partir da leitura de uma revista – objeto que dissemina a psicoesfera e tecnoesfera – tiveram uma catarse por meio dessa mídia.

Qualquer objeto reúne a redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera e pode transformar. Foi o que aconteceu com aqueles dois amigos ao lerem - *A Revista Caros Amigos* – que estampava na capa uma reportagem sobre os Coletivos Políticos (posse que é o mesmo de Hip Hop). Após essa leitura esse o grupo surgiu.

Dos quinze membros fundadores, em 1999, que se reuniam para estudar e discutir sua realidade, apenas quatro permanecem até os dias atuais. O grupo chegou a ter 40 pessoas, mas mantém em torno de 15 membros ao total. Houve subdivisões, o Posse Poder e Revolução infanto-juvenil; surgiu o grupo de mulheres Me Parió Revolución mesmo nome da sua editora e outros grupos foram surgindo a partir deles.

Das atividades praticadas e organizadas pelo grupo o foco é o encontro entre as pessoas do bairro para a conscientização da sua realidade.

A editora de propriedade do grupo já publicou 12 livros, sendo dois deles de autores não pertencentes ao grupo, as demais publicações são de membros dele. Esta editora Popular denomina-se de Me Parió Revolución, dentre suas publicações destacam-se a *Espantologia poética Mariele em nossas vozes*, discutindo a vereadora assassinada e uma edição inédita de um manuscrito de Maria Carolina de Jesus de título *Onde estais Felicidade*²⁴⁷.

²⁴⁶ Faz parte das suas leituras Frantz Fanon, em seu texto *pele negra máscara branca*; leem Clovis Moura, alguns textos de Marx, como por exemplo, o Estatuto e crítica à filosofia do direito de Hegel; Marshall Berman (*Tudo que é sólido desmancha no ar*).

²⁴⁷ Esse manuscrito inédito chegou ao grupo por meio de uma das suas integrantes que estava em um estágio de doutorado na França e teve contato com esse material inédito que foi entregue na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro a pedido da orientadora francesa da integrante do grupo que guardava essas relíquias. Entraram em contato com a filha da Maria Carolina de Jesus pedindo autorização para publicar esse livro.

A história do cursinho se confunde com a data da criação do grupo, uma vez que a conscientização dos membros fundadores aconteceu quando eram alunos de um cursinho pré-vestibular a probabilidade desse contexto ter influenciado também a manterem essa atividade como projeto de conscientização e formação para as pessoas que moram no local é alta. É um cursinho preparatório para concurso tanto vestibular, ENCCEJA, como para qualificações para empregos.

Na escola a qual se realizou o trabalho de campo foram 10 edições desse cursinho que se chama Fernando Elsa de apelido Malote²⁴⁸.

Há uma agenda de atividades do grupo com reuniões e outras atividades que promovem, como uma festa do dia das crianças que vem sendo realizada todos os anos ininterruptamente há 11 anos; realizam quermesses, no intuito sempre de aproximar as pessoas de forma orgânica; promovem corridas de ruas, todo e qualquer evento para que seja possível o encontro entre as pessoas. Discutem o local onde estão e porque é daquela maneira; o núcleo do grupo de estudos é marxista. O propósito do grupo é conscientizar a população local da sua realidade.

Um aspecto interessante do Posse Poder e Revolução é justamente a solidariedade que constitui esse lugar, é uma solidariedade coletiva, uma visão de mundo fundada na partilha, aonde a lógica não é do dinheiro. A racionalidade desses lugares constituídos pelo grupo é aquela da comunhão, da fraternidade e não do lucro. A editora exhibe esse discurso na sua ficha catalográfica onde afirma que os direitos não estão reservados, é livre a reprodução parcial ou total, apelando para citar a fonte.

Dos projetos do grupo houve uma biblioteca comunitária que por problemas de diálogo com a prefeitura deixou de funcionar²⁴⁹, se intitulava “*Livro para que te quero*”. O local onde funcionava a biblioteca era chamado de Maloca pelo grupo e era ponto de vários eventos organizados por eles. Com a retirada

²⁴⁸ Esse nome é uma homenagem a um dos integrantes que surgiu desse trabalho de criar grupos de happer, um deles chamado *Anjos do happer* do qual o Malote era componente, mas que foi assassinado em 2006.

²⁴⁹ O problema foi a recusa em colocar o logotipo da prefeitura no local em que utilizavam para a biblioteca, porque o grupo era autônomo e não quiseram aceitar o rótulo vindo de cima.

pela prefeitura a sede que funcionava a biblioteca foi transformada em creche e o acervo permanece guardado a espera de um local para sua nova ativação.

O grupo funciona com várias ações, vários lugares se constituindo para levar a conscientização de classe, da classe trabalhadora. Foram três membros entrevistados do Posse Poder e Revolução.

“*Arte pela arte, nunca, não*” é uma meta e filosofia do Posse Poder e Revolução; há um propósito, o objetivo é acabar como extermínio dos pretos na periferia. É uma intervenção, é a constituição de um lugar com propósito e projeto de transformação da realidade local, agrupando temas de minorias, como gays e mulheres, por exemplo.

As atividades feitas no período dos 20 anos pelo coletivo Posse Poder e Revolução se desenvolveram em torno de vários propósitos, relacionados ao cotidiano. Sua primeira atividade foi sobre educação sexual nas escolas, intitulada “*Sex, rapper preventivo*”; na década de 1990 o problema das doenças sexualmente transmissíveis estava no auge, como o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). Então, nessa época discutiram nas escolas sobre o sexo e a sexualidade, abordando tabus como o uso do preservativo.

Os eventos realizados durante esses 20 anos²⁵⁰ em exercício muitas vezes teve a ver como o rapper diretamente; um evento “*Hip hop zumbi*” próximo a 20 de novembro (dia da consciência negra); fizeram um mapeamento da localidade, um mapa do grande bairro Jardim Parque Bistrol (Santo Antonio, Jardim São Salverio, Jardim Caraguatá Santa Cristina, vila da Paz) onde se tem 150 ruas, por volta de 80 vielas, e umas travessas. Tem o mapa do Bairro subdividido nesses sub-bairros.

Até aqui é importante registrar a consciência do lugar e a estratégia de conhecimento dos locais. Eles mapearam a localidade para sua ação.

²⁵⁰ Fizeram um intercâmbio na Itália para falar sobre o hip hop como ferramenta de resistência, foram em torno de 10 pessoas percorrendo a Itália por um mês passando por vários locais, penitenciárias, fundação-casa, por algumas escolas discutindo o hip hop como ferramenta de resistência. Participaram duas vezes do fórum social mundial que acontecia no rio Grande do Sul, fizeram palestras falando da abordagem do happer, do hip hop e do Posse Poder e Revolução no Instituto Federal de São Paulo, na Faculdade de Arquitetura da FAU – USP. Passaram por várias escolas também de São Paulo. Já foram ao Uruguai discutir o hip hop como resistência; foi apenas um representante. Também se envolvem em trabalhos de ONGs que lidam com assistência social, através do olhar do Pichon-Rivière.

Há atividades que possuíam periodicidade, mas que por motivos diversos ou ficaram na hibernação ou não são mais realizadas. A presença no Fórum Educação de São Paulo foi uma delas. Participaram por dois anos, mas por divergências graves entre a atuação do Fórum e a proposta do Posse Poder e Revolução decidiram não mais participar.

Houve um evento que só se realizou uma vez, uma semana sobre Martin Luther king. Todavia o grupo de estudo se mantém desde o início, pois é a matriz, o núcleo duro de constituição do lugar orgânico em resistência às desigualdades²⁵¹.

Outra estratégia do grupo é não participar das redes ou mídias sociais enquanto grupo em si. Eles não estão expostos nas redes; os perfis são com conteúdos do grupo, mas abordando a comunidade ou realidade local. Apenas a editora tem página na internet.

Um projeto atual é o almoço comunitário mensal, realizado com o propósito de levar o restaurante do governo estadual chamado de Bom Prato ao bairro. Eles estão em diálogo com alguns representantes do governo e da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – FAO. Esse almoço é organizado em forma de mutirão, comerciantes locais doam feijão, arroz, as merendeiras da escola cozinham, a carne é comprada por doações dos membros do grupo ou quem mais se dispuser em ajudar. Todas as atividades são organizadas por meio de doações da população local segundo os membros do grupo.

²⁵¹ Desde a fundação do grupo são várias atividades. Mas as estratégias de conscientização parecem seguir conforme a moda cotidiana. Houve um sarau do caldo que era realizado no Maloca, o local que era a biblioteca, onde também faziam uma feijoada comunitária, com um preço comunitário de R\$ 5,00 na época, a qual a verba era destinada para pagar a água e luz do local da biblioteca. Tiveram um jornal chamado Rajada Cultural com 10 edições de tiragem mensal com uma leitura do bairro e do rapper, com poemas, com receitas, sobretudo, nordestinas, abordando o bairro. Fizeram 13 vezes oficinas de rapper, tentando fomentar nas crianças a necessidade de cantar o rapper. Participam de uma das associações de moradores e nada do que não seja acordado no grupo Posse Poder e Revolução é exposto na associação, apenas aquilo que foi discutido no Posse Poder e Revolução. Tem o varal solidário de arrecadação de roupa que no inverno se junta a campanha do agasalho. Um evento futuro que está sendo organizado é a corrida e caminhada de rua que será realizada em novembro desse ano com o tema sobre a saúde mental, também estão se organizando um seminário sobre o suicídio para outubro.

O grupo Posse Poder e Revolução é crítico à abordagem das ONGs quando se aproximam de lugares de resistência orgânica. Aquelas que tiveram contato com eles pareciam querer ensinar sobre como resistirem ou se organizarem. E não foi aceita pelo grupo que possui seus métodos de organização e resistência. A contrarracionalidade dos de baixo parece se fortalecer recusando imposições sobre os saberes de sua vivência, dos seus lugares constituídos diariamente resistindo.

A organicidade desse lugar se constituindo como resistência é sólida, mas para se expandir precisará ajustar o projeto em torno de uma coerência de ações. Durante os vinte anos de prática e formação, as ações, ou seja, os lugares constituídos, são influenciados pelo comando do cotidiano imposto externamente, como o exemplo a corrida de rua ou da semana de discussões com temática sobre o suicídio.

Conforme frisado pelos membros do grupo o mote de ações é contra o extermínio dos pretos, e tentam expor o tema nessas atividades realizadas para conscientizar as pessoas da localidade. Mas ainda será preciso um ajuste de coerência na proposta de constituição de lugares se desejam adesão de mais pessoas ou a conscientização delas. De todo modo, é um exemplo de constituição de lugares como resistência orgânica às desigualdades. Pois conceberam uma racionalidade a partir de sua realidade, uma consciência de si, como teorizou Santos (2011 [2001]) e se lançam à ação em torno do projeto que idealizaram.

A localidade e seu entorno: os gritos do território

O trajeto desse trabalho de campo é descrito e indicado na imagem 02, já a imagem 03 mostra a área sem marcações.

A fotografia 46 comprova um dado da atualidade: o celular multifuncional como extensão do corpo humano, é a disseminação plena do meio técnico-científico-informacional.

Fotografia 46: Cotidiano em Bairro popular, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Esse dado importante pode ser verificado em algumas fotografias desta tese pessoas como o celular nas mãos. A exaustão ou exaurimento do meio técnico-científico-informacional é um fato de que o meio se constitui. Pode-se falar na transformação do meio técnico-científico-informacional, pois o período popular instaurará outro meio, mas esse meio não rompe totalmente com o meio técnico-científico-informacional, nem como foi do meio geográfico para o meio técnico. O que há é uma acumulação desigual de tempos conforme ensinou Santos (1985).

A força da primeira natureza imperava mais do que tudo no meio geográfico, mas após a constituição do meio técnico passou a ser mais conhecida e controlada, sendo a força da técnica mais vigorante em alguns sentidos.

Com o limiar do período popular vê-se um meio substituir outro, talvez as variáveis da ciência e da técnica sejam substituídas por outras, e aqui sim a

ruptura. Percebe-se que a informação será o dado imperativo, porque a partir dela se estabelecem as comunicações, os lugares e a política. Não que a política se una a informação como dado novo, ao contrário, o domínio das informações sempre foi político. Ter informação é ter poder é poder fazer política!

Os experimentos de trabalho de campo, sobretudo com o Posse Poder e Revolução, demonstram que o Período Popular já se iniciou, pois é a evidência e a prática de que os lugares se constituem tendo como preocupação a si mesmos, a sua realidade, aquilo que Santos (2011 [2001]) falou sobre a preocupação do homem consigo mesmo, essa consciência de si, do seu mundo, e conforme se teorizará no último capítulo.

Percebe-se que a informação e comunicação, junto à política propriamente dita, Política com P maiúsculo, são os imperativos do novo meio. E a experiência do Posse Poder e Revolução também comprova as reflexões e teorizações de Souza (2007) quando fala que a racionalidade política é aquela que rege o Período Popular. Fica comprovado que a solidariedade que faz constituir os lugares como resistência orgânica, assim como o grupo Posse Poder e Revolução é sim uma solidariedade na política da confiança no outro.

A fotografia 47 começa a trazer elementos constatados no trabalho de campo pelos lugares que são constituídos e vividos a partir da realidade da favela: o uso do meio técnico-científico-informacional e a aprisionamento dos sujeitos pelo consumo. Vejam que na ocupação de moradia precária, os arranjos são de madeira, uma melhoria em relação à fotografia 62 (que será vista adiante na página 385) que mostra a ocupação inicial de terreno com barracos feitos de papelão. Esses barracos da fotografia abaixo são de madeira, e alguns já começam a utilizar a alvenaria. Marcamos as antenas de sinal digital para acesso aos canais que agora são sinais digitais, são antenas da empresa SKY.

Fotografia 47: Ocupação de terreno para moradia, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Dando o zoom nas lentes do microscópio geográfico, as paisagens, se observa mais detalhes dessa ocupação que está em fase de consolidação como pode ser visto na fotografia 48. Essas ocupações registradas e observadas no trabalho de campo não possuem nome²⁵². Verifiquem que há um misto de materiais utilizados para a composição dos barracos, madeira e o início da alvenaria. Esta ocupação tem quase 15 anos e nota-se que a substituição do uso papelão para a construção dos abrigos por outros materiais mais resistentes.

²⁵² Muitas vezes estudiosos ou o poder público intitulam essas ocupações segundo suas intencionalidades ou para abordá-las inicialmente, mas a preocupação do movimento de ocupação do terreno é primeiramente com a sobrevivência e com o uso do território como abrigo. E o título deveria ser algo pensado a partir deles, da sua experiência e de como entendem seu local.

Fotografia 48: Detalhes de ocupação de terreno para moradia, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Os trabalhos da antiga geografia urbana e da arquitetura e urbanismo descrevem bem os detalhes e os tipos de favelização. Mas atualmente parecem migrar para terminologias que pretendem suavizar a realidade tão precária e perversa como esta, como termos como comunidade e aglomerados urbanos para não falar em favela. Mas esses tipos de ocupação precária de terrenos também são identificados em zonas rurais, foi exibida na dissertação de mestrado²⁵³ de mesma autoria desta tese algumas paisagens fazendo um paralelo com essa engenhosidade para habitar na fotografia acima com as ocupações nas bordas das rodovias no Estado do Rio Grande do Norte.

Em verdade o homem para sobreviver vai juntando aquilo que acumulou como conhecimento da realidade, vai exercitando sua inteligência para o imprevisto e resistindo às desigualdades socioespaciais numa engenharia da existência acima exibida. São condições sub-humanas que palavras com eufemismo não alteram a gravidade e a perversidade da realidade vivida e dos lugares constituídos por essas pessoas. A tão estudada urbanização de favelas é

²⁵³ Defendida no ano de 2014 na FFLCH-USP.

uma violência cínica do poder público e da ciência que o endossa. Porque quando os loteamentos para condomínios fechados das classes médias e altas ocupam e loteiam, há a corrida e pressão para a urbanização da área, com a chegada de vias e a infraestrutura de esgotamento e canalização.

Vejam uma ocupação sedimentada ao fundo da fotografia 49. Realizou-se um trajeto de pesquisa de campo dentro de uma favela, que percorreu algumas das suas vielas, como chamam os moradores locais. Essa favela consolidada é legitimada pelo município (vide fotografias 50 e 51), pois há placas de arruamento e os medidores de cobrança da eletrificação lá estão para dizer que o poder público urbanizou a área, mas falta esgotamento sanitário, falta a regularização da moradia para muitos e principalmente moradia de boa qualidade, conforme será visto nas fotografias que seguem.

Fotografia 49: Ocupação sedimentada ao fundo e intermediária ao lado direito da fotografia, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Obsevem na Prancha 1 [fotografias de 50 a 59] na (página seguinte) o trânsito e trajeto da pesquisa de campo pelas vielas da favela.

É angustiante saber e constatar que pessoas moram em um ambiente assim, totalmente insalubre, amontoados. O termo aglomerado é ligeiramente correto, mas não traduz a perversidade dessa sobreposição de pessoas, umas em cima das outras. Ele faz parte da nomenclatura da antiga geografia urbana para designar concentração populacional. Mas para favelas intitulá-las como aglomerados urbanos subnormais, como deseja o IBGE, é no mínimo tratar com eufemismo uma realidade tão cruel como pode se verifica no acervo fotográfico aqui exibido.

Revejam a fotografia 52 o vão entre uma moradia e outra é estreito. O imprevisto na construção, a lógica da sobrevivência é o que predomina. A fotografia 56 mostrou o emblema da resistência, do sobreviver e resistir, onde constroem-se sobre as árvores, sobre os eucaliptos, nas vertentes dos córregos. É a tragédia humana em sua perversidade e angústia, no seu drama por sobreviver. Quando os desastres ocorrem a opinião pública tende a culpar os ocupantes, os moradores, mas a sociedade inteira é responsável por isso²⁵⁴.

As pessoas que moram em favelas sobrevivem, resistem à miséria, à indigência, às precárias condições de vida. O sol e a claridade não incidem entre os vãos que separam as moradias precárias, chamados de vielas. A lógica de construção é corporal, as vielas possuem largura entre as casa de caminhos da extensão ou intervalo de um corpo, um ambiente insalubre.

Como resolver esse problema? Como resolver a questão da moradia?

Esses amontoados, apinhados, essa montanha de gente em cima de gente disputando um pedaço para sobreviver, é o espelho do capitalismo. Essa é a favela, o retrato sem *Photoshop* do capitalismo.

Rolnik (2015) chegou ao problema da moradia como propriedade privada em seu livro *Guerra dos Lugares*²⁵⁵. Mas Engels (1985 [1845]) já defendia a tese

²⁵⁴ Enquanto houver o sistema capitalista em que a moradia for considerada propriedade privada, e uma mercadoria, a favela continuará a existir e pulular. É preciso mudança na relação social. É preciso construir habitação de qualidade para todos!

²⁵⁵ Seu trabalho versa sobre o que entender por “*financeirização*” da moradia. E ainda discute sobre a ideia do não-lugar em seu capítulo 2 quando fala nos sem-lugares, a crise de insegurança na posse da terra. A autora citada não é geógrafa, mas essa discussão sobre o não-lugar primeiramente se coloca em oposição as teorizações defendidas nesta tese. Em segundo contradiz a relevância que a autora citada faz sobre os lugares em seu título, pois falar nos “sem lugares” é desconsiderar um agente dessa

de que a moradia como propriedade privada era o problema a ser enfrentado. Rolnik (2015) discute a moradia, sua ideia de guerra dos lugares está ligada à guerra de localizações ou a disputa do mercado financeiro pelos loteamentos. Muito distinto do que se aborda e defende nesta tese, a guerra da informação é uma guerra dos lugares! Os espaços do acontecer solidários, sejam solidariedades orgânicas, como a do Posse Poder e Revolução, seja as solidariedades lucrativas entre as empresas e corporações na disputa política ou seja como a política é praticada pelos vereadores na Câmara Municipal de São Paulo, é essa a guerra dos lugares!

Quando alguns cientistas, salvo exceções que se inserem nos órgãos institucionais e públicos, ao invés de criticarem nomenclaturas e classificações que falseiam a realidade as usam ou as reafirmam. É o caso dos índices. A fala de um dos membros do Posse Poder e Revolução converge para a crítica de Souza (2000a) sobre o grito do território. Essa área onde pululam favelas tem um índice elevado na classificação da prefeitura por está inserida no distrito de Sacomã, que se junta à subprefeitura do Ipiranga. Os dados do distrito de Ipiranga maximizam e, na quantificação, elevam o índice prejudicando bairros e distritos carentes da atenção do poder público. As ações do grupo Posse Poder e Revolução ao tentar trazer o restaurante do Bom Prato e esclarecer vereadores sobre a realidade da localidade explicitou uma crítica antiga feita pela Geografia Renovada, de que os índices ajudam a mascarar a realidade. Vejam as paisagens da área e a localização no mapa do município!

Estão todos colados uns aos outros para caber mais gente morando, é a racionalidade da existência e uma contrarracionalidade às hegemonias. Mas lá, na favela, o meio técnico-científico-informacional está presente embora rarefeito, sua raridade e dispersão está em contrapartida com a densidade da miséria, com a densidade do número de pessoas que crescem e crescem, pululam, e disputam a sobrevivência.

A disputa entre os lugares como resistências às desigualdades é justamente essa: sobreviver! E sobrevivem, malgrado todas as péssimas

“guerra” abordada por Rolnik (2015). Nesta tese a guerra dos lugares destacou o sujeito mais “frágil” dela, os lugares que se constituem como resistências às desigualdades socioespaciais.

condições de vida. Disputam entre árvores e rios a moradia; estão em simbiose com a natureza, onde a força da natureza nas favelas ainda tem um imperativo forte, porque o meio é precário. Ao mesmo tempo em que há objetos modernos há a indigência. As pessoas e as casas flutuam entre o córrego que virou um rio de fezes e entulhos.

A ação da saúde, a ação da cultura nas escolas e até mesmo a ação do movimento de moradia são ações de contensão, compensatórias e não resolvem o problema, apenas aliviam as tensões.

A mesma área de favelas compartilha quase ao lado com a realidade do zoológico de São Paulo. São realidades totalmente distintas. São localidades próximas, mas a partir do funcionamento do meio técnico-científico-informacional se tornam totalmente distantes ainda que muitos das proximidades trabalhem no zoológico. Talvez, seja esse também mais um caminho para o aprofundamento sobre as fronteiras entre os lugares.

O zoológico é uma mega localidade global. Usada verticalmente, constitui um lugar para aqueles que podem usá-lo. Um uso do território totalmente seletivo. As pessoas que frequentam o zoológico como turistas podem não saber que ao lado há uma realidade tão dramática e totalmente hostil.

Essa é a mesma aproximação analítica entre a localidade da favela e, por exemplo um apartamento de classe alta que também foi visitado pela pesquisadora como professora de reforço escolar. O duplex em Higienópolis e os lugares vividos pelos sujeitos, seus proprietários, são como mundos que aparentemente não se tocam com aqueles vividos pelos sujeitos na favela. Embora estejam conectados ao mundo em si, mas quais os portais do mundo que cada lugar desses acessa diariamente? Uma questão que amplia o repertório dos sujeitos que constituem os lugares é ler em outras línguas. Não basta ter apenas acesso à internet para se conectar ao mundo, mas quais fontes utiliza, num mundo ainda muito controlado pelas empresas norte-americanas.

O drama da pobreza, ou melhor, o drama dos lugares que se constituem desempenhando maior esforço para acessarem o meio técnico-científico-informacional é a perversidade que indigna e constrange. A tese comprova como

os lugares se constituem como resistências às desigualdades. Mas como superá-las?

O símbolo da resistência, a árvore gigante eucalipto (fotografia 56 na prancha 1) é hipnotizador! A fotografia e a paisagem nela captadas não reproduzem ou traduzem o espanto vivenciado no local. Observar essas pessoas disputando com a natureza é um impacto. Vejam o grande eucalipto na fotografia 56. Pode-se enxergar do alto pela imagem 04 a seguir.

Imagem 04: Favela consolidada e o eucalipto.

Fonte: Google Earth.

Esse é o quadro das favelas, uma realidade bem atual do Brasil. Mas há desigualdades socioespaciais entre os indivíduos que vivem nelas. Nas favelas, esse apinhado de gente, essa disputa entre morar, que crescem por todos os lados, para cima, uns sobre os outros, as fotografias 60 e 61, a seguir, mostram que as favelas são servidas de comércio local, escritórios de advocacia, todo um sistema de relações cotidianas!

Fotografia 60: Rua em favela da Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Na fotografia 61, abaixo, vê-se à sua esquerda, o condomínio de moradia popular evidencia em termos de estrutura condições melhor do que o entorno e ao lado da favela. Mas o tamanho da moradia é um cubículo onde muitos moradores não se sentem contemplados, porque há casas na favela ao lado que são grandes. Entretanto, em termos de estrutura o condomínio popular é bem melhor porque possui sistema de esgotamento.

Fotografia 61: Condômino Popular à esquerda e Favela à direita, Zona Sul de São Paulo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Contudo, esse é um grande problema em discussão sobre os movimentos de moradia e as políticas habitacionais de qualquer governo. As casas do antigo programa do governo municipal, gestão da Luiza Erundina, chamado de Mutirão (que não estão registradas nestas fotografias), são grandes e em tese não deveriam possuir “puxadinho”, nem comércio, nenhuma outra funcionalidade do que a de habitar. Mas não há fiscalização.

No trabalho de campo, constituiu-se um lugar, além da observação daqueles constituídos pelo Posse Poder e Revolução. Um integrante que nos guiou por dentro da favela, ou morro, como chamam popularmente as “quebradas”, nos mostrou uma ocupação recente, ainda na forma de papelão e algumas casas em madeira (Fotografia 62 e 63).

A fotografia 62 mostra uma ocupação recente. Essa ocupação em si não tem nem 5 anos. As partes de cima do terreno ao lado da quadra de esportes foram ocupadas por um grupo há 2 anos, por outro em outra faixa há 3 anos. É uma pluralidade de movimentos de ocupação. Mais em baixo no terreno, retratado pelas fotografias anteriores de números 47 e 48 é possível ver a parte inferior do terreno que foi ocupado há mais ou menos 15 anos. Nas imagens 05 e 06

observa-se o terreno da quadra sem ocupação e o terreno ocupado pelas moradias precárias.

Fotografia 62: Ocupação recente.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

As fotografias 62 e 63 exibem paisagens internas à imagem 6. Mostram a ocupação intermediária das fotografias 47 e 48 e as novas ocupações. O detalhe foi a constituição de um lugar, enquanto se desenvolvia o trabalho de campo, e com o auxílio de uma pessoa do local se vivenciou a constituição de um lugar. Foi possível observar o drama vivido pelos moradores da ocupação recente que estão em disputa com a própria associação de moradores do bairro, que entrou na justiça para a remoção da ocupação, alegando que o terreno é de posse da associação.

No bairro há duas associações de moradores. Uma delas se encontra em disputa com o movimento de ocupação do terreno registrado pelas fotografias 62 e 63 administrava uma creche que estava fechada quando foi ocupada pelas pessoas para usarem como habitação. O prédio da creche e o terreno foram ocupados a mais ou menos 2 ou 3 anos. A ocupação da área mais rebaixada do

terreno é mais antiga (vide imagens 04 e 05 a seguir), conforme mencionado, uns 15 anos.

Fotografia 63: Ocupação.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

O lugar que se constituiu nesse dia da pesquisa, 24 de agosto, na eclosão de uma conversa entre a pessoa que guiava a pesquisadora e uma das líderes da ocupação recente, conforme se pode observar na fotografia 63 acima, foi inicialmente tenso. Os moradores abordaram a pesquisadora enquanto esta fotografava as paisagens. Estavam receosos devido a uma ordem de desocupação e reintegração de posse já expedida pela prefeitura. Ao que tudo indica essa ordem será executada em novembro ou dezembro.

Observe a imagem 05, uma fotografia de satélite do Google que não foi atualizada na sua versão 3D do programa Google Earth. Em todo modo, auxiliou para a comprovação da ocupação.

Imagem 05: Terreno vazio.

Fonte: Google Earth.

Imagem 06: Terreno ocupado.

Fonte: Google Earth.

Na fotografia 63 e imagem 06, acima, foi o momento descrito acima. Esse lugar vivido pela pesquisadora naquele instante foi constituído inicialmente pelo medo, os moradores da ocupação do terreno a abordaram curiosos e meio hostis, pois está marcado uma desocupação ou reintegração de posse perpetrada pelo movimento de moradia local contra essa ocupação também local. É um conflito da

localidade, uma vez que o movimento de moradia local organizado em associação de moradores se iniciou também ocupando as áreas do entorno.

Como a ocupação é recente e está em processo de remoção perpetrado por uma das associações de moradores local perguntar-se se a pesquisadora era da prefeitura, não reconheceram de imediato uma pessoa da comunidade que a guiava no trabalho de campo; que prontamente se identificou. Na conversa um dos membros do Posse Poder e Revolução dialogava com alguns moradores locais da ocupação. Foi nesse instante que foi vista confiança na palavra, no outro, a constituição de um lugar.

Numa área onde a disputa pela moradia é tão acirrada, a associação de moradores ao invés de ser solidária impetra uma ação contra moradores locais. Alegando que o terreno era de posse da associação. A igreja foi cercada pela própria associação dos moradores após a ocupação, mas a creche só foi ocupada porque estava ociosa. Então, há vários problemas a serem resolvidos.

O conflito em sua tensão foi vivenciado no dia da pesquisa nesta área. A associação de moradores ao invés de buscar outras formas de resolução do problema partiu para uma ação contrarresistente, que se legitimada poderá repercutir de maneira contrária aos movimentos de moradia²⁵⁶.

O grupo de pessoas expunha a data da remoção por isso à confusão acima mencionada. Também pelo crescimento populacional e por já não fazer tantos percursos a pé o acompanhante não foi reconhecido de imediato pelos jovens da ocupação. Nesse instante, se fosse em outra localidade que não uma favela em São Paulo, disciplinada pelo Primeiro Comando da Capital – PCC, não se estivesse aqui para registrar e finalizar o trabalho. Um simples ruído ocasiona má interpretação entre troca de informações e comunicação. Pelo *Whatsapp* um jovem mencionou em sua rede que um “civil” estava na área. Denominação dada

²⁵⁶ Há hipóteses levantadas pelos moradores locais sobre corrupção do movimento de moradia ou associação local. Mas não se checará a veracidade delas, deixa-se registrado como conteúdo dos lugares que se vivenciou e que se observou em sua constituição *in lócus*. Mas um dado é curioso, o que fez a associação de moradores por 15 anos quando a ocupação do terreno em baixo e que funciona ao lado o terminal de ônibus do bairro? Somente despertou para o uso do terreno nesse momento? Segundo relato dos moradores da ocupação de cima do terreno próximo à igreja que fora cercada, eles possuem documentos de repasse da prefeitura para o pagamento de água e luz, mas a creche estava fechada, sem funcionamento, contudo o dinheiro era repassado. Foi essa a denúncia de corrupção sobre a associação dos moradores pelos moradores da ocupação em reintegração de posse.

aos Policiais Militares – PMs quando vistos nas “quebradas”. O conhecimento sobre essa rede de informações locais entre eles só foi adquirido quando foi visitada outra localidade na ocupação sob o córrego pelo relato do ocorrido por um dos familiares do membro do Posse Poder e Revolução²⁵⁷.

Vale destacar a ação e o poder local do PCC que “disciplina” áreas que comanda, para evitar o ódio dos moradores locais e evidências sobre sua atuação. Geralmente, as áreas de exercício desse poder paralelo são onde a violência não é exercida sobre a população local, ao menos não os assaltos e assassinatos. O tráfico circula como uma atividade econômica. Os lugares constituídos pelo PCC se constituem como um exemplo de resistência às desigualdades. É também um exemplo de que os lugares podem ser uma revanche aos lugares livres.

O termo *revanche dos lugares* foi cunhado por Santos (2011 [2001]), resquícios de sua imaginação e criatividade jornalística traduz sim uma revanche dos lugares como resistência ao poder público. O poder do PCC é realmente exercido, tanto para “disciplinar” a área, como a violência entre os grupos rivais. Mas a revanche dos lugares também se repercute no grito do território (SOUZA, 2000a) pela força de seu número; por mais que o descaso do poder público sonegue atenção política a essas áreas a força de seu crescimento, a insistência e persistência em existir, a resistência em sobreviver também são revanches da constituição dos lugares.

Aqui a confiança no outro, no igual, na palavra, é a lei. Claro que nesse caso mencionado acima, a troca de informação foi por telefone, porque o *Whatsapp* virou um intermediário na troca de informações e contatos, para se estabelecer a comunicação. Mas, *in locus*, observou-se a confiança na pessoa do

²⁵⁷ Menciona-se aqui novamente exemplos sobre as fronteiras dos lugares. A psicoesfera e tecnoesfera dos lugares constituídos pela pesquisadora e autora desta tese são paisagens não reconhecidas pelos lugares constituídos naquela localidade, ao menos uma pessoa era explícita que não era da localidade e fora confundida com uma funcionária da prefeitura. O outro só foi ligeiramente confundido, mas o sistema de informação local o identificou em segundos pelas mídias sociais usadas por eles. Só foi possível nossa entrada nesses locais pelo acordo com os membros aos quais se estava investigando. Sem isso não se poderia ultrapassar essa fronteira dos lugares. Que inicialmente os objetos te constroem e limitam e depois as pessoas e seus lugares confirmando a barreira. No caso dos bancos em versões Premium isso poderá ser melhor experimentado. Mas naquele dia 24 de agosto foi vivenciado as fronteiras dos lugares como resistências!

local, agendaram uma reunião para um dia da semana seguinte para elaborarem estratégias de defesa do movimento de ocupação desse terreno. Se constatou o sofrimento dessa gente tão abandonada, mas que conta com os lugares se constituindo como resistência às desigualdades. São sinceros, a lei que vigora é a da confiança no outro, na sua palavra, a honestidade na existência. O verdadeiro retorno à Política com P maiúsculo, aquela política onde discurso é ação.

Santos (2014 [1987]; 2009 [1996]; 2011 [2000]) estava certo quando teorizou sobre *do homem solitário ao homem solidário*; da força do lugar pela solidariedade orgânica; da força do lugar pelos homens pobres e lentos. A constituição dos lugares como resistência às desigualdades, como teorizou Souza (2006; 2007), possui o pacto da confiança. Essa confiança vem pela intuição.

“Intuição é a relação imediata de um conhecimento com os objetos e que serve de instrumento a todo o pensamento. [...] ao ser humano isso somente é possível porque o objeto afeta a mente [...] (KANT, 2011 [1781]: p. 23)”. Como uma forma de sensibilidade esse nível de conhecimento é um dos elos que instigam a constituição dos lugares como resistência pura ou orgânica às desigualdades socioespaciais. É imprescindível para os sujeitos que constituem esses lugares a confiança no outro. É a única informação que podem partilhar de imediato.

Os lugares se constituindo como resistência possuem outra solidariedade e racionalidade que não é aquela do interesse pelo lucro ou dinheiro. A racionalidade dos lugares como resistência às desigualdades socioespaciais, sejam puras ou orgânicas é a da confiança no outro. Essa distinção é basilar.

Os que vivem em nossas casas improvisadas nas pontas de rua ou se acotovelam nos cortiços, os que vivem o dia-a-dia da ocupação provisória ou mal paga, os que não têm um amanhã programado, são, afinal, os que têm direito à esperança como direito e ao sonho como dever. Não são devaneios irresponsáveis, porque se incluem num projeto que o mundo em torno autoriza (SANTOS, 2014 [1987]: p. 85).

A contrarracionalidade surge diante dessa realidade hostil que autoriza outras lógicas de ação, como o PCC, o tráfico, as ocupações em condições precárias e muitas vezes em locais insalubres ou impróprios; é a lógica da sobrevivência.

A sequência de fotografias de número 64 a 66 revela essa catástrofe que a sociedade e o poder público tendem a esconder.

Fotografia 64: Ocupação às margens do córrego.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Sob o córrego as construções disputam a existência. Entre a habitação construída com alguma engenharia, se amontoam entre morar e escoar. No córrego se escoam o lixo e resíduos líquidos, talvez não fecais, pois não havia odores que denunciasses tal escoamento, mas imaginem a situação no tempo cósmico do verão nesse hemisfério sul, a proliferação de mosquitos de toda espécie, a inalação da evaporação do córrego, um ambiente totalmente insalubre. Bem verdade, que os agentes de saúde locais possuem instrumentos que pulverizam, e venenos são jogados nas águas paradas para eliminar ou conter os mosquitos da dengue, por exemplo. Essas ações de contenção não resolvem o

drama humano que pode ser observado pelas paisagens das fotografias 64, 65 e 66.

Fotografia 65: Ocupação e esgotamento sanitário.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

A fotografia 64 aponta a presença de crianças, na fotografia 65 a disputa entre o lixo, as residências e o córrego. Na imagem 07 e 08 o córrego visto do alto por uma fotografia de satélite é praticamente encoberto pelas autoconstruções. A imagem 06 é antiga, por volta de 15 anos como a ocupação que se relatou na fotografia 63 e nas imagens 05 e 06. Ou o Google limpou a área alterando a imagem. Porque nas fotografias recentes o córrego é totalmente encoberto. A imagem 07 é atual, e percebe-se o total de encobrimento do córrego pela ocupação.

Não se pode dizer que estão excluídos do mundo, o capitalismo pela política das empresas e dos governos exige o consumo do mundo. Vejam a fotografia 66, a máquina de lavar praticamente flutuando. Consomem pizza, observem o lixo exposto no córrego na fotografia 65.

Fotografia 66: Ocupação e consumo.

Foto: ARAÚJO, M. F. de, em 24 de ago. de 2019.

Imagem 07: Ocupação em córrego. Foto antiga.

Fonte: Google Earth.

Imagem 08: Ocupação em córrego. Foto atual.

Fonte: Google Earth.

A crítica ao discurso neoliberal da inclusão é essa, porque por mais que se lute por inclusão não há igualdade. A luta é por igualdade de condições básicas de vida. Então, quanto mais os movimentos e partidos de esquerda falam e lutam por inclusão mais ampliam as desigualdades, é o mesmo raciocínio que se exercitou sobre a fluidez, sobre a tão sonhada mobilidade para as classes médias, como foi visto na segunda parte da tese.

Esse jeito de morar se configura numa ação de resistência. Dessa realidade local, vivenciada cotidianamente, surgiu o Posse Poder e Revolução em 1999! Um grito de indignação, uma esperança por transformação, e assim a paixão pela Revolução. Chega-se a esses lugares se constituindo como resistência pela intuição. Observando as paisagens divulgadas pela ação do Fórum de Hip Hop da megalópole sobre essa realidade foi possível incrementar o trabalho de campo deste estudo. Todo um processo de dedicação da Escola de Geografia Renovada, desde 2008 quando Gomes (2008) estudou o uso do território paulista pelo Hip Hop que lugares vêm sendo constituídos como movimentos populares.

Dessa trajetória e desse processo este trabalho pode lograr a importância de comprovar uma teoria que vem sendo desenvolvida desde 1979!

Essa existência disputada e amontoada entre os sujeitos e os objetos, entre o uso do território disputado com a natureza; esse misturar-se em simbiose com a terra, a água e as árvores não é uma realidade sonhada. A esperança é ter vida, o sonho é poder melhorar de vida, ter o que comer, vestir e sonhar. De fato, há a prática do futuro como ancora pelos lugares se constituindo como resistência às desigualdades. Novamente Santos (2011 [2000]) estava certo. A própria resistência é a elaboração, ainda que intuitiva, do futuro como âncora. É denunciar por meio da resistência em sobreviver que possuem o direito de viver, por isso Santos (2014 [1987]) fala do direito a ter esperança e do dever de sonhar. Se arranjam como podem, puxando um futuro em que possam ser considerados, possam ser vistos, possam ter direito a viver.

Outro exemplo que se pode dar como constituição dos lugares foi exibido nesse capítulo como pano de fundo pode-se mencionar a escola estadual dr. Álvaro de Souza Melo foi usada por vários lugares. Ainda que não se possa quantificar a dinâmica dos lugares demonstra-se como um local pode ser usado e compartilhado pela constituição dos lugares num instante ou num dia.

No dia 24 de agosto, além do cursinho a escola foi usada como teatro para a realização da ópera, é também usada como local de jogos no grêmio estudantil nos finais de semana. E nos dias desta pesquisa foi usada como laboratório, quatro lugares lá compartilhavam a forma e local da escola. No domingo, 01 de setembro, a escola foi usada como restaurante para a realização do almoço comunitário promovido pelo grupo Posse Poder e Revolução. Eis uma bela exemplificação do cotidiano compartilhado!

O planejamento sobre o governo das cidades precisará se renovar e encarar o mundo do presente e suas mutações. O instrumental de intervenção nas cidades é muito formal e enrijecido em metodologias ou práticas. Como planejar essa realidade discutida e exibida neste capítulo?

Exemplificando a sintaxe do lugar, o sujeito da realização desses lugares se constituindo como resistência às desigualdades socioespaciais foi o grupo Poder Posse e Revolução e os moradores de rua, no caso da pesquisa de campo do dia 22 de agosto. O predicado além de ter sido a realização da pesquisa, foram suas vivências cotidianas. A pesquisa, devido ao fato da constituição direta

em sua realização, pode ser considerada o objeto direto do predicado ligado ao verbo e aos sujeitos; os sujeitos constituindo seus lugares de vivência em resistência, quer sejam puras ou orgânicas, foram o objeto indireto, porque a pesquisa de campo era participante. O verbo era o lugar em si, a ação, as ações.

O exemplo da escola, enquanto local e forma sendo usada por vários lugares que se constituíram naqueles dias empirizou, a noção de lugar que Santos (2009 [1996]: p. 322) na época ainda confundiu com local, mas de onde se extrai os fundamentos do lugar “[...] *um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida comum*”.

Quando Santos (2009 [1996]: p. 322) diz que “*O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo*”, corrigir-se o professor porque o lugar é uma dimensão. O próprio professor na página anterior de seu livro, intitula o item do capítulo como o lugar como dimensão espacial do cotidiano. Como dimensão não é material, não pode ser um quadro, ou seja, o lugar não se congela, não se fixa, não se materializa, ele se realiza apenas pelo uso do território, o lugar é ação, é o verbo da geografia, o *ethos* e alteridade do espaço, é sim uma experiência pragmática do mundo!

CAPÍTULO 13 – O Período Popular e seu novo meio

O drama é de todos os dias e de todas as formas, e novo como o sol, que também é velho.

Machado de Assis. Memorial de Aires. 1908.

Olimiar do período popular da história foi defendido nesta tese. *“Estaríamos na aurora de uma nova era, em que a população, isto é, as pessoas constituiriam sua principal preocupação, um verdadeiro período popular da história [...] (SANTOS, 2014 [1987]: p. 119)”*. Comprova-se com este trabalho que o avanço do Período Popular e a força dos lugares vislumbrada pelo Professor Milton Santos em suas teorizações a partir de 1979 com *Por uma Geografia Nova* é um fato.

Uma das variáveis desse período é a guerra da informação, substituindo o dinheiro. Como exibido no capítulo 9 o objeto que revoluciona e instaura o período popular é o celular multifuncional ou smartphone fazendo o automóvel perder a cena. A partir daquele, do celular multifuncional, a possibilidade de constituição dos lugares virtualmente torna-se real, pelo atributo da copresença e coexistência das conexões geográficas e da fluidez mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional.

A concretização, ou melhor, a empiricização da extensão ou prótese do corpo humano pelo celular com acesso à internet é o dado fundamental que dissemina e difunde o meio técnico-científico-informacional por meio dos seus pilares difusores a tecnoesfera e psicoesfera possibilitando o acesso à informação cada vez mais sem os filtros das grandes empresas das mídias tradicionais, porém, a possibilidade de criação de informação a partir dos sujeitos e indivíduos

pobres e fora da rota hegemônica. Essa informação oriunda dos de baixo é a prática dos lugares como resistência às desigualdades.

Confirma-se a tese de Santos (2011 [2001]) sobre o período popular da história, havendo sim a produção de informações novas e originárias dos lugares como resistência. Comprova-se ainda que a constituição dos lugares pelos homens pobres e lentos da periferia em São Paulo desenvolvem o futuro como âncora! Pela organização e conscientização dos seus lugares vividos cotidianamente esses indivíduos formaram um grupo, pela catarse da sua realidade, metamorfoseando-se de lugares que apenas reproduziam ou suportavam a realidade para lugares que resistem e que imaginam um futuro sem a violência do Estado. O conteúdo que projetam como um futuro como âncora é esse: não serem mais violentados pelo poder do Estado por meio dos seus governos, sejam de esquerda ou de direita.

Há curiosidades que o olhar do geógrafo a partir dos lugares permite registrar como problematizações do presente e para o futuro. Reflexões que podem e devem ser aprofundadas.

Com o uso dos aplicativos, plataformas digitais e mídias sociais o período popular começa a se disseminar avassaladoramente. Os fatos empíricos demonstram isso. As pessoas analfabetas ou semianalfabetas no uso das redes ou mídias sociais, como o *Whatsapp*, por exemplo, se comunicam e recebem informação por meio dos áudios. Mas é preciso saber usar os objetos, conhecer seu funcionamento, manejá-los, para que as revoluções se insurjam (FLUSSER, 2011 [1979]).

O corpo deve aprender a manejar o celular multifuncional, para não incorrer na constituição dos lugares autômatos. Para a constituição dos lugares cidadãos, será preciso aprendizagem e conhecimento, consciência dos lugares. Que poderá ser formada a partir da própria pedagogia da informação ou da existência, uma verdadeira pedagogia cidadã.

Essa facilidade do período e meio técnico-científico-informacional é um elemento do contraditório processo de mutação do meio e período vindouro. É a dupla característica de qualquer objeto. Ainda que se criem com intencionalidades

lucrativas o movimento dialético da vida impõe sua lei. Se haverá uma pedagogia instrutiva é preciso investigar, mas o fato é que as pessoas passam a se comunicar e receber informações de canais diversos sem o controle dos tentáculos e filtros das mídias tradicionais em sua hegemonia.

O que ocorre é uma pedagogia da informação e da existência. Como comprovado no capítulo anterior pelo lugar como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais que o grupo Posse Poder e Revolução constitui diariamente, um lugar orgânico de resistência às desigualdades. Eles tomaram consciência de sua realidade e isso é produto da pedagogia da existência por meio do contato com as informações.

Mas esse ambiente virtual também cria uma artificialização e robotização da vida. O cotidiano com sua poluição semiótica, pois são tantos signos para se assimilar nesse mundo complexo e mutante, e sua ordem de controle dos corpos por meio dos objetos técnicos, como os celulares ou computadores, mas sobretudo os celulares na versão dos *smartphones* na chamada tendência da inteligência artificial dos objetos ou de suas multifuncionalidades empiricizam a tese de Deleuze e Guatarri (2010 [1973]) de que somos máquinas desejantes.

O celular inteligente (multifuncional) maximiza e amplifica os desejos. Qualquer acesso ou pesquisa feita pelo celular, mas pelo computador também, porém, cada vez mais o celular é usado, esses acessos pelos programas e aplicativos inteligentes que funcionam pelos algoritmos indicam e induzem os temas a partir das pesquisas dos usuários, seja para assuntos sobre o tema, seja para induzir mesmo sobre temáticas das empresas, como a entrevista do *Intercept* sobre as ideologias de extrema direita vista no capítulo 10 (pág. 295) seja para o consumo, sobretudo para o consumo.

É o objeto por excelência do capitalismo, mas o antagônico disso é que também se torna o objeto da gestação do período popular cada vez mais vigente. Essa difusão plena do meio técnico-científico-informacional pela prótese do celular ao corpo humano é a confirmação do limiar do período popular da história incitando pela difusão da informação em tempo-real da pedagogia da existência e da conscientização do ser humano, ser no mundo, isto é, do seu LUGAR-MUNDO.

Lugar-Mundo é essa experiência a partir da constituição dos lugares virtuais, que não deve ser confundida com os lugares autômatos, eles podem se constituir, mas a possibilidade da conexão mundo-lugar gerou o LUGAR-MUNDO.

Contudo, o cotidiano vivenciado pelo uso do meio técnico-científico-informacional pode levar a constituição de lugares autômatos. É frequente o desgaste da mente ou memória dos indivíduos. A contradição do período e meio técnico-científico-informacional sobre a aceleração e facilidade de acesso à informação repercute em regressão de qualidades ou de práticas mais objetivas. A repetição pela facilidade de se refazer ou de corrigir não estimula o conhecimento ou memorização da aprendizagem.

Criaram-se objetos facilitadores realizando o sonho do ócio humano, mas há o risco da bestialização humana. A demência por falta de exercícios cerebrais que permitam hábitos criativos. Corre-se o risco também, da frieza nas emoções com esse processo de robotização ou automação dos lugares.

A despeito desse dado vivenciado e constituído pelos lugares, sobretudo os lugares livres, os lugares como resistência possuem a experiência da raridade ou da escassez. As pessoas que constituem os lugares como resistência podem ser mais desconfiadas com a facilidade dos veículos de consumo por exemplo. Até mesmo o próprio lugar constituído pelo grupo Posse Poder e Revolução possui uma estratégia clara de uso das mídias sociais.

Basta observar o novo ambiente de divulgação e criação de desejos! As mídias sociais cada vez mais se tomam a vitrine da criação de desejos e consumos. Novas relações podem ser estabelecidas nas mídias sociais, além dos conteúdos da psicoesfera e tecnoesfera, das séries, dos *Best-seller*, dos livros, dos filmes, da produção de entretenimento ou divertimento²⁵⁸

Pela psicoesfera e tecnoesfera das mídias sociais da contemporaneidade, sobretudo, da produção dos filmes, majoritariamente norte-americanos e provindo

²⁵⁸ A indústria do *entertainment* ou indústrias criativas como denomina Martel (2014 [2010]). Discorda-se que sejam indústrias criativas, mas se concorda que seja *Mainstream* que literalmente significa dominante ou grande público a partir de um meio de comunicação, um programa de televisão ou mídias que se define como um produto cultural. O termo possui ambiguidade, pois pode ser um partido político, uma ideia, um movimento, mas é o contrário da arte para muitos, o contrário da contracultura, da subcultura, dos nichos, enfim é uma corrente dominante para seduzir o mundo.

de *Hollywood* consumidos nas salas de cinema *mutiplex*, por exemplo, pode-se extrair um conteúdo de autoajuda apelativo para a sensibilização das doenças terminais, como o câncer. Também os filmes com teor religioso, sobremaneira gospel, ou a grande cara das produções norte-americanas com os filmes de super-heróis. Produções essas altamente tecnológicas, mas pouco reflexivas e difundem uma ideologia imperialista. São psicoesfera e tecnoesfera que advertem para o conteúdo ou a narrativa do consciente coletivo dessa modernidade ou do século XXI.

Ainda com todo o processo consumista ou imperialista, a chamada dos conteúdos alerta para o olhar para o outro, mesmo que timidamente, um resgate aos valores que podem ser valores básicos, como o amor; a escolha se dá em relação ao amor e não ao dinheiro, a passar mais tempo com aquelas pessoas a que se ama.

Note-se também o conteúdo dos filmes de ficção científica. Eles apontam para aonde caminha o projeto geopolítico mundial. Esses filmes, essas mídias mostram sobre o conteúdo coletivo. Há muita produção sobre a conquista e guerra espacial no espaço sideral. E os avanços tecnológicos são direcionados a se pensar numa expansão humana intergaláctica.

Fato é que se vive uma guerra cultural, uma guerra da informação onde os antigos *fronts* de batalha são as redes ou mídias sociais. Aonde o domínio é pela infiltração e produção cultural. “*Foi declarada a guerra mundial de conteúdos* (Martel, 2014 [2010]: p. 445)²⁵⁹.” Na trama geopolítica, ainda entre os países e, no pequeno e frágil planeta Terra a terminologia do século XXI é do reino da informática. O vocabulário de guerra passa a ser informacional.

A antiga guerra que fazia uso do poder bélico e de outras estratégias mais físicas, mais materiais é chamada de *hard power*, e as novas forças ligadas à

²⁵⁹ “É uma batalha nos meios de comunicação pelo controle da informação; nas televisões, pelo domínio dos formatos audiovisuais, séries e talk-shows; na cultura, pela conquista de novos mercados através do cinema, da música e do livro; e finalmente é uma batalha internacional de troca de conteúdos pela Internet. Nessa guerra pelo *soft power* se opõem forças muito desiguais. É, para começar, uma guerra de posições entre países dominantes, em pequeno número e concentrando a maioria das trocas comerciais; é também uma guerra de conquista entre os países dominantes e países emergentes, pelo controle das imagens e dos sonhos dos habitantes de muitos países dominados que produzem pouco ou não produzem bens e serviços culturais. Finalmente, são também batalhas regionais para conquistar nova influência através da cultura e da informação.” (p: 445)

atração e influência cultural de *soft power*. E, ainda, tem a combinação dessas duas estratégias no *smart power*²⁶⁰ que seria a combinação da persuasão e da força.

Virilio (1999) prenunciava a guerra da informação de uma forma mais catastrófica enquanto Martel (2014 [2010]) é mais vislumbrado com o poder da informação. Embora se esforce ao máximo em ser mais imparcial, Martel (2014 [2010]) é um defensor do imperialismo norte-americano. Não quis antever a queda do império dos EUA, nem que o mundo caminha para um sistema mais colaborativo e concorrencial.

O que Martel (2014 [2010]) se esquece de mencionar em seu instigante trabalho é que as empresas da informação, os gigantes como a Google, por exemplo, possui o controle e até sugestionam pelos algoritmos a disponibilidade da informação. Há uma censura das empresas de informação hegemônica. Elas são donas dos dados e das informações armazenadas nos seus sistemas, sejam eles em nuvens ou não.

Mas, sem dúvida, o objetivo cego pelo lucro permite que esses canais, como a Google, por exemplo, disponibilizem meios para a divulgação de conteúdos contra-hegêmônicos ou a disseminação de informação não tão seletiva para quem deseja outras fontes, que vão além dos antigos meios de comunicação, como o domínio praticado pelas emissoras de televisão. Aqui no Brasil eles foram muito bem classificados como o quarto poder²⁶¹. Ainda que atualmente estejam perdendo em força e influência, mas foram um dos pivôs do que se considera como golpe de 2016 no país.

Uma realidade é que o uso e consumo das novas mídias andam se disseminando de maneira massiva. Não apenas a pesquisa de campo desta tese, como algumas pesquisas de opinião pública atestam a mudança nos costumes. As novas mídias já fazem parte do cotidiano das pessoas. São, também, responsáveis pela constituição e vivência de novos lugares.

²⁶⁰ Martel (2014 [2010]) cita com exemplo de *smart power* a diplomacia do ex-presidente dos EUA, Barack Obama. Não é coincidência que sua frase sobre o ex-presidente do Brasil, Luis Inácio Lula, de que ele era o “cara” levou ao golpe de 2016 ou como interpretado neste trabalho um novo pacto territorial.

²⁶¹ Paulo Henrique Amorim possui um livro denominado de *O Quarto Poder: Uma Outra História*.

O que Martel (2014 [2010]) com sua louvação ao entretenimento norte-americano não diferencia é sobre essa ideologia das contradições do movimento histórico, da difusão do meio técnico-científico-informacional e do próprio sistema econômico.

A internet²⁶² surgida por programa de exercício do exército norte-americano assim como a língua do braile²⁶³, por exemplo, e tantas outras invenções criadas sobre circunstâncias adversas, nesses casos sob o contexto bélico são o antagonismo de suas criações, esse dado dos objetos deve ser sempre acompanhado, pois a intencionalidade ao qual são criados muda conforme o uso.

Criada pela estratégia de defesa e ataque dos exércitos a internet passa, cada vez mais, a ser usada como um meio de divulgação democrático da informação. A pesquisa de campo aponta um número expressivo de indivíduos que usam a internet através de plataformas gratuitas. Esse é um apelo do Período Popular da história. São as contradições da ação e criação humanas que permite sonhar, ter esperanças.

Esta pesquisa de tese constata uma tendência dos conteúdos da internet, ao menos no Brasil. É o apelo à sua gratuidade. Esse canal e seus fluxos e nichos possuem essa racionalidade. De fato, a teoria do Professor Milton está certa os lugares se constituem pelas densidades técnicas, informacionais e comunicacionais.

²⁶² “É, na verdade, uma rara mistura de estratégia militar, grande cooperação científica e inovação contratual. Nas origens da Internet está o trabalho de uma das instituições de pesquisa mais inovadoras do mundo: A Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA). Quando, no final dos anos 50, o lançamento do primeiro Sputnik alarmou o establishment militar norte-americano de alta tecnologia, a DARPA assumiu várias iniciativas ousadas, algumas das quais mudaram a história da tecnologia e estabeleceram a era da informação em grande escala. Uma dessas estratégias, que desenvolvia uma idéia [sic] concebida por Paul Baran da Rand Corporation, era projetar um sistema de comunicação invulnerável a ataque nuclear. Com base na tecnologia de comunicação por pacotes, o sistema tornou a rede independente de centros de comandos e controle, de modo que as unidades de mensagens encontrariam suas rotas ao longo da rede, sendo remontadas com sentido coerente em qualquer ponto dela (CASTELLS, 2000: p. 375).” [grifo no original] Assim surgiu a tecnologia digital.

²⁶³ O braile foi criado por um soldado norte-americano no silêncio do *front* de batalha para se comunicar com os outros companheiros na escuridão e mantendo o silêncio de prontidão e sentilena. Mia Couto fala sobre isso e outras reflexões em sua palestra disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ahb9bEoNZaU&list=WL&index=66&t=0s>>. Acesso em: 27 de out. de 2019.

A internet, as mídias sociais e as plataformas digitais podem desempenhar um papel diferente e criar outras racionalidades. Pode ser um instrumento mais humanizador, conforme exibido no capítulo 12, qual seja, a consciência dos lugares e a comunhão humana propiciada pelos lugares se constituindo como resistência orgânica às desigualdades socioespaciais.

Um período histórico se instaura pela dinâmica e ação concreta de suas variáveis chaves. No período histórico atual as variáveis são a técnica, a ciência e a informação. Essas variáveis regem uma racionalidade e promovem a instalação de objetos modernos (SANTOS, 2009 [1996]).

Todo o período histórico inaugura um meio ao qual é correspondente, são objetos e ações indissociáveis. A dialética da expansão do capitalismo com o motor da urbanização e modernização direcionou a ciência e a técnica e a informação. Essa, mais como meio de disputas e a guerra informacional a qual se vivencia na contemporaneidade.

Essa dialética fez com que o meio técnico-científico-informacional fosse plenamente usado pelo capitalismo financeiro na *virtualização* da vida, criando um mundo digital impossível de não ser vivenciado, pois é imperioso também distribuiu as sementes do Período Popular da História. Essas sementes na guerra da informação estão sendo praticadas, germinadas, e estão constituindo lugares, sejam para o novo ou para o velho. Contudo, a mudança está em marcha. Pois como se viu, os lugares são senhores de uma consciência, a consciência não individual em si, mas dos lugares indissociável de uma ética, a ética dos lugares.

O denominado Período Popular da História pelo motor das ações em coletivo gerará um Meio Popular. Mas quais as engrenagens como o meio técnico-científico-informacional que são as mesmas do período seriam do Meio Popular?

Pelas variáveis que surgem como força e propulsão do Período Popular a informação se mantém viva, ela é a detentora do poder, sempre foi, mas com a velocidade e aceleração características do período anterior, técnico-científico-informacional, a informação passou a ser possível entre os homens lentos, entre os pobres, entre todos. Ela passou a ser disputada e, sobretudo, usada pelos

lugares como resistência. É uma enorme contradição do sistema capitalista, pois seu desejo de produção e consumo exacerbados controlando os sujeitos instantânea e simultaneamente também permitiu vislumbres de ação para sua liberdade e poder.

É por esse motivo que a informação se mantém viva como uma variável da história, ela é incitadora de ações, mas é detentora de privilégios.

Souza (2000b) em seu projeto sobre a pedagogia cidadã anteviu o próprio limiar do Período e meio popular da história. A própria informação é um elemento que propicia uma pedagogia da existência. Ou pedagogia da informação como formadora da pedagogia da existência. A política só acontece pela informação. Informar-se é um atributo da democracia, informação é política. A proposta do projeto de Souza (2000b) para a formação e implantação de postos de serviços descentralizados de informação cidadã em certa medida vem sendo disseminada e difundida pelo próprio meio técnico-científico-informacional com o cotidiano dos lugares pelos usos das mídias sociais.

As mídias sociais entraram no cotidiano dos lugares como intermediárias da informação, do seu acesso. Ainda que o controle e filtros das grandes empresas e corporações das comunicações dominem os filtros da informação, as mídias alternativas têm crescido e conquistado públicos de acesso. Mas, não apenas as mídias alternativas, como o jornalismo, a própria produção do cinema ou das séries podem ser instrutivas. Apesar de tudo isso, a produção autônoma de vídeos próprios dos seus cotidianos ou situações por qualquer um que deseje pode incitar a pedagogia da informação. Como se comprovou pelo retrato que foi exposto a constituição dos lugares pelo grupo de Posse Poder Revolução, ou seja, eles produzem a sua informação local e divulgam para o maior número de pessoas.

O projeto de Souza (2000b) pretendia uma formação cidadã instrumentalizada pelo governo da cidade de São Paulo no que denominou de pedagogia cidadã. É ainda um projeto valioso e visionário, embora atualmente haja portais e mais ferramentas naquilo que a prefeitura ou câmara municipal chamam de ferramentas de transparência, no entanto, ao que tudo indica elas não servem como instrumentos de formação cidadã. O que se presenciou no

trabalho de campo do dia 21 de agosto na Câmara Municipal foi a intuição de que essas ferramentas de consulta e divulgação da informação são criadas mais para dificultar o manuseio do cidadão comum. Um trabalho futuro poderá investigar se esses instrumentos são válidos para a pedagogia cidadã.

Porque o repertório dos sujeitos que constituem lugares conta muito para o uso desses portais, a informação não é obtida instantaneamente. Isso ficou explícito tanto por falas dos representantes do fórum de Hip Hop e dos movimentos sociais que lá estavam na subcomissão de orçamento e finanças da cultura. Ao que tudo indica também os lugares livres, constituídos e representados por grupos corporativos sabem como disputar e constituir as políticas governamentais. Os lugares como resistência começam a tomar consciência da lógica da política e a conquistar os seus lugares de representação. Mas é preciso observar os ritos e formas do governo e não apenas considerar o Estado como o outro e o inimigo, o Estado está apenas sendo governado há séculos por uma classe social hegemônica e, seu governo, somente a ela representa.

Esse trabalho expõe o método de como os lugares como resistência poderão disputar sua representação no governo, conquistando outras possibilidades de constituição do lugar. A constituição dos lugares como resistência representados pelo fórum de Hip Hop ainda é tímida, mas valiosa. Primeiro para a própria pedagogia da existência a partir dessas experiências como transformação desses lugares como resistência para uso das instituições. Segundo, para que a partir da vivência dessa pedagogia possam eles participar da pactuação que é feita por meio de outras constituições de lugares.

Outra variável, essa novíssima, é a comunicação. Esse é o fundamento do Período Popular da história, qual seja a comunicação entre os lugares. Já se percebe esse alvorecer do Período, pois a comunicação anda a cada instante se constituindo de baixo para cima. Os lugares como resistência são provas disso. O novo período é informacional-comunicacional-popular. Por isso seu meio é o meio informacional-comunicacional-Popular, onde a informação é a variável que detém todas as densidades, as densidades técnicas, científicas, políticas, sociais, e informacionais por excelência. A comunicação é o próprio lugar, são os lugares se

constituindo, o popular é o atributo do coletivo, a consciência de coexistência entre os diversos, de copresença e coexistência entre os diversos, a consciência do homem como diz Santos (2011 [2001]). Assim ele se alia, se compadece, ama (o outro), e age.

Haverá um tempo em que se vivenciará o pleno Período Popular e seu Meio Popular, aquele reino comunista e anarquista em que o coletivo é a consciência maior, em que todos os seres humanos serão irmãos universais, em que todos serão cidadãos do mundo!

É por esse motivo que essa tese atreve-se a anunciar a metamorfose do período técnico-científico-informacional e seu meio técnico-científico-informacional para o Período Informacional-Comunicacional-Popular e seu Meio Informacional-Comunicacional-Popular.

Pode-se suprimir o comunicacional, mas para isso é preciso aprofundar as pesquisas sobre as novas variáveis do meio. A tese debruçou-se sobre como se constitui um lugar, como os lugares se constituem como resistências às desigualdades socioespaciais, pois o lugar é sempre político.

Esse é o elemento decisivo da guerra da informação. Pois cada vez mais as desigualdades socioespaciais serão debatidas, porque são a vida concreta das pessoas, cada vez mais compartilhada pelos lugares. Esse confronto entre os lugares faz surgir forçosamente uma nova consciência.

Gramsci (1972: p. 98) mostra “[...] *que o <<velho>> homem, através da mudança, se transforma por sua vez em um homem <<novo>>, porque entra em novas relações, depois de ter posto de lado ou reformulado as antigas.*” O cerne das mudanças sociais são as novas relações. Relações que rompem com antigas práticas, atividades e ações. Durkheim (2015 [1930]) também se referiu a essa mudança quando afirma que a mudança na solidariedade em si transforma a estrutura da sociedade. São mudanças na constituição dos lugares.

Poucos se aventuram em textos futuristas, como Darcy Ribeiro, antropólogo e grande intelectual público brasileiro, inventor das brasilidades aventa um ensaio fascinante, chamado *Yve-marãen: a terra sem males, ano de 2997!* Esse ensaio além de mergulhar em sua utopia, não apenas para o Brasil,

mas para a humanidade, para um mundo sem males, permite acompanhar sua defesa da diversidade, dos grupos, da comunhão entre os povos. Não se trata apenas de uma utopia humanista, mas o ensaio é um esforço visionário da sua teoria libertária, sobejamente para América do Sul ou continente latino-americano. Ribeiro (2011 [1997]) sonha e imagina um mundo plural. Imagina um mundo para além de quase 10 séculos!

Nesse ensaio, Ribeiro (2011 [1997]: p. 37) projeta uma terra sem males, o antigo mundo da América do Sul, “[...] *onde antes existiam o Brasil, as Guianas, a Venezuela e a Bolívia, o pequeno Equador, a Colômbia, o Chile, o Peru, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai [...]*” passou a ser uma macro-nação chamada de *Yve-marãen*²⁶⁴, palavra antiga em tupi-guarani que significa uma terra sem males.

A política como sendo corpo a corpo é encontro, é proximidade, mas pode ser também virtual. Essa proximidade vem sendo intensificada ou também usada pela copresença, atributo do período e meio atuais seja um dado e uma possibilidade para a ação ou conscientização, pois somente no encontro a política se realiza, com a constituição do lugar a política se faz, ou melhor, se pratica.

O período e meio técnico-científico-informacional por meio da psicoesfera e tecnoesfera no uso das mídias sociais criam a falsa sensação de realidade. O virtual jamais substituirá o real. O virtual somente é possível e real pelo que reflete do real, seja ele real ou imaginário. O real pode ser auxiliado pelo virtual. Mas o contrário ainda não é possível. A própria guerra da informação e dos lugares na disputa pelo mundo, o jogo é praticado virtualmente, mas a conquista é territorial.

Contudo, essa guerra da informação entre as empresas pelo domínio do mundo instaura também uma guerra entre as pessoas. É a competição no seu sentido mais agudo. A competição, a informação e o dinheiro são os agentes dessa guerra dos lugares. Fazendo com que as pessoas nas mídias sociais

²⁶⁴ “Mil anos atrás, na virada do segundo para o terceiro milênio, esse nome designa certas áreas da costa de Santos, em São Paulo, e de São Luís do Maranhão, onde os índios queriam chegar para alcançar a morada de seu deus Maíra, onde viveriam eternamente. A crença era de que, se viajassem sob a condução de seus pays, ou sacerdotes, rezando e dançando por muitíssimas noites, seus corpos se tornariam tão leves que, olhando o Ivy-Marãen, levitariam para ir viver lá. Era a reação desses índios, que haviam sobrevivido a meio milênio de perseguição, ao medo de estar chegando a hora de seu extermínio (RIBEIRO, 2011 [1997]: p. 37).”

disputem uma com as outras. É o controle máximo dos corpos por quem caiu no apelo da psicoesfera e tecnoesfera do consumo. E, o celular multifuncional permite a fluidez mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional.

Há uma disputa pelo maior número de seguidores nas mídias sociais, pelo número de curtidas (os *likes*). Há uma exposição do cotidiano, da vida privada que virou pública. Para aqueles que não se deixaram contaminar, alienar ou escravizar ainda é possível contemplar os eventos sem essa pressão pela espetacularização da vida, as fotos, os vídeos, muitos são seduzidos para serem youtubers. A fama não é mais nas mídias televisivas tradicionais, agora a moda é ter seu canal, monetarizados.

Há quem governe ou reja sua vida para mostrar nas mídias sociais. A fotografia é tirada para publicar nas redes. A vida girando em torno das mídias sociais, das reações. Muito se tem refletido sobre esse ambiente virtual. Bem verdade que ele somente expôs a face humana do egoísmo. Antes das mídias sociais muitas pessoas seguiam seu egoísmo, a mídia deu alguma visibilidade. Isso poderá ser transformado em positivo.

A evolução da idade média em que famílias eram tidas como nobres e de sangue azul, privilegiadas pelo berço foi derrubada pelo regime burguês em que basta ter dinheiro para consumir. Ainda não é exatamente assim. A burguesia criou uma classe dominante e mesmo quem tem dinheiro não é aceito, é tolerado. A classe fala mais alto.

Uma perda histórica da idade média parece ter sido o culto às virtudes. Com o capitalismo o culto ao consumo passou a ser o forte. Você precisa ter para ser alguém. Esse fato é bem emblemático ao se observar os sonhos das crianças pobres, que é geralmente, aquele de ser cantora ou atriz, cantor ou atriz estará como um dos seus sonhos para o que desejam ser. Isso está ligado à fama, ao poder do culto das massas aos conteúdos dos signos que alimentam a psicoesfera e tecnoesfera no controle e domínio das mentalidades.

O movimento da história é veraz. Há um apelo pelas mídias sociais e pelo cotidiano através dos filmes e dos livros para o retorno às virtudes! Não falam das virtudes explicitamente, mas falam dos valores do estar junto, de não valorizar o

dinheiro acima de tudo, de lutar por sonhos que lhe satisfaça e não para ter objetos e ser reconhecido pelos objetos.

Contudo, o meio técnico-científico-informacional é muito sedutor.

Mas é possível observar o movimento da história em suas contradições. Ter acesso à internet e as informações pode ser um agente transformador, mas não tê-los também pode transformar, como constatado com as entrevistas aos moradores de rua.

Flusser (2017) faz uma periodização sobre o homem novo ou o homem do futuro que é o *homem-aparelhos-eletrônicos* que substituiu respectivamente o homem-mão, o homem-ferramenta e o homem-máquina. O homem do futuro deixa de ser *homo faber* para ser ***homo ludens*** (*performer*).

Souza (2016) mostra como a ciência tomou o lugar da religião quando o regime feudal foi derrubado pelo capitalismo. Atualmente a ciência passa a sofrer os ataques que a igreja, na época o Império Católico sofreu. A ciência que sempre serviu ao capital passa a ser questionada. Ela não desaparecerá assim como não desapareceu a igreja católica, mas não será mais o comandante da razão.

Quem derrubará a ciência? Qual será o novo veículo e novo casamento do novo tempo? O casamento rei-igreja se desfez, o casamento capital-ciência está por um triz. O que substituirá o capital como sistema de relações sociais? Recorda-se que na época feudal as relações eram servis e estagnadas, não havia quase meios de ascensão social. Com o capitalismo a relação é de exploração, alguém tem e outro não tem, vende-se a si próprio, o que antes era alugado ou escravizado.

O que virá depois disso? Algo novo está surgindo, e os grupos de extrema direita tomaram a liderança. Os ataques à ciência são mundiais, não é uma particularidade brasileira. A ciência não desaparecerá. Terá seu valor, assim como os livros, os bons livros, os clássicos.

Não é possível ainda vislumbrar os novos agentes do novo mundo. Sabe-se que a racionalidade mudará e a crença não será mais na ciência. Talvez a Arte tome o lugar da ciência, talvez, seja chegada a sua vez. O retorno do artesanato

surge a todo vapor supervalorizado pelas pessoas, o artesanato ganha novas caras. As pessoas não querem mais um objeto que todos possuem um idêntico, as raridades sempre foram muito valorizadas, porém agora surge um interesse maior ou um retorno a valorização dos artesãos.

Os filmes, as peças de teatro, os shows tudo passa por um processo de aproveitamento do capitalismo que se apropriou com o que Lipovetsky e Serroy (2015) chamam de *hiperespetacularização*. Até mesmo a cultura *mainstream* supervalorizada por Martel (2012) parece sugerir que a arte tem essa força.

Mas e as novas relações sociais, do capitalismo surgirá qual regime? Com quem a Arte casará? Com a cooperação? Ainda se estar longe de extinguir essa tal de mais valia. Contudo, além da arte, o dado da informação e da comunicação serão fundamentais.

Quando Gertel (1998) defendeu o “meio comunicacional” cometeu um equívoco. Por isso Santos (2011 [2001]) não fala em meio comunicacional. A comunicação é um dado da política, só há política quando os indivíduos ou sujeitos se comunicam e assim pactuam, constituem lugares, e agem segundo o que projetaram ou imaginaram. Talvez, essa facilidade na comunicação ou democratização pela prática ou vivência do Período Popular.

Habermas (2012 [1981]) estuda a racionalização na formação de opiniões e no estímulo à ação, ou como fala-se na constituição dos lugares. Mas o agir comunicativo mesmo sendo um paradigma moderno é algo ligado ao homem, sempre.

Essa cooperação técnica ou tecnológica entre as empresas globais pode indicar uma mudança nas relações sociais, no regime. Mas é preciso investigar para onde está indo a mudança. Os ataques à ciência são mais elucidativos e as teorizações sobre o Período Popular da História sempre consideraram uma nova racionalidade advinda pelas emoções. O que mais toca as emoções do que as artes?

O mundo está entrando numa fase colaborativa, cooperativa. As próprias empresas estão tomando a ação nesse sentido. A guerra comercial China e Estados Unidos da América tem sido regida muito mais pelas empresas que

pressionam governos reacionários como o caso do governo Trump para não barganharem e taxarem os produtos chineses, pois isso afeta diretamente as empresas norte-americanas. Há um regime de cooperação tecnológica. Mas isso não é um favorecimento ou bondade dos norte-americanos, das suas empresas. A China conquistou esse poder de barganha (ESCOBAR, 2019).

Há uma moeda virtual, e o que isso significa para o mundo atualmente e como influenciará o futuro? Há também grupos que trocam mercadorias pelas mídias sociais.

Muitos não veem essas mudanças. Não acreditam no fim do capitalismo. Mas nada é para sempre na história, todo império tem seu fim. O capitalismo segue seu curso. Havia um mundo feudal se transformando no mundo capitalista que vem se metamorfoseando para o próximo mundo, que na defesa desta tese é o mundo popular.

O Período Popular é justamente a contradição do período técnico-científico-informacional com suas densidades técnicas, informativas e comunicacionais. O Período Popular é a realização da comunicação plena, sem filtros, da escolha dos indivíduos conscientes de sua existência e sonhadores de seu futuro agirem, constituírem lugares que o permitam ser fraternos, sensíveis aos outros.

Esse mundo popular é a prática da difusão da informação, da produção de uma nova informação, cada vez mais localizada, dispersa pelo globo e diversificada. O compartilhamento da informação é o caráter que denomina o popular. Mas ainda é preciso conhecer sobre a racionalidade e sistema de relações desse novo mundo.

O Período Popular e seu meio Popular poderá ser o início do mundo comunista idealizado por Marx e Engels ou até o próprio mundo comunista. O dado comum é a comunicação, a comunicação sobre a existência. Uma pedagogia da existência considerando todos como iguais ou fraternos.

O olhar antropológico sobre a realidade brasileira de Ribeiro (2012 [1995]) traz elementos para compreender a formação socioespacial²⁶⁵ nacional. Outro método e interpretação sobre o Brasil é trazida por Fernandes (2005 [1975]) e são fundamentos para se entender a constituição da formação socioespacial do país.

Assim como Heidegger (2008 [1954]: p. 169) afirma que *poeticamente o homem habita* “*É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar.*” Também, é a poesia a medida de toda dimensão. Poesia e pensamento andam juntos. Por isso Flusser (2015 [1966]) reflete sobre a festa e o pensamento. O retorno do teor festivo ao pensamento se dá pela intelectualização total.

Braudel (2014 [1969]) une civilização à cultura. E Reclus (2015 [1905]: p. 282) discute o progresso como educação e alimentação para todos “*O verdadeiro progresso é a conquista de Pão e da Instrução para todos os homens*”.

Um paradoxo entre o surgimento da internet como uma ferramenta do exército norte-americano é seu uso como a possibilidade de comunicação entre as pessoas. Nesse aspecto concorda-se com Martel (2010). Essa dialética da história é o movimento que permite acompanhar os processos e, com grandes chances reais de se antever. Malgrado todo o controle ainda da informação e a disputa das novas empresas da comunicação e suas plataformas digitais a internet é a criação que permitiu a aproximação entre as pessoas, a possibilidade de constituição de lugares virtuais, a troca de informações. Esses lugares constituídos virtualmente são a possibilidade real da partilha do mundo. A despeito que sejam usados pela globalização como falácia de um mundo global e a extinção das fronteiras físicas esse dado empírico (*internet*) é o anúncio que permite que as informações circulem e comuniquem.

²⁶⁵ A formação socioespacial é um aprofundamento da formação econômica e social de Marx pela incorporação do conceito de espaço geográfico.

Considerações finais.

Esta tese buscou estudar o lugar e suas dinâmicas demonstrando que ocorreu uma verdadeira revolução do lugar! Essa revolução começa com a mudança do período e meio técnico para o período e meio técnico-científico-informacional. É uma revolução genuína, pois somente com a aceleração do tempo foi possível enxergar a diferença entre o lugar e o local. Isto é, o descolamento ou diferenciação do que é o lugar e o que é o local. A partir dessa condição espaço-tempo o lugar se tornou um conceito e categoria basilar da análise geográfica.

Os lugares aqui estudados, aqueles que se constituíram durante a análise desta pesquisa, revelaram a precisão da teoria e o processo de vivência dos lugares na prática do futuro como âncora. Alguns lugares constituídos, devido à natureza da solidariedade que os animou, possuem uma organicidade e, assim desenvolvem uma trajetória, como exemplificados na tese ao discutir a posse de Hip Hop Poder e Revolução, ou mesmo os lugares constituídos pelo cotidiano da política governamental da Câmara Municipal de São Paulo ou ainda os vividos pelos moradores de rua.

É pelos lugares que se estuda o presente. Os lugares são o tempo espacial ou a dimensão espacial do cotidiano como advertiu Santos (2009 [1996]) ou como preconizava George ([1970?]) como a ação do homem ou a ação humana. Esse geógrafo ao trazer a origem da paisagem rural e o estudo do seu *habitat* já mencionava o lugar como uma *força de inércia* que modificava a cultura geral, sendo os lugares aparentemente semelhantes naquela época dada essa cultura, mas nunca idênticos. Esta tese avança numa interpretação e apelo para ação humana, advogando que **o lugar é ação**. Assim sendo, o lugar é ação, e como tal é uma dimensão da política sendo essa a tese defendida, verbo da geografia.

A evolução da reflexão e proposição de George ([1970?]) contribuiu também para a compreensão da prática do LUGAR-MUNDO, ou seja, essa

experiência do indivíduo ou sujeito entre as vivências do seu lugar constituído diariamente e sua compreensão do mundo. Nesse sentido é que a **informação** se torna o dado imperioso da constituição dos lugares, uma vez que o lugar é essa **comunicação** entre as pessoas em si compartilhando os seus “mundos” pela difusão da informação. O lugar é a grande dimensão da vida humana, a ação, a dimensão da ação humana.

Mas o método da dinâmica dos lugares não é apenas do presente, é o presente com vistas ao futuro. A dinâmica dos lugares, sejam de resistência ou livres, sejam virtuais ou autômatos, ou sejam governamentais imperiosamente desvelam um futuro como âncora. A prática, os lugares, a ação em si é reveladora da ideia de futuro do grupo ou sujeitos que os constitui e vivenciam.

Por ser a dimensão do espaço geográfico que vivencia o cotidiano, o lugar é movimento, é incorpóreo, e a dinâmica dos lugares estuda esse processo. É pela constituição dos lugares que as pessoas se relacionam com os objetos, com os locais e acessam o meio técnico-científico-informacional. Esse sendo o agente que pela psicoesfera e tecnoesfera constituem os lugares desigualmente a partir do uso do território.

O meio técnico-científico-informacional é o conceito e variável geográfica de suma importância, pois é a mediação entre a natureza natural (primeira ou original, a base ou os materiais do planeta) e a natureza humana, ou seja, a criação de outra natureza sendo constituído a partir do espaço geográfico. A dinâmica dos lugares foi o método que animou esse trabalho, sendo ela compostas pelos agentes geográficos: a difusão do meio técnico-científico-informacional, a fluidez territorial, a divisão territorial do trabalho. Esses são os grandes agentes da dinâmica dos lugares; as mídias sociais e plataformas digitais ou virtuais entram a partir da profusão e difusão do meio técnico-científico-informacional, mas podem ser também consideradas, conforme foi discutido, como agentes da dinâmica dos lugares.

O mundo é considerado como sinônimo de espaço geográfico (SOUZA, 2007) e por isso influencia e condiciona à constituição dos lugares a partir da difusão do meio técnico-científico-informacional; os filósofos já comprovaram a chamada força ativa dos objetos, ou o meio técnico-científico-informacional que

passa a ser naturalizado a partir do seu contato. Vale lembrar que esse meio é acessado pelo uso dos objetos ou do território. Objetos, no sentido geográfico da compreensão, não são apenas materiais, são também imateriais, como as normas; são sempre ativos, dado sua natureza a partir das infinitas intencionalidades. É uma condição humana o condicionamento que o meio implica sendo indispensável à vida social.

Os lugares como espaços do acontecer solidário revelam a dinâmica do mundo do presente, no qual a racionalidade da competitividade impera, mas germinam uma contrarracionalidade, qual seja a da comunhão, da partilha, da cooperação.

Bem verdade que as desigualdades socioespaciais estabelecem a constituição dos lugares livres e os lugares como resistências (SOUZA, 1995b). Mas no mundo novo, no novo período os lugares se constituirão como cidadãos. Não serão mais os lugares livres porque fluem pelo uso pleno do território, nem serão mais os resistentes que persistem ou insistem em sobreviver. Será a máxima dos lugares, a anarquia pura, a consciência plena de si e do outro. Os **lugares cidadãos** são os lugares do Período Popular da História. Eles serão constituídos tendo como base um território criado para uso comum.

Com esses lugares cidadãos, em sua vivência máxima da anarquia (liberdade de ser consciente de si), é muito provável que as hierarquias sociais não se extinguirão. Porque na democracia plena cada um possui a consciência do seu papel e da sua tarefa na divisão social do trabalho. Portanto, haverá políticos, cientistas, intelectuais, professores, empresários, artistas, e tantos outros modos de vida e divisão social e territorial do trabalho preciso for.

Os lugares são anárquicos (livres) por essência, por ser uma **dimensão e tempo espacial do cotidiano**, ou seja ação. Mas as intencionalidades e solidariedades de sua constituição pelos seus agentes e sujeitos expressam outras qualidades que ainda não são a cidadania, no caso brasileiro sobejamente mais agravado. Os lugares também são livres por essência, contudo para que essa liberdade seja plena é preciso outras intencionalidades e solidariedades a partir de uma base territorial comum (RIBEIRO, 2012 [1995]; SANTOS, 2014 [1987]). O problema das desigualdades é justamente que para alguns indivíduos é

possível usar o meio técnico-científico-informacional e constituir lugares livres, enquanto para outros essa condição é negada assim eles constituem os lugares como resistência, insistindo em sobreviver.

Essa base territorial comum deve ser construída e constituída por novos pactos territoriais estruturais como preconizou Santos (2014 [1987]).

A violência do dinheiro e da informação aos poucos vai sendo enfrentada pelos lugares como resistência; isso foi constatado com os lugares se constituindo como resistência orgânica por meio do grupo Posse Poder e Revolução, na zona sul da megalópole.

A guerra da informação ou como aqui defendido uma verdadeira **guerra dos lugares** porque lugar e informação se aproximam intensamente, ela é tão sofisticada, brutal e precisa que não se sabe quem são os inimigos diretamente e isso exige muito esforço, leitura aguçada sofisticada por parte do cientista ou do analista social. Sem a informação os lugares não se constituem.

Dreifuss (1989) conclamou em seu estudo precioso sobre a abertura democrática brasileira, que a esquerda e os progressistas precisam saber virar o jogo da direita, sempre tão vitoriosa e hegemônica no Brasil. Seu livro, seu material analítico e suas interpretações instigam essa virada de jogo, com ajustes e correções atuais. Contudo, ou a esquerda e os progressistas, que conseguiram o poder em quase 14 anos, pactuaram com a hegemonia da elite e da direita brasileiras conscientemente ou não conseguiram reagir a tempo de evitar o pacto territorial funcional constituído em 2016.

De todo modo à interpretação sobre o golpe de 2016 trazida pela tese, foi aquela de que ele se constituiu num **pacto territorial** funcional forjado a partir do enfraquecimento do PT no jogo político desde a reeleição de Dilma Rousseff em 2014. O pacto territorial anterior foi rompido e outro novo constituído a partir da composição daquilo que é entendido como golpe midiático-jurídico-institucional, uma vez que são seus agentes principais. Novas regras do jogo foram elaboradas.

A discussão entre os partidos socialistas e comunistas quando entraram no jogo da democracia era justamente esse dilema poderiam eles alterar as bases

das estruturas em favor dos trabalhadores? A resposta foi negativa, pois quando qualquer força de esquerda tentou mexer na estrutura, ainda que em via democrática, foram derrubadas e destruídas... (PRZEWORSKI, 1989). Talvez, mesmo que a esquerda tivesse iniciado um processo de conscientização a partir dos lugares sua queda tivesse sido mais rápida, isso foi apontado também por Celso Amorim em entrevista ao canal 247.

O Partido dos Trabalhadores, enquanto esteve no poder, sequer arranhou a estrutura social. A queda envolveu interesses e agentes, internos e externos, ligados à guerra da informação ou guerra dos lugares e geopolítica global, a qual a nova ordem é de cooperação segundo o jornalista e analista geopolítico Pepe Escobar, e os circuitos espaciais de produção são a lei espacial do momento e do futuro. Esse golpe de 2016 culminou na constituição de um **novo pacto territorial** que está sendo praticado seguido pelos resultados das eleições de 2018.

Cabe ressaltar que os pactos regionais globais acordados pelo Brasil, durante governos do PT, praticavam um futuro como âncora. Ou seja, imaginavam um futuro e o construíam ou concebiam e o executavam. O grupo BRICS é um exemplo disso. A união do Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul foi o grande salto de uma imaginação para o Período Popular, um bloco que se opôs ao império norte-americano, criando outra solidariedade. Esse é um exemplo da criação do futuro como âncora. Queriam chegar ao fortalecimento desse bloco, mas o novo pacto territorial nacional constituído de 2016 no Brasil malogrou o prosseguimento desse ideal. Entretanto, o imaginário dos países como China e Rússia ainda esperam pelo Brasil e o BRICS não foi extinto, está paralisado segundo os analistas Celso Amorim e Pepe Escobar.

Internamente o recalque da elite em não dominar mais a situação do eleitorado, uma vez que a maioria dos pobres confia na figura do Lula, foi um dos pivôs que levou a esse novo pacto territorial. Desde a eleição do Lula, em 2002, perderam o domínio sobre a maioria dos pobres. E somente devido a contextos internacionais, dada à guerra da informação ou a guerra dos lugares, foi possível a trama do golpe em 2016, ou como se interpretou nesta tese o novo pacto territorial.

Diante desse contexto de domínio de uma força cada vez mais fascista pergunta-se qual a saída para esse jogo em que essas forças opressoras cooptaram exércitos de mentalidade factoides e vigilantes virtuais. Não é preciso mais o emprego da força policial na medida em que era feita anteriormente, pois os militantes desses exércitos virtuais agem devido à constituição de lugares nesse sentido. Os exércitos virtuais lincham pública e virtualmente, agridem fisicamente nas ruas... disseminam mentiras, chamadas pela mídia de *fake-news*, ficam vigilantes e alertas para a ação contra os grupos opositores. Eles constituem os **lugares autômatos**.

Sem falar nas empresas de disparos automáticos que usam robôs para disparar notícias falsas. E, também a ação dos algoritmos produzidos pelas grandes corporações plataformas digitais que sugestionam o acesso de notícias pelas pessoas. Esses fatos podem ser usados pelos grupos para a manipulação dos indivíduos em favor de seus interesses de poder. São os caminhos da guerra dos lugares que precisam ser acompanhados.

De fato, a manipulação e a guerra são regidas virtualmente e, cada vez mais, disputadas pelas mídias digitais e suas plataformas. Os campos de batalha passaram a ser virtuais! E serão cada vez mais. Contudo, após a intensificação de guerra dos lugares, o movimento dialético da história parece indicar que também se caminha para o futuro como vislumbra o ensaio de Ribeirto (2011 [1997]) que idealiza uma terra sem males e sem guerras, uma terra da cooperação entre os diversos.

Galeano (1995) advogou que o esporte é uma festa, uma paixão. Tanto Ribeiro (2015 [1995]) exalta essa paixão em que os jogos esportivos provocam no Povo. Inspiram que essas criações poderão ser novos exércitos de uma guerra sem sangue, uma guerra disputada apenas na festa dos campeonatos. Porque se demanda por disputas, por concorrer, mas não é preciso competir, a competição é danosa, a concorrência é construtiva não requer a destruição ou aniquilação do outro.

Bem verdade que as mentiras parecem fazer parte do jogo da política, como expõe Arendt (2016 [1954]). Há o domínio da aparência que nós seres

humanos somos reféns, faz parte de nossa condição humana como nos ensinou Arendt (2003 [1958]).

Como fazer que a aparência seja virtuosa em essência, e transmita elementos verdadeiros? Como caminhar para a liberdade de ser e consciência dos lugares que se vivencia e se constitui cotidianamente?

A política das elites e da direita brasileira soube usar a arma que é a constituição dos lugares, soube ainda, mesmo que não conscientemente constituir lugares. Talvez pelo domínio do capitalismo e sua sedução, ou pela ideologia impregnada na psicoesfera e tecnoesfera das massas trabalhadoras no país, que precisa ser melhor estudada, pois é o fundamento da guerra dos lugares.

Essas ideologias que podem provocar alienações são produzidas pelos comandos da redutibilidade da psicoesfera e tecnoesfera dominantes, sendo esse o caminho para se identificar a produção das fronteiras entre os lugares. Lembre-se que a fronteira aqui não é física está no plano da psicoesfera e tecnoesfera. A própria linguagem do meio técnico-científico-informacional opera em hábitos acelerados que podem também constituir os lugares autômatos. É uma mentalidade a responsável pela criação entre as fronteiras na constituição dos lugares incutida pela psicoesfera e tecnoesfera. Esse é o campo de batalha da contemporaneidade!

O cultivo à ignorância, esse descrédito com o conhecimento, é uma das engrenagens do mundo do presente e foi forjada pelo movimento dialético da História, no qual o próprio meio técnico-científico-informacional e sua psicoesfera e tecnoesfera assim o produziram junto com as contradições do sistema capitalista financeiro em suas ações para manter-se. Esse dado do presente é importantíssimo para a compreensão do mundo do presente e as implicações para o futuro.

Um mundo novo começa a despontar, e sua força se agiganta e se contrai. Está presente. É um mundo em que a cooperação, a concorrência são motores. Onde as alianças são alimentadas pela diversidade, por aquilo que o outro possui e que lhe falta. Ainda não é possível enxergar o que será o novo sistema de relações econômicas e sociais, no qual a mais-valia, a exploração do

outro ao excesso do lucro, o capital, não seja o bem mais valioso, mas sim transformado em outro sistema de relações onde haja um ganho justo. As empresas ainda se interessam pelo lucro, cada vez mais lucro, e as cooperações e circuitos espaciais internacionais atualmente estabelecidos, possuem por excelência a preocupação com o lucro de seus capitais e a manutenção desses conglomerados. Esse é um processo que carece ser acompanhado.

Eis uma questão para se investigar. Talvez a mais-valia universal, como denominou Santos (2011 [2001]), possa se transformar no motor de outra racionalidade econômica uma vez que não se sabem seus donos, impossível nominá-los. Talvez essa própria preocupação com a colaboração internacional, com a cooperação e concorrência elimine a competitividade. Mas e o lucro? Enquanto o sistema de relações for pautado nessa exploração entre o capital e os trabalhadores não há mudança de sistema econômico.

Um fato é certo, não há mais uma força imperialista apenas regendo o mundo, a nova ordem mundial volta a ser plural. A globalização em suas falácias aguçando os blocos econômicos provocou o declínio do império norte-americano. Há inúmeros fatos que exibem esse acontecimento. O próprio declínio do capitalismo, pela crise de 2008 que ainda não foi superada, implica nisso.

O Brasil, nessa contemporaneidade, parece estar sob o comando dos EUA após o novo pacto territorial estabelecido em 2016. Como se sairá dele, ainda não é possível antever. Outro fato são os lugares se constituindo pelo fascismo, a prática do ódio ao outro, o exercício da violência ao diferente ou ao mais fraco. São questões que merecem um estudo sobre suas dinâmicas e seus caminhos futuros.

Sobre as desigualdades socioespaciais, elas são a base para a constituição de lugares livres para os ricos ou aqueles que possuem mais dinheiro; e os lugares como resistência para os pobres (SOUZA, 1995b) que devem se superar em criatividade para poder sobreviver, passar pelo regime, passar pela vida. Ensaaiou-se **uma fórmula geográfica das desigualdades socioespaciais**, qual seja, o maior ou menor esforço que o indivíduo faz ou desempenha para o uso do território. Dessa fórmula a constituição dos lugares

livres ou dos lugares resistentes acontece como expressão dos usos do território por meio do acesso ao meio técnico-científico-informacional.

Como mudar a constituição dos lugares-mundo que são fechados ao conhecimento, que ignoram os fatos? Como transpassar esses limites ou fronteiras de psicoesfera e tecnoesfera? Como constituir outros lugares-mundo mais verdadeiros e menos autoagressivos? Pois os lugares que se constituem negando-se, alienando-se se agriem, se boicotam e se subjulgam e, sem o saberem, acorrentam-se a grilhões alheios aos seus interesses.

Qual pedagogia cidadã (SOUZA, 2000) constituir com esses lugares-mundo dominados pelas hegemonias e usados como seus exércitos? Como fazê-los entender que sua origem vem da condição de explorados e expropriados? Como educá-los para um modelo civilizatório em que a prática do moralismo e da ética sejam bem vindas e válidas apenas para o outro? Como constituir uma nova ética dos lugares? E melhor ainda, como mostrá-los que podem ser livres, ou seja, cidadãos?

A criatividade ou *flexibilidade tropical* dos povos do sul, longe de ser apenas uma prática ou lugares constituídos pela pirataria e o contrabando, é um potencial para o futuro (TOZI, 2012).

Tem-se que mudar esse jeitinho de se arrumar, de fazer ilegalidades para sobreviver, mas enquanto não houver a consciência e uma nova ética dos lugares nada se alterará. A flexibilidade é o jeito de sobreviver, é a resistência e contraversão ao mesmo tempo. É como se dissessem enquanto não viro rico, enquanto a sorte da loteria não chega para mim eu vou me arranjando, dando um jeitinho; eles fazem, por que eu não posso fazer também?

Não que sejam unanimidades. O absoluto e a homogeneidade de fato nunca existiram como tal, ainda quando o tempo era moroso, nesses tempos hipermodernos ser homogêneo e absoluto é quase impossível. A não ser a depender dos lugares que se constituem. Mas jamais são regras gerais.

O lugar é a dimensão espacial e temporal que vivencia o cotidiano. Santos (2009 [1996]) já nos definiu e delimitou essa realidade. Como dimensão que vivencia o cotidiano é sempre presente. O lugar é tempo espacial, se constitui

sempre presente, fugaz e efêmero. Compreender o lugar, ou melhor, as dinâmicas dos lugares é o método do presente e do futuro.

Os objetos dizem respeito à trama da dinâmica dos lugares, são eles quem revelam as relações da constituição do cotidiano e dos lugares. O estudo sobre os objetos diz muito sobre a geografia e o mundo, sobre o presente e o futuro. É a partir dos objetos, dos signos, da sua linguagem que a psicoesfera e tecnoesfera impõe fronteiras e limites entre os lugares.

A constituição dos lugares como resistência está pautada na confiança, no corpo a corpo, o corpo a corpo da luta pela sobrevivência, por permanecer vivo, por suportar até o fim. O cimento das ações está nessa confiança no auxílio ao outro. Os lugares como resistência se constituem com a solidariedade da existência, da partilha da sensibilidade com o outro. Mas não se enganem, há uma força sim, essa força está na disputa pela sua sobrevivência. Onde quem for inimigo não é bem-vindo. Assim como os lugares da política governamental são fechados e sua informação não chega ao grande público, destarte sejam violentos ou agressivos com os opositores, os lugares como resistência também são assim para com os inimigos. No caso dos lugares das políticas governamentais, eles não deveriam selecionar ou ceder apenas aos sujeitos corporativos, às empresas; eles deveriam representar a todos.

A política governamental é uma disputa, e os lugares como resistência já se organizam para disputá-la, já disputam constituir novos lugares, somente com a disputa pelos lugares a política será mais justa e exercida na pluralidade dos lugares. Os lugares como resistência começam a tomar consciência de que é preciso conquistar poder de mando.

Mas esse é o jogo político para quem tiver informação, coragem e disposição para constituir lugares com a política governamental. Por isso que acesso à informação é fundamental não só para a prática política, mas para a vivência da cidadania (SOUZA, 2006). É por isso que as hegemonias controlam os protocolos e acesso na câmara municipal por exemplo. Há todo um ritual e cerimônia nos espaços públicos do poder. E para se conquistar a representação e um lugar requer muito esforço. Também são limites ou fronteiras estabelecidas

entre os lugares da política governamental e os lugares como resistência. É preciso ultrapassar essas fronteiras, constituir outras novas!

A política como corpo a corpo tem a mesma lógica, processo e racionalidade praticada pelos lugares como resistência. Quer sejam os lugares como resistência pura ou bruta, quer sejam os lugares com uma resistência orgânica, mais sistematizada, pois ela é presença ou copresença, proximidade e troca de intencionalidades. É pelas intencionalidades que se entende o corpo a corpo, a informação que aproxima as pessoas, informação partilhada, compartilhada na produção de um sentido, o sentido que pode ser aquele da constituição de lugares cidadãos.

Ficou constatado que a constituição do lugar pode ser virtual e é um trunfo da política atual, as eleições de 2018 mais que comprovam. São lugares constituídos distintamente, uns virtualmente, outros presencialmente. A copresença é importante, é uma possibilidade da atualidade, assim se constituem os **lugares virtuais**. Essa possibilidade da constituição dos lugares virtuais é, também, uma revolução.

De fato, há uma aderência do meio técnico-científico-informacional pelo celular multifuncional ao corpo, que virou uma prótese, uma extensão, um prolongamento do corpo humano, ou uma **fusão homem-máquina**. Naquilo que se abordou como **difusão mais que perfeita do meio técnico-científico-informacional** pela possibilidade desses celulares multifuncionais como extensores desse novo humano que surge em difundir como próteses conteúdos da psicoesfera e tecnoesfera. Uma constatação banal que pela fusão homem-celular multifuncional o meio técnico-científico-informacional adere ao homem numa difusão mais que perfeita. Isso já faz parte do cotidiano, da constituição de muitos lugares, como aqueles lugares livres que fluem pelo território. Mas há aqueles indivíduos que não usam os celulares multifuncionais, ou por recusa ou por total exclusão da sociedade, como a população que mendiga nas ruas.

Não apenas a população de mendigos que constituem os lugares como resistência bruta, mas também os lugares como resistência em si e resistência orgânica, vivenciados em um dos trabalhos de campo, no dia 24 de agosto de

2019 no distrito de Sacomã, zona sul de São Paulo, ficou evidente o tempo lento dos homens pobres, essa racionalidade dos homens pobres e lentos.

Esse **tempo lento** provocado pela experiência da escassez pode ser lido como circunstâncias de pobreza (*maior esforço para se usar o território a partir do acesso ao meio técnico-científico-informacional*), mas também poderá constituir uma nova ética dos lugares, uma ética pautada na generosidade, no respeito ao outro, na sensibilidade para com o próximo e semelhante. Esse tempo lento ficou explícito também nos lugares como resistências e vivenciados a partir da materialidade ou das formas de morar ou localidade como a favela. Os lugares constituídos como resistências às desigualdades revelam que a confiança no outro é o elo mais importante da solidariedade que os une. Por mais que as disputas, os conflitos entre eles onde o nível civilizatório é muito primário ou a ausência das instituições democráticas os deixam a própria sorte na intermediação de conflitos a confiança no outro é à força dos lugares como resistência.

Os lugares constituídos pela política governamental possuem outra solidariedade, aquela ligada aos lucros das empresas e as emendas parlamentares, a solidariedade do dinheiro, enquanto que a solidariedade dos lugares como resistência se constituem pela intuição na confiança no outro, onde a palavra retorna como ação, é o retorno da política em seu sentido mais original, discurso é ação, os lugares como resistência se constituem a partir dessa solidariedade. Essa é outra das contrarracionalidades dos lugares como resistência, o retorno à Política! Por isso que lugar é política, seja ela constituída por vínculos de afeto e confiança, seja por interesses monetários. Qualquer que seja a solidariedade é sempre POLÍTICA! O evento é sempre o lugar acontecendo diariamente, se constituindo diariamente, se realizando; e o espaço é o mundo e as formações socioespaciais na sua relação com o uso que os lugares constituídos pelas pessoas fazem de seus territórios.

Mas a política governamental não pode ser elaborada apenas para as empresas. Por isso os movimentos da periferia andam se organizando, constituindo lugares como movimentos da sociedade civil organizada; movimentos como o fórum do Hip Hop que lidera o debate da efetivação da

política e plano de cultura do município. Essa pressão poderá provocar outras racionalidades e a constituição de lugares novos na política. Mas enquanto o planejamento do município for setorial a luta será sempre por planos setoriais. Iniciou-se essa discussão na dissertação do mestrado e futuramente se prosseguirá como debate para pensar o planejamento para o século XXI, que poderá ser um planejamento territorial de fato, um planejamento em que todos os usos do território, onde a dinâmica dos lugares sejam considerados como método dos planos.

Para se constituir os lugares há elementos básicos para tal e assim é possível compreender, vislumbrar e acompanhar suas dinâmicas. Como cotidiano (por meio dos objetos difusores do meio), as emoções, razões e sentimentos são envolvidas pelos signos e os objetos. Estudar a dinâmica dos lugares é tangenciar a psicoesfera e tecnoesfera. A **psicoesfera e tecnoesfera** são responsáveis pela dinâmica dos sentimentos, emoções, racionalidade e intencionalidades que constituem os lugares, seus limites e fronteiras. É preciso destacar que esses limites e fronteiras são imaginários, mas são reais, porque delimitam os usos do território pelos lugares.

Esse é o grande desafio de um mundo cada vez mais complexo e mutante, um mundo misturado, um mundo diverso, onde a coexistência de infinitos lugares disputam a existência entre si, sonham em viver. Em todo modo esses lugares como resistência em sua essência exercem sempre a liberdade, mas são prisioneiros das condições materiais da sua vida e assim constituem lugares com maior ou menor esforço no uso do território pela difusão do meio técnico-científico-informacional. Contudo os lugares livres de fato, na experiência do uso do território em sua plenitude, no uso pleno do meio técnico-científico-informacional fluem pelo território denso de técnica, mas essa fluidez, essa facilidade em usar o meio pode ocasionar uma alienação, uma automação desses lugares livres.

Os lugares como resistência despendem maior esforço para usar o meio técnico-científico-informacional, seja se aprisionando no crediário para compras diversas, dentre elas de celulares ou carros, seja para disputar um terreno para sua moradia, conforme vimos no capítulo 12. Já os lugares livres usam os objetos

modernos como os patinetes, as bicicletas, ou a própria moradia repleta de segurança e conforto. São essas desigualdades que precisam ser encaradas.

A psicoesfera e tecnoesfera da **fluidez mais que perfeita** do meio técnico-científico-informacional pelo uso dos celulares multifuncionais, já transformam as cidades e suas paisagens, com o advento desses novos objetos de deslocamento, como as bicicletas, mas, sobretudo os patinetes. Os aplicativos de bicicletas usadas para o trabalho são transformação que o uso do celular multifuncional proporciona. Assim como os automóveis transformaram as cidades em suas vias ou autopistas de ultra fluidez, o celular multifuncional com acesso à internet já provoca alterações e metamorfoses para a cidade do futuro. Porém a lógica dessas transformações é mais densa de tecnologias.

O entorno da localidade da favela visitada pela atividade do trabalho de campo demonstra a precariedade e aquilo que se denominou de gritos do território por Souza (2000a). Por isso foi necessário tocar na questão da moradia que, conforme defendido por Engels (1985 [1845]), só será resolvido quando o sistema de relação social mudar, quando a moradia deixar de ser uma propriedade privada ou mercadoria e for considerada um bem coletivo de direito a todos, como defende Souza (2010) um direito inalienável ao uso do território. Aonde ninguém possa se misturar com a terra sem ser de sua livre vontade, sem que seja forçado pela sobrevivência.

Pode-se construir uma base comum como idealizou Darcy (2012 [1995]). Essa base comum para o desenvolvimento de cada ser humano naquilo que desejar ser, que a capacidade de sonhar seja um direito. Que seja possível liquidar com os lugares livres e os lugares como resistência e se viver os lugares cidadãos. Esses lugares cidadãos são os lugares conscientes de si e do outro, do coletivo e do público, conscientes da vida e da justiça!

O *ethos* do espaço é o lugar, ou seja, o ser do espaço é o lugar, é sua alteridade, um outro que se realiza, a ética e o hábito em estado puro e em prática. Estudar o espaço geográfico requer outro método e o uso de outros conceitos que não foram trabalhados nesta tese, mas foram tangenciados. Estudar a dinâmica dos lugares, estudar o lugar é desvelar os mecanismos da ação humana, sua consciência ou inconsciência, sua moral, seus hábitos e sua a

ética. Pois os hábitos falam do cotidiano vivido pelos lugares, e assim pode-se traçar uma trajetória dos lugares. **O lugar é a palavra da geografia para ação humana.**

As pessoas desejam viver, querem viver, seus sonhos e instintos mais profundos são por viver! Essa é a preocupação real dos lugares. O lugar é uma dimensão, o LUGAR-MUNDO uma experiência. É pela relação entre o mundo e o lugar que a mudança do sentido, a ética dos lugares pode ser alcançada e transformada. A catarse, como Gramsci (1984) expõe, só acontece por essa experiência do LUGAR-MUNDO, através de como as pessoas pensam, e para saber como as pessoas pensam somente observando e compreendendo como os lugares são constituídos por elas.

Não se entrou no mérito das ideologias entre os grupos de resistência e os grupos de contrarresistências. Mas a ideologia dos lugares como resistência orgânica sugere uma fragmentação descolamento da realidade. Esse não enxergar os lugares pode ser o motivo que os grupos de contrarresistências se saiam melhores na ocupação de instrumentos de poder e na aglutinação de pessoas, na aderência e preferência pelos seus lugares constituídos a partir de mentalidades de classes ricas.

Algo é fato: o LUGAR-MUNDO é essa experiência a partir da subjetividade de ser no mundo do indivíduo que constitui seus lugares diariamente. Cada lugar constituído por um indivíduo possui os elementos e repertórios da compreensão que ele tem do mundo. A dinâmica dos lugares também se dá a partir da disputa entre eles, ou melhor, a guerra dos lugares é justamente essa disputa entre os lugares-mundos. Cada um vivencia um lugar-mundo e o entende como o melhor para o outro. Mas cada lugar-mundo é único e singular, é uma realidade.

Os grupos de contrarresistências se fortaleceram, e se o objetivo dos grupos de resistência é se fortalecer com a aderência de pessoas e a tomada de instrumentos de poder precisará compreender os lugares. Mesmo que os grupos de contrarresistência não possuam a clareza dos lugares atingiram no alvo os mecanismos do cotidiano, ou melhor, os agentes que constituem a dinâmica dos lugares como sobrevivência, resistência e autômatos.

A tese comprova que a força do lugar para além do socialismo ou capitalismo é uma força pela vida! Mas a força pela vida tende ao comunismo, forçosa e imperiosamente. Esse comunismo é aquele da partilha, aquele da democracia em seu sentido mais profundo, aquela irmandade que Marx e Engels (2010 [1848]) enxergaram. Não se trata apenas de imaginar, eles enxergaram que o destino do homem é ser irmão, é partilhar a vida, é comungar dessa unidade que aproxima as pessoas sem, contudo, anular a diversidade humana.

Esse comunismo está sendo gestado, praticado e experimentado pelos lugares. E foi isso que Santos (2011 [2001]) observou. Esta tese comprova a verdade da sua teoria de uma outra globalização, de outro mundo que surge pelo movimento dialético da história da vida em sociedade.

A palavra comunismo é muito temida pelas elites egoístas ou pelas hegemonias exploradoras, mas é a palavra da vida e do futuro dos homens, é a palavra do processo civilizatório (RIBEIRO, 1981). E virá queiram ou não queiram, lutem ou não lutem os revolucionários ou os contrarrevolucionários. Já está em germinação. A ciência serve para mostrar o movimento da história e quem sabe propor melhores caminhos. Esse trabalho de tese apenas mostrou que a mudança de período histórico poderá já se apresentar como o grande comunismo humano.

A observação dos lugares se constituindo como resistência bruta ou pura, acompanhar os lugares como resistência orgânica e suas intervenções, permitiu a constatação de uma das racionalidades dos homens pobres e lentos. Talvez a racionalidade fundamental desses lugares seja a partilha. Pela pedagogia da existência aprendem a compartilhar.

Muitos do que estavam almoçando (no dia do trabalho de campo sobre o almoço comunitário promovido pelo Posse Poder e Revolução) não se apercebiam da causa e outras demandas dos organizadores do almoço, como o apelo para a conscientização sobre o extermínio dos pobres e pretos na periferia, ou mesmo a intenção de levar o Bom Prato para o local. Eles estavam lá participando, comendo, interagindo entre eles, vivendo. Não havia mendicância, não havia subordinação ou submissão de nenhum deles. Não havia sentimento de humilhação. Havia partilha, encontro e vida. Lá conversavam, se expressavam,

degustavam, lá olhavam a vida e a viviam sem pesar e sem culpa, sem ressentimento ou revolta.

Essa filosofia da existência, esses lugares lá vividos mostram que não há indulgência nem inferioridade. Ao contrário, esses lugares constituídos pela pedagogia da existência expressam a força da vida. Santos (2011 [2001]) estava certo, essa força dos de baixo trará o novo mundo, o novo tempo, o mundo comunista.

Defendeu-se também que ocorre uma pedagogia da existência por causa do uso do território pelos lugares, é o meio técnico-científico-informacional, na atualidade que ensina as pessoas, as transformando (SOUZA, 2000b). As metamorfoses dos lugares só ocorrem por causa da pedagogia da existência. É por meio do uso do território que o indivíduo constata seu LUGAR-MUNDO, se transformando ou se alienando.

As mentalidades eram diversas nesses lugares lá constituídos e vividos, muitas divergentes entre si, mas partilhavam do comum. Essa é a filosofia do comunismo. Precisa-se dessa base comum como propôs Ribeiro (2012 [1995]), precisa-se criá-la com fundamentos e objetos democráticos. Mas ela já se germina. Contudo, é necessário imaginá-la como nos ensina Sartre (2010 [1936]).

É pelas mentalidades que se pode ultrapassar as fronteiras dos lugares!

Noutras palavras, essa é a filosofia do espaço banal, poderá o leitor julgar como uma utopia, pois sim, uma utopia do espaço banal! Que a constituição do espaço geográfico brasileiro seja aquela que permita o uso do território pelos lugares se constituindo como cidadãos, os lugares cidadãos! Como define Eduardo Galeano, a utopia é a linha do horizonte que permite caminhar até ela. Que o caminho seja percorrido na direção da democracia, da consciência dos lugares, que o *ethos* do espaço, que o hábito dos lugares, seja os lugares cidadãos!

Por tudo isso, há, sim, uma revanche dos lugares!

Finaliza-se com os olhos de uma menina, uma criança que não deveria ter mais de 8 anos! Seus olhos pretos cintilantes, brilhantes, vivos, iluminaram quem os viu. Sua energia vital era alegre, doce e gentil, seu pulsar do coração era

de vida. Seu ser era todo vida, uma alegria de viver, de estar viva e de ser criança.

Com esse olhar se encerra esta tese, o olhar da esperança, a esperança na vida, no futuro, nos lugares. Apenas dos lugares a esperança aponta e desponta, esses lugares mostram o futuro! Esses lugares praticam o futuro como âncora!

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi com revisão e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. Título original *Dizionario di filosofia*
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. Tradução de Roberto Raposo. Título original: *The human condition* Copyright ©1958
- ARENDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução de Carlos Augusto de Almeida *et ali*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018. Título original: *The life of the mind* Copyright ©1977
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa São Paulo: Perspectiva, 2016. Título original: *Between past and future*. (Coleção Debates; 64 dirigida por J. Guinsburg) 1ª ed. 1954; Cap. 7 p. 284-325
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das letras, 2012. Título original: *The origins of totalitarianism* 1ªed. 1973
- ATKINSON, Anthony B. **Desigualdade: o que pode ser feito?** Tradução de Elisa Câmara. São Paulo: LeYa, 2015. Título original: *Inequality: what can be done?*
- BERMEJO BARRERA, José Carlos. **La consagración de la mentira: entre la realidad y el silencio**. Madrid/España: Siglo XXI, 2012.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. Título original: *Destra e sinistra: ragioni e significati di una distinzioni politica*

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. 3 ed. Tradução Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2014. Copyright ©1969
Título original *Écrits sur l'Histoire*

CASTILLO, Ricardo; TOLEDO JR., Rubens; ANDRADE, Júlia. Três dimensões da solidariedade na geografia: autonomia político-territorial e tributária. **Revista Experimental**, Laboplan-DGE-PPGH/FFLCH-USP, São Paulo, n. 3, set., 1997. p. 69-99

CHOMSKY Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015. Título original: *Media control*/Copyright ©2002

CHRISTALLER, Walter. **Os lugares centrais na Alemanha do sul**. Uma pesquisa de geografia econômica acêrca da regularidade da distribuição e do desenvolvimento das localidades com funções urbanas. Tradução de Mário Antonio Eufrásio. São Paulo, 1981.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. 2. ed. 2. reimp. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011. Título original: *L'Anti-Edipe: capitalisme et schizophrénie 1* [Copyright ©1972]

DEMANGEON, Albert. **Problèmes de géographie humaine**. 4. ed. Paris, Librairie Armand Colin, 1952. Copyright ©1942

DERRUAU, Max. **Geografia humana**. Tradução de Helena de Araújo Lopes e Carlos D'Almeida Sampaio. 2.ed. São Paulo: Editorial Presença Portugal e Martins Fontes Brasil, 1977. Título original: *Précis de Géographie Humaine*

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico**. 2.ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1975. Título original: *L'espace géographique*

DREIFUSS, René Armand. **O jogo da direita**: na nova república. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Forti. São Paulo: Global, 1985. (Coleção Bases; 47) Título original *Die Lage Der Arbeitendem Klasse in England*. 1ª ed. 1845

ESCOBAR, Pepe. **Análises geopolíticas e guerra híbrida**. <https://www.youtube.com/watch?v=wZSD1JkqXMs&index=14&list=LLdw3C4vS6SptdIlex_aUerQ&t=3s>. Acesso em: 25 out. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fNAeBxeyghw&lc=UgwSWM6Tn7BwVkJd0ZR4AaABAg>>. E <<https://www.youtube.com/watch?v=-WiS2DjESLY&list=WL&index=73&t=52s>> Acesso em: 02 de jul. 2019.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5. ed. São Paulo: Globo, 2005. 1ª ed. 1975 (Zahar)

FERNANDES, Florestan. **O que é revolução**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção primeiros passos)

FERNANDES, Florestan. Três teses sobre a universidade (texto original do Diário do Congresso Nacional, Seção I, 5 de jun. 1991). In: OLIVEIRA, Marcos Marques de. **Florestan Fernandes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4699.pdf> Acesso em: 11 jan. 2014.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Circularidade do conhecimento. In: MACHADO, Irene (Org.) **Semiótica a cultura e semioesfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. São Paulo: Annablume, 2011. 1ª Edição: 1966.

FLUSSER, Vilém. **Natural:mente**: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Annablume, 2011. 1ª Edição: 1979.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu, 2017. [Seleção de textos diversos].

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 10. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016. Título original *Les mots et les choses* Copyright ©1966

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014. Título original *Surveiller et punir* Copyright ©1975

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1995. Título original: *El futbol a sol y sombra*

GEORGE, Pierre. **A ação do homem**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do livro, [1970?] título original *L' Action humaine*

GEORGE, Pierre. **Geografia Econômica**. Tradução de Ruth Magnanini. São Paulo-Rio de Janeiro: Difel, 1976. Título original: *Précis de Géographie Économique*

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. Tradução pelo Grupo de Estudos Franceses de Interpretação e Tradução. São Paulo: Difel, 1983. 1. ed. 1961

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. Título original: *Gli Intellettuali e L'Organizzazione della Cultura*

GRAMSCI, Antonio. **A formação dos intelectuais**. Tradução de Serafim Ferreira. Portugal: 1972. M. Rodrigues Xavier. Coleção 70. Título original: *Antologia Degli Scritti*.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. Título original: *Il Materialismo Storico e La Filosofia di Benedetto Croce*

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. v. 1. Lisboa: Estampa, 1974.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. Tradução de Paulo Astor Soethe. v. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. 2. Tiragem 2016. Título original: *Theorie des kommunikativen Handelns*, v. 1 1ª. 1981

HAWKING, Stephen. **O Universo numa casca de noz**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaaios e conferências**. 5. ed. Tradução revisada de Emmanuel Carneiro Leão *et. ali.* . Petrópolis: Vozes, 2008. Título original *Vorträge und Aufsätze* Copyright ©1954

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10. ed. 4. reim. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2015. Título original *Sein und zeit* Copyright ©1986

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 3. ed. Tradução de Lucimar A. Coghi Anselmi e Fulvio Lubisco. São Paulo: Ícone, 2011. Tradução da Edição de 1971. Título original: *Critique de la Raison Pure* 1. ed. 1781

KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. 8. reimp. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 1. ed. 1963

LA BLACHE, Paul-Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 37-47

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004. Título original: *Les temps hypermodernes*

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia

das Letras, 2015. Título original: *L'Esthétisation du monde: Vivre à l'âge du capitalisme artiste*.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. Tradução de José Paulo Netto. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Título original: *La révolution informationnelle* Copyright ©1995

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1981. 337p. Título original: *Le marxisme, l'État et la question urbaine*.

LUXEMBURGO, Rosa. **La revolución Rusa**. Madri: Ediciones Akal , S. A. 2017 (Serie Clásico del Pensamiento Político) Copyright ©1922

MARTEL, Frédéric. **Mainstream**: a guerra global das mídias e das culturas. Tradução de Clóvis de Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Título original: *Mainstream: enquête sur cette culture qui plaît à tout le monde* Copyright © Éditions Flammarion, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2010. 1. ed. 1848

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: o processo de produção do capital. **Livro I**. 2. ed. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017. Título original: *Das Kapital, Kritik der politischen Ökonomie*, Band 1, Berlim, Dietz, 1962.

MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de geografia urbana brasileira**. São Paulo: Difel, 1957.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. [1ª ed. 1977]

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**s. Traduções sob licença da Editora Globo. São Paulo: Nova Cultura, 1996. Livro II. Título original *Essais* (1ª Edição: 1580)

MÜLLER, Nice Lecocq. **O fato urbano** na Bacia do Rio Paraíba estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Divisão Cultural, 1969. Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Tradução de Felipe Denardi. Campinas-SP: Vide Editorial, 2016. Título original: *La rebelión de las masas* 1ªed. 1930

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditación de la técnica**: vicisitudes de las ciencias; bronca en la física, prólogos a la biblioteca de ideas del siglo XX. 4. ed. Madrid: Revista de occidente, 1961. (1. Edição: 1939)

ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e os outros**. Tradução de Felipe Denardi. Campinas-SP: Vide Editorial, 2017. Título original: *El hombre y la gente*. 1ªed madrilense 1983

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3. reimpr. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. Título original: *The collected papers* Copyright ©1931

PIKETTY, Thomas. **O Capital no Século XXI**. São Paulo: Intrínseca, 2014.

PRZEWORSKI, Adam. **Capitalismo e Social-democracia**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. Cap. 1.

RECLUS, Élisée. A evolução, a revolução e o ideal anárquico [1897]. In: RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas e outros escritos**. Organização e tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Intermezzo Editorial; Edusp, 2015. p. 343-438 Título original: *Du sentiment de La nature dans les sociétés modernes*

RECLUS, Élisée. O progresso [1905]. In: RECLUS, Élisée. **O homem e a terra** [textos escolhidos]. Organização e tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Intermezzo Editorial; Edusp, 2015. p. 280-314 Título original: *L'Homme et La terre*

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Cartografia da ação social**: região latino-americana e novo desenvolvimento urbano. CLACSO, 2009. p. 147-156. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.org.ar//clacso/formacionvirtual/20130717045425/14torres.pdf>> Acesso em: 01 mar. 2014

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a pátria grande. 3.ed. São Paulo: Global, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema**. São Paulo: Global, 2015. (1ª edição, Francisco Alves Editora, 1995).

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. 3. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (1. ed. 1995). 476 p.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sócio-cultural. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

RIBEIRO, Darcy. Yvy-marãen, a terra sem males, ano 2997. Publicado em 1997. In: **Utopia Brasil**. Org. de Isa Grinspum Ferraz. São Paulo: Hedra, 2011. Textos inéditos

ROCHEFORT, Michel. O futuro das metrópoles no mundo globalizado. In: SOUZA, Maria Adélia A. de (Org.). **A metrópole e o futuro**: refletindo sobre Campinas. Campinas: Edições Territorial, 2008. p. 23-34

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem da desigualdade entre os homens**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. [1755]

SANTOS, Milton. A cidade e o urbano como espaço-tempo. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. **Cidade e história**: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: Faculdade de Arquitetura (UFBA), 1992. p. 241-244

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimp. São Paulo: Edusp, 2009. 388 p. (1. ed. 1996) Coleção Milton Santos

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009. 1. ed. 1993 Coleção Milton Santos

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008. 1. ed. 2005 Coleção Milton Santos

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88 p. (coleção espaços).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2014. 136p. (1. ed. 1988). Coleção Milton Santos

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa e fragmentada**: o caso de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009. 129p. (1. ed. 1990). Coleção Milton Santos

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2014. 1. ed. 1987 Coleção Milton Santos

SANTOS, Milton. O papel ativo da geografia: um manifesto. In: PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral; PROVESI, José Roberto (org.). **Milton Santos**: globalização, território e política em debate. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007. P. 57-66 (Manifesto divulgado no XII Encontro Nacional de Geógrafos realizado em Florianópolis no ano de 2000)

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008. 1. ed. 1978 (Coleção Milton Santos)

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. (1. ed. 2000).

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre-RS: L&PM, 2010. (coleção L&PM Pocket) Título original: *L'imagination* Copyright ©1936

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre-RS: L&PM, 2009. (coleção L&PM Pocket plus) Título original: *Esquisse d'une théorie des émotions* [1939]

SARTRE, Jean-Paul. **Náuseas**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (coleção 50 anos) Título original *Le nausée* Copyright ©1938

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 24 ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015. Título original *L'être et Le néant: essai d'ontologie phénoménologique* Copyright ©1943

SARTRE, Jean-Paul. **Questões de método**. Tradução de Bento Prado Júnior. 2.ed. São Paulo: Difiel, 1967. Título original: *Question de méthode*

SAVIANI, Dermeval. **História do tempo e tempo da história**: estudos de historiografia e história da educação. Campinas-SP: Autores associados, 2015. cap. 2 p. 11-15

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43. ed. rev. Campinas-SP: Autores associados, 2018. cap. 3 p. 45-64

SMITH, Neil. Geography, science and post-positivist modes of explanation. *Progress in Human Geography*, 1979, p. 356-383. Disponível em: <<http://phg.sagepub.com/content/3/3/356.full.pdf+html>>. Acesso em: 11 de fev. de 2015.

SMITH, Neil. **The new urban frontier**: Gentrification and the revanchist city. London and New York: Routledge, 1996.

SORRE, Max. **Geografia**. Org. Januário Francisco Megale. Tradução de Januário Francisco Megale, Maria Cecília França e Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais. Coord. Florestan Fernandes).

SORRE, Max. **Les Fondements de La Géographie Humaine. L'Habitat.** Conclusion Générale. Tome III. Paris: Librairie Armand Colin, 1952.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe:** entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SOUZA, Maria Adélia A. de. **A geografia e o conhecimento do mundo.** São Paulo, 8 e 9 jun. 1995. 11 p. Reunião dos programas de pós-graduação em geografia organizada pela ANPEGE no Departamento de geografia da USP. Disponível em: <http://www.territorial.org.br/ins_biblioteca.htm>. Acesso em: 22 mar. 2009.

SOUZA, Maria Adélia A. de. **A identidade da metrópole:** a verticalização em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1994. Cap. 1 p. 37-57

SOUZA, Maria Adélia A. de. Conexões geográficas: um ensaio metodológico: uma versão ainda preliminar. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 71, 1. s. São Paulo: AGB, 1993. p. 113-127

SOUZA, Maria Adélia A. de. **Encontro Internacional Lugar, formação socioespacial, mundo.** 08, 09 e 10 de setembro de 1994. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia - ANPEGE. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Mesa Redonda: *A guerra dos lugares na busca por atividades*. p. 11

SOUZA, Maria Adélia A. de. Entrevista. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 35, jan./jun. 2003, ISSN-0103-3964, p. 174-210

SOUZA, Maria Adélia A. de. Entrevista. **Revista discente Expressões Geográficas**, Florianópolis - SC, n. 3, mai. 2007, p. 01-19. Disponível em: www.geograficas.cfh.ufsc.br

SOUZA, Maria Adélia A. de. Entrevista. **Revista Paisagens**. São Paulo: USP, 2010. Ano XIII, n. 9, ago. 2010 (Revista dos Estudantes de Geografia da USP)

- SOUZA, Maria Adélia A. de. Geografias das desigualdades: globalização e fragmentação. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território**: Globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994. p.21-28
- SOUZA, Maria Adélia A. de. **São Paulo**: ville mondiale et urbanisme français sous les tropiques. Paris: L'Harmanttan, 1998.
- SOUZA, Maria Adélia A. Introdução. In: ____ (Org.). **Território Brasileiro**: usos e abusos. Campinas: Edições Territorial, 2003. 610p. Introdução p. 17-26
- SOUZA, Maria Adélia A. Relatório Técnico-Científico do projeto "Território, lugar e poder". São Paulo. FAPESP, 2000 (mimeo).
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A metrópole e o futuro: a dinâmica dos lugares e o período popular da história. In: _____. (Org.). **A metrópole e o futuro**: refletindo sobre Campinas. Campinas: Edições Territorial, 2008. p. 35-53
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. O lugar como resistência: uma dimensão da realidade do futuro. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; TOLEDO JR., Rubens de; DIAS, Clímaco César Siqueira (org.). **Encontro com o pensamento de Milton Santos**: o lugar fundamentando o período popular da história. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2005. 284p. p.189-198
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Pedagogia cidadã e tecnologia da informação: um projeto piloto para a periferia sul da cidade de São Paulo. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Repensando a experiência urbana da América Latina**: questões, conceitos e valores. Buenos Aires: Clacso, 2000.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Razão Global/Razão Local/Razão Clandestina: reflexões sobre a cidadania e o migrante. Seminário **Contexto Geral das Migrações Internacionais**, coordenadas pelo NESUR - IE e NEP da UNICAMP, em março de 1995; e no XV Encontro De Professores De Geografia (Educação, Território e Cidadania) - Porto Alegre: mai. de 1995, as alterações e aperfeiçoamentos resentes foram debatidas com o grupo de pesquisa sobre a DIASPORA HAITIANA organizado na UNILA (*trabalho inédito*).

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Território e Lugar na Metrópole: fundamentando o Período Popular publicado no **IV Encontro com o Pensamento de Milton Santos**, organizado pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia em Salvador, junho de 2006.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Território e lugar: em busca de uma Pastoral Urbana mais orgânica. In: BRIGHENTI, Agenor (Org.). **Pastoral Urbana: categorias de análise e interpelações pastorais**. Brasília: Edições CNBB, 2010. p. 42-63

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVA NETO, Manoel Lemes da; GERTEL, Sérgio. Avaliação & Perspectivas. 1982. Ciências sociais aplicadas. (66. **Urbanismo**). SEPLAN Secretaria de Planejamento. CNPq, Brasília, 1983.

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999. Tradução de Luciano Vieira Machado. Título original: *La Bombe informatique*. © 1998, Editions Galilée

WULF, Andrea. **A invenção da natureza**: as aventuras de Alexander Von Humboldt. Tradução de Renato Marques. São Paulo: planeta CRÍTICA, 2016. Título original *The invention of nature*

YÁZIGI, Eduardo. **O mundo das calçadas**: por uma política democrática de espaços públicos. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2000.

Bibliografia consultada:

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BAILLY, Antoine; RACINE, Jean-Bernard. Des géographies urbaines. In: **L'Espace Géographique**, n. 2, 1981, p. 143-152

CARLOS, Ana Fani A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007. 123p. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>. (Edição Eletrônica)

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 3. ed. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983. Título original: *La question urbaine* Copyright ©1972

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1 Título original: *The rise of the network society*

CASTELLS, Manuel. **Luttes urbaines et pouvoir politique**. Paris: François Maspero, 1975.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. v. 1. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010

DAMIANI, Amélia Luisa. A Geografia e a produção do espaço da metrópole: entre o público e o privado. In: CARLOS, Ana Fani A.; CARRERAS, Carles. **Urbanização e Mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2008. p. 38-50

DAMIANI, Amélia Luisa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 161-172

DAVID, Virna Carvalho. **Território e saúde**: circuitos da economia urbana dos equipamentos médicos no estado de São Paulo. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2016.

DUPUY, Gabriel. Le téléphone et la ville. In: **Annales de Géographie**, n. 500, 1981, p. 387-400

FONSECA, Fernanda Padovesi. O potencial analógico da cartografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 87, p. 85-110, 2007.

FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime Tadeu. A geografia e suas linguagens: o caso da cartografia. In: CARLOS, Ana Fani Alexandri. **A geografia na sala de aula**. 8.ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008. p. 62-78

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e a praça dos indignados no mundo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. Tradução de Galvin Adams. **Urbânia**, São Paulo, Pressa, n. 3, 2008. p. 11-17 ISSN: 1982-856X Disponível em: <<http://urbania4.org/wp-content/uploads/2010/10/revista-urbania-3.pdf>>. Acesso em: 10. mar. 2015.

HOLANDA, Frederico de. Uma ponte para a urbanidade. In: _____ (Org.). **Arquitetura e urbanidade**. São Paulo: Proeditores, 2003. Cap. 2 p. 41-59

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LECARPENTIER, Ph. L'utilisation de la micro-informatique. In: **Annales de Géographie**, n. 511, 1983, p. 347-377

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991. Título original: *La vie quotidienne dans le monde moderne* Copyright ©1968

LEFEBVRE, Henri. **Du rural à l'urbain**. Paris: éditions anthropos, 1970.

LEFEBVRE, Henri. **Espace et politique**: Le droit à la ville II. Paris: éditions anthropos, 1972.

LEFEBVRE, Henri. **Le droit à la ville**. Paris: éditions anthropos, 1968. Société et urbanisme

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.** Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf> >. Acesso em: 25 de out. de 2019.

MASSEY, Doreen. **For space**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Whashington DG: Sage, 2005.

MOCELLIN, Alan Delazeri. Lugares, não-lugares, lugares virtuais, **Em Tese**, v.6, n.3, jan./jul. de 2009. p. 77-111

REQUENA, Carolina. Paradigma e mudança na mobilidade urbana. In: MARQUES, Eduardo (Org.). **As políticas urbanas em São Paulo**. São Paulo: Unesp, 2018. p. 227-252

RICCI, Rudá. **Nas ruas**: a outra política que emergiu em junho de 2013. Belo Horizonte: Letramento, 2014

ROLDÃO, Ivete Cardoso. Brás: tradições e contradições. In: MEDINA, Cremilda (Org.) **Cotidianos do metrô**. São Paulo: USP/ECA, 1999. (São Paulo de perfil; 22) p. 47-56

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: HARVEY, David; ZIZEK, S. et. al. **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil – faz referência a Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution, Verso, 2013

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos)

SANTOS, Kauê Lopes dos. **Uma nova pobreza urbana**: financeirização do consumo e novos espaços da periferia de São Paulo. São Paulo: Alameda, 2017.

SEABRA, Odette C. de Lima. São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia. In: CARLOS, Ana Fani A.; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Geografias de São Paulo**: representação e crise da Metrópole. São Paulo: Contexto, 2004. p. 271-311

SILVEIRA, Maria Laura. São Paulo: os dinamismos da pobreza. In: CARLOS, Ana Fani A.; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Geografias de São Paulo**: representação e crise da Metrópole. São Paulo: Contexto, 2004. p. 59-71

Teses e dissertações:

ALVES, Maria do Carmo. **O uso do território e rugosidades**: fundamentos socioespaciais do patrimônio histórico do Estado do Ceará. 2017. 260f. Tese de Doutorado. Orientador: Francisco Capuano Scarlato. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BERTOLLO, Mait. **A capilarização das redes de informação no território brasileiro pelo smartphone**, 2019, 241f. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2019. Orientador: Ricardo Mendes Antas Jr. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11042019-171300/pt-br.php>> Acesso em: 14 de jul. de 2019.

CATAIA, Márcio Antonio. **Território nacional e fronteiras internas**: a fragmentação do território brasileiro. São Paulo, 2001. 234f. Tese de doutorado. Orientadora Maria Adélia A. de Souza. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CARLOTO, Denis Ricardo. **Por uma federação de lugares**: da desigualdades à solidariedade. 2014. 216f. Tese de doutorado. Orientadora Maria Adélia A. de Souza. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DASSOLER, Elisa Rodrigues. **Coletivo arte na periferia**: por uma outra dimensão territorial das artes visuais. 2011. 189f. Dissertação de mestrado. Orientadora Célia M. Antonacci Ramos. Centro de Artes - CEART. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Florianópolis, 2011.

- DIAS, Clímaco. **Relações de solidariedade socioespacial nos bairros pobres de salvador**: práticas de resistência na grande cidade. 2017. 159f. Tese de doutorado. Orientador Angelo Serpa. Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2017.
- FONSECA, Fernanda Padovesi. **A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a geografia**: análise das discussões sobre o papel da cartografia. 2004. 250f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- GERTEL, Sérgio. **Organização mediática do espaço**: o meio comunicacional. 1998. 131f. Tese de doutorado. Orientador Milton Santos. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 1998.
- GOMES, Carin Carrer. **O uso do território paulistano pelo Hip Hop**. 2008. 158f. Dissertação de mestrado. Orientadora Maria Adélia A. de Souza Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GOMES, Cilene. **Telecomunicações, informática e informação e a remodelação do território brasileiro**. 2001. 356f. Tese de doutorado. Orientador Milton Santos. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- KAHIL, Samira Peduti. **Urbanidade e diversidade do mundo contemporâneo Holambra**: A existência do mundo no lugar. 1997. 95f. Tese de doutorado. Orientador Milton Santos. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.
- NOVAES, Jurandir Santos de. **Território e lugar**: a construção democrática da metrópole - o Congresso da cidade de Belém do Pará. 2012. 419f. Orientadora Maria Adélia A. de Souza Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22102012-120500/pt-br.php>>. Acesso em 25 de out. 2019.

- QUEIROGA, Eugenio. **A megalópole e a praça**: o espaço entre a razão de dominação e a razão comunicativa. 2002. 351f. Tese de doutorado. Orientadora Maria Adélia de Souza. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 2002.
- ROSSINI, Rosa Ester. **Serra Azul**: o homem e a cidade. São Paulo, 1971. 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.
- SILVA, Adriana Maria Bernardes da. **A contemporaneidade de São Paulo**: produção de informações e novo uso do território brasileiro. 2001. 272f. Tese de doutorado. Orientador Milton Santos. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- SILVA, Fernando Antonio da. **A pobreza na região canavieira de alagoas no século XXI**: do programa bolsa família à dinâmica dos circuitos da economia urbana. 2017. 321f Tese de doutorado. Instituto de Geociências. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria Bernardes da Silva. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330475/1/Silva_FernandoAntonioDa_D.pdf>. Acesso em 15 de Nov. 2018.
- SILVA, Flávia Cristine da. **O circuito inferior da economia urbana em Campinas/SP**: análise sobre a mobilidade espacial e o acesso ao crédito. 2012. 159f. Dissertação de mestrado. Orientador Fábio Contel. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. 2012.
- TOZI, Fábio. **Rigidez normativa e flexibilidade tropical**: investigando os objetos técnicos no período da globalização. 2012. 277f. Tese de doutorado. Orientadora Maria Adélia A. de Souza. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012.
- VENCESLAU, Igor. **Correio, logística e uso do território**: o serviço de encomenda expressa no Brasil. 2017. 250f. Dissertação de mestrado. Orientadora

Mónica Arroyo. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. 2017.

ZOMIGHANI JR., James Humberto. **Território ativo e esquizofrênico**: a prisão e pena privativa de liberdade no Estado de São Paulo. 2009. 320f. Dissertação de mestrado. Orientadora Maria Adélia A. de Souza. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

TARIKIAN, Fabio Scaringella. **Mobilidade urbana**: uma análise sociológica das ciclovias e ciclofaixas na cidade de São Paulo. 2017. 140f. Dissertação de mestrado. Orientadora Marisa do Espírito Santo Borin. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20605>>. Acesso em: 26 de mar. 2019.

Sites consultados:

<<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/mapa-eleitoral-de-presidente-por-municipios-2turno/>>. Acesso em 08 de Nov. 2018.

<<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-temos-provas-mas-conviccao-o-powerpoint-de-dallagnol-nos-jogou-de-vez-no-paraguai-por-kiko-nogueira/>>. Acesso em 14 de Nov. 2018.

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/representado-por-filha-cunha-declara-apoio-a-bolsonaro>. e <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/anatomia-de-um-mico-a-foto-imortal-de-cunha-com-militantes-anticorruptao-por-kiko-nogueira/>>, acesso em 12 de Nov. 2018.

<<https://www.odebrecht.com/pt-br/organizacao-odebrecht/odebrecht-no-mundo>> Acesso em 14 de Nov. 2018.

<<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/07/para-pf-conversa-sobre-grande-acordo-nacional-e-estancar-a-sangria-nao-e-crime>> Acesso em 14 de Nov. 2018.

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/representado-por-filha-cunha-declara-apoio-a-bolsonaro>>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

<<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/anatomia-de-um-mico-a-foto-imortal-de-cunha-com-militantes-anticorrupcao-por-kiko-nogueira/>> Acesso em 12 de Nov. 2018.

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1839088-com-temer-tucanos-e-famosos-moro-recebe-premio-e-defende-judiciario.shtml>>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em 12 de Nov. 2018

<<https://oglobo.globo.com/brasil/steve-bannon-ex-assessor-de-trump-ligado-extrema-direita-declara-apoio-bolsonaro-23187643>>. Acesso em 12 de Nov. 2018

<<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/20/filho-de-bolsonaro-aumenta-patrimonio-em-432-em-4-anos.htm>>. Acesso em 14 de Nov. 2018.

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/21/politica/1540124413_242602.html>. Acesso em 12 de Nov. 2018.

<<https://www.broadbandsearch.net/blog/internet-statistics#post-navigation-0>> Acesso em 07 de ago. 2019

<<https://www.internetworldstats.com/stats.htm>> Acesso em 07 de ago. 2019

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/mapas/index.php?p=2012> Acesso em 07 de ago. 2019

<<http://www.saopaulo.sp.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/>>. Acesso em: 02 de set. 2019.

< <https://apublica.org/?s=mapeamento+do+jornalismo+alternativo>>. Acesso em 26 de out. de 2019.

<<http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipId=FVDIDT0QEKDEJe169C457GD6FC3>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

<<https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>>. Acesso em: 26 de out. 2019.

<<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-megalopole.htm>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

<<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/2016/1650/16496/Lei-ordinaria-n-16496-2016-institui-o-Programa-de-fomento-a-cultura-da-periferia->>. Acesso em 26 de out. de 2019.

<<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia-e-Redes-Sociais/Google-News-esconde-o-Intercept-Brasil/12/44982>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

<<https://www.youtube.com/watch?v=drJ6uVrt8dI>>. Acesso em: 26 de out. de 2019.

APÊNDICE 1

[Questionário Piloto]

Quest. N. _____

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Pós-Graduação em Geografia Humana

Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TESE EM GEOGRAFIA (Trabalho de Campo)

Caríssimo (a) entrevistado (a),

Este questionário pertence à pesquisa de tese do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana – PPGH da USP.

O objetivo desta pesquisa é **compreender qual lugar o indivíduo ou sujeito entrevistado (a) constitui com o mundo.**

1. Informação

01. Quantas vezes ao dia você consulta à internet?

- 1.1. ☐ Entre 1 a 4 vezes
- 1.2. ☐ Entre 5 a 10 vezes
- 1.3. ☐ Mais de 10 vezes
- 1.4. ☐ Não sabe mensurar

02. Dentre as vezes que consulta à internet sobre quais temas ou assuntos mais acessa? [poderá indicar por ordem de importância]

- 2.1. ☐ Notícias políticas
- 2.2. ☐ Notícias econômicas
- 2.3. ☐ Notícias do país
- 2.4. ☐ Notícias da cidade, do distrito/bairro/região
- 2.5. ☐ Notícias de celebridades, astros ou popstar
- 2.6. ☐ Localizar endereços

2.7. ☐ Procurar emprego

2.8. ☐ Pesquisar assuntos de interesse em entretenimento

2.9. ☐ Assistir canais dos *youTubers* preferidos

2.10. ☐ Consultar o dicionário de línguas

2.11. ☐ Assistir aulas sobre diversas especificidades

2.12. ☐ Não sabe

03. Quantas horas por dia passa conectado à internet?

- 03.1 ☐ Entre 1 a 5 horas
- 03.2 ☐ Entre 6 a 10 horas
- 03.3 ☐ Mais de 10 horas
- 03.4 ☐ Não sabe mensurar
- 03.5 ☐ Nenhuma

04. Lê jornal impresso?

- ☐ Sim ☐ Não

05. Possui assinatura de jornal impresso?

☐ Sim ☐ Não Se sim, qual?

06. Lê jornal digital?

☐ Sim ☐ Não

07. Possui assinatura de jornais ou revistas digitais?

☐ Sim ☐ Não

Se sim quais?

08. Acessa e recorre mais a fontes de notícias gratuitas na internet? [Se a resposta for negativa pular para questão 10]

☐ Sim ☐ Não

09. Por que acessa mais notícias ou fontes de informações gratuitas na internet? [Somente fazer essa pergunta em caso de resposta da questão 08 positiva]

09.1 ☐ É um ambiente de rápido acesso.

09.2 ☐ Não imagina os conteúdos da internet sendo paga

09.3 ☐ Já paga a internet, portanto seus conteúdos devem ser de livre acesso.

09.4 ☐ Acha que conteúdo pago deve ser em algo material

09.5 ☐ Outra resposta _____

09.6 ☐ Não sabe

10. Por que prefere conteúdos pagos na internet? [Pular essa pergunta caso o entrevistado tenha respondido a questão 09]

10.1 ☐ Porque o torna mais seguro e de qualidade

10.2 ☐ A internet deve servir como qualquer meio de comunicação

10.3 ☐ A internet possui proprietários

10.4 ☐ Outra resposta _____

10.5 ☐ Não sabe

11. O que mais lê, jornal impresso ou digital?

☐ Impresso ☐ Digital

☐ Nenhum ☐ Não sabe

12. Lê livro impresso?

☐ Sim ☐ Não

13. Lê livro digital?

☐ Sim ☐ Não

14. O que mais lê, livro impresso ou digital?

14.1 ☐ Impresso

14.2 ☐ Digital

14.3 ☐ Os dois

14.4 ☐ Não sabe

14.5 ☐ Nenhum

15. Quais gêneros ou tipo de literatura mais consome na leitura dos livros?

15.1 ☐ Romance

15.2 ☐ Romance policial

15.3 ☐ Ficção científica

15.4 ☐ Poesia

15.5 ☐ Contos

15.6 ☐ Crônicas

15.7 ☐ Fábulas

15.8 ☐ Receitas culinárias

15.9 ☐ Autoajuda

15.10 ☐ Não sabe

Outro: _____

16. Quantos livros lê ao ano?

- 16.1 ☐ Entre 1 a 4 livros
 16.2 ☐ Entre 5 a 10 livros
 16.3 ☐ Mais de 10 livros
 16.4 ☐ Não sabe mensurar
 16.5 ☐ Nenhum

17. Assiste à televisão?

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

18. Quantas horas, passa ao dia assistindo à televisão no aparelho analógico?

- 18.1 ☐ Entre 1 a 4 horas
 18.2 ☐ Entre 5 a 10 horas
 18.3 ☐ Não sabe mensurar
 18.4 ☐ Nenhuma

19. Assiste programas de televisão pela internet?

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

20. Faz uso da internet com aparelho de TV? [Em caso de resposta negativa pular para a 22]

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

21. Quais temas mais faz uso assistindo os programas de televisão?

- 21.1 ☐ Noticiário
 21.2 ☐ Esporte
 21.3 ☐ Novelas
 21.4 ☐ Séries de programas de canal fechado [TV por assinatura]
 21.5 ☐ Filmes

Outra: _____

22. Assiste séries de TV pela internet no aparelho celular?

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

23. Por qual veículo mais usa a internet?

- 23.1 ☐ Celular
 23.2 ☐ Computador portátil

23.3 ☐ Computador de mesa

23.4 ☐ Televisão

23.5 ☐ Tablet

23.6 ☐ Outro:

23.7 ☐ Não sabe

23.8 ☐ Não usa

24. Por quais canais acessa mais informações?

24.1 ☐ Jornais ou revista impressos

24.2 ☐ Televisão

24.3 ☐ Redes sociais

24.4 ☐ Canais de pesquisa na internet

24.5 ☐ Não sabe

B. Identificação

25. Nome: _____

26. Idade:

26.1. ☐ Menos de 15 anos

26.2. ☐ 16 à 18 anos

26.3. ☐ 19 à 24 anos

26.4. ☐ 25 à 29 anos

26.5. ☐ 30 à 34 anos

26.6. ☐ 35 à 39 anos

26.7. ☐ 40 à 49 anos

26.8. ☐ 50 à 59 anos

26.9. ☐ 60 à 64 anos

26.10. ☐ 65 anos ou mais

27. Sexo:

27.1. ☐ Feminino

27.2. ☐ Masculino

27.3. ☐ Gay (homo ou lésbica)

27.4. ☐ Bissexual

27.5. ☐ Transexual

27.6. ☐ Travesti

27.7. ☐ Não Sabe ou não quer responder

28. Escolaridade:

28.1 ☐ Analfabeto

28.2. ☐ Sabe ler e escrever (Semianalfabeto)

28.3. ☐ Fundamental completo

28.4. ☐ Fundamental incompleto

28.5. ☐ Ensino médio completo

28.6. ☐ Ensino médio incompleto

28.7. ☐ Ensino superior completo

28.8. ☐ Ensino superior incompleto

28.9. ☐ Não sabe ou não quer responder

29. Profissão:

29.1. ☐ Doméstica (o)

29.2. ☐ Dona (o) de casa

29.3. ☐ Professor (a) fundamental e médio

29.4. ☐ Professor (a) Universitário

29.5. ☐ Advogado (a)

29.6 ☐ Engenheiro (a)

29.7 ☐ Administrador (a)

29.8 ☐ Analista (a) ou desenvolvedor (a) de sistema

29.6 ☐ Não sabe

Outra: _____

30. Localização da moradia: Qual Distrito do Município:

☐ Agua Rasa	☐ Alto De Pinheiros
☐ Anhanguera	☐ Aricanduva
☐ Artur Alvim	☐ Barra Funda
☐ Bela Vista	☐ Belém
☐ Bom Retiro	☐ Brás
☐ Brasilândia	☐ Butantã
☐ Cachoeirinha	☐ Cambuci
☐ Campo Belo	☐ Campo Grande
☐ Campo Limpo	☐ Cangaíba
☐ Capão Redondo	☐ Carrão
☐ Casa Verde	☐ Cid Ademar

☐ Cid. Dutra	☐ Cid. Líder
☐ Cid. Tiradentes	☐ Consolação
☐ Cursino	☐ Erm. Matarazzo
☐ Freguesia Do O	☐ Grajaú
☐ Guaianases	☐ Iguatemi
☐ Ipiranga	☐ Itaim Bibi
☐ Itaim Paulista	☐ Itaquera
☐ Jabaquara	☐ Jacanã
☐ Jaguará	☐ Jaguaré
☐ Jaraguá	☐ Jd. Angela
☐ Jd. Helena	☐ Jd. Paulista
☐ Jd. Sao Luis	☐ Jose Bonifacio
☐ Lajeado	☐ Lapa
☐ Liberdade	☐ Limão
☐ Mandaqui	☐ Marsilac
☐ Moema	☐ Mooca
☐ Morumbi	☐ Parelheiros
☐ Pari	☐ Pedreira
☐ Penha	☐ Perdizes
☐ Perus	☐ Pinheiros
☐ Pirituba	☐ Ponte Rasa
☐ Pq. Do Carmo	☐ Raposo Tavares
☐ Republica	☐ Rio Pequeno
☐ Sacomã	☐ Santa Cecília
☐ Santana	☐ Santo Amaro
☐ São Domingos	☐ São Lucas
☐ São Mateus	☐ São Miguel
☐ São Rafael	☐ Sapopemba
☐ Saúde	☐ Sé
☐ Socorro	☐ Tatuapé
☐ Tremembé	☐ Tucuruvi
☐ Vila Andrade	☐ Vila Curuca
☐ Vila Formosa	☐ Vila Guilherme
☐ Vila Jacuí	☐ Vila Leopoldina
☐ Vila Maria	☐ Vila Mariana
☐ Vila Matilde	☐ Vila Medeiros
☐ Vila Prudente	☐ Vila Sonia
☐ Não sabe	☐ Questão anulada

31. Migrante: ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual Cidade, Estado ou cidade e país de origem: _____

Qual última cidade antes de chegar aqui? _____

Há quanto tempo chegou? _____

C. Consumo

32. Possui conta netflix ou de TV/canal fechado (a)?

☐ Sim ☐ Não

33. Qual a sua faixa de rendimento mensal?

- 33.1 ☐ Sem rendimento
 33.2 ☐ Até 1 SM [Salário Mínimo]
 33.3 ☐ De 1 a 2 SM
 33.4 ☐ De 3 a 5 SM
 33.5 ☐ De 5 a 10 SM
 33.6 ☐ De 10 a 15 SM
 33.7 ☐ Acima de 15 SM
 33.8 ☐ Não sabe
 33.9 ☐ Não quis responder

34. Quanto do seu rendimento é consumido em contas para uso com ou na internet por mês?

- 34.1 ☐ 2% do Salário
 34.2 ☐ 5% do Salário
 34.3 ☐ 10% do Salário
 34.4 ☐ Outra resposta: _____

34.5 ☐ Não sabe

35. Realiza compras pela internet? [Em caso de resposta negativa pular para questão 37]

- ☐ Sim ☐ Não

36. Quais tipos de compra faz pela internet?

- 36.1 ☐ Roupas
 36.2 ☐ Acessórios [sapatos, bolsas, brincos etc]
 36.3 ☐ Livros
 36.4 ☐ Eletrodomésticos
 36.5 ☐ Produtos de informática
 36.6 ☐ Alimentos
 36.7 ☐ Compra de ingressos para atividades de lazer
 36.8 ☐ Passagens aéreas
 36.9 ☐ Passagens de ônibus
 36.10 ☐ Programação de viagens

Outra resposta: _____

37. Com qual frequência compra pela internet?

- 37.1 ☐ Semanalmente
 37.2 ☐ Mensalmente
 37.3 ☐ Semestralmente
 37.4 ☐ Anualmente
 37.5 ☐ Sempre que precisa
 37.6 ☐ Não sabe mensurar

38. Consome algum tipo de lazer pela internet? [Em caso de resposta negativa pular para questão 40]

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

39. Quais tipos de lazer consome pela internet?

- 39.1 ☐ Participa de grupos de jogos eletrônicos
 39.2 ☐ Pornografia
 39.3 ☐ Jogos de aplicativos para um jogador pelas redes sociais
 39.4 ☐ Assiste e pesquisa sobre locais desconhecidos
 39.5 ☐ Assiste filmes
 39.6 ☐ Ouve músicas
 39.7 ☐ Não sabe

D. Comunicação

40. Qual rede social mais utiliza por ordem de importância?

- 40.1 ☐ WhatsApp
 40.2 ☐ Facebook
 40.3 ☐ Twitter
 40.4 ☐ Instagram
 40.5 ☐ LinkedIn
 40.6 ☐ Pinterest
 40.7 ☐ hangout
 40.8 ☐ Skype

40.9 ☐ Yahoo Respostas

40.10 ☐ Não sabe

41. Quais assuntos mais faz uso no trato com as redes sociais?

41.1 ☐ Política

41.2 ☐ Jornalismo

41.3 ☐ Arte

41.4 ☐ Saúde

41.5 ☐ Esporte

41.6 ☐ Atividades físicas

41.7 ☐ Autoajuda

41.8 ☐ Ciência

41.9 ☐ Religião

41.10 ☐ Não sabe

Outra resposta: _____

42. Faz parte de algum grupo ou movimento nas redes sociais? [Em caso de resposta negativa pular para a questão 45]

Sim ☐ Não ☐

43. Sobre quais temas são os seus grupos ou movimentos nas redes?

43.1 ☐ Política

43.2 ☐ Religião

43.3 ☐ Ciência

43.4 ☐ Arte

43.5 ☐ Jornalismo

43.6 ☐ Esporte

43.7 ☐ Atividades físicas

Outra resposta: _____

43.8 ☐ Não sabe

44. Esses grupos ou movimentos lhe ajudam a tomar decisões

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

45. Diante de uma informação séria repassada pelas redes sociais das quais participa, que diz respeito à

fatos da realidade qual a sua reação?

45.1 ☐ Repassa para seus contatos

45.2 ☐ Não repassa para ninguém

45.3 ☐ Repassa apenas para os contatos que possam interessar a informação

45.4 ☐ Confere primeiro se a informação é verdadeira

45.5 ☐ Não sabe

45.6 ☐ Não faz nada

46. Como reage diante de uma mobilização chamada por seus grupos?

46.1 ☐ Entusiasmado (a) repassa o chamado e tenta participar

46.2 ☐ Não dá importância

46.3 ☐ A depender do assunto faz campanha

46.4 ☐ Não sabe

47. Confere fontes antes de repassar para seus contatos?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

48. O que faz quando sabe que uma informação que compartilhou era falsa?

48.1 ☐ Desmente para quem enviou

48.2 ☐ Não faz nada a respeito

48.3 ☐ Não sabe

49. Diante de algum acontecimento em sua vida recorre ao navegador para pesquisas sobre o tema? [Em caso de resposta negativa ir para a questão 51]

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

50. Confere as fontes que lê nessas buscas de informações no navegador?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

51. Há pessoas as quais confia sobre a fidedignidade das fontes quando recebe informações pelas suas redes sociais?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

52. Sempre acredita nas informações que lê nos navegadores ou redes sociais?

☐ Sim ☐ Não ☐ Nem sempre

53. O que lhe leva a acreditar na veracidade da informação que lê?

53.1 ☐ A fonte da notícia ou informação

53.2 ☐ A autoria da notícia ou informação

53.3 ☐ Seus conhecimentos pessoais sobre o assunto

53.4 ☐ A opinião de profissionais sobre o assunto

53.5 ☐ A opinião pública sobre o assunto

53.6 ☐ A opinião dos seus líderes de grupos

53.7 ☐ Os comentários dos seus grupos sociais

54. Quando acontece algum problema pessoal pede ajuda por mobilização nas redes sociais?

☐ Sim ☐ Não ☐ A depender do problema poderá solicitar

C. Locomoção e deslocamentos

55. Qual meio de transporte que mais utiliza?

55.1 ☐ Ônibus

55.2 ☐ Metrô

55.3 ☐ Trem

55.4 ☐ Bicicleta

55.5 ☐ Carro

55.6 ☐ Não sabe

56. Quanto tempo utiliza do trabalho ou escola até em casa?

56.1 ☐ Até 5 min

56.2 ☐ De 5 à 15 min

56.3 ☐ De 15min à 30min

56.4 ☐ Mais de 30min à 1 hora

56.5 ☐ Mais de 1 hora

56.6 ☐ Mais de 2 horas

56.7 ☐ Não sabe

57. Considera seu meio de transporte, o mais utilizado, confortável? [Ir para a questão 59 em caso negativo]

☐ Sim ☐ Não

58. O que torna o seu transporte confortável?

58.1 ☐ Velocidade

58.2 ☐ Não está superlotado

58.3 ☐ Sensação de segurança

Outro: _____

59. O que torna seu transporte desconfortável?

59.1 ☐ Lentidão

59.2 ☐ Superlotação

59.3 ☐ Insegurança

Outro: _____

60. Faz reclamações formais sobre o meio de transporte público que utiliza caso seja necessário?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

APÊNDICE 2

Quest. N. _____

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Pós-Graduação em Geografia Humana

Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental

Experimento 1: Lugar-Mundo

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TESE EM GEOGRAFIA (Trabalho de Campo)

Caríssimo (a) entrevistado (a),

Este questionário pertence à pesquisa de tese do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana – PPGH da USP.

O objetivo desta pesquisa é **compreender qual lugar o indivíduo ou sujeito entrevistado (a) constitui com o mundo.**

1. Informação

01. Quantas vezes ao dia você consulta à internet? 1.1. ☐ Entre 1 a 4 vezes 1.2. ☐ Entre 5 a 10 vezes 1.3. ☐ Mais de 10 vezes 1.4. ☐ Não sabe mensurar 02. Dentre as vezes que consulta à internet sobre quais temas ou assuntos mais acessa? [poderá indicar por ordem de importância] 2.1. ☐ Notícias políticas 2.2. ☐ Notícias econômicas 2.3. ☐ Notícias do país 2.4. ☐ Notícias da cidade, do distrito/bairro/região 2.5. ☐ Notícias de celebridades, astros ou popstar 2.6. ☐ Localizar endereços	2.7. ☐ Procurar emprego 2.8. ☐ Pesquisar assuntos de interesse em entretenimento 2.9. ☐ Assistir canais dos <i>youTubers</i> preferidos 2.10. ☐ Consultar o dicionário de línguas 2.11. ☐ Assistir aulas sobre diversas especificidades 2.12. ☐ Não sabe 03. Quantas horas por dia passa conectado à internet? 03.1 ☐ Entre 1 a 5 horas 03.2 ☐ Entre 6 a 10 horas 03.3 ☐ Mais de 10 horas 03.4 ☐ Não sabe mensurar 03.5 ☐ Nenhuma 04. Lê jornal impresso? ☐ Sim ☐ Não 05. Possui assinatura de jornal impresso?

☐ Sim ☐ Não Se sim, qual?

06. Lê jornal digital?

☐ Sim ☐ Não

07. Possui assinatura de jornais ou revistas digitais?

☐ Sim ☐ Não

Se sim quais?

08. Acessa e recorre mais a fontes de notícias gratuitas na internet? [Se a resposta for negativa pular para questão 10]

☐ Sim ☐ Não

09. Por que acessa mais notícias ou fontes de informações gratuitas na internet? [Somente fazer essa pergunta em caso de resposta da questão 08 positiva]

09.1 ☐ É um ambiente de rápido acesso.

09.2 ☐ Não imagina os conteúdos da internet sendo paga

09.3 ☐ Já paga a internet, portanto seus conteúdos devem ser de livre acesso.

09.4 ☐ Acha que conteúdo pago deve ser em algo material

09.5 ☐ Outra resposta _____

09.6 ☐ Não sabe

10. Por que prefere conteúdos pagos na internet? [Pular essa pergunta caso o entrevistado tenha respondido a questão 09]

10.1 ☐ Porque o torna mais seguro e de qualidade

10.2 ☐ A internet deve servir como qualquer meio de comunicação

10.3 ☐ A internet possui proprietários

10.4 ☐ Outra resposta _____

10.5 ☐ Não sabe

11. O que mais lê, jornal impresso ou digital?

☐ Impresso ☐ Digital

☐ Nenhum ☐ Não sabe

12. Lê livro impresso?

☐ Sim ☐ Não

13. Lê livro digital?

☐ Sim ☐ Não

14. O que mais lê, livro impresso ou digital?

14.1 ☐ Impresso

14.2 ☐ Digital

14.3 ☐ Os dois

14.4 ☐ Não sabe

14.5 ☐ Nenhum

15. Quais gêneros ou tipo de literatura mais consome na leitura dos livros?

15.1 ☐ Romance

15.2 ☐ Romance policial

15.3 ☐ Ficção científica

15.4 ☐ Poesia

15.5 ☐ Contos

15.6 ☐ Crônicas

15.7 ☐ Fábulas

15.8 ☐ Receitas culinárias

15.9 ☐ Autoajuda

15.10 ☐ Não sabe

Outro: _____

16. Quantos livros lê ao ano?

16.1 ☐ Entre 1 a 4 livros

- 16.2 ☐ Entre 5 a 10 livros
- 16.3 ☐ Mais de 10 livros
- 16.4 ☐ Não sabe mensurar
- 16.5 ☐ Nenhum
17. Assiste à televisão?
- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes
18. Quantas horas, passa ao dia assistindo à televisão no aparelho analógico?
- 18.1 ☐ Entre 1 a 4 horas
- 18.2 ☐ Entre 5 a 10 horas
- 18.3 ☐ Não sabe mensurar
- 18.4 ☐ Nenhuma
19. Assiste programas de televisão pela internet?
- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes
20. Faz uso da internet com aparelho de TV? [Em caso de resposta negativa pular para a 22]
- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes
21. Quais temas mais faz uso assistindo os programas de televisão?
- 21.1 ☐ Noticiário
- 21.2 ☐ Esporte
- 21.3 ☐ Novelas
- 21.4 ☐ Séries de programas de canal fechado [TV por assinatura]
- 21.5 ☐ Filmes
- Outra: _____
22. Assiste séries produzidas pela TV pela internet no aparelho celular?
- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes
23. Por qual veículo mais usa a internet?
- 23.1 ☐ Celular
- 23.2 ☐ Computador portátil
- 23.3 ☐ Computador de mesa
- 23.4 ☐ Televisão
- 23.5 ☐ Tablet
- 23.6 ☐ Outro: _____
- 23.7 ☐ Não sabe
- 23.8 ☐ Não usa
24. Por quais canais acessa mais informações?
- 24.1 ☐ Jornais ou revista impressos
- 24.2 ☐ Televisão
- 24.3 ☐ Redes ou mídias sociais
- 24.4 ☐ Canais de pesquisa na internet
- 24.5 ☐ Não sabe
- B. Identificação**
25. Nome: _____
26. Idade:
- 26.1. ☐ Menos de 15 anos
- 26.2. ☐ 16 à 18 anos
- 26.3. ☐ 19 à 24 anos
- 26.4. ☐ 25 à 29 anos
- 26.5. ☐ 30 à 34 anos
- 26.6. ☐ 35 à 39 anos
- 26.7. ☐ 40 à 49 anos
- 26.8. ☐ 50 à 59 anos
- 26.9. ☐ 60 à 64 anos
- 26.10. ☐ 65 anos ou mais
27. Sexo:
- 27.1. ☐ Feminino
- 27.2 ☐ Masculino
- 27.3. ☐ Gay (homo ou lésbica)
- 27.4. ☐ Bissexual
- 27.5. ☐ Transexual
- 27.6. ☐ Travesti

27.7. ☐ Não Sabe ou não quer responder

28. Escolaridade:

28.1 ☐ Analfabeto

28.2. ☐ Sabe ler e escrever (Semianalfabeto)

28.3. ☐ Fundamental completo

28.4. ☐ Fundamental incompleto

28.5. ☐ Ensino médio completo

28.6. ☐ Ensino médio incompleto

28.7. ☐ Ensino superior completo

28.8. ☐ Ensino superior incompleto

28.9. ☐ Não sabe ou não quer responder

29. Profissão:

29.1. ☐ Doméstica (o)

29.2. ☐ Dona (o) de casa

29.3. ☐ Professor (a) fundamental e médio

29.4. ☐ Professor (a) Universitário

29.5. ☐ Advogado (a)

29.6 ☐ Engenheiro (a)

29.7 ☐ Administrador (a)

29.8 ☐ Analista (a) ou desenvolvedor (a) de sistema

29.6 ☐ Não sabe

Outra: _____

30. Localização da moradia: Qual Distrito do Município:

☐ Agua Rasa	☐ Alto De Pinheiros
☐ Anhanguera	☐ Aricanduva
☐ Artur Alvim	☐ Barra Funda
☐ Bela Vista	☐ Belém
☐ Bom Retiro	☐ Brás
☐ Brasilândia	☐ Butantã
☐ Cachoeirinha	☐ Cambuci
☐ Campo Belo	☐ Campo Grande
☐ Campo Limpo	☐ Cangaíba
☐ Capão Redondo	☐ Carrão
☐ Casa Verde	☐ Cid Ademar

☐ Cid. Dutra	☐ Cid. Líder
☐ Cid. Tiradentes	☐ Consolação
☐ Cursino	☐ Erm. Matarazzo
☐ Freguesia Do O	☐ Grajaú
☐ Guaianases	☐ Iguatemi
☐ Ipiranga	☐ Itaim Bibi
☐ Itaim Paulista	☐ Itaquera
☐ Jabaquara	☐ Jacanã
☐ Jaguará	☐ Jaguaré
☐ Jaraguá	☐ Jd. Angela
☐ Jd. Helena	☐ Jd. Paulista
☐ Jd. Sao Luis	☐ Jose Bonifacio
☐ Lajeado	☐ Lapa
☐ Liberdade	☐ Limão
☐ Mandaqui	☐ Marsilac
☐ Moema	☐ Mooca
☐ Morumbi	☐ Parelheiros
☐ Pari	☐ Pedreira
☐ Penha	☐ Perdizes
☐ Perus	☐ Pinheiros
☐ Pirituba	☐ Ponte Rasa
☐ Pq. Do Carmo	☐ Raposo Tavares
☐ Republica	☐ Rio Pequeno
☐ Sacomã	☐ Santa Cecília
☐ Santana	☐ Santo Amaro
☐ São Domingos	☐ São Lucas
☐ São Mateus	☐ São Miguel
☐ São Rafael	☐ Sapopemba
☐ Saúde	☐ Sé
☐ Socorro	☐ Tatuapé
☐ Tremembé	☐ Tucuruvi
☐ Vila Andrade	☐ Vila Curuca
☐ Vila Formosa	☐ Vila Guilherme
☐ Vila Jacuí	☐ Vila Leopoldina
☐ Vila Maria	☐ Vila Mariana
☐ Vila Matilde	☐ Vila Medeiros
☐ Vila Prudente	☐ Vila Sonia
☐ Não sabe	☐ Questão anulada

31. Migrante: ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual Cidade, Estado ou cidade e país de origem: _____

Qual última cidade antes de chegar aqui? _____

Há quanto tempo chegou? _____

C. Consumo

32. Possui conta netflix ou de TV/canal fechado (a)?

☐ Sim ☐ Não

33. Qual a sua faixa de rendimento mensal?

- 33.1 ☐ Sem rendimento
 33.2 ☐ Até 1 SM [Salário Mínimo]
 33.3 ☐ De 1 a 2 SM
 33.4 ☐ De 3 a 5 SM
 33.5 ☐ De 5 a 10 SM
 33.6 ☐ De 10 a 15 SM
 33.7 ☐ Acima de 15 SM
 33.8 ☐ Não sabe
 33.9 ☐ Não quis responder

34. Quanto do seu rendimento é consumido em contas para uso com ou na internet por mês?

- 34.1 ☐ 2% do Salário
 34.2 ☐ 5% do Salário
 34.3 ☐ 10% do Salário
 34.4 ☐ Outra resposta: _____

34.5 ☐ Não sabe

35. Realiza compras pela internet? [Em caso de resposta negativa pular para questão 39]

- ☐ Sim ☐ Não

36. Quais tipos de compra faz pela internet?

- 36.1 ☐ Roupas
 36.2 ☐ Acessórios [sapatos, bolsas, brincos etc]
 36.3 ☐ Livros
 36.4 ☐ Eletrodomésticos
 36.5 ☐ Produtos de informática
 36.6 ☐ Alimentos
 36.7 ☐ Compra de ingressos para atividades de lazer
 36.8 ☐ Passagens aéreas
 36.9 ☐ Passagens de ônibus
 36.10 ☐ Programação de viagens

Outra resposta: _____

37. Com qual frequência compra pela internet?

- 37.1 ☐ Semanalmente
 37.2 ☐ Mensalmente
 37.3 ☐ Semestralmente
 37.4 ☐ Anualmente
 37.5 ☐ Sempre que precisa
 37.6 ☐ Não sabe mensurar

38. Essas compras são realizadas por qual meio?

- 38.1 ☐ Sites
 38.2 ☐ Aplicativos
 38.3 ☐ Os dois

39. Consome algum tipo de lazer pela internet? [Em caso de resposta negativa pular para questão 41]

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

40. Quais tipos de lazer consome pela internet?

- 40.1 ☐ Participa de grupos de jogos eletrônicos
 40.2 ☐ Pornografia
 40.3 ☐ Jogos de aplicativos para um jogador pelas redes sociais
 40.4 ☐ Assiste e pesquisa sobre locais desconhecidos
 40.5 ☐ Assiste filmes
 40.6 ☐ Ouve músicas
 40.7 ☐ Não sabe

D. Comunicação

41. Qual rede ou mídia social mais utiliza por ordem de importância?

- 41.1 ☐ WhatsApp
 41.2 ☐ Facebook
 41.3 ☐ Twitter

41.4 ☐ Instagram

41.5 ☐ LinkedIn

41.6 ☐ Pinterest

41.7 ☐ hangout

41.8 ☐ Skype

41.9 ☐ Yahoo Respostas

41.10 ☐ Não sabe

42. Quais assuntos mais faz uso no trato com as redes ou mídias sociais?

42.1 ☐ Política

42.2 ☐ Jornalismo

42.3 ☐ Arte

42.4 ☐ Saúde

42.5 ☐ Esporte

42.6 ☐ Atividades físicas

42.7 ☐ Autoajuda

42.8 ☐ Ciência

42.9 ☐ Religião

42.10 ☐ Não sabe

Outra resposta: _____

43. Faz parte de algum grupo ou movimento nas redes ou mídias sociais? [Em caso de resposta negativa pular para a questão 46 e pular a 47]

☐ Sim ☐ Não

44. Sobre quais temas são os seus grupos ou movimentos nas mídias?

44.1 ☐ Política

44.2 ☐ Religião

44.3 ☐ Ciência

44.4 ☐ Arte

44.5 ☐ Jornalismo

44.6 ☐ Esporte

44.7 ☐ Atividades físicas

Outra resposta: _____

44.8 ☐ Não sabe

45. Esses grupos ou movimentos lhe ajudam a tomar decisões

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

46. Diante de uma informação séria repassada pelas redes ou mídias sociais das quais participa, que diz respeito à fatos da realidade qual a sua reação?

46.1 ☐ Repassa para seus contatos

46.2 ☐ Não repassa para ninguém

46.3 ☐ Repassa apenas para os contatos que possam interessar a informação

46.4 ☐ Confere primeiro se a informação é verdadeira

46.5 ☐ Não sabe

46.6 ☐ Não faz nada

47. Como reage diante de uma mobilização chamada por seus grupos?

47.1 ☐ Entusiasmado (a) repassa o chamado e tenta participar

47.2 ☐ Não dá importância

47.3 ☐ A depender do assunto faz campanha

47.4 ☐ Não sabe

48. Confere fontes antes de repassar para seus contatos?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

49. O que faz quando sabe que uma informação que compartilhou era falsa?

49.1 ☐ Desmente para quem enviou

49.2 ☐ Não faz nada a respeito

49.3 ☐ Não sabe

50. Diante de algum acontecimento em sua vida recorre ao navegador para pesquisas sobre o tema?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

51. Confere as fontes que lê nessas buscas de informações no navegador?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

52. Há pessoas as quais confia sobre a fidedignidade das fontes quando recebe informações pelas suas redes sociais?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

53. Sempre acredita nas informações que lê nos navegadores ou redes sociais?

☐ Sim ☐ Não ☐ Nem sempre

54.0 que lhe leva a acreditar na veracidade da informação que lê?

54.1 ☐ A fonte da notícia ou informação

54.2 ☐ A autoria da notícia ou informação

54.3 ☐ Seus conhecimentos pessoais sobre o assunto

54.4 ☐ A opinião de profissionais sobre o assunto

54.5 ☐ A opinião pública sobre o assunto

54.6 ☐ A opinião dos seus líderes de grupos

54.7 ☐ Os comentários dos seus grupos sociais

55. Qual tema assistido em vídeos nas mídias sociais lhe sensibiliza?

55.1. ☐ Animais de estimação

55.2. ☐ Histórias de superação

55.3. ☐ Comédia

55.4. Outra: _____

56. O que lhe faz ser solidário?

56.1 ☐ Violência contra minorias

56.2 ☐ Injustiça de qualquer ordem

56.3 ☐ Ofensa a suas crenças

56.4 ☐ Ofensa a suas ideologias

56.5 ☐ Outra: _____

57.0 que te faz mudar de ideia?

57.1 ☐ Argumentos científicos

57.2 ☐ Recomendação do líder religioso

57.3 ☐ Discurso dos líderes partidários

57.4 ☐ Um sentimento diante da arte

57.5 ☐ Mudança na sua rotina ou cotidiano

57.6 ☐ Outra: _____

58.0 que te deixa triste?

58.1 ☐ Críticas

58.2 ☐ Falta de dinheiro

58.3 ☐ Ver mendigos na rua

58.4 ☐ Outra: _____

59. Como reage às críticas lhes dirigidas nas redes ou mídias sociais?

59.1 ☐ Bloqueia quem as fez

59.2 ☐ Dialoga e argumenta

59.3 ☐ Reflete sobre a crítica

59.4 ☐ Não dá importância

59.5 ☐ Outra: _____

60.0 que te faz alegre?

60.1 ☐ Likes em postagens

60.2 ☐ Dinheiro

60.3 ☐ Companhia de amigos

60.4 ☐ Outra: _____

61.0 que lhe emociona que lhe faz repensar a vida?

61.1 ☐ Seus filhos e familiares

61.2 ☐ Gestos de generosidade

61.3 ☐ Outra: _____

62. Quando acontece algum problema pessoal pede ajuda por mobilização nas redes sociais?

☐ Sim ☐ Não ☐ A depender do problema poderá solicitar

C. Locomoção e deslocamentos

63. Qual meio de transporte que mais utiliza?

63.1 ☐ Ônibus

63.2 ☐ Metrô

63.3 ☐ Trem

63.4 ☐ Bicicleta

63.5 ☐ Carro

63.6 ☐ Não sabe

64. Quanto tempo utiliza do trabalho ou escola até em casa?

64.1 ☐ Até 5 min

64.2 ☐ De 5 à 15 min

64.3 ☐ De 15min à 30min

64.4 ☐ Mais de 30min à 1 hora

64.5 ☐ Mais de 1 hora

64.6 ☐ Mais de 2 horas

64.7 ☐ Não sabe

65. Considera seu meio de transporte, o mais utilizado, confortável? [Ir para a questão 68 em caso negativo]

☐ Sim ☐ Não

66. O que torna o seu transporte confortável?

66.1 ☐ Velocidade

66.2 ☐ Não está superlotado

66.3 ☐ Sensação de segurança

Outro: _____

67. O que torna seu transporte desconfortável?

67.1 ☐ Lentidão

67.2 ☐ Superlotação

67.3 ☐ Insegurança

Outro: _____

68. Faz reclamações formais sobre o meio de transporte público que utiliza caso seja necessário?

☐ Sim ☐ Não ☐ Às vezes

69. Viaja? Se sim, com qual frequência? [Em caso de resposta negativa pular para a questão 71]

☐ Sim ☐ Não

Frequência: _____

70. Qual motivo das viagens?

70.1 ☐ Lazer ou férias

70.2 ☐ Trabalho

70.3 Outro: _____

71. Quais seus sonhos?

71.1 ☐ Enriquecer

71.2 ☐ Ver seus filhos crescerem bem

71.3 ☐ Ser realizado em sua profissão

71.4 ☐ Ter um país melhor para todos

71.5 Outra: _____

APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Pós-Graduação em Geografia Humana

Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TESE EM GEOGRAFIA (Trabalho de Campo)

Experimento 2: Lugar como Resistência

Obs. O objetivo da pesquisa é compreender qual lugar o Sr. ou a Sra. constitui com o mundo.

Rotzeiro de entrevista

Solicitar autorização para gravação de entrevista.

1. Como é seu acesso às informações?
2. Usa internet?
3. Por que o senhor (a) escolheu esse local para ficar pedindo?
4. O senhor (a) dorme aqui nesse local também? [Se não, fazer pergunta de número 3]
5. Qual local o senhor (a) dorme? É sua moradia fixa? Tem moradia temporária? Quais?
6. Como veio parar na Rua?
7. Quantos anos tem?
8. Onde faz a higiene pessoal?
9. Para o (a) senhor (a) É confiável ficar aqui?
10. Tem esperança de sair da rua?

APÊNDICE 4

Quest. N. _____

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Pós-Graduação em Geografia Humana

Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE TESE EM GEOGRAFIA (Trabalho de Campo)

Experimento 3: Lugar como Protesto

Caríssimo (a) entrevistado (a),

Este questionário pertence à pesquisa de tese do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana – PPGH da USP.

1. Informação

01. Por qual meio ou canal teve acesso a essa agenda de manifestação?

- 01.1. ☐ Facebook
- 01.2. ☐ Twitter
- 01.3. ☐ Instagram
- 01.4. ☐ Programas de TV
- 01.5. ☐ Ouviu de terceiro
- 01.6. ☐ Conhecido/Amigo/
parente/vizinho
- 01.7. Outro: _____

02. Por que é importante participar desse evento: manifestação?

- 02.1. ☐ Pressionar o governo federal
- 02.2. ☐ Impedir ou barrar os retrocessos na educação
- 02.3. ☐ Assegurar a democracia

02.4. Outra: _____

03. O que mais lhe causa indignação dos discursos de poder nas mídias atualmente?

- 03.1 ☐ Elogio à tortura
- 03.2 ☐ Difamação da ciência
- 03.3 ☐ Falta de projetos progressistas
- 03.4 Outra: _____

04. Qual tema assistido em vídeos nas mídias sociais lhe sensibiliza?

- 04.1. ☐ Animais de estimação
- 04.2. ☐ Histórias de superação
- 04.3. ☐ Comédia
- 04.4. Outra: _____

05. O que lhe faz ser solidário?

- 05.1 ☐ Violência contra minorias

05.2 ☐ Injustiça de qualquer ordem

05.3 ☐ Ofensa a suas crenças

05.4 ☐ Ofensa a suas ideologias

05.5 ☐ Outra: _____

06.0 que te faz mudar de ideia?

06.1 ☐ Argumentos científicos

06.2 ☐ Recomendação do líder religioso

06.3 ☐ Discurso dos líderes partidários

06.4 ☐ Um sentimento diante da arte

06.5 ☐ Mudança na sua rotina ou cotidiano

06.6 ☐ Outra: _____

07.0 que te deixa triste?

07.1 ☐ Críticas

07.2 ☐ Falta de dinheiro

07.3 ☐ Ver mendigos na rua

07.4 ☐ Outra: _____

08. Como reage às críticas lhes dirigidas nas redes ou mídias sociais?

08.1 ☐ Bloqueia quem as fez

08.2 ☐ Dialoga e argumenta

08.3 ☐ Reflete sobre a crítica

08.4 ☐ Não dá importância

08.5 ☐ Outra: _____

09.0 que te faz alegre?

09.1 ☐ Likes em postagens

09.2 ☐ Dinheiro

09.3 ☐ Companhia de amigos

09.4 ☐ Outra: _____

10.0 que lhe emociona que lhe faz repensar a vida?

10.1 ☐ Seus filhos e familiares

10.2 ☐ Gestos de generosidade

10.3 ☐ Outra: _____

11.0 que lhe motiva a participar de manifestações?

11.1 ☐ Opressão

11.2 ☐ Redução de direitos

11.3 ☐ Atentado aos bens coletivos

11.4 ☐ Outra: _____

12. Suas ações são praticadas levando em consideração quais prioridades?

12.1 ☐ Projetos pessoais

12.2 ☐ Bem coletivo

12.3 ☐ Outra: _____

13. Quantas vezes ao dia você consulta à internet?

1.1. ☐ Entre 1 a 4 vezes

1.2. ☐ Entre 5 a 10 vezes

1.3. ☐ Mais de 10 vezes

1.4. ☐ Não sabe mensurar

B. Identificação

14. Nome: _____

15. Idade:

15.1 ☐ Menos de 15 anos

15.2 ☐ 16 à 18 anos

15.3 ☐ 19 à 24 anos

15.4 ☐ 25 à 29 anos

15.5 ☐ 30 à 34 anos

15.6 ☐ 35 à 39 anos

15.7 ☐ 40 à 49 anos

15.8 ☐ 50 à 59 anos

15.9 ☐ 60 à 64 anos

15.10 ☐ 65 anos ou mais

16. Sexo:

16.1 ☐ Feminino

16.2 ☐ Masculino

16.3 ☐ Gay (homo ou lésbica)

16.4 ☐ Bissexual

16.5 ☐ Transexual

16.6 ☐ Travesti

16.7 ☐ Não Sabe ou não quer responder

17. Escolaridade:

17.1. ☐ Analfabeto

17.2. ☐ Sabe ler e escrever (Semianalfabeto)

17.3. ☐ Fundamental completo

17.4. ☐ Fundamental incompleto

17.5. ☐ Ensino médio completo

17.6. ☐ Ensino médio incompleto

17.7. ☐ Ensino superior completo

17.8. ☐ Ensino superior incompleto

17.9. ☐ Não sabe ou não quer responder

18. Profissão:

19. Localização da moradia: Qual Distrito do Município:

☐ Agua Rasa	☐ Alto De Pinheiros
☐ Anhanguera	☐ Aricanduva
☐ Artur Alvim	☐ Barra Funda
☐ Bela Vista	☐ Belém
☐ Bom Retiro	☐ Brás
☐ Brasilândia	☐ Butantã
☐ Cachoeirinha	☐ Cambuci
☐ Campo Belo	☐ Campo Grande
☐ Campo Limpo	☐ Cangaíba
☐ Capão Redondo	☐ Carrão
☐ Casa Verde	☐ Cid Ademar
☐ Cid. Dutra	☐ Cid. Líder
☐ Cid. Tiradentes	☐ Consolação
☐ Cursino	☐ Erm. Matarazzo
☐ Freguesia Do O	☐ Grajaú
☐ Guaianases	☐ Iguatemi
☐ Ipiranga	☐ Itaim Bibi
☐ Itaim Paulista	☐ Itaquera
☐ Jabaquara	☐ Jacanã
☐ Jaguará	☐ Jaguaré
☐ Jaraguá	☐ Jd. Angela
☐ Jd. Helena	☐ Jd. Paulista
☐ Jd. Sao Luis	☐ Jose Bonifacio
☐ Lajeado	☐ Lapa
☐ Liberdade	☐ Limão
☐ Mandaqui	☐ Marsilac
☐ Moema	☐ Mooca
☐ Morumbi	☐ Parelheiros
☐ Pari	☐ Pedreira
☐ Penha	☐ Perdizes
☐ Perus	☐ Pinheiros

☐ Pirituba	☐ Ponte Rasa
☐ Pq. Do Carmo	☐ Raposo Tavares
☐ Republica	☐ Rio Pequeno
☐ Sacomã	☐ Santa Cecília
☐ Santana	☐ Santo Amaro
☐ São Domingos	☐ São Lucas
☐ São Mateus	☐ São Miguel
☐ São Rafael	☐ Sapopemba
☐ Saúde	☐ Sé
☐ Socorro	☐ Tatuapé
☐ Tremembé	☐ Tucuruvi
☐ Vila Andrade	☐ Vila Curuca
☐ Vila Formosa	☐ Vila Guilherme
☐ Vila Jacuí	☐ Vila Leopoldina
☐ Vila Maria	☐ Vila Mariana
☐ Vila Matilde	☐ Vila Medeiros
☐ Vila Prudente	☐ Vila Sonia
☐ Não sabe	☐ Questão anulada

20. Migrante: ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual Cidade, Estado ou cidade e país de origem: _____

Qual última cidade antes de chegar aqui? _____

Há quanto tempo chegou? _____

21. Qual a sua faixa de rendimento mensal?

21.1 ☐ Sem rendimento

21.2 ☐ Até 1 SM [Salário Mínimo]

21.3 ☐ De 1 a 2 SM

21.4 ☐ De 3 a 5 SM

21.5 ☐ De 5 a 10 SM

21.6 ☐ De 10 a 15 SM

21.7 ☐ Acima de 15 SM

21.8 ☐ Não sabe

21.9 ☐ Não quis responder

22. Quais seus sonhos?

22.1 ☐ Enriquecer

22.2 ☐ Ver seus filhos crescerem bem

22.3 ☐ Ser realizado em sua profissão

22.4 ☐ Ter um país melhor para todos

22.5 Outra: _____